

Manual Compacto de

# Redação e Interpretação de Texto

ENSINO MÉDIO

# EXPEDIENTE

Presidente e editor	<b>Italo Amadio</b>
Diretora editorial	<b>Katia F. Amadio</b>
Editora-assistente	<b>Nina Schipper</b>
Assistente editorial	<b>Sandra Maria da Silva</b>
Preparação	<b>Luciana Chagas</b>
Revisão	<b>Flavia Okumura</b>
	<b>Patrizia Zagni</b>
Projeto gráfico	<b>Breno Henrique</b>
Iconografia	<b>Luiz Fernando Botter</b>
Diagramação	<b>Projeto e Imagem</b>
Produção gráfica	<b>Helio Ramos</b>

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)** **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Pacífico, Ana Maria Silva

Manual compacto de redação e interpretação de texto : ensino médio  
/ Ana Maria Silva Pacífico. – 1. ed. – São Paulo : Rideel, 2010.

1. Português – Redação – Manuais 2. Textos – Interpretação –  
Manuais I. Título.

10-09269

CDD-808.0469

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Manuais : Português : Interpretação de textos 808.0469
2. Manuais : Português : Redação 808.0469
3. Português : Interpretação de textos : Manuais 808.0469
4. Português : Redação : Manuais 808.0469

**ISBN 978-85-339-1665-4**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens e textos utilizados nesta obra. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

© Copyright – todos os direitos reservados à:



Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde  
CEP 02519-000 – São Paulo – SP  
e-mail: sac@rideel.com.br  
www.editorarideel.com.br



Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica, total ou parcial,  
sem a permissão expressa do editor.

# SUMÁRIO

## Capítulo 1

<b>Texto e Unidade de Sentido .....</b>	<b>19</b>
O que é texto? .....	19
Algumas estratégias para leitura e interpretação .....	21
Teste seu saber .....	24

## Capítulo 2

<b>Textos Literário e Não Literário .....</b>	<b>39</b>
Teste seu saber .....	39
Os principais gêneros literários e suas características .....	47
Teste seu saber .....	55

## Capítulo 3

<b>Coerência e Coesão Textuais .....</b>	<b>65</b>
Mecanismos de coesão textual .....	68
Fatores de coerência textual .....	71
Dicas para escrever melhor .....	77
Teste seu saber .....	79

## Capítulo 4

<b>Dissertação .....</b>	<b>91</b>
Dissertação e argumentação .....	91
Dissertação: características e estrutura .....	92
Teste seu saber .....	97

## Capítulo 5

<b>Dissertações Expositiva e Argumentativa .....</b>	<b>107</b>
Teste seu saber .....	109

## Capítulo 6

<b>Narração .....</b>	<b>125</b>
O que é narrar? .....	125
Elementos estruturais do texto narrativo .....	129
Teste seu saber .....	135

## **Capítulo 7**

<b>Conto e Crônica .....</b>	<b>147</b>
Crônica .....	147
Conto .....	151
Teste seu saber .....	158

## **Capítulo 8**

<b>Tipos de Discurso .....</b>	<b>175</b>
Discurso direto .....	175
Discurso indireto .....	178
Discurso indireto livre .....	181
Teste seu saber .....	184

## **Capítulo 9**

<b>Variantes Linguísticas .....</b>	<b>191</b>
Variedade e preconceito linguístico .....	193
Variante linguísticas comuns .....	194
Teste seu saber .....	201

## **Capítulo 10**

<b>Descrição .....</b>	<b>209</b>
Elementos estruturais do texto descritivo .....	212
Tipos de descrição .....	215
Teste seu saber .....	218

## **Capítulo 11**

<b>Texto Poético .....</b>	<b>229</b>
O que é texto poético? .....	229
Tipos, gêneros e medidas no texto poético .....	231
Teste seu saber .....	235

## **Capítulo 12**

<b>Intertextualidade .....</b>	<b>251</b>
O que é intertextualidade? .....	251
Modalidades de intertextualidade .....	253
Teste seu saber .....	266

## **Capítulo 13**

### **Gêneros Jornalísticos ..... 279**

O que são gêneros jornalísticos? ..... 279

    Teste seu saber ..... 290

## **Capítulo 14**

### **Carta Argumentativa ..... 301**

O que é carta argumentativa? ..... 301

Estrutura e características da carta argumentativa ..... 303

    Teste seu saber ..... 308

## **Capítulo 15**

### **Resenha ..... 323**

O que é resenha? ..... 323

    Teste seu saber ..... 328

## **Capítulo 16**

### **Redação Técnica ..... 337**

O que é redação técnica? ..... 337

## **Capítulo 17**

### **Crêterios de Correção de Redação ..... 357**

Quais os critérios de correção de redação no

    Ensino Médio? ..... 357

    Teste seu saber ..... 365

## **Capítulo 18**

### **Enem ..... 375**

O que é o Enem? ..... 375

Como o Enem avalia a área de linguagens, códigos

    e suas tecnologias ..... 376

A redação no Enem ..... 394

### **Respostas dos exercícios ..... 399**

### **Bibliografia ..... 413**

# 1

## Texto e Unidade de Sentido

### O que é texto?

Desde quando somos alfabetizados, a palavra “texto” torna-se comum em nossas vidas e, normalmente, a associamos à ideia de mensagem escrita. Assim, muitas vezes, não a identificamos com outras formas de linguagens, como uma tela de pintura (linguagem visual), um *outdoor* (associação entre linguagens escrita e visual), uma história em quadrinhos ou mesmo um manual de instrução de aparelho eletrodoméstico. Os vestibulares contemporâneos, tal qual o Enem, têm apresentado o desafio de interpretar charges, quadrinhos, propagandas, telas de pinturas associadas a fragmentos textuais, de modo que não se pode analisar somente o material escrito. Um gráfico apresentado em uma questão também é um texto.

No universo escolar, entre as mais diversas atividades das disciplinas, somos convidados a trabalhar com texto. A maioria dos professores de Língua Portuguesa ouve de seus colegas que “os alunos não sabem interpretar textos”. Isso ocorre porque grande parte dos jovens lê desatentamente e estabelece relações isoladas entre períodos e parágrafos, tendo então uma compreensão parcial ou equivocada. Quando uma pessoa diz que não gosta de ler ou confessa não ter o hábito de leitura, já imaginamos que não teve boas experiências com essa atividade, ou porque não lhe ofereceram textos atraentes ou adequados, ou porque não conseguiu entendê-los.

Se buscarmos no dicionário o sentido da palavra “texto”, encontraremos que sua origem é latina e significa “tecido”. Sendo este um “sistema de fios”, devemos compreender o texto escrito

como um conjunto organizado de frases, em que há uma interdependência de ideias, de argumentos, necessária para compor uma mensagem com sentido completo.

Vejamos um conceito de texto: “Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação comunicativa”. (COSTA VAL, Maria da Graça)

Com base nessa definição, devemos nos fixar na expressão “unidade sociocomunicativa”, ou seja, o texto é **um todo** e não uma sequência de partes isoladas, **feito para a interação social**: há alguém que transmite a ideia (emissor) e alguém que a recebe (receptor) com a tarefa de compreendê-la, decodificá-la.

Para nos habilitarmos à atividade de interpretação de textos escritos, devemos levar em consideração os seguintes aspectos fundamentais:

- a) Um texto não é um amontoado de frases aleatórias;
- b) Os seus significados dependem da relação que as partes mantêm entre si;
- c) A leitura, para ser produtiva, não pode basear-se na compreensão de partes isoladas.

Para entender melhor o significado de texto, observe a sequência de períodos:

Eu adoro sorvete. Perto de minha casa há um açougue.  
Às vezes fico cansado. Meus amigos saem para passear.

Acabamos de ler um amontoado aleatório de frases; não há uma progressão lógica e ordenada de ideias, portanto esse conjunto desordenado não é um texto.

Observe a próxima sequência:

Eu adoro sorvete e perto de minha casa há uma sorveteria, que fica ao lado de um açougue. Aos domingos, quando meus amigos saem para passear, costumam passar em minha casa. E, então, se me convidam para ir até lá, mesmo que às vezes eu esteja muito cansado, não recuso o convite.

Agora temos um conjunto organizado de frases, no qual as ideias mantêm uma relação lógica e ordenada. Existe uma correlação entre as partes, há coerência de argumentos. Independentemente da simplicidade da mensagem, é um texto.

## **Algumas estratégias para leitura e interpretação**

Para compreendermos um texto com linguagem escrita ou falada, precisamos acionar processos mentais, que são: interesse, atenção, memória e organização de pensamentos. Durante a leitura, fazemos inferências, ou seja, buscamos compreender as entrelinhas e, para isso, buscamos nossos conhecimentos de mundo e de outros textos, o acúmulo de experiências, o que sabemos daquele autor e do assunto em questão.

O grande desafio da leitura é que, na maioria das vezes, nos acostumamos a observar os aspectos superficiais da informação, ou seja, não buscamos os sentidos profundos da mensagem. O processo de interpretação é mais difícil quanto menos se lê e muito mais fácil quando desenvolvemos o hábito da leitura. Se adquirimos esse hábito, deixamos de ver os textos como um labirinto e os percebemos como portas de entrada para um campo de imensas possibilidades. É por meio deles que passaremos a compreender melhor a realidade à nossa volta e a nós mesmos. Desse modo, ao ler um texto de ficção, por



exemplo, poderemos ter contato com realidades nunca antes imaginadas, reconhecendo que **ler é uma atividade fascinante!**

Fica então um questionamento: quem é um bom leitor? É aquele capaz de ler os mais variados tipos de textos, como uma notícia de jornal, uma charge, ou mesmo um texto mais elaborado como um artigo, uma resenha crítica ou um ensaio, e interpretá-los. Mas, para isso, é necessário começar! Uma pessoa que não tem acesso a um jornal ou revista ou por cujas mãos nunca passou um livro não terá a mesma facilidade de compreensão daquele que esteve sujeito ao hábito da leitura. A princípio, é importante que os textos ao nosso alcance venham ao encontro das necessidades momentâneas ou que satisfaçam nossos gostos e interesses. Por consequência, conseguiremos nos habituar a leituras mais complexas.

Ler é uma **experiência individual e única**; ao mesmo tempo, é um saber interpessoal e dialógico: entramos em contato com o universo criado pelo autor, conversamos com as personagens, associamos o texto a outros lidos anteriormente, enriquecendo nosso conhecimento e adquirindo bagagem cultural. Não existe uma receita exclusiva ou modelo único para que se possa compreender um texto. Há diversos fatores que influenciam essa compreensão: o grau de letramento do leitor, seu domínio vocabular, sua maturidade, a quantidade de experiências acumuladas, o hábito de ler. É fato: todo bom intérprete torna-se um bom escritor.

A seguir, você encontrará algumas estratégias úteis para interpretar um texto. São sugestões que, com base em sua experiência leitora, certamente o ajudarão a desenvolver esquemas próprios.

## **Estratégias para compreensão de texto**

- Faça uma **leitura lúdica** ou **prévia**, identificando **tema** ou **assunto específico**;

- Estabeleça os objetivos de sua leitura (responder a uma questão de prova, apenas por curiosidade, confirmar uma data histórica, entre outros);
- Identifique se o texto está em forma de **verso** (e, por isso, traz linguagem literária característica das obras poéticas, como linguagem figurada, rimas, ritmo; em oposição à prosa) ou **prosa** (sem metrificação intencional, escrito de margem a margem, organizado em parágrafos, com linguagem predominantemente denotativa, mais objetivo);
- Reconheça se o texto é **literário** (fictício, com pontos de vista implícitos) ou **não literário** (não fictício, de caráter informativo, com pontos de vista explícitos);
- Acione o seu conhecimento prévio para melhor aproveitar a leitura (o que já sabe sobre o assunto, de que época é o texto, em que veículo de comunicação foi divulgado e com que provável intenção).

## Para fazer uma leitura com profundidade

- Identifique e sublinhe os segmentos mais importantes;
- Sintetize as informações fundamentais por trechos;
- Estabeleça relações entre os diferentes segmentos (há contradições, progressão lógica, dados concretos que comprovem argumentos abstratos?);
- Tome medidas para corrigir falhas de compreensão (use o dicionário para fazer uma leitura mais cuidadosa);
- Identifique o ponto de vista principal e os secundários;
- Faça uma **crítica**, estabelecendo relações entre o que foi lido e avaliando o que lhe acrescentou, com o que concorda ou do que discorda.

Agora, faremos uma atividade de interpretação de texto. Utilize os conhecimentos adquiridos até o momento.

## **Leitura e interpretação de texto – Questões dissertativas**

Leia o texto abaixo, extraído do vestibular da UEM (Universidade Estadual de Maringá).

**Apelo**

*Dalton Trevisan*

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite, eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia. Senti a falta da pequena briga pelo sal no tomate — meu jeito de querer bem. — Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa. Calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolha? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

*(Mistérios de Curitiba. Rio de Janeiro: Record, 1979. p. 73.)*

- 1. Leia o texto e responda ao que se pede:**
  - a) Identifique e escreva qual o tema do conto, o tipo do narrador e o espaço (ou espaços) em que se passa a ação.
  - b) Em relação à compreensão do conto, discorra sobre as relações que podem ser estabelecidas entre o tema, o tipo de narrador e o espaço (ou espaços) em que se passa a ação.

**Questões complementares:**

- 2. Comente as sensações do narrador imediatamente após a partida da Senhora e justifique com uma passagem do texto.**
- 3. Quando e como foi que o narrador começou a sentir falta da Senhora? Retire um fragmento do texto que comprove sua resposta.**

4. Considerando o texto como um todo, explique quem é a Senhora: esposa, empregada ou mãe? Transcreva uma frase da narrativa que justifique sua resposta.
5. Nessa narração, há componentes de machismo. Comente-os.
6. Na verdade, o narrador, sutilmente, demonstra que a Senhora lhe faz falta no campo das emoções, dos sentimentos. Comente e comprove com uma passagem do texto.
7. Por todos os argumentos apresentados pelo narrador, se você fosse a Senhora, atenderia ao “Apelo”?

Texto e contexto:

Observe abaixo a tela intitulada *Abaporu* (1928), da pintora modernista Tarsila do Amaral. Sabendo que a tela se trata de um texto de linguagem visual, escreva em uma folha tudo o que você entendeu sobre a tela, ou seja, interprete-a.



*Abaporu* de Tarsila do Amaral

Agora, leia o texto a seguir, de Carlos Drummond de Andrade, e faça também uma interpretação, anotando tudo o que entendeu.

### No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*.  
4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.)

Comentários sobre os textos:

E, então, leitor, o que foi mais difícil, interpretar a pintura ou o texto escrito?

Para entender a tela, seria necessário ter uma noção sobre a época em que ela foi produzida e seria ótimo se você conhecesse um pouco sobre o estilo de Tarsila do Amaral. Trata-se de uma pintora que se inspirou nos estilos cubista e expressionista, que surgiram na Europa no início do século XX. Essa é uma tela modernista, da fase antropofágica do modernismo brasileiro, estilo que tinha como principal objetivo a expressão das abstrações do mundo interior do artista e, com isso, era comum a produção de trabalhos que se aproximavam das caricaturas, do grotesco, da deformação abstrata do real.

Tarsila produziu essa tela para dar de presente ao seu marido, o escritor Oswald de Andrade, que acabara de receber críticas sobre um movimento poético que lançara: a poesia Pau-Brasil, em que propunha a exploração da cultura primitiva indígena e africana em nosso país, nossas raízes culturais. No entanto, ele propunha que utilizássemos também as influências dos estilos de composição em moda na Europa, as Correntes de Vanguarda — essa foi a razão das críticas de autores que defendiam o uso exclusivo das raízes primitivas.

Então, o que Tarsila fez com esta obra de arte foi mostrar um diagnóstico da cultura brasileira e justificar as intenções de Oswald. A tela tem o título *Abaporu* — do tupi-guarani, “o homem que come” — e representa o brasileiro que, por meio do trabalho braçal, desenvolveu muito os membros: pernas e braços, mas sua cabeça é muito pequena, já que

foi um devorador passivo da cultura europeia, por meio da imposição cultural de Portugal e de outros países colonizadores. Assim, ela justifica os propósitos de seu marido: já que fomos devoradores submissos da cultura do outro, que devorássemos criticamente então — aproveitando o que nos era interessante da cultura europeia para misturar com a nossa cultura, fortalecendo-a.

E quanto ao poema de Drummond? O texto foi mais fácil interpretar, não é mesmo?

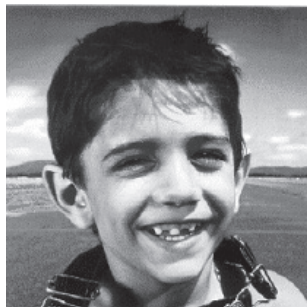
Você acha que uma criança de 10 anos o entenderia? Provavelmente, esse texto não faria sentido para ela, que compreende “pedra” como mineral sólido, ou seja, no seu sentido denotativo. Então ela talvez achasse o texto repetitivo, monótono.

Para compreendê-lo, é preciso ter um conjunto de experiências acumuladas. O poeta o publicou em 1928, mesmo ano da tela de Tarsila, mas com uma intenção diferente, já que não é uma poesia social. Em primeiro lugar, com uma linguagem simples e repetida, quis afetar os poetas parnasianos, prestigiados naquela transição de século, com seu estilo sofisticado e seus textos vazios de conteúdo, mas com vocabulário precioso. A irreverência do autor despertou polêmica.

Mas a intenção principal foi elaborar um poema filosófico, para discutir a existência humana. O verso “No meio do caminho tinha uma pedra”, repetido insistentemente, leva-nos a pensar que as “pedras no caminho” fazem parte de nossa rotina — “pedra”, nesse caso, deve ser entendida no sentido figurado: obstáculos, desafios. E veja que interessante: quando ele afirma “Nunca me esquecerei desse acontecimento/na vida de minhas retinas tão fatigadas”, ele propõe que nós, seres humanos, só tomamos verdadeira consciência das pedras que vencemos e para que serviram na velhice ou na maturidade. “Retinas fatigadas” são a metáfora da passagem do tempo por nossas vidas, porque é na velhice que sentimos a famosa “vista cansada” e passamos a usar óculos. É assim que deve ser entendido o texto, não apenas como um poema com linguagem irreverente para sua época, mas que coloca em discussão a travessia humana.

Observe agora outras possibilidades de texto, retiradas de questões de vestibular:

### Exemplo 1 – Propaganda (Fuvest-SP)



Business Intercontinental da Ibéria  
Mais espaço entre as poltronas

Atenção para a unidade de sentido: há aqui combinação entre o texto de linguagem visual com o de linguagem escrita. A criança sorrindo, em fase de troca dos dentes, compõe-se com o conforto de “maior espaço entre as poltronas”.

### Exemplo 2 – Mapas (Enem)

Os mapas abaixo apresentam informações acerca dos índices de infecção por leishmaniose tegumentar americana (LTA) em 1985 e 1999.



Observe que os mapas são os textos-base para a questão do Enem. A leitura nos permite verificar, por exemplo, que os índices de infecção por LTA elevaram-se nas regiões de Minas Gerais e Pernambuco, entre 1985 e 1999,

assim como na região Norte do país. Em contrapartida, o Rio Grande do Sul, que já tinha baixos índices de infecção, não registrou casos em 1999.

## Os sentidos do texto

Com essa temática do capítulo, pretendemos discutir onde estão os sentidos de um texto: no leitor? No autor? No contexto ou no próprio texto? Na verdade, estão nos quatro elementos, fundamentais para encontrarmos as relações de sentido.

Os sentidos de um texto estão nele próprio, por meio de alguns caminhos, como as figuras e ilustrações, a escolha de vocabulário mais ou menos sofisticado, com sentido próprio (denotativo) ou com sentido figurado (conotativo). Estão também nos caminhos gramaticais, como a escolha de orações coordenadas, independentes sintaticamente, que tornam o texto mais conciso, objetivo; ou de orações subordinadas, que o tornam um pouco mais complexo. O texto pode estar em ordem direta: primeiro o sujeito com seus complementos e depois o predicado; ou na ordem indireta: com o predicado seguido do sujeito — o que pode ter intenções diferenciadas de sentido. Por exemplo, é diferente dizer “Eu não tenho dinheiro” de “Dinheiro, eu não tenho”. O que se afirma primeiro é o que mais se valoriza. E quanto à seleção vocabular, “Maria é mentirosa” é diferente de dizer “Maria faltou com a verdade”.

Os sentidos de um texto estão no leitor: em seu repertório linguístico, no conhecimento de mundo, no domínio do contexto, nas experiências acumuladas, no hábito de leitura.

Os sentidos estão no autor, pois há intenções, um propósito em mente, que direciona a seleção de elementos linguísticos e de inter-relação, permitindo ao leitor recuperar as intenções pretendidas.

E, finalmente, deve-se levar em conta o contexto imediato, o momento de produção daquela obra e a situação que se coloca em discussão na narrativa — há autores que escrevem hoje sobre um passado distante ou sobre um futuro próximo, então devemos fazer uma “viagem” no tempo para interpretar suas produções.

Todas essas questões devem ser observadas, pois são instrumentos facilitadores para estabelecer as relações de sentido.

Nas próximas páginas, você encontrará questões de vestibular. São todos textos narrativos (contam fatos), como “Apelo”, de Dalton Trevisan, que você já interpretou nas questões dissertativas.



## Interpretação de textos – Questões-testes

(Unifesp) Leia o texto abaixo para responder às questões:

### A casa das ilusões perdidas

Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado, logo em seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia ter cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você; já deveria ter trocado de mulher há muito tempo. Ela, naturalmente, chorou, chorou muito. Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade; mas, mesmo assim, queria ter o filho. Sempre sonhara com isso, com a maternidade — e agora que o sonho estava prestes a se realizar, não deixaria que ele se desfizesse.

— Por favor, suplicou. — Eu faço tudo o que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias, daria a resposta. E sumiu.

Voltou, mas não ao cabo de três dias, mas de três meses. Àquela altura ela já estava com uma barriga avantajada que tornava impossível o aborto: ao vê-lo, esqueceu a desconsideração, esqueceu tudo — estava certa de que ele vinha com a mensagem que tanto esperava, você pode ter o nenê, eu ajudo a criá-lo.

Estava errada. Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança; mas não para ficar com ela. Já tinha feito o negócio: trocariam o recém-nascido por uma casa. A casa que não tinham e que agora seria o lar deles, o lar onde — agora ele prometia — ficariam para sempre.

Ela ficou desesperada. De novo caiu em prantos, de novo implorou. Ele se mostrou irredutível. Ela, como sempre, cedeu.

Entregue a criança, foram visitar a casa. Era uma modesta construção num bairro popular. Mas era o lar prometido e ela ficou extasiada. Ali mesmo, contudo, fez uma declaração:

— Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco, no mínimo.

Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas. Aquilo era um bom começo.

(SCLIAR, Moacyr. A casa das ilusões perdidas.

In: *Folha de S.Paulo*, 14 jun. 1999.)

1. (Unifesp) No texto, a ideia de ilusões perdidas diz respeito à:

- realização da maternidade que, na verdade, não atinge a sua plenitude.
- desolação da jovem mãe ao ver que a casa recebida não era luxuosa como concebera.

- c) alegria da mãe com a casa e à superação da tristeza pela doação da criança.
- d) melancolia da mãe por programar todas as crianças que teria para trocar por casas.
- e) certeza do homem de que a mulher não formará com ele um lar na casa nova.

**2. (Unifesp) O casal age de modo contrário aos sentimentos comuns de justiça e dignidade. No contexto da narrativa, tais comportamentos se explicam:**

- a) pela falta de amor que há entre a mulher e o companheiro, fazendo com que tudo o que os rodeia se torne um negócio vantajoso.
- b) pelo amor exagerado que a mulher sente e pela confusão de sentimentos que o companheiro vive na descoberta desse amor.
- c) pelo ódio exagerado que a mulher sente do companheiro e pela forma displicente e pouco amável como ele a vê.
- d) pela submissão exagerada da mulher ao companheiro e pela forma mesquinha e interesseira como ele resolve as coisas.
- e) pela forma irresponsável com que a mulher age em relação ao companheiro, o que faz tomar atitudes impensadas.

**3. (Unifesp) “Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.”**

As duas frases do texto deixam evidente que ter mais filhos:

- a) é uma possibilidade pouco atraente para o casal que, por ora, já conquistou algo à custa de sofrimento.
- b) será para o casal uma forma de alcançar a felicidade, já que a mulher e seu companheiro poderão ter a casa cheia de crianças.
- c) pode tornar-se lucrativo na ótica do companheiro, embora a mulher ainda veja isso com os olhos sonhadores.
- d) se torna uma forma de compensar o episódio pouco feliz da doação do primeiro filho do casal.
- e) não alteraria em nada a vida do casal, já que não teria como fazer os dois esquecerem a criança doada.

**4. (Unifesp) No texto, há muitas retomadas pronominais, basicamente expressas pelos pronomes ele e ela. Isso não gera ambiguidade, principalmente porque:**

- a) se alternam os pronomes sinônimos.

- b) as referências dos pronomes são muito restritas.
- c) as formas verbais estão todas no mesmo tempo.
- d) todos os pronomes poderiam ser omitidos.
- e) as frases curtas limitam a interpretação.

(Enem) Texto para as questões 5 e 6:

### A dança e a alma

A DANÇA? Não é movimento, um estar entre céu e chão,  
 súbito gesto musical, novo domínio conquistado,  
 É concentração, num momento, onde busque nossa paixão  
 da humana graça natural. Libertar-se por todo lado...  
 No solo não, no éter pairamos, onde a alma possa descrever  
 nele amariamos ficar. Suas mais divinas parábolas  
 A dança — não vento nos ramos: sem fugir à forma do ser,  
 seiva, força, perene estar por sobre o mistério das fábulas.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra completa*.  
 Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 366.)

5. A definição de dança, em linguagem de dicionário, que mais se aproxima do que está expresso no poema é:
  - a) a mais antiga das artes, servindo como elemento de comunicação e afirmação do homem em todos os momentos de sua existência.
  - b) a forma de expressão corporal que ultrapassa os limites físicos, possibilitando ao homem a liberação de seu espírito.
  - c) a manifestação do ser humano, formada por uma sequência de gestos, passos e movimentos desconcertados.
  - d) o conjunto organizado de movimentos do corpo, com ritmo determinado por instrumentos musicais, ruídos, cantos, emoções etc.
  - e) o movimento diretamente ligado ao psiquismo do indivíduo e, por consequência, ao seu desenvolvimento intelectual e à sua cultura.
  
6. O poema “A dança e a alma” é construído com base em contrastes, como “movimento” e “concentração”. Em uma das estrofes, o termo que estabelece contraste com solo é:
 

a) éter	b) seiva	c) chão
d) paixão	e) ser	

**7. (Enem) Leia os textos abaixo:**

**I. A situação de um trabalhador:**

Paulo Henrique de Jesus está há quatro meses desempregado. Com o Ensino Médio completo, ou seja, 11 anos de estudo, ele perdeu a vaga que preenchia há oito anos de encarregado numa transportadora de valores, ganhando R\$ 800,00. Desde então, e com 50 currículos já distribuídos, só encontra oferta para ganhar R\$ 300,00, um salário mínimo. Ele aceitou trabalhar por esse valor, sem carteira assinada, como garçom numa casa de festas para fazer frente às despesas.

(*O Globo*, 20 jul. 2005.)

**II. Uma interpretação sobre o acesso ao mercado de trabalho:**

Atualmente, a baixa qualificação da mão de obra é um dos responsáveis pelo desemprego no Brasil.

A relação que se estabelece entre a situação (I) e a interpretação (II) e a razão para essa relação aparece em:

- a) II explica I – Nos níveis de escolaridade mais baixos há dificuldade de acesso ao mercado de trabalho.
- b) I reforça II – Os avanços tecnológicos da Terceira Revolução Industrial garantem somente o acesso ao trabalho para aqueles de formação em nível superior.
- c) I desmente II – O mundo globalizado promoveu desemprego especialmente para pessoas entre 10 e 15 anos de estudo.
- d) II justifica I – O desemprego estrutural leva à exclusão de trabalhadores com escolaridade de nível médio incompleto.
- e) II complementa I – O longo período de baixo crescimento econômico acirrou a competição, e pessoas de maior escolaridade passam a aceitar funções que não correspondem à sua formação.

(UFSCar) Leia o texto para responder às questões de 8 a 11.

— Não refez então o capítulo? — indagou ela logo que entrei.

— Oh, não, Miss Jane. Suas palavras abriram-me os olhos. Convenci-me de que não possuo qualidades literárias e não quero insistir — retruquei com ar ressentido.

— Pois tem de insistir — foi sua resposta [...]. Lembre-se do esforço incessante de Flaubert\* para atingir a luminosa clareza que só a sábia simplicidade dá. A ênfase, o empolado, o enfeite, o contorcido, o rebuscamento de expressões, tudo isso nada tem a ver com a arte de escrever, porque é artifício e o artifício é a cuscuta\*\* da arte. Puros maneirismos que em nada contribuem pra o fim supremo: a clara e fácil expressão da ideia.

— Sim, Miss Jane, mas sem isso fico sem estilo...

Que finura de sorriso temperado de meiguice aflorou nos lábios de minha amiga!

— Estilo o senhor Ayrton só o terá quando perder em absoluto a preocupação de ter estilo. Que é estilo, afinal?

— Estilo é... — ia eu responder de pronto, mas logo engasguei, e assim ficaria se ela muito naturalmente não mo definisse de gentil maneira.

— ... é o modo de ser de cada um. Estilo é como o rosto: cada qual possui o que Deus lhe deu. Procurar ter um certo estilo vale tanto como procurar ter uma certa cara. Sai máscara, fatalmente — essa horrível coisa que é a máscara...

— Mas o meu modo natural de ser não tem encantos, Miss Jane, é bruto, grosseiro, inábil, ingênuo. Quer então que escreva dessa maneira?

— Pois perfeitamente! Seja como é, e tudo quanto lhe parece defeito surgirá como qualidades, visto que será reflexo da coisa única que tem valor num artista — a personalidade.

(Monteiro Lobato, *O presidente negro*.)

#### 8. De acordo com o texto:

- a) Ayrton e Miss Jane possuem o mesmo conceito sobre estilo.
- b) a fácil expressão de uma ideia pode ser aprimorada pela ênfase.
- c) ter estilo é pôr foco na sua expressão como indivíduo.
- d) cada estilo equivale ao uso de uma máscara diferente.
- e) a personalidade do artista consiste em seus próprios maneirismos.

#### 9. Para explicar estilo a Ayrton, Miss Jane lança mão de um recurso chamado:

- a) idealização
- b) imposição
- c) rebuscamento
- d) comparação
- e) repetição

\* Gustave Flaubert (1821-1880), escritor realista francês considerado um dos maiores do Ocidente.

\*\* cuscuta: planta parasita.

**10.** No diálogo entre as duas personagens, podemos deduzir que a relação entre Ayrton e Miss Jane é de:

- a) animosidade
- b) respeito
- c) inveja.
- d) competição.
- e) indiferença.

**11.** Na frase: “Estilo o senhor Ayrton só o terá...”, Lobato usa um recurso de ênfase que consiste em:

- a) deixar uma informação subentendida.
- b) fazer uma comparação paralela.
- c) relacionar muitas ideias ao mesmo tempo.
- d) iniciar uma oração com um termo que se repete depois.
- e) empregar um verbo em tempo pretérito.

**12.** (Fuvest) Texto:

**O olhar também precisa aprender a enxergar**

Há uma historinha adorável, contada por Eduardo Galeano, escritor uruguaio, que diz que um pai, morador lá do interior do país, levou seu filho até a beira do mar. O menino nunca tinha visto aquela massa de água infinita. Os dois pararam sobre um morro. O menino, segurando a mão do pai, disse a ele: “Pai, me ajuda a olhar”. Pode parecer uma espécie de fantasia, mas deve ser a exata verdade, representando a sensação de faltarem não só palavras, mas também capacidade para entender o que é que estava se passando ali.

Agora imagine o que se passa quando qualquer um de nós para diante de uma grande obra de arte visual: como olhar para aquilo e construir seu sentido na nossa percepção? Só com auxílio mesmo. Não quer dizer que a gente não se emocione apenas por ser exposto a um clássico absoluto, um Picasso ou um Niemeyer ou um Caravaggio. Quer dizer apenas que a gente pode ver melhor e entender a lógica da criação.

(Luís Augusto Fischer, *Folha de S. Paulo*.)

Relacionando a história contada pelo escritor uruguaio com “o que se passa quando qualquer um de nós para diante de uma grande obra de arte”, o autor do texto defende a ideia de que:

- a) o belo natural e o belo artístico provocam distintas reações de nossa percepção.
- b) a educação do olhar leva a uma percepção compreensiva das coisas belas.
- c) o belo artístico é tanto mais intenso quanto mais espelhe o belo natural.

- d) a lógica da criação artística é a mesma que rege o funcionamento da natureza.
- e) a educação do olhar devolve ao adulto a espontaneidade da percepção das crianças.

## Saiba



### Qual é a diferença entre “mau” e “mal”?

A palavra **mau** é um adjetivo e significa, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*: “aquele que se distingue pelo caráter ruim, moralmente condenável; que prejudica, que causa mal aos outros ou a si próprio”; é uma oposição ao também adjetivo bom. Quando você tiver dúvida, basta trocar a palavra em questão por “bom”; se houver sentido lógico, escreva “mau”.

Exemplo: Ele não é **mau** aluno. (Ele não é **bom** aluno.)

A palavra **mal** pode ser advérbio (quando indica circunstância ao verbo) ou substantivo (normalmente antecedido de artigo “o”) e, em ambos os casos, significa, respectivamente, segundo o *Dicionário Houaiss*: “de modo irregular; diversamente do que convém ou do que se desejaria” (advérbio); “de modo ruim; o que prejudica ou fere; o que concorre para o dano ou a ruína de alguém ou de algo; o que é nocivo, desastroso para a felicidade ou o bem-estar físico ou moral; infelicidade” (substantivo); contrário de bem.

Quando houver dúvida, troque a palavra em questão por “bem”; havendo sentido lógico, escreva “mal”.

Exemplos:

João passa **mal** após o jantar. (João passa bem após o jantar.)  
= advérbio

O **mal** de João é mastigar pouco os alimentos. (O bem de João é mastigar muito os alimentos.) = substantivo

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

Já que neste capítulo trabalhamos com texto narrativo, ou seja, aquele que conta fatos, constrói um universo ficcional, povoado por personagens vivenciando fatos, você terá um desafio de vestibular que solicita a elaboração de uma história.

(Unicamp)

O avanço da tecnologia e da ciência médica desmistifica muitos dos preconceitos em torno das doenças. Entretanto, algumas delas, consideradas atualmente problemas de saúde pública, como obesidade, alcoolismo, diabetes, Aids, entre outras, continuam a trazer dificuldades de autoaceitação e de relacionamento social.

### **Instruções:**

1. Imagine uma personagem que receba o diagnóstico de uma doença que é tema de campanhas preventivas.
2. Narre as dificuldades vividas pela personagem no convívio com a doença.
3. Sua história pode ser narrada em primeira pessoa (narrador personagem) ou em terceira pessoa (narrador não faz parte da história).





# 2

## Textos Literário e Não Literário

Como leitores habituais, diariamente passam por nossas mãos os mais diferentes tipos de textos, como uma bula de remédio ou um receituário médico, um folheto de propaganda do supermercado, uma receita culinária, uma história em quadrinhos, um livro de contos ou mesmo aquele *best-seller* que está em todas as livrarias.

De um modo bastante genérico, pode-se dividir todos os diferentes tipos de textos em dois grandes grupos: os **textos literários** e os **textos não literários**. Para melhor compreender as diferenças e especificidades desses dois grupos, leia os textos a seguir, que tratam desse assunto.

---

### TESTE SEU SABER

---

#### Interpretando Textos Literários e Não Literários

##### Texto 1

“Mais de um bilhão de pessoas passam fome no mundo, diz ONU” pela BBC

(Em: 14 de outubro de 2009 – Yasmin Riegert)

Mais de um bilhão de pessoas, cerca de um sexto da população mundial, sofre com a subnutrição de acordo com o relatório anual da Organização das Nações Unidas (ONU) a respeito de segurança alimentar, divulgado nesta quarta-feira.

O relatório elaborado pela FAO, a agência da ONU para alimentação e agricultura, afirma que o número de pessoas que sofre com a fome estava crescendo antes mesmo da crise econômica mundial, mas depois a situação piorou ainda mais.

“A FAO estima que 1,02 bilhão de pessoas estão subnutridas no mundo todo em 2009”, diz o documento, divulgado na sede da organização, em Roma. “Isto representa mais pessoas com fome do que em qualquer outra época

desde 1970 e uma piora das tendências que já estavam presentes antes mesmo da crise econômica.”

“A meta da Cúpula Mundial sobre Alimentos (de 1996), de reduzir o número de pessoas subnutridas pela metade, para não mais do que 420 milhões até 2015, não será alcançada se as tendências que prevaleceram antes da crise continuarem”, acrescentou o relatório.

A FAO afirma que as regiões da Ásia e Oceano Pacífico têm o maior número de pessoas subnutridas, 642 milhões, seguidas pela África Subsaariana, com 265 milhões de pessoas. No entanto, o relatório também afirma que alguns países apresentaram uma melhora dramática nos níveis de subnutrição desde 1990, incluindo Brasil, Vietnã, Arábia Saudita e México.

“Nenhum país está imune e, como sempre, são os países mais pobres e as pessoas mais pobres que sofrem mais”, diz o texto.

(Instituto ORBIS- Observatório de Relações Internacionais – UFOP – Disponível em : <http://neccint.wordpress.com/2009/10/14/mais-de-um-bilhao-de-pessoas-passam-fome-no-mundo-diz-onu-pela-bbc/> – adaptado.)

## Texto 2

### Comida

Bebida é água.

Comida é pasto.

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida,

A gente quer comida, diversão e arte.

A gente não quer só comida,

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida,

A gente quer bebida, diversão, balé.

A gente não quer só comida,

A gente quer a vida como a vida quer.

Bebida é água.

Comida é pasto.

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer,

A gente quer comer e quer fazer amor.

A gente não quer só comer,  
A gente quer prazer pra aliviar a dor.  
A gente não quer só dinheiro,  
A gente quer dinheiro e felicidade.  
A gente não quer só dinheiro,  
A gente quer inteiro e não pela metade.  
Bebida é água.  
Comida é pasto.  
Você tem sede de quê?  
Você tem fome de quê?

(FROMER, Marcelo; ANTUNES, Arnaldo; BRITTO, Sérgio.

Disponível em: <http://neurosefreudiana.wordpress.com/2008/06/26comida-titas-arnaldo-antunes-marcelo-fromer-e-sergio>)

1. Tema é o assunto tratado em um texto e tese é o ponto de vista que o autor defende. Assim, releia o primeiro parágrafo do texto 1 e identifique o tema e a tese.
2. Qual é o objetivo do texto 1: informar ou provocar emoção? Comente.
3. As palavras do texto 1 estão no sentido denotativo (sentido próprio) ou conotativo (sentido figurado)? Retire duas palavras que comprovem sua resposta e dê o significado no contexto em que foram escritas.
4. Comente um aspecto do texto 1 que comprove que a autora não inventou o fato relatado.
5. Qual o tema no texto 2?
6. E quanto ao seu objetivo: ele pretende informar ou provocar emoção? Comente e transcreva uma passagem do texto que ilustre a sua resposta.
7. Algumas palavras do texto 2 estão no sentido figurado e, por isso, sujeitas a várias interpretações. Retire duas palavras que justifiquem essa afirmativa e dê algumas possibilidades de significação.
8. Explique de que modo os compositores conseguiram imprimir musicalidade e ritmo ao texto.
9. Ao longo da letra da música há um refrão (repetição de versos iguais), lançando perguntas ao leitor: “Você tem sede de quê?/ Você tem fome de

quê?" A que tipos de sede e de fome os autores se referem? Justifique sua resposta com uma passagem do texto.

Veja agora o quadro comparativo com base nas conclusões a que se pode chegar com os exercícios de interpretação.

	<b>Texto 1 (não literário)</b>	<b>Texto 2 (literário)</b>
<b>Tema</b>	A fome no sentido denotativo	A fome no sentido conotativo
<b>Variante linguística</b>	Culta ou padrão	Predomina o coloquial, com a finalidade de obter maior alcance popular (poderia ser língua culta, se a intenção fosse outra)
<b>Tipo de vocabulário</b>	Palavras com sentido denotativo	Palavras com sentido denotativo e conotativo
<b>Função de linguagem predominante</b>	Referencial ou denotativa (privilegia a informação, o assunto, os fatos, faz referência ao contexto)	Poética (linguagem criativa, com efeitos sonoros)
<b>Objetivo do texto</b>	Proporcionar informação sobre um fato real	Tocar a emoção do leitor; caráter reflexivo
<b>Possibilidades de interpretação</b>	Há apenas uma possibilidade de interpretação (nesse caso, fome significa privação contínua de alimento, que leva à desnutrição crônica do indivíduo)	Há várias (por exemplo, a palavra "fome" pode significar privação de alimento, mas também significa carência ou desejos no plano figurado: fome de arte, fome de diversão, de ter prazeres no campo das emoções)
<b>Pontos de vista</b>	Explícitos; emissor imparcial, objetivo	Implícitos; emissor parcial, subjetivo (projeta suas emoções)
<b>Forma de apresentação</b>	Em prosa (organizado em parágrafos)	Em verso (como é o caso da letra de música, em que as frases ocupam um espaço reduzido da linha, mas o texto literário também pode ser apresentado em prosa — texto que ocupa de margem a margem do papel, ou seja, organizado em parágrafos)
<b>Caráter</b>	Informativo, fatos verídicos	Fictício, transforma a realidade, criando um mundo de fantasias

Leia com atenção os textos a seguir para responder às questões:

**Texto 3**  
**Morte no avião**

Acordo para a morte.  
Barbeio-me, me visto, calço-me  
É meu último dia: um dia  
Cortado de nenhum pressentimento.  
Tudo funciona como sempre.  
Saio para a rua. Vou morrer.

[...]

O dia na sua metade já rota não me avisa  
Que começo também a acabar. Estou cansado.  
Queria dormir, mas os preparativos. O telefone.  
A fatura. A carta. Faço mil coisas  
Que criarão outras mil, aqui, além, nos Estados Unidos.

[...]

Sinto-me natural a milhares de metros de altura,  
Nem ave nem mito,  
Guardo consciência de meus poderes,  
E sem mistificação eu voo,  
Sou um corpo voante e conservo bolsos, relógios e unhas,  
Ligado a terra pela memória e pelo costume dos músculos,  
(...)  
Golpe vibrando no ar, lâmina de vento  
No pescoço raio  
Choque estrondo fulguração  
Rolamos pulverizados  
Caio verticalmente e me transformo em notícia.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*.  
23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 120-4.)

## Texto 4

### O que já dizem os corpos

A dor irreparável das famílias das vítimas do Airbus da Air France que caiu no meio do Atlântico tem um contraponto na nobreza da derradeira missão de seus entes queridos. Resgatados do mar e examinados por especialistas, seus corpos começaram a fornecer informações preciosas sobre as circunstâncias em que se deu a tragédia do Airbus da Air France, com 238 pessoas a bordo, há duas semanas. Como ocorre em todos os desastres aéreos, essas informações vão se transformar em lições para que se construam aviões mais seguros. As vítimas do voo 447, assim como os doadores de órgãos, continuarão a viver nas vidas que ajudarão a salvar. As perguntas para as quais já se encontraram respostas, ainda que parciais, incluem algumas das que mais angustiam os parentes das vítimas. De que maneira os passageiros e tripulantes morreram? Teriam eles sofrido? Na semana passada, à medida que as equipes de resgate recolhiam do mar os corpos das vítimas e os destroços da aeronave, essas questões começaram a ser esclarecidas.

Profissionais envolvidos nas operações de resgate e de reconhecimento dos corpos já periciados do voo 447 da Air France ouvidos por *Veja* dizem que, ao contrário do que se especulou inicialmente, os ferimentos sofridos pelas vítimas fazem supor que o avião não explodiu nem se desintegrou inteiramente no ar, ejetando os passageiros a grande altura sobre o oceano. É quase certo que o aparelho caiu na água, ainda com a fuselagem preservada — pelo menos em parte — e com muitos passageiros em seu interior. No momento da queda, todos os ocupantes do Air Bus já estariam mortos por asfixia, causada pela rápida depressurização da cabine momentos antes da queda. O alerta sobre a depressurização da cabine consta das duas dezenas de mensagens automáticas enviadas para o centro de controle da Air France pela aeronave, comunicando falhas graves no sistema de navegação, enquanto cruzava uma tempestade. A companhia aérea afirmou a *Veja* o recebimento dessa mensagem, expressa pelo código “cabine vertical speed”. Com a mudança repentina de pressão dentro do avião e a consequente falta de oxigênio, os passageiros e tripulantes teriam sofrido hipoxia cerebral — falta de oxigenação — e desmaiado em menos de meio minuto. Sem a volta do fornecimento de oxigênio, todos teriam morrido rapidamente.

(COUTINHO, Leonardo. Revista *Veja*, 17 jun. 2009.)

10. Cite três características que comprovem ser literário o texto 3.

11. O livro *A rosa do povo*, de onde se extraiu o fragmento poético anterior, foi publicado em 1949. Comente qual situação daquele contexto se reflete no poema e em que condições se encontra o eu lírico.
12. Leia o trecho abaixo do poema de Drummond e responda:  
Sinto-me natural a milhares de metros de altura,  
Nem ave nem mito,  
Guardo consciência de meus poderes,  
E sem mistificação eu voo,  
sou um corpo voante e conservo bolsos, relógios e unhas,  
ligado à terra pela memória e pelo costume dos músculos,  
carne em breve explodindo.
- Comente a visão que o eu lírico tem de si mesmo, comparando com a imagem que a sociedade tem daqueles que são considerados heróis.
13. Cite três características que comprovem ser não literário o texto 4.
14. Explícite o tema do texto 4 e a tese defendida. Em seguida, cite dois argumentos secundários que sustentam essa tese.
15. Há algum sinal de parcialidade no texto jornalístico da revista *Veja*? Comente e comprove a subjetividade ou a imparcialidade da matéria com a transcrição de um fragmento.
16. Cite dois elementos em comum e dois elementos que diferenciam os textos 3 e 4.

### Saiba



#### GÊNERO LITERÁRIO × FORMA LITERÁRIA

Há quem confunda **gênero** com **forma literária**. A forma restringe-se à estética ou à distribuição das ideias no espaço branco do papel, enquanto o gênero é um conjunto de características formais que estabelece um padrão de composição e envolve também o plano do conteúdo, a proposta temática, sendo a forma de



apresentação estética em verso ou prosa uma das características de determinado gênero.

Vejamos o conceito de gênero literário segundo o autor Orlando Pires:

“Observando as obras de arte literárias, consagradas em seu tempo, Aristóteles procurou estudá-las determinando-lhes as características, confrontando-as e reunindo-as em grupos as que se assemelhavam. Obteve, assim, três grupos a que chamou: gênero épico, gênero lírico e gênero dramático.

O trabalho de Aristóteles chegou à cultura romana através de Horácio, que o retomou, dando-lhe um tratamento de acordo com a sua formação. Surge então o conceito clássico: Os *gêneros literários* são modelos absolutos, entidades normativas às quais se deve submeter a criação artística, em termos de literatura.” (PIRES, Orlando. *Manual de teoria e técnica literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1985. p. 65.)

Quanto à **forma**, pode-se construir um texto em verso ou em prosa. O **texto em verso** é aquele cujas linhas escritas são denominadas versos e cada conjunto de versos denomina-se estrofe. É a produção que se preocupa com a sonoridade, o ritmo, a melodia e pode ter os versos rigorosamente medidos quanto à quantidade de sílabas e, quase sempre, nessa forma de produção textual, há igualdade sonora no final de cada linha, a que chamamos **rimas**.

Já o **texto em prosa** é aquele que ocupa todo o espaço do papel, de margem a margem. A cada novo conjunto de ideias, deve-se deixar um espaço maior em branco, para marcar o que se considera início de **parágrafo**. Essa forma textual, quando é muito longa e ocupa muitas páginas, é comum dividirem-na em **capítulos**. A primeira divisão dos **gêneros literários** surgiu com Aristóteles, na Grécia Antiga, em sua obra *Arte poética*, quando dividiu os gêneros em **épico**, **lírico** e **dramático**, sendo estes consagrados como gêneros clássicos. Essa foi a concepção que predominou nos séculos XVI, XVII e XVIII. No século XIX, o Romantismo, com o desejo de tornar a arte mais popular e

acessível a todas as camadas sociais, passou a admitir novos gêneros literários e, a partir daquela época, o gênero épico foi substituído pelo **gênero narrativo**, cuja principal característica é contar histórias. Dentro deste gênero há subgêneros, como o romance, a novela, o conto, a crônica, a fábula e o apólogo, alguns dos quais apresentaremos com detalhes nos próximos capítulos.

## Os principais gêneros literários e suas características

### Gênero épico

Trata-se de um poema longo, predominantemente narrativo, que conta os feitos gloriosos de um povo ou de uma nação; portanto, com herói coletivo, ou seja, a personagem principal é toda uma nação representada pelos seus guerreiros e não apenas um indivíduo. Em geral, há influência de seres mitológicos sobre as ações humanas. Sua estrutura é normalmente composta de cinco partes: **proposição**, momento em que o poeta apresenta seu propósito com o trabalho, síntese do poema; **invocação**, pedido de inspiração a figuras mitológicas; **dedicatória**, oferecimento do poema a alguma figura ilustre; **narração** ou história, as ações dos heróis; **epílogo**, despedida do poema, lamentações e críticas do poeta.

A epopeia costuma ser escrita em versos rigorosamente medidos. Na Grécia Antiga, as epopeias eram escritas com versos alexandrinos (doze sílabas). No século XVI, período denominado Classicismo, passam a ser escritas com versos decassílabos (dez sílabas). A mais antiga epopeia de que se tem registros é *Ilíada*, de Homero, que conta sobre a batalha de Troia.



### A ILÍADA

Homero é o nome do criador da poesia épica. No entanto, não existem dados biográficos concretos sobre sua existência; apenas afirma-se que foi o autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, que são os dois maiores exemplares da literatura grega.

A *Ilíada* é considerada a obra-prima da poesia épica. Seu assunto é a narrativa dos combates travados diante de Troia, pelos gregos. A guerra de Troia foi um ataque dos gregos, que queriam vingar o rapto da bela Helena, esposa do rei de Esparta, Menelau, irmão de Agamenon. Este liderou a batalha.

Tudo aconteceu porque o jovem Páris, de Troia, ao fazer uma visita diplomática a Esparta, apaixonou-se por Helena que correspondeu ao seu amor. Então ambos fugiram para Troia, despertando a fúria de Menelau e dos espartanos.

A batalha teria durado mais de dez anos e acabou com a criação do famoso cavalo de Troia, uma imensa estátua oferecida como presente de paz aos troianos em cujo interior estavam centenas de guerreiros gregos que destruíram Troia. Daí ter surgido o termo popular: “presente de grego”.

(GOMES, Fernando C. de Araújo.  
(Trad. e Adap.). *Ilíada*. Rio de Janeiro:  
Ediouro, [s.d.] )

Exemplo de fragmento épico:

#### Canto Primeiro – Proposição

I

As armas e os barões assinalados

Que da ocidental praia lusitana,

Por mares nunca dantes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana\*,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

(CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*.  
Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.)

Esse fragmento refere-se à primeira estrofe da proposição do poema. O poeta narra as conquistas dos exércitos e da nobreza de Portugal.

## Gênero lírico

Recebe esse nome porque, na Grécia antiga, eram textos cantados ao som da lira, um instrumento musical. Escritos em forma de verso, é o gênero que tem como objetivo a expressão de sentimentos, emoções, ideias, que nem sempre correspondem às do autor. São poemas marcados pela subjetividade, sobretudo relacionados a amor, saudade, separação, tristeza, encontros e reencontros, e apresentam as emoções do enunciador, denominado *eu lírico*.

De acordo com o tipo de assunto tratado, os poemas líricos apresentam subgêneros, como lírico-religioso, que trata das relações entre o ser humano e Deus ou figuras religiosas; lírico-amoroso, cujo tema principal é o amor e os sentimentos a ele relacionados; lírico-filosófico, que apresenta reflexões diversas sobre a vida humana.

Os textos de gênero lírico podem apresentar versos e estrofes de **medida regular** (versos com o mesmo número de sílabas e estrofes com o mesmo número de versos) ou **irregular** (versos

---

\* Antigo nome do Ceilão, atual Sri-Lanka, localizado a sudeste da Índia.

e estrofes com número diversificado de sílabas e de versos, respectivamente). A forma consagrada para escrever este gênero é o soneto, composto de 14 versos regulares, dispostos em quatro estrofes, sendo dois quartetos (ou quadras) e dois tercetos.

Exemplo de fragmento lírico:

### **Soneto**

Pálida, à luz da lâmpada sombria  
Sobre o leito de flores reclinada  
Como a lua, por noite embalsamada,  
Entre as nuvens do amor ela dormia!

(AZEVEDO, Álvares. *Poesias completas*.  
Rio de Janeiro: Tecnoprint., s/d. p. 22.)

Observe que o fragmento acima é uma quadra, estrofe de quatro versos, e os versos possuem medida regular, com dez sílabas métricas, conhecidos como decassílabos, lembrando que a contagem poética é até a última sílaba tônica do verso. Além disso, trata-se de um fragmento lírico-amoroso, no qual o “eu lírico” (voz que fala no texto poético) descreve a condição em que se encontra a mulher amada: pálida, deitada em um leito de flores, como a imagem de uma “bela adormecida”. O texto possui melodia, pelas repetições sonoras das vogais que se repetem no interior da estrofe, pela medida regular e pelas rimas (igualdade sonora nos finais dos versos).

### **Gênero dramático**

Textos escritos para representação teatral. Desde a Grécia antiga até o século XVIII, o gênero dramático era escrito em forma de verso. Com o Romantismo, no século XIX, as peças de teatro começaram a ser escritas em prosa.

Esse gênero textual apresenta discurso direto, com indicação das cenas. As falas das personagens são antecedidas por seus nomes.

“A **tragédia** e a **comédia** foram as duas primeiras modalidades (instituídas) do gênero dramático. A tragédia, imitação de ações nobres vividas por homens superiores; a comédia, imitação de ações ridículas vividas por homens inferiores.” (PIRES, Orlando. p. 84.)

É comum dizer, popularmente, que a dramatização da tragédia desperta o choro e a da comédia, o riso.

Exemplo de fragmento dramático:

### **CENA III**

*Entra Juca, vestido de frade, com chapéu desabado, tocando um assobio.*

**Florência:** Anda cá, filhinho. Como estás galante com esse hábito!

**Ambrósio:** Juquinha, gostas desta roupa?

**Juca:** Não, não me deixa correr, é preciso levantar assim...  
(*Arregaça o hábito.*)

**Ambrósio:** Logo te acostumarás.

**Florência:** Filhinho, hás de ser um fradinho muito bonito.

**Juca** (*chorando*): Não quero ser frade!

(PENA, Martins. *O noviço*. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/>)

O fragmento apresentado é trecho de uma comédia, escrita em prosa. Na cena, Florência, a mãe de Juca, sob influência do segundo marido, quer convencer o filho a tornar-se um noviço. A intenção de Ambrósio, o marido, é livrar-se do garoto. No final, descobre-se que Ambrósio é um pilantra e o menino livra-se de se

tornar religioso. Observe que não há narrador: aparecem as falas diretas das personagens, antecedidas por seus nomes.

## **Gênero narrativo**

Decorrente de transformações do gênero épico, são textos escritos em forma de prosa e que apresentam os seguintes elementos estruturais: enredo (conjunto de ações), personagens, narrador, tempo e espaço. É, portanto, todo texto que consegue responder às seguintes questões essenciais: O quê? Quem? Como? Onde? Quando? Por quê?

Os tipos de texto mais comuns do gênero narrativo são romance, novela, conto, crônica, fábula e apólogo.

Habitualmente, lemos romances e novelas a pedido dos professores de literatura; são os textos mais longos, organizados em capítulos. O romance gira em torno de um tema central e há certa sondagem psicológica; já a novela apresenta vários núcleos de enredo e a dinâmica das ações é mais importante do que a especulação psicológica.

As fábulas e apólogos são os gêneros que apresentam uma lição de moral e têm personagens que são, respectivamente, animais e objetos, mais encontrados na literatura infantil.

Quanto ao conto e à crônica, suas características são semelhantes e, por isso, são facilmente confundidos. São os textos mais breves do gênero narrativo e contam apenas um episódio da vida das personagens. Por encontrarmos comumente em questões de vestibular, serão tratados especificamente em um capítulo deste Manual.

Exemplo de fragmento narrativo:

### **Mudança**

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam

cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredia bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça. Fabiano, sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa no cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

(RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 62. ed.  
Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 9.)

Aqui, tem-se a abertura do romance. De início, já é possível responder às questões propostas para se identificar os seus elementos estruturais:

**Quem?** A família de retirantes, composta por sinhá Vitória, Fabiano, o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia.

**O quê?** Estão caminhando em busca de um lugar melhor para viver.

**Como?** Os fatos são relatados por um narrador em terceira pessoa, que não faz parte da história.

**Quando?** Durante o período da seca, há horas procurando uma sombra.

**Onde?** Na planície avermelhada, ao longo da catinga nordestina.





## DIFERENÇAS ENTRE MAIS E MAS

É comum empregar-se indevidamente essas palavras em um texto, o que certamente afeta as relações de sentido, comprometendo a coesão textual do trecho.

**mais:** partícula de intensidade que se liga a substantivos, adjetivos e verbos, contém a ideia de aumento de quantidade.

Exemplos: Há **mais** pessoas interessadas em política atualmente.

Você ficou **mais** bonita com o novo corte de cabelo.

Você deseja comer **mais**?

**mas:** é uma conjunção adversativa, ou seja, termo usado para ligar palavras ou orações coordenadas. Tem o significado de **porém, contudo, entretanto** e pode ser trocada por qualquer uma dessas conjunções, todas com valor de adversidade, oposição. É comum empregar-se esse tipo de conjunção após vírgula, mas também se admite em início de período.

Exemplos: Li duas vezes aquele texto, **mas** ainda não consegui entendê-lo.

Vou sair agora, **mas** você pode ficar aqui em casa à vontade.

— Já estou cansado de suas ironias.

— **Mas** você sempre disse adorar meu jeito de falar!

1. (UFPA) Os gêneros literários constituem modelos aos quais se deve submeter a criação artística. Deles **NÃO** se deve considerar como verdadeiro:
- a) Segundo a concepção clássica são três os gêneros literários.
  - b) Embora a obra literária possa encerrar emoções diversas, podendo haver a intersecção de elementos líricos, narrativos e dramáticos, há sempre predomínio de uma dessas modalidades.
  - c) A criação poética, de caráter lírico, privilegia os diálogos das personagens.
  - d) Novelas, crônicas, romances e contos são espécies literárias de caráter narrativo.
  - e) O discurso literário é considerado dramático quanto permite, em princípio, ser representado.
2. (PRISE/UEPA – adaptado) Assinale a alternativa que indica corretamente os gêneros literários dos textos relacionados a seguir, na sequência em que estão dispostos:

I

Estavam esperando o bonde e fazia muito calor. Veio um bonde, mas tão cheio, com tanta gente pendurada nos estribos que ela apenas deu um passo à frente, ele esboçou com o braço o gesto de quem vai pegar um balaústre — e desistiram.

(BRAGA, Rubem)

II

No retrato que me faço  
— traço a traço —  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...  
às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais lembrança...  
ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão

(QUINTANA, Mário)

III

“Copiosa multidão da nau francesa  
Corre a ver o espetáculo assombrada  
E ignorando a ocasião da estranha empresa  
Pasma da turba feminil que nada.

Uma que às mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bela do que irada;  
Era Moema, que de inveja geme,  
E já vizinha à nau se apegava ao leme.”

(DURÃO, Santa Rita. *O caramuru.*)

#### IV

**João Grilo:** O que é que há, rapaz?

**Chicó:** Coitado de mim, coitado do pobre de João! Era rico nesse instante e agora é pobre de novo!

**João Grilo:** Não me diga que perdeu o dinheiro!

**Chicó:** Perdi nada, está aqui! Ai, meu Deus, ai, minha Nossa Senhora!

**João Grilo:** E por que essa gritaria, homem de Deus?

**Chicó:** Eu pensei que você tinha morrido, João!

**João Grilo:** E o que é que tem isso?

**Chicó:** Tem que eu, pensando que não tinha mais jeito, fiz uma promessa a Nossa Senhora para dar todo o dinheiro a ela, se você escapasse!

(SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida.*)

- a) Narrativo, épico, lírico, dramático.
- b) Dramático, lírico, épico, narrativo.
- c) Narrativo, lírico, épico, dramático.
- d) Dramático, épico, narrativo, lírico.
- e) Épico, dramático, narrativo, lírico.

(Unifesp) Leia o poema de Manuel Bandeira para responder às questões de números 3 a 6.

#### Versos de Natal

Espelho, amigo verdadeiro,  
Tu refletas as minhas rugas,  
Os meus cabelos brancos,  
Os meus olhos míopes e cansados.  
Espelho, amigo verdadeiro,  
Mestre do realismo exato e minucioso,  
Obrigado, obrigado!

Mas se fosses mágico,  
Penetrarias até ao fundo desse homem triste,  
Descobririas o menino que sustenta esse homem,

O menino que não quer morrer,  
Que não morrerá senão comigo,  
O menino que todos os anos na véspera do Natal  
Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta.

**3. Para o poeta, o espelho é um amigo verdadeiro porque:**

- a) não permite que ele sofra, atrelando-o à realidade em que vive.
- b) aguça seus sentidos, incentivando-o aos devaneios, como uma criança.
- c) perpetua a crença de que a imaginação nunca se acaba.
- d) mostra a realidade, desnudando-lhe as faces da velhice.
- e) denuncia o estado decrépito em que está, mas cria-lhe a fantasia da felicidade.

**4. No poema, a metáfora do espelho é um caminho para a reflexão sobre:**

- a) a velhice do poeta, revelada por seu mundo interior, triste e apático.
- b) a magia do Natal e as expectativas do presente, maiores ainda na velhice.
- c) o encanto do Natal, vivido pelo homem-menino, que a tudo assiste sem emoção.
- d) a alegria que ronda o poeta, fruto dos sonhos e da esperança contidos no homem e ausentes no menino.
- e) as limitações impostas pelo mundo externo ao homem e os anseios e sonhos vivos no menino.

**5. O fato de o poeta reconhecer em si a existência do menino indica que:**

- a) há toda uma fragilidade envolvendo-o, já que se sente um homem triste, ao qual não cabe mais nada, senão esperar a morte.
- b) tem consciência de uma força pra viver, pois o menino se define como sua base e lhe permite romper com a realidade que o circunda.
- c) se ajusta placidamente à velhice presente, à qual o amigo espelho insiste em mostrar-lhe, de forma degradante e revestida de tristeza.
- d) vive como uma criança, sempre alegre e sonhador, totalmente alheio ao mundo real de que faz parte.
- e) contesta o mundo em que vive, idealizado e opressor, que reflete os seus cabelos brancos e a tristeza que sente.

**6. No poema, o poeta contesta o senso comum, isto é, a ideia de que:**

- a) as pessoas, na velhice, esperam pelos presentes de Natal. Para ele, os presentes são direitos apenas das crianças.

- b) os idosos sabem reconhecer a força exercida neles pelo tempo. Para ele, essas pessoas deixam a realidade e vivem num mundo distante e cheio de fantasias.
- c) o menino morre com a chegada da vida adulta. Para ele, o menino está atrelado a ele até o fim, portanto vivo por toda a vida.
- d) a chegada da velhice faz com que as pessoas voltem a ser crianças. Para ele, os idosos são perspicazes e enxergam a realidade de forma crítica e consciente.
- e) o Natal é uma época de alegria e de união entre as pessoas. Para ele, a ocasião vale pelos presentes e não pelos sonhos e sentimentos.

**7. (UEL-PR) Leia o texto a seguir:**

Os Direitos Humanos têm um pressuposto que é o de reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também para o próximo. Reconhecer esse postulado nos leva a outras dificuldades: definir quais bens materiais e simbólicos são indispensáveis a nós e aos outros, ou ainda, a todos os seres humanos [...]. A distinção entre “bens compreensíveis”, como os cosméticos, os enfeites, roupas extras, e bens incompreensíveis, como o alimento, a casa, a roupa, não é suficiente para criarmos critérios sobre os quais direitos são essenciais. Poderíamos ampliar o entendimento dos bens incompreensíveis que não seriam apenas aqueles que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas também os que garantem a integridade espiritual. Desse modo, seriam bens incompreensíveis a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão, e, também, o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.

(CANDIDO, A. *Direitos humanos e literatura*)

Com base no texto, assinale a alternativa em que os versos apresentam clara correspondência com a temática:

- a) Vamos comer/vamos comer feijão/vamos comer/vamos comer farinha se tiver/se não tiver então ô ô ô ô.

(Caetano Veloso. “Vamo” comer)

- b) Bebida é água./Comida é pasto./Você tem sede de quê?/Você tem fome de quê?/A gente não quer só comida,/A gente quer saída para qualquer parte./A gente não quer só comida,/A gente quer bebida, diversão, balé.

(Arnaldo Antunes; Marcelo Fromer; Sérgio Britto. *Comida*.)

- c) Fome do cão, fome do cão, fome do cão, fome do cão/O ronco da Lara é da fome do cão/o ronco do bucho é da fome do cão/Fome do cão, fome do cão, fome do cão.

(Raimundos. Rumbora e Rodolfo Abrantes. *Fome de cão.*)

- d) Trem sujo da Leopoldina/Correndo, correndo/Parece dizer/Tem gente com fome/Tem gente com fome/tem gente com fome.

(João Ricardo Solano Trindade. *Tem gente com fome.*)

- e) Ummmm que fome/Tô com uma fome de leão/Come, come/Vô fazer uma refeição/Come, come /ou detonar o macarrão/Come, come Batata, vagem, macarrão/Come, come/Batata. Vagem, agrião.

(Jairzinho Oliveira. *Comer me faz crescer.*)

## 8. (Enem)



Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil  
Antonio Rocco, *Os Emigrantes*, ca. 1910,  
óleo sobre tela, c.i.d. 202 x 231 cm.

Um dia os imigrantes aglomerados na amurada da proa chegavam à fedentina quente de um porto, num silêncio de mato e de febre amarela. Santos — É aqui! Buenos Aires é aqui! — Tinham trocado o rótulo das bagagens, desciam em fila. Faziam suas necessidades nos trens dos animais onde iam. Jogavam-nos num pavilhão comum em São Paulo. — Buenos Aires é aqui! — Amontoados com trouxas, sanfonas e baús, num carro de bois, que pretos guiavam através do mato por estradas esburacadas. Chegavam uma tarde nas senzalas donde acabava de sair o braço escravo. Formavam militarmente nas madrugadas do terreiro homens e mulheres, ante feitores de espingarda ao ombro.

(Oswald de Andrade. *Marco zero II-Chão.*)

Levando-se em consideração o texto de Oswald de Andrade e a pintura de Antonio Rocco, reproduzida na página anterior, relativos à imigração europeia para o Brasil, é correto afirmar que:

- a) A visão da imigração presente na pintura é trágica e, no texto, otimista.
- b) A pintura confirma a visão do texto quanto à imigração de argentinos para o Brasil.
- c) Os dois autores retratam dificuldades dos imigrantes na chegada ao Brasil.
- d) Antonio Rocco retrata de forma otimista a imigração, destacando o pioneirismo do imigrante.
- e) Oswald de Andrade mostra que a condição de vida do imigrante era melhor que a dos extraditados.

**9. (Fuvest) Leia o texto:**

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não nos seria revelado por mim se não julgasse e razões não tivesse para julgar que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprezares, a lei e a política, mas porque nos une, nivela e agremia o amor e a rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, com a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor à rua.

(RIO, João do. *A alma encantadora das ruas.*)

No texto, observa-se que o narrador se:

- a) equipara ao leitor, por meio de sentimentos diversos, como o amor, o ódio e o egoísmo.
- b) distancia do leitor, porque o amor à rua, assim como o ódio e o egoísmo, é passageiro.
- c) identifica com o leitor, por meio de sentimento perene, que é o amor à rua.
- d) aproxima do leitor, por meio de sentimentos duradouros, como o amor à rua e o ódio à polícia.
- e) afasta do leitor, porque, ao contrário deste, valoriza coisas fúteis.

10. (Fuvest) Observe a charge para responder à questão:

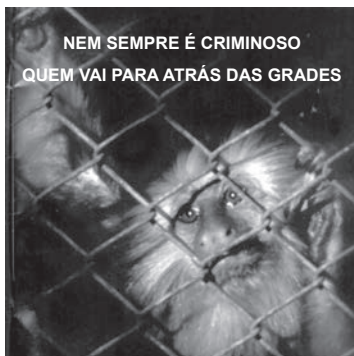


Glauco. *Folha de S. Paulo*, 30/05/08.

A crítica contida na charge visa, principalmente, ao:

- a) ato de reivindicar a posse de um bem, o qual, no entanto, já pertence ao Brasil.
- b) desejo obsessivo de conservação da natureza brasileira.
- c) lançamento da campanha de preservação da floresta amazônica.
- d) uso de *slogan* semelhante ao da campanha “O petróleo é nosso”.
- e) descompasso entre a reivindicação de posse e o tratamento dado à floresta.

11. (Enem) A figura abaixo é parte de uma campanha publicitária:



*Com Ciência Ambiental*, nº 10, abril/2007.



Essa campanha publicitária relaciona-se diretamente com a seguinte afirmativa:

- a) O comércio ilícito da fauna silvestre, atividade de grande impacto, é uma ameaça para a biodiversidade nacional.
- b) A manutenção do mico-leão-dourado em jaula é a medida que garante a preservação dessa espécie animal.
- c) O Brasil, primeiro país a eliminar o tráfico do mico-leão-dourado, garantiu a preservação dessa espécie.
- d) O aumento da biodiversidade em outros países depende do comércio ilegal da fauna silvestre brasileira.
- e) O tráfico de animais silvestres é benéfico para a preservação das espécies, pois lhes garante a sobrevivência.

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

(Fuvest)

“Em primeiro lugar [...], pode-se realmente ‘viver a vida’ sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda.

[...]

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável.”

(Cícero, *Da amizade*.)

“Aprecio no mais alto grau a resposta daquele soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocava por um reino: ‘Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo’. E estava certo ao dizer se, pois se encontramos facilmente homens aptos a

travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reserva. Nesse caso, é preciso que tudo — límpido e ofereça completa segurança.”

(Montaigne. *Da amizade*. Adaptado.)

“Amigo é coisa pra se guardar,  
Debaixo de sete chaves,  
Dentro do coração  
Assim falava a canção  
Que na América ouvi...  
Mas quem cantava chorou,  
Ao ver seu amigo partir...  
Mas quem ficou,  
No pensamento voou,  
Com seu canto que o outro lembrou.”  
[...]

(Fernando Brant; Milton Nascimento. *Canção da América*.)

“Eu sei que a poesia está para prosa  
Assim como o amor está para a amizade.  
E quem há de negar que esta lhe é superior?”  
[...]

(Caetano Veloso. *Língua*.)

### Instrução:

A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antiguidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as ideias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA (texto organizado em parágrafos), argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.



# 3

## Coerência e Coesão Textuais

Certamente, nos processos de comunicação do dia a dia, você já ouviu o seguinte comentário: “o que está dizendo é incoerente” ou “suas ideias não têm nenhuma coerência”. Então você tenta se explicar melhor, dizer certas frases de um modo diferente, para que seu interlocutor consiga entendê-lo e, assim, aceitar seus pontos de vista, ou pelo menos encontrar uma lógica no que diz.

Há diversos conceitos de teóricos de linguagem sobre coerência textual, mas, segundo os próprios estudiosos, nenhum deles é capaz de apresentar todos os aspectos que possam definir o termo de um modo completo. Vejamos a seguinte definição: “é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista como um princípio de inteligibilidade do texto. [...] A **coerência** seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação” (KOCH, Ingedore. p. 11-2). Podemos acrescentar que dar coerência a um texto é tratar da **organização lógica das ideias**, promover um encadeamento uniforme de fatos ou argumentos, para criar uma mensagem de sentido claro, sem contradições ou impropriedades.

É comum encontrarmos, nos estudos de língua portuguesa, o termo coerência associado à coesão textual. Por exemplo, você pode se deparar com uma proposta de vestibular que solicite: “Escreva um texto dissertativo em prosa, coeso e coerente”. Pode-se dizer que a **coesão** textual é o processo de **combinação sintática das palavras**, de modo que o texto tenha uma **unidade lógico-gramatical**. Significa empregarmos elementos gramaticais, como pronomes, conjunções, substantivos e termos sinônimos, de modo adequado a proporcionar uma interligação harmônica entre termos e orações.

Segundo Koch, “a coesão é explicitamente revelada através das marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto. É nitidamente sintática e gramatical, mas também semântica” (KOCH, Ingedore. p.13), uma vez que interfere nas relações de sentido, portanto entrelaçada à coerência.

Pode-se verificar que, em um texto, pode existir coerência sem haver coesão; ou o contrário, o texto pode possuir coesão, sem haver coerência. O ideal é que ambas estejam combinadas, o que garantirá a harmonia na exposição dos pensamentos. Compare os textos a seguir:

### Circuito fechado

“Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, pincel, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para o cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó.”

(RAMOS, Ricardo. *Circuito fechado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978. p. 14.)

Este exemplo é um fragmento de texto desenvolvido sem os elementos coesivos. Os substantivos foram dispostos seguidamente, sem empregar-se nenhuma palavra conectora, que estabeleça ligações entre as partes, apenas separadas por sinais de pontuação; não há verbos, portanto não existem orações; não há pronomes para resgatar termos já mencionados, não há interligação entre os mesmos. No entanto, **há coerência, há produção de uma mensagem de sentido completo**, pela simples disposição dos substantivos, organizados de modo a sugerir o início de um dia na rotina de um executivo, publicitário. Trata-se de um texto criativo, que intencionalmente retirou os marcadores de coesão para chamar a atenção do leitor. Observe agora um trecho do mesmo texto, modificado:

**Assim que** acordei, peguei os chinelos, coloquei-os no vaso **e** puxei a descarga. Na pia, estava o sabonete, **que** misturei com

um pouco de água e bebi. **Quando** encontrei a escova, notei **que** não havia creme dental, **e assim** usei creme de barbear. **Ao invés de** água fria, escovei os dentes com água quente. **Como** não tinha cueca, camisa, abotoaduras, coloquei apenas calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Apanhei minha carteira, **onde** guardei níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos **e até** o jornal. Na mesa, não havia xícara nem pires; tomei meu café no bule, **e** limpei a boca com guardanapo **que lá** estava. Guardei minha pasta executiva, ajeitei-me no carro da vizinha **e** saí.

**Agora existe coesão; há organização sintática do texto:** todos os verbos organizados em tempos do pretérito, para indicar fatos já ocorridos. O sujeito da oração é explícito uma só vez, depois fica oculto na flexão verbal, para evitar repetições; as pausas estão devidamente assinaladas pelos sinais de pontuação e as orações estão interligadas por meio de conectores apropriados, destacados em negrito. No entanto, falta coerência, não existe um encadeamento lógico de ideias; há ações absurdas, incompatíveis com a realidade.

Para organizar bem um texto, portanto, de modo que ele tenha sentido para o interlocutor, é preciso tomar certos cuidados, respeitando mecanismos de coesão e fatores de coerência textual.

Observe agora o trecho inicial do texto, com novas alterações:

O despertador toca. Levanto sonolento, calço meus chinelos, ainda com a luz do quarto apagada. Dirijo-me ao banheiro. Utilizo o vaso e automaticamente meus dedos procuram a descarga. Na pia, está o meu sabonete preferido. Lavo o rosto com água abundante. O creme dental já está na escova, sinal da passagem de minha esposa. É seu recado de bom dia, a cada manhã. Tomo o pincel, a espuma de barbear e procuro o aparelho de gilete, que está na primeira gaveta do armário. Volto ao meu quarto e abro a cortina, para entrar a claridade. Tomo o sabonete e vou até o chuveiro, para tomar um jato de água fria. Em seguida, ligo a torneira de água quente e tomo meu demorado banho, para relaxar, pois o dia será longo.

Agora, nota-se um texto organizado nos dois planos: há coesão, ou seja, existe organização sintática e seleção vocabular adequada, e também há coerência textual, as ideias organizam-se com lógica, há progressão de fatos em ordem cronológica, transmite-se uma mensagem com sentido claro para o leitor.

**Lembre-se:**

**Coerência textual:** organização do plano das ideias de um texto (plano semântico), de modo que ele tenha uma progressão lógica de argumentos e seja inteligível.

**Coesão textual:** organização do plano sintático, seleção e organização das palavras para compor a tessitura do texto; contribui com o plano semântico.

## **Mecanismos de coesão textual**

Leia o texto a seguir e observe os elementos de coesão utilizados:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. [...]

A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

[...]

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores.

(RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 62. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 9-10.)

**I – Referências:** são os pronomes pessoais, demonstrativos e relativos empregados para fazer referências a substantivos já mencionados, também chamados **termos anafóricos**, que evitam repetição de palavras no texto.

Exemplo: “Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. [...]”

Nas duas primeiras ocorrências, o pronome “se” resgata o substantivo “juazeiros” e, nas demais, “menino mais velho”. O pronome “lhe” também retoma o substantivo menino.

Podemos ainda considerar como **referências** os termos denominados **catafóricos**: substantivos, pronomes ou adjetivos que antecipam nomes ou ideias a serem esclarecidos com detalhes posteriormente. Por exemplo, no texto apresentado, a passagem “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro” utiliza o termo em destaque para só depois esclarecer quem são: Fabiano, sinhá Vitória, menino mais velho e cachorra Baleia. Esse é um recurso



comum em textos narrativos e tem a função de despertar a curiosidade do leitor.

**II – Expansão lexical:** quando são utilizados termos sinônimos ou substantivos genéricos no lugar de substantivos próprios; desse modo também se evitam repetições que deixariam o texto monótono, cansativo. Note, como exemplo, a parte final do texto: “Pelo espírito atribulado do **sertanejo** passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado”. O termo “sertanejo” substitui o nome da personagem, que já fora mencionado: “Fabiano”.

**III – Elipse:** consiste em deixar substantivos, verbos ou até mesmo frases implícitos, subentendidos. Veja o exemplo: “Ordinariamente **andavam** pouco, mas como **havam repousado** bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que **procuravam** uma sombra”. Nesse caso, bastam os verbos em terceira pessoa do plural para sugerir que se trata da família de retirantes.

**IV – Conectivos:** estes têm grande importância para interligar palavras e orações. São as conjunções e preposições, que devem ser cuidadosamente empregadas para não comprometerem as relações de sentido. Se, no lugar de uma conjunção “e”, que tem valor aditivo, emprega-se a conjunção “mas”, com valor adversativo, interfere-se no sentido do texto.

Veja a passagem: “Ordinariamente andavam pouco, **mas** como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas”. A conjunção “mas” é o termo adequado para estabelecer a relação de adversidade, oposição entre as orações. Se no lugar da conjunção “mas” o autor tivesse colocado a conjunção “portanto”, com efeito conclusivo, o texto ficaria com sentido comprometido, pois o ato de andar pouco não pode ter como consequência o repouso no rio seco. Por isso é muito importante fazer a escolha adequada das conjunções, que são fatores determinantes de coesão textual.

## Fatores de coerência textual

São vários os fatores de coerência textual; nem sempre os elementos que dão coerência ao texto dissertativo (argumentativo, que defende pontos de vista sobre um tema) são os mesmos que promovem a coerência em um texto narrativo (que conta uma história). Por isso apresentaremos os conceitos e os ilustraremos com fragmentos narrativos ou dissertativos.

### Coerências externa e interna

Pode-se verificar a coerência de um texto sob ângulos diferentes:

**Coerência externa** é a adequação entre os argumentos ou fatos de um texto com os dados da realidade que envolve o enunciador — a verdade científica, os fatos históricos mencionados ou mesmo um movimento artístico citado.

**Coerência interna** consiste na progressão lógica e ordenada dos fatos ou dos argumentos expostos, ou seja, não há contradição entre os enunciados do texto, bem como na fundamentação consistente dos pontos de vista apresentados.

#### Fatores de coerência interna

**I – Coerência de linguagem:** é a escolha da variante linguística adequada ao gênero de texto que se produz. A variante são as possibilidades de uso de determinada língua, que pode ser o informal, com expressões coloquiais, até o formal ou padrão, que segue as regras estabelecidas pela gramática normativa. Não é admissível, por exemplo, escrever uma carta a um político com o uso de gírias e desrespeito às regras gramaticais.

Veja o exemplo:

“Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia: e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali passava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício: porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim:

— Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, que roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres”.

(VIEIRA, Antonio. Sermão do bom ladrão. *Sermões*. Adaptado por Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Editora das Américas, 1957. p. 113. v. V.)

No texto anterior, verifica-se coerência de linguagem, não só pelo uso da língua culta ou padrão empregado pelo narrador, ao reproduzir uma passagem com fundo histórico, mas também pelo fato de a personagem pirata empregar a mesma variante, já que se dirige a um imperador, havendo uma situação de formalidade que exige o uso da língua formal.

**II – Coerência narrativa:** todas as etapas do desenrolar de uma narrativa devem ter um encadeamento lógico, sem permitir contradições ou mudanças radicais. Observe, como exemplo, a apresentação de objetos pertencentes a Fernando Seixas, protagonista do romance *Senhora*, de José de Alencar:

“Assim no recosto de uma das velhas cadeiras de jacarandá via-se neste momento uma casaca preta, que pela fazenda superior, mas sobretudo pelo corte elegante e esmero do trabalho, conhecia-se ter o chique da casa do Raunier, que já era naquele tempo o alfaiate da moda.

Ao lado da casaca estava o resto de um traje de baile, que todo ele saíra daquela mesma tesoura em voga; finíssimo chapéu claque do melhor fabricante de Paris; luvas de Jouvin cor de palha; e um par de botinas como o Campas só fazia para seus fregueses prediletos.

Sobre um dos aparadores tinham posto uma caixa de charutos de Havana, da marca mais estimada que então havia no mercado”.

(ALENCAR, José de. *Senhora*. Disponível em [www.dominiopublico.gov.br/](http://www.dominiopublico.gov.br/).)

Os trajes descritos contribuem para construir a figura de um jovem frequentador dos bailes da corte, embora ele não pertença à elite. Assim, a narrativa vai criando o perfil de um homem vaidoso, preocupado com a aparência, interessado em ingressar na alta sociedade. Quando esse jovem aceita casar-se em troca de um dote milionário sem nem mesmo conhecer a noiva, o leitor não se surpreende, pois é uma atitude coerente com o tipo humano construído pelo narrador, desde as primeiras páginas do livro.

**III – Coerência de figuras:** ao construir uma narrativa, deve haver preocupação em adequar trajes, ambientes e tempo. Reconstituir um cenário do século XIX é totalmente diferente de descrever um outro para uma história contemporânea, assim como ambientar uma história de suspense é o oposto à de um conto de fadas.

Veja o exemplo a seguir:

“Eu tinha plena certeza de que fora convidada para um baile de gala, pois o convite especificava o traje a rigor. Na chegada ao salão, meus olhos curiosos e atentos observavam a mesa do jantar: uma longa toalha plástica e copos descartáveis empilhados em um canto. Pratos e talheres de plástico ocupavam o centro da mesa e, espalhadas por todo o comprimento, as terrinas de barro com a suculenta feijoada”.

Aqui, nota-se incoerência ao ambientar o local onde se passaria um baile de gala: talheres e pratos descartáveis, toalha plástica e cardápio não são condizentes com a situação formal.

**IV – Coerência argumentativa:** deve haver uma progressão ordenada de ideias ao longo dos parágrafos de um texto, de modo que não haja contradições. Além disso, os dados concretos que ilustram uma tese devem ser pertinentes. Por exemplo, usar citações de autores renomados para ilustrar um pensamento pode ser um bom recurso argumentativo, desde que se tenha certeza da autoria. Veja o exemplo a seguir:

“Sem dúvida, a beleza tem grande importância na vida da mulher contemporânea, como bem disse o poeta Carlos Drummond de Andrade: ‘As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental’”.

Aqui há um exemplo claro de incoerência argumentativa, pois a frase citada não é do autor referido, mas do poeta Vinicius de Moraes. Quando não se tem a certeza sobre um dado estatístico, um fato histórico ou uma citação, não se deve utilizar a informação, pois o texto com incoerências perde a força argumentativa e a credibilidade diante do leitor.

Pode-se também acrescentar como elementos que geram coerência argumentativa dois outros fatores: a **consistência** e a **relevância**. Veja:

A condição de consistência exige que cada enunciado de um texto seja consistente com os enunciados anteriores, isto é, que todos os enunciados do texto possam ser verdadeiros (isto é, não contraditórios) dentro de um mesmo mundo ou dentro dos mundos representados no texto. O requisito da relevância exige que o conjunto de enunciados que compõem o texto seja relevante para um mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema (KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001).

Assim a “consistência” é a fundamentação lógica das ideias e a “relevância” é a seleção de enunciados de real importância, que contribuem para fundamentar a tecitura do texto.

### **Fatores de coerência externa**

**Conhecimento de mundo:** a quantidade de conhecimentos que trazemos acumulados é um fator preponderante para que um texto tenha coerência. Esse conhecimento é resultado das experiências acumuladas nas vivências diárias e nas buscas de informações que nos interessam, incluindo as leituras que fazemos. Por exemplo, para alguém que não entende nada sobre mecânica de automóveis, é inútil ler os artigos de uma revista especializada em carros

de competição, assim como é bem provável que um jovem não consiga entender um sermão do padre Antônio Vieira, escritor do século XVII, sem esclarecimentos de um professor.

**Conhecimento partilhado:** são as informações em comum entre o produtor e o receptor de um texto. Para facilitar esse fator de coerência, os vestibulares têm fornecido coletâneas longas de texto, que funcionam como ponto de partida, oferecendo conhecimento prévio, tanto para quem produz como para quem corrige o texto sobre determinado tema.

**Informatividade:** é o que confere profundidade argumentativa a um texto. Se este apresentar apenas informações superficiais ou que já são do conhecimento comum do leitor, seu grau de informatividade pode ser nulo, ou seja, não acrescenta nenhum conhecimento à vida do leitor, mas, em outro extremo, se apresentar informações totalmente desconhecidas, poderá ser completamente ininteligível.

Vejamos o fragmento a seguir:

Com a confirmação da transmissão sustentada da gripe A (H1N1), a população brasileira deve “parar de pensar que o perigo é no exterior e passar a tomar medidas de proteção”, afirmou Jarbas Barbosa, gerente da área em Vigilância e Saúde e Gestão de Doenças da Opas (braço da OMS na América).

A não ser que a pessoa esteja gripada, não é preciso evitar locais de aglomeração e usar máscara. Outras iniciativas, porém, devem ser tomadas: lavar as mãos com frequência, cobrir a boca ao tossir ou espirrar com lenço descartável.

(Folha de S.Paulo, 17 jul. 2009. Cotidiano.)

Pode-se considerar esse trecho da reportagem com um bom grau de informatividade; pois, embora a sociedade venha sendo esclarecida sobre esta nova epidemia de gripe, há informações novas sobre maneiras de prevenção para boa parte da população.

**Intertextualidade:** ao elaborar um texto, pode-se trazer informações de outro, seja para questionar ou para fundamentar melhor as ideias, sendo também um importante fator de coerência. No entanto, é preciso que o leitor esteja habilitado para notar o diálogo com outro texto, caso contrário, informações importantes passarão despercebidas ou não farão sentido.

Leia o texto abaixo, para comprovar intertextualidade:

### Uma ponta de lago

A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

— Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela.

(ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1976. p. 85.)

Observe o título deste capítulo de *Dom Casmurro*. **lago** é uma personagem da peça *Otelo*, de Willian Shakespeare. Machado de Assis cita o nome da personagem e não faz nenhuma menção ao texto original do dramaturgo inglês ao longo do capítulo. O leitor que conhece a peça sabe que lago foi o tenente responsável por insuflar o ciúme e a desconfiança do general Otelo, que matou a inocente e bela esposa, Desdêmona. Esse fato estabelece relações com o do capítulo descrito pelo escritor brasileiro, em que a personagem José Dias que calunia Capitu desempenha o papel equivalente ao de lago. Para o leitor que desconhece a peça, o título parece incoerente, porém para o leitor que a conhece, é possível reconhecer a relação intertextual e entendê-la como uma pista que o autor nos dá de que Bentinho é vítima da influência de José Dias, despertando-lhe ciúme de Capitu.

Por causa da recorrente presença da **intertextualidade** em questões de vestibulares, o assunto será tratado individualmente no capítulo 12 deste Manual.

## Dicas para escrever melhor

### Verbo fazer – Modo impessoal

**Qual é o certo:** **Faz** dez anos que moro aqui ou **fazem** dez anos que moro aqui?

Esta é uma regra de concordância do verbo “fazer”. Quando este é empregado nas ocorrências temporais, deve-se manter no singular.

Assim, o correto é: **Faz** dez anos que moro aqui.

Se o verbo fazer indicando tempo aparece em locução verbal, o verbo auxiliar mantém-se no singular: **Deve** fazer dez anos que moro aqui.

**Lembre-se:** ocorrências temporais não são apenas aquelas que indicam momento decorrido, mas também temperatura.

Exemplo: **Faz** invernos rigorosos na Europa.

Quando o verbo em questão indica **comemorar** ou **executar ação**, ele deve concordar com o sujeito da frase, podendo ficar no singular ou no plural.

Exemplos: **Os gêmeos** de minha amiga **fazem** aniversário hoje. **Eles fizeram** o trabalho com perfeição.





Lista de conjunções, que são importantes marcadores de coesão textual.

#### CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

**Aditivas:** e, nem, não só... mas também, mais ainda.

**Explicativas:** que (= porque), porque, pois (= porque), porquanto.

**Alternativas:** ou, ora, ou... ou, ora... ora, quer... quer, já... já, seja... seja.

**Adversativas:** mas, porém, todavia, no entanto, contudo, entretanto.

**Conclusivas:** pois (= logo), portanto, logo, assim, desse modo, por conseguinte.

#### CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

**Causais :** como (= porque), porque, porquanto, já que, visto que.

**Condicionais:** se, caso, desde que, contanto que, visto como.

**Conformativas:** como (= conforme), conforme, segundo, consoante.

**Comparativas:** como (= relação de igualdade), mais que, menos que, tão quanto, tanto quanto.

**Consecutivas :** tão... que, tanto... que, de modo que.

**Concessivas:** embora, ainda que, mesmo que, se bem que.

**Finais:** a fim de que, para que.

**Proporcionais:** à medida que, para que.

**Temporais:** quando, enquanto, já que, no momento em que, depois que, antes que, assim que.

### Questões dissertativas

(UFSCar – Adaptado) Leia os três textos a seguir para responder às questões de números 1 a 3.

#### Texto 1

Navegar é preciso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito desta frase,

Transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida: nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,

Ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica de meu sangue

O propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir

Para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tornou o misticismo da nossa raça.

(Fernando Pessoa. *Navegar é preciso*, <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>.)

#### Texto 2

Eu penso por meio de metáforas. Minhas ideias nascem da poesia.

Descobri que o que penso sobre a educação está resumido num verso célebre de Fernando Pessoa: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Navegação é ciência, conhecimento rigoroso. Para navegar, barcos são necessários. Barcos se fazem com ciência, física, números, técnica. A navegação, ela mesma, faz-se com ciência: mapas, bússolas, coordenadas, meteorologia. Para a ciência da navegação, é necessária a inteligência instrumental, que decifra o segredo dos meios. Barcos, remos, velas e bússolas são meios.

Já o viver não é coisa precisa. Nunca se sabe ao certo. A vida não se faz com ciência. Faz-se com sapiência. É possível ter a ciência da construção de barcos e, ao mesmo tempo, o terror de navegar. A ciência da navegação não nos dá o fascínio dos mares e os sonhos de portos onde chegar. Conheço um erudito que tudo sabe sobre filosofia, sem que a filosofia tenha jamais tocado a sua pele. A arte de viver não se faz com a inteligência instrumental. Ela se faz com a inteligência amorosa.  
(Rubem Alves. *Por uma educação romântica*, p. 112-3.)

### Texto 3

“Sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão.”

(Guimarães Rosa. Epígrafe do conto *A hora e a vez* de Augusto Matraga. *Sagarana*, p. 279.)

1. Relacione os dois primeiros textos entre si. Ambos utilizam a frase: “Navegar é preciso, viver não é preciso”, que é a tradução da frase latina: “*Navigare necesse, vivere no est necesse*”.  
Explique a diferença do uso dessa frase nesses dois textos.  
Em que sentido Guimarães Rosa emprega o substantivo *percisão* (= *precisão*) no texto 3? Construa uma frase com o substantivo *precisão*, dando a ele um sentido diferente do que aparece na frase de Guimarães Rosa.
2. Saint-Exupéry, um famoso escritor francês, é autor do seguinte aforismo: “Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não lhes dê tarefas e trabalho. Fale antes a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar”.
  - a) A que frase do texto de Rubem Alves você ligaria esse aforismo? Explique por quê.
  - b) Diz Rubem Alves em seu texto: “A vida não se faz com ciência. Faz-se com sapiência”. Explique a diferença entre ciência e sapiência nesse contexto.
3. Uma outra frase famosa de Fernando Pessoa (“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”) encontra-se no trecho a seguir, retirado do poema “*Mar português*”, pertencente ao livro *Mensagem*:

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa. *Obra poética*, p. 82.)

- a) De que trata essa obra de Fernando Pessoa?
- b) Explique o sentido de *pequena*, no segundo verso.

**4. (Fuvest)**

Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem, não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.

(Marcelo Leite, *Folha de S.Paulo*.)

Reescreva o trecho “Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo”, iniciando-o com “Embora os jornalistas...”.

No trecho: “Quando o fazem, não é decerto com a ênfase [...]”, a que ideia se refere o termo grifado?

**5. (Fuvest)**

Atribuir ao doente a culpa dos males que o afligem é procedimento tradicional na história da humanidade. A obesidade não foge à regra. Na Idade Média, a sociedade considerava a hanseníase um castigo de Deus para punir os ímpios. No século 19, quando proliferaram os aglomerados urbanos e a tuberculose adquiriu características epidêmicas, dizia-se que a enfermidade acometia pessoas enfraquecidas pela vida devassa que levavam. Com a epidemia de Aids, a mesma história: apenas os promíscuos adquiririam o HIV. Coube à ciência demonstrar que são bactérias os agentes causadores de tuberculose e da hanseníase, que a Aids é transmitida por um vírus e que esses micro-organismos são alheios às virtudes e fraquezas humanas: infectam crianças, mulheres ou homens, não para puni-los ou vê-los sofrer, mas porque pretendem crescer e multiplicar-se como todos os seres vivos. Tanto se lhes dá se o organismo que lhes oferece condições de sobrevivência pertence à vestal ou ao pecador contumaz. [...]

(Dráuzio Varella, *Folha de S.Paulo*, 12 nov. 2005.)

Crie uma frase com a palavra “obesidade” que possa ser acrescentada ao final do segundo parágrafo, sem quebra de coerência.

Fazendo as adaptações necessárias e respeitando a equivalência de sentido que a expressão “Tanto se lhes dá [...]” tem no texto, proponha uma frase, substituindo o pronome *lhes* pelo seu referente.

## Questões-testes

### 1. (Fuvest)

No início do século XVI, Maquiavel escreveu *O Príncipe* — uma célebre análise do poder político, apresentada sob a forma de lições, dirigidas ao príncipe Lorenzo de Médicis. Assim justificou Maquiavel o caráter professoral do texto:

“Não quero que se reputa presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado discorrer e regular sobre o governo dos príncipes: pois assim como os cartógrafos que desenhavam os contornos dos países se colocam na planície para considerar a natureza dos montes e, para considerar a das planícies ascendem aos montes, assim também, para conhecer bem a natureza dos povos, é necessário ser príncipe e, para conhecer a dos príncipes, é necessário ser do povo”.

(Tradução de Lívio Xavier, adaptada)

Ao justificar a autoridade com que pretende ensinar um príncipe a governar, Maquiavel compara sua missão à de um cartógrafo para demonstrar que:

- o poder político deve ser analisado tanto do ponto de vista de quem exerce quanto de quem a ele está submetido.
- é necessário e vantajoso que tanto o príncipe como o súdito exerçam alternadamente a autoridade do governante.
- um pensador, ao contrário do que ocorre com um cartógrafo, não precisa mudar de perspectiva para situar posições complementares.
- as formas do poder político variam, conforme sejam exercidas por representantes do povo ou por membros da aristocracia.
- tanto o governante como o governado, para bem compreenderem o exercício do poder, devem restringir-se a seus respectivos papéis.

### 2. (Fuvest) Está redigido com clareza, coerência e correção o seguinte comentário sobre o texto:

- Temendo ser qualificado de presunçoso, Maquiavel achou por bem defrontar sua autoridade intelectual, tipo um cartógrafo habilitado a desenhar os contrastes de uma região.

- b) Maquiavel, embora se identificando como um homem de baixo estado, não deixou de justificar sua autoridade diante do príncipe, em cujos ensinamentos lhe poderiam ser de grande valia.
- c) Manifestando uma compreensão dialética das relações de poder, Maquiavel não hesita em ministrar ao príncipe, já ao justificar o livro, uma objetiva lição de política.
- d) Maquiavel parece advertir os poderosos de que não se menosprezem as lições de que sabe tanto analisar quanto ensinar o comportamento de quem mantenha relações de poder.
- e) Maquiavel, apesar de jamais ter sido um governante, em seu livro tão perspicaz, soube se investir nesta função, e assim justificar-se diante de um príncipe autêntico.

Texto para as questões 3 e 4:

“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para conhecer o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos e simplesmente ir ver”.

(Amyr Klink, *Mar sem fim*.)

### 3. (Fuvest)

A repetição de “precisa viajar” acentua, no contexto, o valor daquelas experiências que:

- a) se traduzem na exploração de nossa plena capacidade imaginativa.
- b) concretizam o aprendizado das diferenças que formam a identidade pessoal.
- c) ratificam a convicção de quem julga conhecer o que apenas imaginou.
- d) acabam comprovando a importância de se viver tudo o que se planejou.
- e) reforçam a simplicidade do prazer de um cotidiano sem surpresas.

### 4. (Fuvest) Na frase: “que nos faz professores e doutores do que não vimos”, o pronome sublinhado retoma a expressão antecedente:

- a) “para lugares”
- b) “o mundo”

- c) “um homem”
- d) “essa arrogância”
- e) “como o imaginamos”

Leia o texto para responder às questões 5 a 8:

“A forma mais difundida de paquera entre os sauditas são os cafés que oferecem acesso à internet. São poucos, mas estão se tornando uma ferramenta de aproximação entre jovens. E estão se mostrando eficientes.

Com base na sua interpretação do Corão, o governo da Arábia Saudita restringiu alguns hábitos considerados ‘ocidentalizados’ da população, principalmente dos mais jovens. Teatros, cinemas e boates foram proibidos de funcionar tanto na capital Riad quanto nas cidades pequenas do país. Na esteira do fechamento dessas casas, perde-se uma forma centenária de encontrar um namorado ou mesmo de conhecer outras pessoas.

A alternativa para quem não costuma usar os *sites* de namoro é escrever nome e telefone em pedaços de papel e deixá-los nos vidros dos carros para achar, com a ajuda do destino, um candidato a cara-metade e marcar um encontro”.

(Sauditas aprendem a namorar pela net. In: *Galileu*, nº 131.)

5. (Fatec) Assinale a alternativa que apresenta interpretação pertinente ao texto:
- a) Os jovens deixaram de se casar pelas novas exigências do comportamento ocidental no país.
  - b) A comunicação entre os jovens sauditas diminuiu de forma drástica com a chegada dos costumes ocidentais.
  - c) O governo da Arábia Saudita impôs novas leis do Corão aos jovens de seu país.
  - d) Graças ao acesso à internet, os jovens deixaram de visitar boates, cinemas, teatros.
  - e) A forma de paquera entre os jovens sauditas teve de se adequar ao novo panorama sociopolítico.
6. (Fatec) Considerando o trecho: “São poucos, mas estão se tornando uma ferramenta de aproximação entre os jovens”, assinale a alternativa que explica adequadamente o emprego da palavra **mas**:
- a) Estabelece a relação de contraste entre as duas afirmações apresentadas.
  - b) Introduz uma negação para um fato afirmado na primeira oração.

- c) Tem a função de levar o leitor a concluir algo a respeito da oração anterior.
- d) Sinaliza a adição de mais uma informação de mesmo sentido que a anterior.
- e) Expressa a circunstância de modo na segunda informação apresentada.

**7. (Fatec) Assinale a alternativa em que está explicitada a referência do termo eficientes, destacado na sentença “E estão se mostrando eficientes”:**

- a) Ferramentas de aproximação entre jovens sauditas.
- b) Teatros, cinemas, boates, que foram fechados.
- c) Cafés que oferecem acesso à internet.
- d) Hábitos considerados ocidentalizados.
- e) Cidades pequenas do país.

**8. (Fatec) No trecho “Com base em sua interpretação do Corão [...]”, o termo destacado refere-se a:**

- a) Corão.
- b) governo da Arábia Saudita.
- c) forma mais difundida de paquera.
- d) Capital Riad.
- e) população mais jovem.

**9. (PUC)**

Um balneário histórico

Guarujá deve ter herdado o nome (*guaru-ya*) do termo indígena que indicaria a passagem estreita entre a praia das Pitangueiras, a mais central, e a praia dos Astúrias, que já foi chamada de praia do Guarujá. Além de Pitangueiras e Astúrias, a ilha tem praias mais recônditas, como Tombo e Guaíba. Tem ainda praias movimentadas, caso da Enseada, cuja história se confunde com a do imigrante de origem libanesa Miguel Estefno: do Pernambuco/Jequitimar, onde reinaram a quatrocentona Veridiana da Silva Prado e o pioneiro Fernando Lee, em cuja Ilha do Arvoredo fazia experimentações com energias alternativas (eólica, das marés, etc.) e colecionava plantas e aves exóticas.

(Folha de S.Paulo, 21 ago. 2008.)

Assinale a alternativa que indica a que se referem os pronomes sublinhados no texto “Um balneário histórico”, na ordem em que aparecem:

- a) Guarujá, termo indígena; Enseada; Pernambuco/Jequitimar; Fernando Lee.
- b) termo indígena; praia dos Astúrias; Enseada; Pernambuco/Jequitimar; Fernando Lee.



- c) Guarujá; Pitangueiras; Enseada; Veridiana da Silva Prado; Fernando Lee.
- d) praia dos Astúrias; termo indígena; Pernambuco/Jequitimar; Enseada; Fernando Lee.
- e) *Guaru-ya*; praia dos Astúrias; caso da Enseada; Fernando Lee; Veridiana da Silva Prado.

## 10. (Enem)

A crônica, muitas vezes, constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

“Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino de Família, mas também não era um Menino de Rua. É assim que a gente divide. Menino de Família é aquele bem vestido, com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino de Rua. Menino de Rua é aquele que, quando a gente passa perto, segura a bolsa com força, porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão [...]. Na verdade, não existem meninos de rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está na rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua e por quê.

(COLASSANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*.

Rio de Janeiro: Rocco, 1999.)

No terceiro parágrafo em “[...] não existem meninos de rua. Existem meninos NA rua”, a troca do DE pelo NA determina que a relação de sentido entre “menino” e “rua” seja:

- a) de localização e não de qualidade.
- b) de origem e não de posse.
- c) de origem e não de localidade.
- d) de qualidade e não de origem.
- e) de posse e não de localização.

Texto para as questões 11 a 13:

“O valor do futuro depende do que se pode esperar dele. Portanto: se você acredita de fato em alguma forma de existência *post mortem* determinada pelo que fizemos em vida., então todo cuidado é pouco: os juroz prospectivos são

infinitos. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz na vida mortal sem pôr em risco as incomensuráveis graças do porvir. Se você acredita, ao contrário, que a morte é o fim definitivo de tudo, então o valor do intervalo finito de duração indefinida da vida tal como a conhecemos aumenta. Ela é tudo o que nos resta, e o único desafio é fazer dela o melhor de que somos capazes. E, finalmente, se você duvida de qualquer conclusão humana sobre o após-a-morte e sua relação com a vida terrena, então você contesta o dogmatismo das crenças estabelecidas, não abdica da busca de um sentido transcendente pra o mistério de existir e mantém uma janelinha aberta e bem arejada para o além. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz da vida que conhecemos, mas sem descartar nenhuma hipótese, nem sequer a de que ela possa ser, de fato, tudo o que nos é dado para sempre.

(Eduardo Giannetti, *O valor do amanhã*, p. 123.)

**11. (UFSCar) Nesse texto o autor:**

- a) oferece duas alternativas de raciocínio para o após-a-morte.
- b) defende, de qualquer maneira, o investimento na vida física.
- c) defende as religiões orientais que propõem a vida do espírito.
- d) fala sobre investimentos financeiros a longo prazo.
- e) defende a ideia de correr riscos agora, sem a esperança no porvir.

**12. (UFSCar) O trecho “e mantém uma janelinha aberta e bem arejada para o além” pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:**

- a) e mantém, cada vez, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.
- b) e mantém, tal como, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.
- c) e mantém, também, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.
- d) e mantém, salvo se, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.
- e) e mantém, às vezes, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.

**13. (UFSCar) A alternativa em que todas as palavras grifadas são responsáveis pela coesão do texto é:**

- a) esperar **dele**, graças do **porvir**, **ela** é tudo o que nos resta.
- b) esperar **dele**, que **se** é capaz, se **você** acredita.
- c) o **desafio** é, graças do **porvir**, que a **morte** é o fim.
- d) o valor do **futuro**, **forma** de existência, **todo** cuidado é pouco.
- e) as incomensuráveis **graças**, **ao contrário**, valor do **intervalo**.

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

UEM (Universidade Estadual de Maringá)

#### **TEMA 1\*: A tirania adolescente**

Até poucas décadas atrás, os pais educavam seus filhos com base numa regra simples: cabia a eles exercer sua ascendência sobre a prole de maneira inquestionável, pois, como diziam os avós dos adultos de hoje — criança não tinha direito nem querer. Muita coisa mudou desde então. Com a revolução comportamental dos anos 1960, a difusão dos métodos pedagógicos modernos e a popularização da psicologia, a liberdade passou a dar o tom nas relações entre pais e filhos. A tal ponto que hoje se vive o oposto da rigidez que pontificava antes disso: em muitos lares, os pais é que se sentem desorientados e os filhos, na ausência de quem estabeleça limites à sua conduta, assumiram o papel de tiranos. [...]

Até meados dos anos 1960, as regras dentro de casa eram impostas implacavelmente aos jovens. Hoje é prática corrente estabelecê-las de comum acordo entre pais e filhos. Antes os pais davam broncas, punham os filhos de castigo e cortavam regalias porque as coisas funcionavam assim, e ponto final. Hoje, cada sanção precisa ser acompanhada de boas justificativas — e haja suor e lábia para dar 200 explicações. Um dos motivos disso é que os jovens atuais são muito bem informados. [...]

As consequências da omissão dos pais na educação podem ser graves. Dados do Ministério da Saúde mostram que mais de 20% das garotas entre 13 e 19 anos já enfrentaram uma gravidez precoce. Por outro lado, uma pesquisa recente revelou que um em cada quatro estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública brasileira já experimentou algum tipo de droga, além do cigarro e das bebidas alcoólicas. Em apenas uma década, a idade do primeiro contato com esse tipo de substância caiu dos 14 para 11 anos. [...] Jovens educados

\* No Capítulo 9 desta obra, que trata sobre variantes linguísticas, o estudante encontrará o tema 2 proposto pela UEM, nesse vestibular.

de maneira negligente correm o risco de se tornarem adultos infelizes e desajustados. A falta de limites faz com que muitas vezes essas pessoas se revelem inaptas para lidar com os reveses e frustrações naturais da vida. Elas têm dificuldade para se relacionar em ambientes marcados por hierarquias (como o trabalho) e, em muitos casos, não conseguem nem mesmo se emancipar — tanto do ponto de vista emocional quanto do financeiro.

(Excerto do texto da Revista *Veja*, 18 fev. 2004.)

**Instrução:**

Escreva um texto DISSERTATIVO sobre as consequências da falta de limites na educação dos jovens. Você pode utilizar informações do texto, mas não pode transcrevê-las literalmente.

**Comentários sobre o tema proposto:**

A proposta espera reflexões dos vestibulandos sobre as consequências das mudanças no processo de educação por pais da sociedade contemporânea, que, por terem sido vítimas do autoritarismo, partiram para a total permissividade, acarretando consequências na vida social dos jovens, quando estes entendem que podem fazer tudo, chegando ao limite de comprometer vidas, atacando mendigos, prostitutas, participando de rachas e abusando do álcool. Os argumentos dos alunos devem ser bem fundamentados com fatos e, na conclusão, propor alternativas para reverter esse quadro.



# 4

## Dissertação

### Dissertação e argumentação

Você já reparou que diariamente, em nossa convivência social, seja em casa, no trabalho ou com os amigos, estamos sempre defendendo nossos pontos de vista? Podemos então dizer que já estamos acostumados a elaborar textos dissertativos orais, uma vez que apresentamos argumentos, ouvimos os do nosso interlocutor e os rebatemos, concordamos com determinadas ideias e discordamos de outras, procuramos persuadir o outro a concordar com nossos pensamentos.

A dissertação, enquanto modalidade de texto escrito, é extensão do que fazemos na prática diária oral, só que, na escrita, estamos em posição vantajosa, uma vez que somos os donos do discurso, diante de um interlocutor hipotético, que não apresenta os seus argumentos, mas apenas contempla os nossos. Podemos imaginar os argumentos de nosso leitor imaginário e lançar ideias que combatam tais pontos de vista em favor dos nossos, o que é, sem dúvida, uma situação muito confortável.

Então, por que muitas pessoas apresentam dificuldade diante do desafio de produzir dissertações, que é o gênero mais solicitado nos vestibulares? O grande dilema desse tipo de produção textual é a escassez de poder argumentativo e isso decorre da falta de domínio do assunto, da ausência de conhecimento prévio ou do não entendimento da coletânea de textos oferecida no exame e que o estudante deverá utilizar como fonte de argumentação.

Essa dificuldade é similar àquela que uma pessoa poderá ter em uma roda de amigos, quando surge um assunto que lhe é desconhecido. De repente, alguém lhe dirige a palavra e pergunta: "Fulano, como todos reagiram na sua escola, quanto às propostas

para o novo Enem?”. E essa pessoa nem sequer sabe o que significa a sigla Enem, muito menos que houve mudanças na sua forma de aplicação. Enfim, fica em uma situação constrangedora, sobretudo porque ninguém gosta de confessar desconhecimento.

Para evitar esse constrangimento também na hora de escrever, deve-se ter em mente que, para produzir um bom texto dissertativo, é preciso antes **ser um bom leitor**. A leitura de jornais, revistas especializadas, além de textos científicos e literários, somada ao hábito de assistir a telejornais e a bons filmes, auxilia na produção de bons textos. Quando o vestibular propõe o desenvolvimento de uma dissertação, pretende avaliar a postura crítica do candidato diante de determinados assuntos, normalmente contemporâneos ou filosóficos.

## **Dissertação: características e estrutura**

Leia o texto dissertativo a seguir, para que possamos refletir sobre suas características e elementos estruturais.

(Unifesp) Tema: Superpopulação mundial

A seguir foi apresentado um exemplo de texto argumentativo sobre o tema proposto.

### **Iniciativas para controlar a superpopulação**

As cidades de todo o mundo crescem em ritmo acelerado e desordenado, causando um inchaço urbano e falta de estrutura para abrigar a todos. Uma das causas da superpopulação é o processo de industrialização, que atrai as pessoas para os centros urbanos. A outra é a falta de instrução, nos países pobres, onde as camadas sociais mais baixas, por desconhecimento de métodos contraceptivos, têm famílias numerosas. É preciso repensar em um mundo que ofereça bem-estar para seus habitantes, com melhor distribuição demográfica e de renda.

Não podemos simplesmente diminuir o crescimento vegetativo, mas devemos tomar medidas que acomodem esta superpopulação. As famílias devem produzir menos lixos, separá-los para que

possam ser reciclados e atentar para a economia doméstica da água. Empresas também terão que rever as jornadas de 40 horas semanais; estas poderão ser organizadas em turnos de carga horária menor, proporcionando o aumento de empregos. Porém isso exigirá uma economia das pessoas, já que, diminuindo a carga horária de trabalho, o salário reduzirá.

Todos sabemos que, para o planeta suportar uma grande população, é preciso pôr em vigor algumas iniciativas, como mostrar a realidade às pessoas e ajudá-las a entender por que as mudanças são necessárias, como o controle de natalidade nos países mais populosos. Devemos, acima de tudo, ter preocupação com o bem-estar da natureza, diminuindo o uso de combustíveis fósseis; usando, por exemplo, o álcool da cana, que é considerado mais limpo do que a gasolina, além de ser um recurso renovável. Optar por fontes alternativas de produção de energia, como a solar e a eólica e dar preferência aos transportes públicos em centros urbanos, diminuindo toda aquela fumaça causada pelos carros.

Um maior contingente populacional leva a um grande consumo e isso acarreta desmatamento maior, mais liberação de gases tóxicos na atmosfera, extinção de certas espécies animais e dos recursos minerais. A população cresce, e com isso é preciso cuidar do meio, aquele que nos fornece bens de sobrevivência, pois, em um planeta em ruínas, não há população que sobreviva.

(Camila M. Oliveira, Tatuí, aluna concluinte do Ensino Médio, 2009.)

**Observação:** Para facilitar a compreensão do texto, foram corrigidos os erros gramaticais e substituídas as repetições que afetavam a coesão textual. (A aluna obteve nota 9,0 — nove — com essa produção.)

## Estrutura e características do texto

A dissertação é um **texto argumentativo**, ou seja, o enunciador expõe seus pontos de vista sobre um tema. No caso, a proposta



era: “Superpopulação mundial”. Mas não basta a simples exposição de ideias, é preciso ter argumentos convincentes para persuadir o leitor. Toda dissertação tem caráter persuasivo.

Partindo do princípio de que a dissertação é um conjunto harmônico de pontos de vista, não se deve utilizar construções como “em minha opinião”, “eu acho que”, “eu penso que” ou equivalentes, pois o que se expõe é o resultado de uma análise de fatos e o enunciador deve demonstrar convicção sobre o que escreve e não “achismos”. Fazem-se afirmativas genéricas, em terceira pessoa gramatical, como a aluna desenvolveu esse texto. Quando muito, podemos colocar a primeira pessoa do plural, e assim envolvemos o leitor a participar do texto. Observe, por exemplo, uma passagem do segundo parágrafo: “Não podemos simplesmente diminuir o crescimento vegetativo”; aqui a autora fala de uma ação que é ideia de todos, o controle da natalidade.

O tempo verbal preferencial em uma dissertação é o presente do indicativo, e por isso **já** inicie seu texto com “Hoje em dia” ou “Atualmente” ou ainda “No mundo de hoje”; pois, para indicar atualidade, bastam verbos no presente. Veja como a enunciativa começou sua dissertação: “As cidades de todo o mundo **crecem** em ritmo acelerado e desordenado, **causando** um inchaço urbano e falta de estrutura para **abrigar** a todos. Uma das causas da superpopulação **é** o processo de industrialização, que **atrai** as pessoas para os centros urbanos”. Note que ela fez afirmativas com verbos no presente do indicativo, associados a formas nominais (infinitivo, gerúndio, particípio) sem precisar das expressões citadas, que são “muletas” desnecessárias e demonstram insegurança, pouco poder argumentativo.

A estrutura de um texto dissertativo é muito simples. Deve haver três partes: **introdução**, **desenvolvimento** e **conclusão**, organizados em prosa (texto em parágrafos e não em versos, como já explicado neste Manual).

A **introdução** é o momento de se expor a tese, a ideia principal do texto que se está desenvolvendo. De preferência, ela deve ser um parágrafo breve, contendo aproximadamente sete linhas. Na redação em questão, no primeiro parágrafo a aluna considerou fatores da explosão demográfica e apontou para a necessidade de oferecer bem-estar para a população.

Nessa primeira parte não se perde tempo com rodeios. Deve-se ir direto ao assunto. Por exemplo, a aluna seria infeliz nesse tema se perdesse tempo para falar como era o mundo no passado.

Em geral, os vestibulares reservam poucas linhas para escrever a redação, não mais do que 30. Produza cuidadosamente cada parágrafo com qualidade e atenção.

No **desenvolvimento**, apresentam-se ideias complementares, pontos de vista secundários e que sustentam a tese. Nesse momento, o texto analisado expõe alternativas, formas de ação que envolvem toda a população mundial em torno da busca por uma vida que permita a sustentabilidade do planeta, em outras palavras, a parte que cabe a cada um para equacionar grande contingente populacional e qualidade de vida ao mesmo tempo que se preserva o meio ambiente.

O desenvolvimento deve ocupar a maior parte da dissertação, com cerca de dois parágrafos (aproximadamente 20 linhas). Deve-se notar que a autora da redação não deixou de sugerir, no desenvolvimento, que a questão passa pelo controle da natalidade em áreas mais populosas, não sendo, porém, suficiente apenas essa medida, que é aquela em que todos pensam. Um texto que fosse elaborado apenas com essa alternativa seria pobre em argumentação.

A **conclusão** é a reflexão final do texto, em que deve haver a confirmação da tese. Não pode existir contradição entre a conclusão e a introdução. Observe que a aluna trata novamente a superpopulação como realidade e confirma a necessidade de se buscar alternativas para garantir a sustentabilidade do planeta.

Em síntese, uma dissertação deverá ser organizada em aproximadamente quatro parágrafos, com cerca de 30 linhas, sendo os parágrafos de introdução e conclusão menores que os de desenvolvimento. Quando o aluno organiza o texto dessa forma, já tem um grande ponto a seu favor na correção. Há vestibulares que consideram válidas 30 ou mais linhas e, no caso do Enem, é considerada válida uma redação com no mínimo 15 linhas, e nesse caso o desenvolvimento conteria apenas um parágrafo. Porém, é mais interessante que o candidato se prepare para produzir 30 linhas, pois é a exigência mais comum nos grandes vestibulares e os alunos que escrevem essa quantidade de linhas têm obtido as melhores notas no Exame Nacional.

Não se esqueça de dar um **título** interessante, que deve ser breve e despertar a atenção do leitor. Lembre-se de que o título é a propaganda do texto.

### Questões dissertativas

1. A seguir foi reproduzida a dissertação de outra estudante, concluinte do Ensino Médio. Trata-se de uma proposta apresentada no Desafio Enem – 2008, cujo tema era “Preservação da Amazônia”. O texto está transcrito com a retirada da paragrafação. Reescreva-o, dividindo-o em parágrafos, explicitando suas partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).

#### Consciência

Pesquisas recentes mostram que o ciclo hidrológico da floresta Amazônica não é essencial somente à floresta, mas sim para diversas regiões do país e de outros países e, com o desmatamento, consequentemente, o prejuízo afeta a todos. Mas o que pode ser feito para isso não acontecer? Aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promovem desmatamentos não autorizados é uma saída; no entanto ter uma solução é uma coisa, colocá-la em prática é outra. Para o governo conseguir esse feito, seria necessária a colaboração da população, denunciando os lugares onde o desmatamento não autorizado estivesse ocorrendo. Além disso, os fiscais deveriam ser éticos, não aceitando subornos. Porém existem limitações que devem ser levadas em conta. Por exemplo, o que fazer com as famílias que vivem na área ilegalmente por mais de cinquenta anos? Seria justo expulsá-las, sendo que elas só possuem aquilo? Nesse caso, seria bom o governo transferir essas famílias para outras áreas do país. Outra limitação seria a extensão das áreas a serem fiscalizadas, sendo locais de difícil acesso, exigindo que o governo invista mais em concursos públicos para conseguir fiscais capacitados e com salários condizentes, para que não se submetam ao suborno de fazendeiros e madeireiras. As pessoas do mundo precisam criar consciência de que não podem desmatar florestas; neste caso, a Amazônia especificamente, pois todos dependemos dela para uma vida melhor. Ainda que a Amazônia não seja o pulmão do mundo, ela continua sendo essencial para o planeta Terra.

(Yasmim Martins Orsi, aluna concluinte do Ensino Médio, Tatuí, 2009.)

2. Agora, explique o conteúdo de cada uma das partes da dissertação em questão.

### 3. (Fuvest)

“Devemos misturar e alternar a solidão e a comunicação. Aquela nos inculca o desejo de convívio social, esta, o desejo de nós mesmos; e uma será o remédio da outra: a solidão curará nossa aversão à multidão, a multidão, nosso tédio à solidão.”

(Sêneca, *Sobre a tranquilidade da alma*.

Trad. de J. R. Seabra Filho.)

- a) Segundo Sêneca, a solidão e a comunicação devem ser vistas como complementares porque ambas satisfazem um mesmo desejo nosso. É correta essa interpretação do texto acima? Justifique sua resposta.
- b) “[...] a solidão curará nossa aversão à multidão, a multidão, nosso tédio à solidão.” Sem prejuízo para o sentido original, reescreva o trecho acima, iniciando-o com “Nossa aversão à multidão [...]”.

### 4. (Fuvest)

“Para Pirandello, o cômico nasce de uma ‘percepção do contrário’, como no famoso exemplo de uma velha já decrépita que se cobre de maquiagem, veste-se como uma moça e pinta os cabelos. Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso, que nasce da ruptura das expectativas, mas sobretudo do sentimento de superioridade. A ‘percepção do contrário’ pode, porém, transformar-se num ‘sentimento do contrário’ — quando aquele que ri procura entender as razões pelas quais a velha se mascara, na ilusão de reconquistar a juventude perdida. Nesse passo, a velha da anedota não mais está distante do sujeito que percebe, porque este pensa que também poderia estar no lugar da velha — e seu riso se mistura com a compreensão piedosa e se transforma num sorriso. Para passar da atitude cômica para a atitude humorística, é preciso renunciar ao distanciamento e ao sentimento de superioridade.”

(*Raízes do riso*. Adaptado por Elias Tomé Saliba.)

- a) Considerando o que o texto conceitua, explique brevemente qual é a diferença essencial entre a “percepção do contrário” e o “sentimento do contrário”.
- b) “Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso [...]”.

Sem prejuízo para o sentido do trecho acima, reescreva-o, substituindo se perceber e produz-se por formas verbais cujo sujeito seja nós e é o oposto por não corresponde. Faça as adaptações necessárias.

## 5. (Unicamp)

Em transmissão de um jornal noturno televisivo (RedeTV, 07/10/2008), um jornalista afirmou: “Não há uma só medida que o governo possa tomar”.

- a) Considerando que há duas possibilidades de interpretação do enunciado acima, construa uma paráfrase para cada sentido possível, de modo a explicitá-los.
- b) Compare o enunciado citado com: “Não há uma medida que só o governo possa tomar”. O termo “só” tem fundamental importância na interpretação de um e outro enunciado. Descreva como funciona o termo em cada um dos enunciados.

## Questões-testes

(Fuvest) Texto para as questões 1, 2 e 3.

Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais frequentes distinguem-se pela tendência em que cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente. Ouvir com o corpo é empregar, no ato da escuta, não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante frequente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.

Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como os seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.

(Adaptado de J. Jota de Moraes, *O que é música.*)

### 1. De acordo com o texto, quando uma tendência de ouvir se torna dominante, a audição musical:

- a) supõe a operação prévia da livre e consciente escolha de um dos três modos de recepção.
- b) estabelece uma clara hierarquia entre as obras musicais, com base no valor intrínseco de cada uma delas.
- c) privilegia determinado aspecto da obra musical, sem que isso implique a exclusão de outros.

- d) ocorre de modo a propiciar uma combinação harmoniosa e equilibrada dos três modos de recepção.
- e) subordina os modos de recepção aos diferentes propósitos dos compositores.

**2. Nesse texto, o primeiro parágrafo e o conjunto dos demais se articulam de modo a constituir, respectivamente,**

- a) uma proposição e seu esclarecimento.
- b) um tema e suas variações.
- c) uma premissa e suas contradições.
- d) uma declaração e sua atenuação.
- e) um paradoxo e sua superação.

**3. Considere as seguintes afirmações:**

**I. Ouvir música com o corpo é senti-la em estado bruto.**

**II. Ao ouvir-se música emotivamente, sai-se do estado bruto.**

**Essas afirmações articulam-se de maneira clara e coerente no período:**

- a) Com o corpo ouve-se música sentindo-a em estado bruto, ocorrendo o mesmo se ouvi-la emotivamente.
- b) Sai do estado bruto quem ouve música com o corpo, no caso de quem a sente de modo emotivo.
- c) Para sentir a música emotivamente, quem sai do estado bruto é quem ouve com o corpo.
- d) Sai do estado emotivo de ouvir música aquele que a ouvia no estado bruto do corpo.
- e) Quem ouve música de modo emotivo deixa de senti-la no estado bruto, próprio de quem a ouve com o corpo.

**4. (Enem) Sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, que muito influenciaria a Semana de Arte Moderna, Monteiro Lobato escreveu, em artigo intitulado “Paranoia ou Mistificação”:**

Há duas espécies de artistas. Uma dos que veem normalmente as coisas e, em consequência disso, fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e dotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres [...]. A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. [...]

Estas considerações são provocadas pela exposição da Sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia.

(O *Diário de São Paulo*, dezembro, 1917.)

Em qual das obras abaixo identifica-se o estilo de Anita Malfatti criticado por Monteiro Lobato no artigo?



*Acesso a Monte Serrat – Santos*



*Vaso de flores*



*A Santa Ceia*



*Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco*



Museu de Arte Contemporânea da  
Universidade de São Paulo - MAC USP  
Obra *A boba*, 1915/1916, óleo sobre tela,  
61,0 x 50,6 cm, de Anita Malfatti

## 5. (Enem)

“Se a exploração descontrolada e predatória verificada atualmente continuar por mais alguns anos, pode-se antecipar a extinção do mogno. Essa madeira já desapareceu de extensas áreas do Pará, de Mato Grosso, de Rondônia, e há indícios de que a diversidade e o número de indivíduos existentes podem não ser suficientes para garantir a sobrevivência da espécie a longo prazo. A diversidade é um elemento fundamental na



sobrevivência de qualquer ser vivo. Sem ela, perde-se a capacidade de adaptação ao ambiente, que muda tanto por interferência humana como por causas naturais.

(Disponível em: [www.greenpeace.org.br](http://www.greenpeace.org.br), com adaptações.)

Com relação ao problema descrito no texto, é correto afirmar que:

- a) a baixa adaptação do mogno ao ambiente amazônico é causa da extinção dessa madeira.
- b) a extração predatória do mogno pode reduzir o número de indivíduos dessa espécie e prejudicar sua diversidade genética.
- c) as causas naturais decorrentes das mudanças climáticas globais contribuem mais para a extinção do mogno que a interferência humana.
- d) a redução do número de árvores de mogno ocorre na mesma medida em que aumenta a diversidade biológica dessa madeira na região amazônica.
- e) o desinteresse do mercado madeireiro internacional pelo mogno contribui para redução da exploração predatória dessa espécie.

**6. (Enem)**

“A identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e (ou) negras e amarelas. Ela resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento, no século XV, do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses, descobrimento esse que abriu caminho às relações mercantilistas com a África, ao tráfico negreiro, à escravidão e, enfim, à colonização do continente africano e de seus povos.

(K. Munanga. Algumas considerações sobre diversidade e identidade negra no Brasil. In: *Diversidade na educação: reflexões e experiências*. Brasília: SEMTEC/MEC, 2003. p. 37.)

Com relação ao assunto tratado no texto acima, é correto afirmar que:

- a) a colonização da África pelos europeus foi simultânea ao descobrimento desse continente.
- b) a existência de lucrativo comércio na África levou os portugueses a desenvolverem esse continente.
- c) o surgimento do tráfico negreiro foi posterior ao início da escravidão no Brasil.
- d) a exploração da África decorreu do movimento de expansão europeia do início da idade Moderna.
- e) a colonização da África antecedeu as relações comerciais entre esse continente e a Europa.

**7. (Mackenzie)**

“Talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória, mas conservamos e usamos o suficiente dela para ter uma vida satisfatória como pessoas. Lembramos onde fica nossa casa, nosso trabalho, o nome de familiares e amigos. Podemos dizer que há algo de seletivo e proposital no esquecimento. Nossa mente nos faz muitas coisas, entre elas, várias que nos são caras, mas conservamos aquelas com as quais vivemos e seguimos em frente.”

(Adaptado de Ivan Izquierdo.)

O texto autoriza dizer que:

- a) o esquecimento faz com que a memória seja utilizada de modo insatisfatório e insuficiente.
- b) perdemos muito mais vezes objetos valiosos do que objetos que atendem a nossas necessidades mais básicas.
- c) o esquecimento atua como uma espécie de predador da memória, extinguindo-a gradualmente.
- d) as informações que compõem a memória humana são selecionadas de acordo com a sua relevância para a vida cotidiana.
- e) a memória humana conserva somente aquelas lembranças a que atribuímos maior valor sentimental.

**8. (Mackenzie)**

Talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória, mas conservamos e usamos o suficiente dela para ter uma vida satisfatória como pessoas.

Assinale a alternativa que contém uma paráfrase apropriada do trecho acima:

- a) Se conservássemos e usássemos o suficiente da memória, talvez o esquecimento não predominasse em relação às nossas lembranças.
- b) o esquecimento talvez nos leve a aproveitar e conservar melhor a parte da memória que nos permite ter uma vida satisfatória enquanto pessoas.
- c) Uma parte suficiente da memória é conservada e usada para levarmos uma vida satisfatória, apesar de o esquecimento provavelmente superar nossas lembranças.
- d) Conservamos e usamos parte predominante da memória, embora o esquecimento talvez nos impeça de ter uma vida satisfatória.
- e) O esquecimento certamente é o fator predominante quando usamos a memória: porém, conseguimos nos lembrar daquilo que é importante para uma vida satisfatória.



QUAL É A DIFERENÇA ENTRE “TEM” E “TÊM”?  
E ENTRE “VEM” E “VÊM”?

É comum as pessoas empregarem esses verbos sem o acento e, no entanto, há diferenças.

Acentua-se a terceira pessoa do plural dos verbos em questão, para diferenciá-la da terceira pessoa do singular, no presente do indicativo das formas primitivas e seus correspondentes derivados. No caso dos derivados, quando estão no singular, recebem acento agudo, porque seguem a regra que consiste em acentuar palavras oxítonas terminadas por “em”.

Exemplos: Ele **tem** dinheiro e eles não **têm**.

Ele **vem** nos visitar, mas eles não **vêm**.

Este vidro **contém** sal; os vidros **contêm** açúcar.

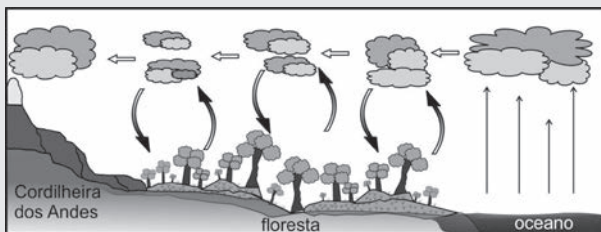
Isso me **convém**; livros **convêm** a todos.

## Descomplicando a redação

### Proposta de atividade

Enem

Conforme apresentamos, a proposta do Enem, 2008, era sobre o desmatamento da Amazônia. Uma redação sobre ele já foi mostrada neste capítulo. Enfrente você também o desafio!



Pode parecer que os isótopos de oxigênio e a luta dos seringueiros no Acre tenham pouco em comum. No entanto, ambos estão relacionados ao futuro da Amazônia e a parte significativa da agroindústria e da geração de energia elétrica no Brasil.

A época em que Chico Mendes lutava para assegurar o futuro dos seringueiros e da floresta, um dos mais respeitados cientistas brasileiros, Eneas Salati, analisava proporções de isótopos de oxigênio na precipitação pluviométrica amazônica do Atlântico ao Peru. Sua conclusão foi irrefutável: a Amazônia produz parte de sua própria chuva; implicação óbvia desse fenômeno: o excesso de desmatamento pode degradar o ciclo hidrológico.

Hoje, imagens obtidas por sensoriamento remoto mostram que o ciclo hidrológico não apenas é essencial para a manutenção da grande floresta, mas também garante parcela significativa da chuva que cai ao sul da Amazônia, no Mato Grosso, em São Paulo e até mesmo ao norte da Argentina. Quando a umidade do ciclo, que se desloca em direção ocidental, atinge o paredão dos Andes, parte dela é desviada para o sul. Boa parte da cana-de-açúcar, da soja, de outras safras agroindustriais dessas regiões e parte significativa da geração de energia hidrelétrica dependem da máquina de chuva da Amazônia.

(T. Lovejoy e G. Rodrigues. A máquina de chuva da Amazônia. *Folha de S.Paulo*, 25 jul. 2007, com adaptações.)

O texto acima, que focaliza a relevância da região amazônica para o meio ambiente e para a economia brasileira, menciona a “máquina de chuva da Amazônia”. Suponha que, para manter essa “máquina de chuva” funcionando, tenham sido sugeridas as ações a seguir:

1. Suspende completa e imediatamente o desmatamento da Amazônia, que permaneceria proibido até que fossem identificadas áreas onde se poderia explorar, de maneira sustentável, madeira de florestas nativas;
2. Efetuar pagamentos a proprietários de terras para que deixem de desmatar a floresta, utilizando-se recursos financeiros internacionais;
3. Aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promoverem desmatamentos não autorizados.

Escolha uma dessas ações e, a seguir, redija um texto dissertativo, ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida.

Ao desenvolver seu texto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e suas reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

#### **Observações:**

Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.

O texto não deve ser escrito em forma de poema ou narração.

O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado em branco.

A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita à tinta.

#### **Comentários sobre o tema proposto:**

Com essa proposta, o Enem sugeria três medidas de solução para o problema do desmatamento da Amazônia. Cabia ao aluno escolher a solução que considerasse mais viável, levando em conta os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida estudantil. No desenvolvimento da proposta temática, o estudante deveria justificar sua escolha com argumentos convincentes e discorrer sobre as “limitações da ação escolhida”, ou seja, quais os obstáculos que surgiriam ao se colocar em prática a solução escolhida. Trata-se de um tema atual e que exigia domínio do assunto, uma vez que o Enem costuma fornecer apenas um breve texto como fonte de consulta. As propostas desse exame esperam que o estudante esteja atualizado sobre os diversos problemas do Brasil e do mundo e que apresente soluções cidadãs e éticas para uma problemática em discussão.

# 5

## Dissertações Expositiva e Argumentativa

No capítulo anterior, você tomou contato com a estrutura da dissertação, gênero textual que se tornou comum no meio escolar e tem sido o preferido nas propostas de redação dos vestibulares.

Esse tipo de texto também pode ser a forma de apresentar um trabalho de conclusão de estudos mais avançados, como uma dissertação de mestrado, com características específicas que, no momento, não nos interessam. O gênero solicitado em concursos públicos e vestibulares é o que tem estrutura fundamentada em três partes: **introdução**, em que se expõe o ponto de vista principal do enunciador; **desenvolvimento**, parte em que se apresentam argumentos secundários para discorrer mais amplamente sobre a tese; e a **conclusão** ou reflexão final.

Tornou-se comum, nos últimos anos, os exames oferecerem uma coletânea de textos, ou seja, textos-estímulo, para que o candidato tenha algumas referências, informações, enfim, para serem somadas aos seus conhecimentos prévios sobre o tema em questão ao expor suas reflexões.

Fundações para o vestibular têm-se dedicado a esclarecer professores e alunos quanto à seguinte informação: antes de ser um bom redator, é preciso ser um bom intérprete dos textos da coletânea. Ou seja, o aluno deverá ler atentamente os textos fornecidos como referência e, ao interpretá-los, concluir qual é o tema proposto, porque nem sempre o vestibular oferece uma frase-síntese ao final dos textos apresentados e, se o candidato não conseguir entender o que a proposta deseja, ou se fizer cópia dos textos fornecidos como referência, certamente perderá pontos ou mesmo poderá ter a redação anulada.

É por meio da leitura desses textos-estímulo que o(a) vestibulando(a) concluirá se o desafio é escrever uma **dissertação argumentativa** ou uma **dissertação expositiva**. Mas qual seria a diferença entre esses dois tipos se todas as dissertações defendem argumentos ou pontos de vista?

A **dissertação expositiva** é a forma mais simples de se elaborar esse gênero. O enunciador terá que confirmar as ideias apresentadas nos textos-estímulo, desenvolvendo-as e complementando-as com suas reflexões. O objetivo desse tipo de dissertação é expor ao leitor os principais aspectos associados ao tema proposto.

Percebe-se que a dissertação expositiva é solicitada quando os diferentes textos apresentam pontos de vista semelhantes ou concordantes. O desafio é confirmar ou não, com argumentos, o tema proposto. Para ilustrar, pode-se tomar como exemplo a proposta da Fuvest-SP, 2007, sobre o tema “Amizade” (desenvolvido no Capítulo 2), em que aparecem ideias de pensadores de diferentes momentos históricos, todos valorizando a importância de contar com um amigo. Restaria ao vestibulando apresentar a versão contemporânea da amizade que, embora diferente pelos desafios e facilidades dos meios eletrônicos, não se tornou menos importante.

A **dissertação argumentativa** é a forma mais presente nos vestibulares. Consiste em analisar um tema, fato, descoberta ou ocorrência sob diferentes perspectivas, positivas ou negativas, defendendo um ponto de vista. Como exemplo, pode-se citar a proposta da Fuvest-SP, 2009, cujo tema “Fronteiras” desafiou o candidato a expor argumentos e considerações sobre fronteiras físicas, geográficas, científicas, psicológicas ou de linguagem.

Ao final deste capítulo você encontrará essa proposta de redação para exercitar a produção textual.



**Dissertação:** gênero argumentativo em que se expõem pontos de vista pessoais sobre um tema. Estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão.

**Dissertação expositiva:** tem como objetivo dar informações gerais ao leitor sobre o tema proposto, seguindo uma única linha de raciocínio, apresentando apenas argumentos favoráveis ou desfavoráveis ao assunto que está sendo tratado e, se possível, justificando seus pontos de vista com fatos.

**Dissertação argumentativa:** tem como objetivo analisar um tema sob diferentes perspectivas, polemizar o assunto, apresentar pontos de vista positivos e também negativos sobre a questão em pauta, defendendo sua tese ou argumento principal no final.

A seguir será feita uma leitura crítica de propostas de dissertações, com as produções textuais correspondentes.

---

## TESTE SEU SABER

---

### Dissertação expositiva

Unesp – adaptado

Leia atentamente as frases seguintes, que podem ser encontradas em textos de toda a mídia.

Em apenas cinco minutos você pode chapar a barriga – Detone quatrocentas calorias em uma hora – Experimente a nova dieta anticelulite – Elimine os sinais de envelhecimento – Ganhe uma barriguinha seca e um corpo em forma em nossa academia – A nossa dieta enxuga a gordura do corpo e deixa a cintura fininha – Faça ginástica facial para eliminar as rugas e linhas de expressão – Dez exercícios para esculpir pernas e coxas – Desenvolva rapidamente seus bíceps – Ganhe músculos em seis meses e conquiste todas as gatas – Torne-se um homem de corpo sarado e jeito de menino – Desfile na praia com um corpo dos seus sonhos – Turbine seus lábios – Você pode ter um culote sequinho – Deixamos sua barriga zerada – Você pode ser mais bonita: rinoplastia, lipoaspiração, mamoplastia de aumento, mamoplastia de



redução, *lifting* facial – Ganhe pernas e bumbum torneados – Exercícios para ficar com os seios exuberantes – Com alguns minutos por dia, deixamos seu corpo douradinho – Você pode mudar a cor de seus olhos – Só tem cabelos brancos quem quer.

### **Instrução:**

Os textos de algumas questões da prova de Língua Portuguesa focalizam o tema da beleza, particularmente da beleza das mulheres, em diferentes épocas. As frases apresentadas como base para esta redação, todas fundamentadas em matérias de revistas dirigidas para a cultura física estética e emagrecimento, colocam a questão da busca da beleza física, não apenas pelas mulheres, mas também pelos homens nos dias atuais. Estimulada intensamente pela mídia, a busca da saúde se confunde frequentemente com a busca, pelo homem e pela mulher, de um corpo esbelto, bem composto e delineado, capaz de causar inveja e impressionar o sexo oposto. Para atingir esse objetivo, muitas pessoas fazem quaisquer tipos de sacrifício, não poucas vezes dando maior importância à aparência do que à própria saúde física e mental. Com base neste comentário e, se julgar necessário, nas frases que serviram como exemplo, faça uma redação em prosa, de gênero dissertativo, sobre o tema: “A busca da beleza do corpo nos dias atuais”.

### **Comentários sobre o tema proposto:**

Aqui temos uma proposta de **dissertação expositiva** que parte de um fato que é indiscutivelmente uma das grandes preocupações do homem e da mulher contemporâneos: a busca da beleza do corpo. Com base nessa verdade, o vestibulando deveria apresentar argumentos que confirmassem essa que se tornou uma das obsessões atuais. Bastava ampliar o tema, apresentando considerações sobre os perigos e riscos que muitos correm, seja por meio de cirurgias estéticas ou desenvolvendo hábitos que os levam a doenças, como anorexia e bulimia.

Caberiam argumentos críticos contra os apelos da mídia, amplamente citada nas frases apelativas da coletânea, demonstrando-a como responsável pela propagação de padrões de beleza absurdos e inatingíveis para a maioria das pessoas.

O aluno poderia valer-se de informações históricas para justificar suas críticas, demonstrando que cada época impõe um padrão de beleza. No Renascimento, por exemplo, as mulheres consideradas belas eram as mais gordas,

de corpo avantajado. Veja como referência o quadro *Mona Lisa*, de Leonardo Da Vinci. O candidato deveria destacar que não devemos nos deixar escravizar por padrões de moda, que são passageiros.

O tema pedia apenas a ampliação das críticas sugeridas na coletânea; não haveria como o aluno polemizar a questão, uma vez que não existia nenhuma citação, na coletânea, que destacasse a importância do culto à beleza do corpo; fazendo isso, poderia colocar em risco sua redação, pois talvez não tivesse a força de argumentos capazes de questionar os valores equivocados da sociedade contemporânea, que privilegia a aparência no lugar das virtudes humanas.

**Exemplo de redação sobre o tema “A busca da beleza do corpo nos dias atuais”:**

### **Beleza**

É irrefutável que a beleza física sempre foi importante na história humana. Estética, simetria e equilíbrio são objetivos que grande parte das pessoas querem alcançar. Mas será que a vaidade e a necessidade de ser admirado não está ultrapassando os limites do bom senso e da saúde corporal?

Comerciais na televisão, revistas especializadas no assunto e clínicas que prometem o corpo perfeito já são constantes no dia a dia de qualquer pessoa. Isso facilita o contato do indivíduo com a tecnologia e as promessas feitas por tais meios.

Com o crescente número da procura por um corpo perfeito e a facilidade com que se tem acesso a tratamentos, aumentaram-se drasticamente as exigências pessoais com a beleza e se identifica claramente a exclusão dos que não estão interessados ou não aptos a seguir o modelo simétrico e equilibrado proposto.

Toda essa simetria pode ser encontrada no mundo animal, os quais, não possuindo um raciocínio tão elaborado e complexo, a natureza dotou de meios para atrair o animal do sexo oposto, através de cores, brilho e traços simétricos.

Já, observando-se a atitude animalesca do homem, quando procura a perfeição corpórea e se esquece dos fatores intrínsecos, que são as virtudes, conclui-se que o homem está tão preocupado em mostrar suas qualidades extrínsecas, superficiais, que se esqueceu de seus valores morais, seu jeito sensual, submetendo-se a crises emocionais que vêm trazendo sérias consequências, tornando-se vítima de si mesmo.

A busca do belo, paradoxalmente, trouxe doenças, como anorexia e bulimia, que vêm destruindo a vida de pessoas preocupadas com a beleza magra, vazia. Excluiu-se a beleza dos gestos e das atitudes; o que conta é ser

aparentemente belo, não importando o preço que se pague, até mesmo se tal preço for a própria vida.

(Lucas S. Vercellino, estudante do terceiro ano do Ensino Médio, 2007)

**Observação:** Não foram feitas alterações ou correções no texto original, preservando-se vocabulário, pontuação e paragrafação do aluno. Essa redação obteve nota 9,0 (nove).

### **Interpretação de texto – Questões dissertativas**

1. Comente os argumentos apresentados pelo enunciador, respectivamente na tese e na conclusão.
2. No desenvolvimento, o aluno utiliza o argumento de comparação, para fundamentar sua tese. Explique qual foi a comparação feita e qual o seu objetivo.
3. No quinto parágrafo, há várias repetições, comprometendo a coesão textual. Reescreva-o, fazendo as alterações necessárias para evitar a redundância.
4. A dissertação tem um número reduzido de parágrafos, não mais do que três no desenvolvimento. Que ajustes você sugere para organizar melhor o texto em questão?
5. Você considera que o aluno atingiu os objetivos do tema proposto pela Unesp? Comente.

### **Dissertação argumentativa**

O tema “Tecnologia” foi proposto para a elaboração de uma dissertação após um debate em sala de aula. A turma foi dividida em dois grupos: o “A”, o qual deveria defender a importância da tecnologia no desenvolvimento humano e nas relações sociais contemporâneas, e o “B”, cujo desafio era fazer exatamente o contrário, combater todos os argumentos favoráveis à tecnologia, demonstrando-a como fator de distanciamento das relações pessoais.

O mediador (professor) lançou questionamentos diante dos pontos de vista defendidos e elaborou frases que sintetizavam os argumentos dos alunos, para que um relator os anotasse em um quadro de giz.

Logo após, foi proposto o seguinte tema de redação: “A tecnologia e as relações humanas”.

### **Comentários sobre o tema proposto:**

Os alunos foram convidados a desenvolver o tema sob diferentes perspectivas. A maioria das redações defendeu a tese de que a tecnologia veio ao encontro das necessidades do homem, facilitando muito a sua vida. Alguns focaram a questão da desigualdade de riquezas no mundo e os países pobres excluídos desse tipo de privilégio.

Veja abaixo uma das redações selecionadas sobre o tema proposto.

### **Exemplo de redação sobre o tema “Tecnologia”:**

#### **Tecnologia e valores humanos**

O ser humano sempre buscou e inventou maneiras para facilitar seu modo de vida. Desde os tempos remotos da criação da roda, até os dias atuais, o homem não parou de inventar e, progressivamente, suas invenções crescem e se aprimoram. Esta tecnologia que foi desenvolvida, causou uma revolução que mudou a sociedade. Estas mudanças geraram consequências positivas e negativas.

Os diversos mecanismos, produtos e máquinas que foram idealizados serviram para trazer mais conforto, facilitando ações do cotidiano e melhorando a qualidade de vida do homem. Distâncias foram encurtadas com meios de transportes e comunicação, assim como rituais diários, como tomar banho e cozinhar se tornaram mais fáceis de executar. Por se mostrarem prestativos, os produtos tecnológicos foram tranquilamente aceitos e, com o tempo, foram ficando mais acessíveis e atualmente atingem todas as classes.

Apesar de a tecnologia ter proporcionado muitas coisas boas, ela também teve seu aspecto ruim. Em muitas situações, a máquina se tornou mais importante que o próprio homem, o que causou muito desemprego e até mesmo a extinção de algumas profissões. Também, com a evolução dos meios tecnológicos de comunicação, houve uma desvalorização nas relações pessoais. Diante da praticidade de se comunicar pelo telefone ou internet, a amizade e intimidade perderam seus valores. As pessoas deixam de se ver e de se encontrar, o que acaba criando uma grande dificuldade em se relacionar, o que é essencial para qualquer ser humano.

Além da desvalorização do homem e das relações pessoais, a tecnologia também resultou em pobreza, desemprego e poluição excessiva do planeta. A verdade é que as desvantagens foram muitas, porém houve vantagens significativas, que geram frutos até hoje. O que o homem precisa fazer é não deixar esta situação se reverter, sabendo lidar com a tecnologia para que a criação não se torne mais importante que o criador.

(Carolina F. R. da Silva, estudante do terceiro ano do Ensino Médio, 2009.)

**Observação:** Não foram feitas alterações ou correções no texto original, preservando-se vocabulário, pontuação e paragrafação da aluna. A aluna obteve nota 9,5 (nove e meio) nesta redação.

### **Interpretação de texto – Questões dissertativas**

6. Comente o plano de trabalho realizado pela aluna para desenvolver sua dissertação, apresentando o conteúdo da introdução, do desenvolvimento e da conclusão.
7. Pode-se dizer que a aluna conseguiu realizar uma **dissertação argumentativa**? Explique sua resposta.
8. Caso o professor não fizesse o debate e entregasse aos alunos uma coletânea com textos que destacassem as vantagens da tecnologia na sociedade contemporânea, que tipo de dissertação deveria ser escrita: expositiva ou argumentativa? Faça comentários que justifiquem sua resposta.

### **Questões-testes**

(Mackenzie) Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Histórica e sociologicamente, os jogos em geral têm um papel muito importante: são elementos essencialmente reveladores de características civilizatórias, isto é, através da história do jogo podemos conhecer plenamente o valor formativo e disciplinador dos jogos. Ele observa que só se pode admitir a mudança de regras para crianças de até seis anos. A partir daí, as regras deveriam permanecer fixas, inalteradas, pois caso se habituassem às mudanças nas leis do jogo, os jovens desejariam experimentar alterações também nas leis da cidade, o que, segundo Platão, seria muito perigoso para a democracia.

(Fátima Cabral)

1. Depreende-se corretamente do texto que:
  - a) Platão estabelece uma relação entre o jogo e as regras sociais, já que encontra no primeiro uma forma de educação do cidadão.
  - b) as regras são importantes para o jogo social, já que garantem o caráter fictício das relações, como nos jogos.
  - c) Platão cria um paralelo entre os jogos e as relações sociais para destacar o importante valor dos primeiros na formação das mudanças sociais.

- d) Platão propõe uma aprendizagem exclusivamente realizada por meio de jogos, pois neles as regras permanecem inalteradas.
- e) o processo de formação dos cidadãos deve dar-se até a idade dos seis anos, pois após esse período as regras são fixas e inalteradas.

## 2. Assinale a alternativa correta:

- a) O *que* (linha 14) estabelece coesão textual ao se referir antecipadamente ao trecho *seria muito perigoso para a democracia* (linhas 14 e 15).
- b) Os dois pontos (linha 2) podem ser substituídos, sem prejuízo de sentido original do texto, pela conjunção “contudo”.
- c) *Isto é* (linha 4) introduz frase que retifica a afirmação feita na oração imediatamente anterior.
- d) O uso de *só* (linha 8) indica que mudanças de regras são permitidas apenas nos jogos.
- e) *A partir daí* (linha 10) relaciona-se com o período imediatamente anterior, expressando sentido equivalente a “desse ponto em diante”:

(UFSCar) As questões 3 a 7 referem-se ao texto seguinte:

Na minha opinião, existe no Brasil, em permanente funcionamento, não fechando nem para o almoço, uma Central Geral da Maracutaia. Não é possível que não exista. E, com toda a certeza, é uma das organizações mais perfeitas já constituídas, uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana. Nada de novo é implantado sem que surja no mesmo instante, às vezes sem intervalo visível, imediatamente mesmo, um esquema bem montado para fraudar o que lá seja tenha sido criado. [...] Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém. Segundo me contam aqui, a prefeitura de São Paulo agora fornece caixão e enterro gratuitos para doadores de órgãos, certamente os mais pobres. Basta que a família do morto prove que ele doou pelo menos um órgão, para receber o benefício. Mas claro, é isso mesmo, você adivinhou, ser brasileiro é meramente uma questão de prática. Surgiram indivíduos ou organizações que, mediante uma módica contraprestação pecuniária, fornecem documentação falsa, “provando” que o defunto doou órgãos, para que o caixão e o enterro sejam pagos com dinheiro público.

(RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de S. Paulo*, 18 set. 2005.)

3. A frase de João Ubaldo —“E, com toda a certeza, é uma das organizações mais perfeitas já constituídas, uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana” — reveste-se de um aspecto:
- a) discriminatório.
  - b) gentil.
  - c) medíocre.
  - d) irônico.
  - e) ufanista.
4. No trecho “uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana”, “contribuição” tem como referência:
- a) o Brasil, em geral.
  - b) fechamento para o almoço.
  - c) Central Geral da Maracutaia.
  - d) a opinião do autor.
  - e) a prefeitura de São Paulo.
5. O trecho “a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém” pode ser reescrito, sem alteração de sentido, como:
- a) a CGM é sempre presente, não deixa passar nada, nem inocenta ninguém.
  - b) a CGM é ubíqua, não deixa passar nada, nem absolve ninguém.
  - c) a CGM é virtual, não deixa passar nada, nem exclui ninguém.
  - d) a CGM é quase presente, não deixa passar nada, nem distingue ninguém.
  - e) a CGM está presente em todo lugar, não deixa passar nada, nem segrega ninguém.
6. Assinale a alternativa em que a substituição das palavras grifadas mantém o mesmo sentido original do trecho: “Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente”.
- a) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, no entanto podia ser em qualquer outra cidade do país, uma vez que a CGM é onipresente.
  - b) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, pois podia ser em qualquer outra cidade, já que a CGM é onipresente.
  - c) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, podia, pois, ser em qualquer cidade do país, visto que a CGM é onipresente.
  - d) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, apesar disso podia ser em qualquer outra cidade do país, assim que a CGM é onipresente.
  - e) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, já que podia ser em qualquer outra cidade do país, à medida que a CGM é onipresente.

7. Em “para receber o benefício”, a palavra *benefício* tem como referência:
- a) uma módica contraprestação pecuniária.
  - b) a não discriminação.
  - c) caixão e enterro.
  - d) a doação de órgãos.
  - e) a CGM.

8. (Enem)

“Os progressos da medicina condicionaram a sobrevivência de número cada vez maior de indivíduos com constituições genéticas que só permitem o bem-estar quando seus efeitos são devidamente controlados através de drogas ou procedimentos terapêuticos. São exemplos os diabéticos e os hemofílicos, que só sobrevivem e levam a vida relativamente normal ao receberem suplementação de insulina ou do fator VIII da coagulação sanguínea.”

(SALZANO, M. Francisco. *Ciência Hoje*. n. 21.  
Rio de Janeiro: SBPC, 1996. p. 125.)

Essas afirmações apontam para aspectos importantes, que podem ser relacionados à evolução humana. Pode-se afirmar que, nos termos do texto:

- a) os avanços da medicina minimizam os efeitos da seleção natural sobre as populações.
  - b) os usos da insulina e do fator VIII da circulação sanguínea funcionam como agentes modificadores do genoma humano.
  - c) as drogas medicamentosas impedem a transferência do material genético defeituoso ao longo das gerações.
  - d) os procedimentos terapêuticos normalizam o genótipo dos hemofílicos e diabéticos.
  - e) as intervenções realizadas pela medicina interrompem a evolução biológica do ser humano.
9. (Enem) Uma pesquisadora francesa produziu a seguinte teoria para caracterizar nosso país:
- “O Brasil, quinto país do mundo em extensão territorial, é o mais vasto do hemisfério sul. Ele faz parte essencialmente do mundo tropical, à exceção de seus estados mais meridionais, ao sul de São Paulo. O Brasil dispõe de vastos territórios subpovoados, como o da Amazônia, conhece também um crescimento urbano extremamente rápido, índices de pobreza que não diminuem e uma das sociedades mais desiguais do mundo. Qua-



lificado de ‘terra de contrastes’, o Brasil é um país moderno do Terceiro Mundo, com todas as contradições que isso tem por consequência”.

(Adaptado de DROULERS, Martine. *Dictionnaire geopolitique de ótats*.

Organizado por Yves Lacoste. Paris: Éditions Flammarion, 1995.)

O Brasil é qualificado como uma “terra de contradições” por:

- a) fazer parte do mundo tropical, mas ter o crescimento urbano semelhante ao dos países temperados.
- b) não conseguir evitar seu rápido crescimento urbano, por ser um país com grande extensão de fronteiras terrestres e de costa.
- c) possuir grandes diferenças sociais e regionais e por ser considerado um país moderno de Terceiro Mundo.
- d) possuir vastos territórios subpovoados, apesar de não ter recursos econômicos e tecnológicos para explorá-los.
- e) ter elevados índices de pobreza, por ser um país com grande extensão territorial e predomínio de atividades rurais.

**10. (Enem)**

Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer;  
É um não querer mais que bem querer;  
É solitário andar por entre a gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É cuidar que se ganha em se perder;  
É querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata lealdade.  
Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Luís de Camões)

O poema pode ser considerado como um texto:

- a) argumentativo.
- b) narrativo.
- c) épico.
- d) de propaganda.
- e) teatral.



## RECURSOS ARGUMENTATIVOS

Para o DESENVOLVIMENTO de sua DISSERTAÇÃO, você poderá se valer de um ou mais **RECURSOS ARGUMENTATIVOS**, que aqui estão elencados, segundo Othon M. Garcia.

**Argumento da enumeração ou descrição de detalhes:** consiste em enumerar detalhes para tornar mais específica uma ideia genérica.

Exemplo: Desde que o homem se organizou em sociedade, ele não parou de inventar, para tornar sua vida mais cômoda e fácil: inventou as armas para caçar, a roda, que alavancou as formas de movimentação e transporte; descobriu que podia conservar os alimentos e daí foi um passo para a comercialização e a produção industrial; superou-se ao inventar a escrita; e assim pôde transmitir suas conquistas para as gerações futuras.

**Argumento do confronto ou da analogia:** é quando estabelecemos relações de oposição ou de semelhança “entre ideias, seres e coisas, fatos ou fenômenos”.

Exemplo: “As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. O pregar há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha e azuleja. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, de outra deve estar negro; se de uma parte está dia, de outra há de estar noite? Se de uma parte dizem luz, de outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz?”

(VIEIRA, padre Antonio. *Sermões*.  
2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1960.)

**Argumento da citação (ou argumento de autoridade):** emprega-se a ideia de um autor renomado para melhor fundamentar um argumento pessoal.

Exemplo: “Só sei que nada sei”, disse Sócrates, e com isso o filósofo clássico nos advertiu sobre a curiosidade, que é própria do homem, que traz como característica o nunca se contentar com

o pouco que já sabe; é da natureza humana o ímpeto, o desejo, a vontade de descobrir, de superar-se.

**Argumento das causas ou consequências:** podem-se apontar causas para explicar ou justificar um fenômeno ou faz-se o contrário, estuda-se detalhadamente um fenômeno ou uma ocorrência, discorrendo sobre suas consequências positivas ou negativas.

Exemplo: Não se pode culpar a pobreza dos altos índices de natalidade e mortalidade infantil, mas deve-se atribuir como sua real causa a má distribuição de renda, que gera a falta de educação, não só quanto aos métodos contraceptivos, mas também a total desinformação quanto às reduzidas possibilidades de sobreviver com baixos salários e uma numerosa prole.

**Argumento das provas concretas:** são dados estatísticos, resultados de pesquisas, que podem ser utilizados para justificar ou complementar uma teoria. Deve-se empregar este recurso quando se tem a fonte exata de referência; evite suposições ou dados aproximados, que podem comprometer a qualidade da argumentação. O uso das provas concretas também não pode se estender por muitas linhas; deve-se dar preferência a argumentos pessoais.

Exemplo: “O tabagismo (vício do fumo) é responsável por uma grande quantidade de doenças e mortes prematuras na atualidade. O Instituto Nacional do Câncer divulgou que 90% dos casos diagnosticados de câncer de pulmão e 80% dos casos diagnosticados de enfisema pulmonar estão associados ao consumo de tabaco. Paralelamente foram mostrados os resultados de uma pesquisa realizada com um grupo de 2 000 pessoas com doenças de pulmão, das quais 1 500 são casos diagnosticados de câncer e 500 são casos diagnosticados de enfisema”.

(Questão 15 – Enem, 2003.)

**Argumento do raciocínio lógico:** trata-se de um recurso fundamental para se organizar um texto dissertativo. Depois de apresentar o argumento principal, na introdução, divide-se o desenvolvimento em duas ou mais partes, expondo argumentos secundários, complementares, que sustentem sua tese, podendo servir-se, inclusive dos outros recursos já referidos. Veja como exemplos as dissertações apresentadas neste capítulo.

## Dicas para escrever melhor

Qual a frase correta: “Havia muitas pessoas na festa” ou “Haviam muitas pessoas na festa”?

O verbo **haver** com o sentido de **existir** é considerado um verbo impessoal, ou seja, não é flexionado em todas as pessoas gramaticais e deve permanecer na terceira pessoa do singular, mesmo que o termo posterior esteja no plural. Se estiver incluído em locução verbal (dois ou mais verbos seguidos indicando um só fato no tempo), o verbo auxiliar permanecerá no singular.

Exemplo: **Deve** haver muitas pessoas nesta festa.

O mesmo ocorre se este verbo indicar tempo (temperatura ou momento).

Exemplos: **Há** verões intensos no Nordeste do Brasil.

**Há** anos resido nesta cidade.

Se o verbo haver tiver outros sentidos, como sentido de **ter** ou **portar-se**, será um verbo pessoal, a ser conjugado nas três pessoas gramaticais do singular e do plural; e concordará em número com o sujeito da oração.

Exemplos: Eles **haviam** (tinham) feito a prova com pressa, por isso foram mal.

Eles não se **houveram** (saíram) bem nos vestibulares.

## Descomplicando a redação

### Proposta de atividade

Fuvest

Jérôme/Creative Commons



Café em Baarle-Nassau (Países Baixos), na fronteira com a Bélgica. A fronteira está marcado no chão.

**Fronteira:** substantivo feminino

1. parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.
2. o marco, a raia, a linha divisória entre as duas áreas, regiões, estados, países etc.
3. Derivação: por extensão de sentido. O fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
4. Derivação: sentido figurado, o limite, o fim de algo de cunho abstrato. Ex.: Havia chegado à f. da decência.

(DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. Adaptado.)

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo “fronteira” é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferen-

tes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas ideias sugeridas anteriormente, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que deem consistência a seu ponto de vista.

### **Instrução:**

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

### **Comentários sobre o tema proposto:**

O tema sugere que o aluno faça uma dissertação argumentativa, escolhendo ao menos duas fronteiras. Seria interessante optar por uma fronteira física, como os limites geográficos entre cidades, estados e países, porque o aluno argumentaria sobre a necessidade das fronteiras para a organização social, política e econômica. Mas também optar por uma fronteira abstrata, como as fronteiras entre religiões, credos e raças, que impõem limites ao avanço moral da humanidade.

Seria interessante colher fatos da História, da Literatura e das Ciências Naturais para ilustrar pontos de vista. Por exemplo, relembrar o Muro de Berlim, a Segunda Guerra Mundial, a obsessão de Hitler em relação à raça ariana, ou mesmo as guerras atuais no Oriente Médio. Ou então comentar os obstáculos que a religião impôs ao desenvolvimento científico, relembrando a história de Galileu Galilei. É possível comentar, até mesmo, as barreiras do preconceito contra o novo, quando surgem novas ideias artísticas; exemplo disso foram os preconceitos do público contra a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, em 1922.



## O que é narrar?

### A raposa e as galinhas

Em uma floresta, bem perto da velha aldeia, havia uma raposa que espreitava os galinheiros e, na calada da noite, invadia-os e devorava desde pequenos frangos até galinhas poedeiras.

Eis que, numa tarde, a raposa se surpreende com seu galinheiro preferido todo reformado, fechado por uma resistente cerca elétrica. A cada tentativa de aproximação, era afastada para longe, com o impacto de violento choque elétrico. E assim, sem entender o que se passava, resolveu afastar-se para sempre, resmungando para si mesma: – Ainda não estão no ponto, eu passaria mal por devorá-los tão pequenos e iria me engasgar com o excesso de penas.

Assim como as raposas, caminha a triste humanidade, que desdenha tudo quanto não tem o poder de alcançar.

(Texto da autora, inspirado na fábula  
*A raposa e as uvas*, de Fedro.)

A narração acima é um exemplo de texto literário: uma pequena história que, inspirada numa ocorrência provável com um animal, transforma-o em personagem, conferindo-lhe a capacidade de pensar sobre suas ações para, assim, promover o entretenimento e despertar reflexões no leitor.

**Narrar é contar histórias reais ou fictícias**, em que seres vivenciam ações em determinado momento e local e tudo é relatado por uma mera testemunha dos fatos (narrador observador), ou por uma voz que conhece todos os segredos, prevê acontecimentos e pode penetrar os pensamentos mais íntimos das personagens,



quando o denominamos narrador onisciente. Este pode representar ou não as ideias do autor.

A narração pode estar presente em vários momentos do dia a dia. Ao ver uma notícia de telejornal, que relata um acidente, o telespectador entra em contato com uma história real narrada pelo apresentador ou pelo repórter; quando um amigo de trabalho conta uma piada, ele também está narrando. Vejamos como exemplo a composição a seguir:

Sete anos de pastor Jacó servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
Passava, contentando-se com vê-la;  
Porém o pai, usando de cautela,  
Em lugar de Raquel, lhe dava Lia.  
Vendo o triste pastor que com enganos  
Lhe fora assim negada a sua pastora,  
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,  
Dizendo: — Mais servira, se não fora  
Para tão longo amor tão curta a vida!

(CAMÕES, Luis de. *Lírica: redondilhas e sonetos*.  
Seleção de Massaud Moisés. Rio de Janeiro: Tecnoprint,  
[s.d.]. p. 62. Direitos cedidos pela Editora Cultrix Ltda.)

### **Comentários:**

O texto que acabamos de ler é um dos mais famosos poemas narrativos de Luís de Camões, em que ele faz uma adaptação da

história bíblica de Labão e Jacó. Este era um pastor que se apaixonara pela filha mais jovem de Labão e o pai lhe prometeu que a concederia em casamento, se ele trabalhasse, de graça, por sete anos em suas terras. No final do tempo, o velho lhe entrega Lia, a filha mais velha, como esposa, por ser costume da época casar a primogênita. Mas, após a semana de núpcias, o pai entrega também Raquel como segunda esposa de Jacó, na condição de ele trabalhar mais sete anos, de graça, em suas terras. O fato de Jacó ter ficado com duas esposas ao mesmo tempo é omitido por Camões, sugerindo que ele trabalhou mais sete anos para, só então, casar-se com Raquel. A intenção do poeta era destacar a importância do verdadeiro amor, que a tudo suporta e vence todas as barreiras. Nota-se, assim, que por trás de uma narração há normalmente uma lição de vida, uma mensagem que apresenta valores e que permite comparar fatos vivenciados com o mundo fictício.

O ser humano tem necessidade de se aventurar, de vencer limites e se projetar em uma condição superior à da vida comum. Por isso, desde a infância, gostamos de ouvir histórias dos nossos pais e avós, sobretudo aqueles “casos” que se tornam lendas de família. Também adoramos as histórias fantásticas, de animais que falam, de vilões que sempre se dão mal e de mocinhos que acabam como heróis. Além das histórias de suspense, de ficção científica, de amor, os romances históricos. Se tivermos, na infância, acesso a livros que nos despertem o encantamento, seremos leitores por toda a vida.

Veja o que afirma o teórico de literatura Jonathan Culler, a propósito da importância da narração, ao observar que, a partir do século XX, as narrativas passaram a dominar a educação literária:

“Isso não é apenas um resultado das preferências de um público leitor de massa, que alegremente escolhe histórias, mas raramente lê poemas. As teorias literária e cultural têm afirmado cada vez mais a centralidade cultural da narrativa. As histórias, diz o argumento, são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum

lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo” (CULLER, Jonathan. p. 84).

Para sintetizar a importância da narração como instrumento de aprendizado, lembre-se das aulas ou das palestras, conferências assistidas, quando o professor ou expositor ilustrou uma teoria com uma história.

**Narração:** construção de uma *história real ou fictícia*.

Todo texto narrativo deve ter *personagens*, que vivenciam ações em determinado *espaço e tempo*; o conjunto das ações forma o enredo ou a história propriamente dita. Quem conta é denominado *narrador*, que pode fazer parte da trama ou não.

Veja, a seguir, um exemplo de texto narrativo:

“Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango d’Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covão em trecho de matas, terra preta, pé de serra. Miguilim tinha oito anos. Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o Tio Terêz levou-o a cavalo, à frente da sela, para ser crismado no Sucuriçu, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha. De uma, nunca pôde esquecer: alguém, que já estivera no Mutum, tinha dito: – É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre...

“Mas sua mãe, que era linda e com cabelos pretos e compridos, se doía de tristeza de ter de viver ali. Queixava-se, principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro; ou, mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar. – ‘Oê, ah, o triste recanto...’- ela exclamava. Mesmo assim, enquanto esteve fora, só com o Tio Terêz,

Miguilim padeceu tanta saudade, de todos e de tudo, que às vezes nem conseguia chorar, e ficava sufocado.”

(in: ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*.

24ª impressão, 9. ed. Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, 1984. p.13-4.)

O texto anterior é um fragmento de uma novela, subgênero do gênero narrativo. Sem buscarmos neste capítulo as características específicas dos subgêneros, serão analisados os elementos estruturais presentes em qualquer tipo de narração. Para lembrar, as narrações têm os seguintes elementos estruturais: **personagens, enredo, narrador, tempo e espaço**. Uma maneira antiga, mas ainda eficaz de se fazer a análise estrutural de um texto narrativo, é dar respostas às perguntas: **Quem? O quê? Como? Quando? Onde? Por quê?**

Ao responder à pergunta **Quem?**, é feita a análise das personagens; já a questão **O quê?** recupera o enredo; a pergunta **Como?** é própria para identificar quem é o narrador: se ele faz parte (narrador em 1ª pessoa) ou se não faz parte da história (3ª pessoa) e de que modo ele conduz a história: se é um narrador imparcial, apenas um observador, ou se é parcial e conhece o íntimo das personagens. Com a resposta à pergunta **Quando?**, identifica-se o tempo em que tudo acontece, e ao responder **Onde?**, tem-se o espaço. O **Por quê?** busca a motivação da ação, o que levou a personagem a traçar esse caminho.

A seguir, há uma explicação mais aprofundada sobre cada um dos elementos estruturais da narração identificados no fragmento que inicia a novela de Guimarães Rosa. Para melhor reconhecê-los, sugere-se que se faça antes uma releitura do texto.

## Elementos estruturais do texto narrativo

### Personagens

São os seres que vivenciam a história, realizando ou sofrendo as ações narradas. No texto que acabamos de ler, Miguilim é a

personagem principal, denominado **protagonista**, ou seja, ele é o centro das atenções, em torno do qual tudo acontece. Tio Terêz e a Mãe de Miguilim são personagens secundárias. Estas devem ser caracterizadas como **adjuvantes**; pois, ao longo da novela, são os que auxiliam o protagonista, ora protegendo-o, ora incentivando-o a vencer dificuldades. São **oponentes** ou **antagonistas** às personagens que atrapalham, prejudicam o protagonista. No fragmento em questão não há oponentes.

O **antagonista** não precisa necessariamente ser uma pessoa, pode ser um fator externo, como um acidente que limita a vida do protagonista ou uma mudança climática que lhe impõe desafios de sobrevivência; em uma história de amor, pode ser a inimizade entre famílias, que não permite a união do protagonista e sua amada. Pode também ser um fator interno, como um defeito moral que destrói a vida da personagem. O antagonista desse fragmento é a saudade que o menino sente da família e do local onde vivia, quando se afasta temporariamente.

Nos textos narrativos, as personagens também não precisam ser, necessariamente, pessoas. Nas histórias de encantamento e nas fábulas, há animais que pensam, agem e até falam como seres humanos. Quem não se lembra das fábulas *A formiga e a cigarra*, que traz importante reflexão sobre a questão do trabalho, ou *A raposa e as uvas*, que aqui adaptamos para *A raposa e as galinhas*, com a mensagem sobre desdenhar o inalcançável. Quem não se recorda do Lobo, da história de *Chapeuzinho vermelho* ou do *Patinho feio*? Além de animais e pessoas, nas narrativas podem ser encontradas fadas, deuses, duendes, objetos falantes e outros seres que participam dos fatos relatados.

Quando uma personagem é caracterizada superficialmente e não possui profundidade psicológica, representando sumariamente o bem ou o mal, é considerada **personagem plana**. Mas quando se destaca por sua complexidade psicológica, trazendo em si características positivas e negativas, capaz de ações surpreenden-

tes ou inesperadas, como é comum no ser humano, diz-se que é **personagem esférica** ou **redonda**.

## Narrador

O narrador é a voz que conta a história e não se deve confundi-la com a do autor; é uma criação dele e sua presença é comum nas histórias, portanto, é também um ser ficcional.

Há duas principais maneiras de se construir o foco narrativo: narrador em primeira ou em terceira pessoa.

**Narrador em primeira pessoa** é aquele que faz parte da história, podendo ser a personagem protagonista ou uma personagem secundária. **Narrador em terceira pessoa** é aquele que não faz parte da história. Pode apresentar-se como **observador**, ou seja, relata os fatos à medida que ocorrem, desconhece o íntimo, os segredos das personagens; ou **onisciente**, aquele que tudo sabe, conhece até os pensamentos e desejos mais íntimos das personagens e pode, inclusive, antecipar fatos ao leitor.

Costuma-se dizer que o **narrador em primeira pessoa** é pseudo-onisciente. Essa denominação é dada porque ele tem uma onisciência relativa, ou seja, viveu a história e conhece bem os fatos narrados, mas é um narrador parcial, comprometido com a matéria narrada; conta sua versão dos fatos. Por exemplo, o famoso narrador Bentinho, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é um protagonista que escreve a história sobre a suspeita de adultério, e é clara sua parcialidade. Durante a narrativa, e de forma sutil, ele vai arranjando os fatos para incriminar Capitu como adúltera, querendo convencer-se e ao leitor, para ficar em paz com a consciência, uma vez que a abandonou na Suíça. O romance acaba e nada é provado. E se Capitu fosse a narradora, qual seria sua versão?

No trecho aqui analisado, percebemos um narrador onisciente, que conhece os sentimentos de Miguilim, sabe inclusive que ele não consegue chorar por estar sufocado de tanta saudade. Esse tipo de narrador é um observador mais atento, que chega a pe-

netrar os pensamentos e conhece os segredos mais íntimos dos protagonistas.

## Enredo

É o conjunto das ações que formam a história, estruturado em quatro partes: **apresentação**, **complicação**, **clímax** e **desfecho**.

A **apresentação** é a situação inicial, de aparente equilíbrio, quando o narrador informa algumas características da personagem principal e pode fazer uma síntese de sua história até o momento em que se iniciam as ações mais importantes. A **complicação** é quando ocorre a ruptura do equilíbrio, surgindo o **conflito**, o desafio, um dilema, o jogo de interesses entre protagonista e antagonista. Se não houver conflito, não é uma narração, mas um simples relato de fatos.

O **clímax** é o momento de maior impasse, é o auge da narrativa, o ponto de maior tensão ou maior emoção. E o **desfecho** é a situação final, o que restou após o clímax.

Já que apresentamos no capítulo apenas um fragmento da novela *Campo Geral*, de Guimarães Rosa, não podemos aqui estabelecer as partes do enredo.

## Tempo

O tempo é o momento ou época em que se passam a história e o seu período de duração. Caracteriza-se o tempo como **cronológico** ou **psicológico**.

O **tempo cronológico** é aquele que se pode medir no relógio e pode durar minutos, horas, meses ou anos. É chamado **linear**, quando os fatos são relatados na ordem dos acontecimentos: dos mais antigos até os mais recentes. É denominado **alinear**, quando o narrador não obedece à ordem de acontecimentos, podendo contar a história em ordem inversa, com idas e vindas entre passado e presente. Quando os fatos presentes ou de um passado próximo são contados e, de repente, retorna-se a um passado mais remoto para justificar atitudes

do presente, denomina-se *flashback*, uma técnica utilizada por autores consagrados, como o escritor brasileiro José de Alencar, para criar uma atmosfera de curiosidade no leitor. Certas personagens podem apresentar comportamentos agressivos, rudes, sem justificativa aparente. Somente quando o narrador revela o passado mais remoto da personagem, o leitor consegue ter a ciência total dos fatos e compreender melhor essas atitudes aparentemente sem sentido.

O **tempo psicológico** é aquele que não pode ser medido pelo relógio. Narram-se acontecimentos marcantes, que ficaram gravados na memória de uma personagem e que são relatados na medida de sua importância. É quando um texto explora os conflitos íntimos das personagens. Pode-se fazer um paralelo desse tipo de tempo com as lembranças pessoais. Nem sempre a ordem de certos acontecimentos são recordados, mas grava-se aqueles que marcam a vida; sejam fatos ruins ou felizes.

Nessa novela de Guimarães Rosa, o tempo é cronológico, mesmo que não seja rigidamente marcado por uma data e hora. Sabe-se que tudo se inicia quando a personagem é uma criança de aproximadamente oito anos e a história narra um certo período de sua infância.

## **Espaço**

Toda a história contada é ambientada em um cenário ou local. **Espaço exterior** é quando se destaca um espaço físico natural (floresta, caverna, mar, montanhas) ou social (família, trabalho, rua, cidade). **Espaço interior** é o que privilegia o mundo íntimo das personagens, fixando-se em sua memória, destacando seus pensamentos e sentimentos.

Em *Campo Geral*, predomina o espaço exterior. O local é o Mutum, “num covão em trechos de matas”, no meio dos Campos Gerais, local distante da civilização, onde as personagens têm uma visão de mundo muito particular, reduzida ao ambiente em que vivem. Para elas, tudo o que fosse distante dali era uma grande abstração.



Abaixo, há um quadro-síntese dos elementos estruturais da narrativa.

### **Elementos estruturais da narrativa**

#### **Quem?**

Personagens: aqueles que vivem os fatos.

Devem ser organizados em: protagonista(s), antagonista(s), secundários (adjuvantes ou oponentes).

#### **O quê?**

Enredo: conjunto de ações da história, com suas partes

É dividido em: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

#### **Como?**

Narrador: em primeira pessoa (pseudo-onisciente) ou em terceira pessoa (observador ou onisciente).

#### **Quando?**

Tempo: cronológico linear – dos fatos mais antigos aos mais recentes;

cronológico alinear – sem preocupação com a ordem dos fatos;

psicológico – lembranças dispersas, vagas.

#### **Onde?**

Espaço exterior – físico: natural ou social.

Espaço interior – psicológico: privilegia o mundo íntimo, a sondagem psicológica.

#### **Por quê?**

Motivação: o que leva a personagem a tomar determinada atitude.

### Questões dissertativas

1. Comente os aspectos sociais e o conteúdo psicológico que aparecem no fragmento da novela *Campo Geral*, também conhecida como *Miguilim*, de Guimarães Rosa.
2. Considerando que o título é a propaganda do texto, o modo de chamar a atenção do leitor para o conteúdo, explique as duas possibilidades do título dessa novela: *Miguilim* ou *Campo Geral*.
3. (UFSCar) Leia o texto a seguir para responder às questões:  
"Tinham eles [os holandeses] saído na ilha de Itaparica, fronteira à Bahia, e aqui, levados de furor herético, deram muitos golpes numa cruz que à porta de uma ermida estava arvorada. Tornando poucos dias depois, os nossos, como era de costume, os esperaram, e, encontrando com eles ao saltar em terra, a cruz, que antes estendia os braços de leste a oeste, se foi torcendo do meio para cima, ficando o pé imóvel, até que os braços se puseram de norte a sul, abertos para os que pelejavam".

(VIEIRA, padre A. *Cartas do Brasil*. p. 91.)

O trecho apresentado faz parte de uma carta que o padre Antônio Vieira escreveu para seu superior em Lisboa, quando estava no Brasil, durante a primeira invasão holandesa ocorrida na Bahia, em 1624.

- a) Como Vieira caracteriza os holandeses?
- b) Qual a visão de mundo de Vieira, naquele contexto histórico, em relação à providência divina na luta entre o invasor e as pessoas da terra? Responda utilizando algum exemplo do texto.

(UFSCar – adaptado) Textos para as questões 4 a 7.

Leia atentamente os dois poemas narrativos para responder às questões seguintes.

#### Suave mari magno

Lembra-me que, em certo dia,  
Na rua, ao sol de verão,  
Envenenado morria  
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,  
De um riso espúrio e bufão,  
Ventre entre as pernas sacudia  
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso  
Passava, sem se deter,  
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,  
Como se lhe desse gozo  
Ver padecer.

(ASSIS, Machado de. *Obras completas*. v. III, p. 161.)

### Sequência

Eu era pequena. A cozinheira Lizarda  
tinha nos levado ao mercado, minha irmã e eu.  
Passava um homem com um abacate na mão  
e eu inconsciente:  
“Ome, me dá esse abacate...”  
O homem me entregou a fruta madura.  
Minha irmã, de pronto: “Vou contar pra mãe que ocê  
pediu abacate na rua”.  
Eu voltava trocando as pernas bambas.  
Meus medos crescidos, enormes...  
A denúncia confirmada, o auto, a comprovação do delito.  
O impulso materno... consequência absurda da  
escravidão passada,  
o ranço dos castigos corporais.  
Eu, aos gritos, esperneando.  
O abacate esmagado, pisado, me sujando toda.  
Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta  
trazendo a recordação permanente do castigo cruel.  
Sentia, sem definir, a recreação dos que ficavam de fora,  
assistentes acusadores.  
Nada mais apazível no tempo, do que presenciar a  
criança indefesa

espernear numa coça de chineladas.

“É pra seu bem”, diziam, “doutra vez não pedi fruta na rua.”

(CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*. p. 131-2.)

4. Depois de comparar os dois textos, explicita o que há em comum entre eles.
5. No segundo texto, cite pelo menos três formas de linguagem que refletem a oralidade do português do Brasil.
6. No poema narrativo de Cora Coralina, há uma frase sem verbo: “Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta”. O que a autora quis dizer com essa frase?
7. “Reconstrua” a frase destacada da questão anterior, empregando um verbo.

(Unesp – adaptado) Textos para as questões 8 a 11.

Agora você fará a interpretação de duas letras de música, que são também narrativas.

### Vingança

Eu gostei tanto,  
Tanto quando me contaram  
Que lhe encontraram  
Bebendo, chorando  
Na mesa de um bar.  
E que quando os amigos do peito  
Por mim perguntaram  
Um soluço cortou sua voz,  
Não lhe deixou falar.  
Eu gostei tanto,  
Tanto quando me contaram  
Que tive mesmo de fazer esforço  
P’ra ninguém notar.

O remorso talvez seja a causa  
Do seu desespero  
Ela deve estar bem consciente

Do que praticou,  
Me fazer passar tanta vergonha  
Com um companheiro  
E a vergonha  
É a herança maior que meu pai me deixou;  
Mas, enquanto houver voz no meu peito  
Eu não quero mais nada  
De p'ra todos os santos vingança,  
Vingança clamar,  
Ela há de rolar qual as pedras  
Que rolam na estrada  
Sem ter nunca um cantinho de seu  
P'ra poder descansar.

(RODRIGUES, Lupicínio. *Vingança*, 1951.)

### Olhos nos olhos

Quando você me deixou, meu bem  
Me disse pra ser feliz e passar bem  
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci  
Mas depois, como era de costume, obedeci  
Quando você me quiser rever  
Já vai me encontrar refeita, pode crer  
Olhos nos olhos, quero ver o que você faz  
Ao sentir que sem você eu passo bem demais  
E que venho até remoçando  
me pego cantando  
Sem mais nem porquê  
E tantas águas rolaram  
Quantos homens me amaram  
Bem mais e melhor que você  
Quando talvez precisar de mim  
'Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim  
Olhos nos olhos, quero ver o que você diz  
quero ver como suporta me ver tão feliz.

(HOLANDA, Chico Buarque de. *Letra e música*, 1989.)

As duas letras apresentadas têm como identidade o fato de focalizarem e expressarem o ciúme e outros sentimentos a ele associados, que podem surgir durante a relação ou com a separação de um casal. Tendo em mente essa orientação:

8. Mencione um desses sentimentos associados ao ciúme que a personagem masculina da letra de Lupicínio Rodrigues nutre e expressa com relação à ex-companheira.
9. Demonstre que, no texto de Chico Buarque, a personagem feminina expressa seus sentimentos de modo mais sutil e refinado do que a personagem masculina no texto de Lupicínio.  
Em ambas as letras, o eu lírico refere-se à ex-companheira (letra de Lupicínio) e ao ex-companheiro (letra de Chico), sendo diferente, porém, a forma gramatical de fazerem essa referência. Examine atentamente o emprego dos pronomes pessoais e de tratamento nas duas letras e, a seguir:
10. Determine a forma de tratamento pela qual a personagem feminina faz referência ao ex-companheiro na letra de Chico Buarque.
11. Considerando que em versões mais recentes da letra *Vingança* alguns editores, provavelmente influenciados pelo emprego de “lhe”, na primeira estrofe, substituem na segunda estrofe “ela” por “você”; justifique a razão dessa troca.

### Questões-testes

(Fuvest) Texto para as questões 1, 2 e 3.

São Paulo, 13, XI, 42.

Murilo:

São 23 horas e estou honestissimamente em casa, imagine. Mas é doença que me prende, irmão pequeno. Topei com uma gripe na semana passada, depois, desensarado, com uma chuva, domingo último, e o resultado foi uma sinusitezinha infernal que me inutilizou mais esta semana toda. E eu com tanto trabalho! Faz quinze dias que não faço nada, com o desânimo de após gripe, uma moleza invencível, e as dores e tratamento atroz. Nesta noitinha de hoje me senti mais animado e andei trabalhandinho por aí.

[...]

Quanto às suas reservas a palavras do poema que lhe mandei, gostei da sua habilidade em pegar todos os casos ‘propositais’. Sim senhor, seu poeta, você até está ficando escritor e estilista. Você tem toda razão de não gostar de ‘nariz furão’, de ‘comichona’ etc. Mas lhe juro que o gosto consciente aí é da gente não gostar sensitivamente. As palavras são postas de propósito pra não gostar; devido à elevação declamatória de coral que precisa ser um bocado bárbara, brutal, insatisfatória e lancinante. Carece botar um pouco de insatisfação no prazer estético, não deixar a coisa muito bem-feitinha. [...] De todas as palavras que você recusou, só uma continua me desagradando: ‘lar fechadinho’, em que o carinhoso diminutivo é um desfalecimento no grandioso coral.

(ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Mendes*.)

1. “[...] estou honestissimamente em casa, imagine! Mas é doença que me prende, irmão pequeno.”

No trecho acima, o termo grifado indica que o autor da carta pretende:

- a) revelar a acentuada sinceridade com que se dirige ao leitor.
- b) descrever o lugar onde é obrigado a ficar em razão da doença.
- c) demarcar o tempo em que se permanece impossibilitado de sair.
- d) usar a doença como pretexto para sua voluntária inatividade.
- e) enfatizar sua forçada resignação com a permanência em casa.

2. No texto, as palavras “sinusitezinha” e “trabalhandinho” exprimem, respectivamente:

- a) delicadeza e raiva.
- b) modéstia e desgosto.
- c) carinho e desdém.
- d) irritação e atenuação.
- e) euforia e ternura.

3. No trecho “[...] o gosto consciente aí é da gente não gostar sensitivamente”, apresenta-se um jogo de ideias contrárias, que também ocorre em:

- a) “dores e pensamentos atrozes”.
- b) “reservas e palavras do poema”.
- c) “insatisfação no prazer estético”.
- d) “a coisa muito bem-feitinha”.
- e) “o carinhoso do diminutivo”.

4. (Enem)

Em 2006, foi realizada uma Conferência das Nações Unidas em que se discutiu o problema do lixo eletrônico, também denominado “e-waste”.

Nessa ocasião, destacou-se a necessidade de os países em desenvolvimento serem protegidos das doações nem sempre bem-intencionadas dos países mais ricos. Uma vez descartados ou doados, equipamentos eletrônicos chegam a países em desenvolvimento com o rótulo de “mercadorias reconcondicionadas”, mas acabam deteriorando-se em lixões, liberando chumbo, cádmio, mercúrio e outros materiais tóxicos.

(Globo.com, com adaptações.)

A discussão dos problemas associados ao e-waste leva à conclusão de que:

- a) os países que se encontram em processo de industrialização necessitam de matérias-primas recicladas, oriundas de países ricos.
- b) o objetivo dos países ricos, ao enviarem mercadorias reconcondicionadas para os países em desenvolvimento, é o de conquistar mercados consumidores para os seus produtos.
- c) o avanço rápido do desenvolvimento tecnológico, que torna produtos obsoletos em pouco tempo, é um fator que deve ser considerado em políticas ambientais.
- d) o excesso de mercadorias reconcondicionadas enviadas para os países em desenvolvimento é armazenado em lixões apropriados.
- e) as mercadorias reconcondicionadas oriundas de países ricos melhoram muito o padrão de vida da população dos países em desenvolvimento.

## 5. (Enem)

Depois de um bom jantar: feijão com carne seca, orelha de porco e couve com angu, arroz mole engordurado, carne de vento assada no espeto, torresmo enxuto e toicinho da barriga, viradinho de milho verde e um prato de caldo de couve, jantar encerrado por um prato fundo de canjica com torrões de açúcar, nhô Tomé saboreou o café forte e se estendeu na rede. A mão direita sob a cabeça, à guisa de travesseiro, o indefectível cigarro de palha entre as pontas do indicador e do polegar, envernizados pela fumaça, de unhas encanadas e longas, ficou-se de pança para o ar, modorrento, a olhar para as ripas do telhado.

Quem come e não deita, a comida não aproveita, pensava nhô Tomé... E pôs-se a cochilar. A sua modorra durou pouco: tia Policena, ao passar pela sala, bradou assombrada:

— Eh! Sinhô! Vai dorme agora? Não! Num presta... Dá pisadela e pode morre de ataque de cabeça! Depois do armoço num far má... mais despois da janta?!



(PIRES, Cornélio. *Conversas ao pé do fogo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.)

Nesse trecho, extraído de texto publicado originalmente em 1921, o narrador:

- a) apresenta, sem explicitar juízos de valor, costume da época, descrevendo os pratos servidos no jantar e as atitudes de Nhô Tomé e tia Policena.
- b) desvaloriza a norma culta da língua porque incorpora à narrativa usos próprios da linguagem regional das personagens.
- c) condena os hábitos descritos, dando voz a tia Policena, que tenta impedir nhô Tomé de deitar-se após as refeições.
- d) utiliza a diversidade sociocultural e linguística, para demonstrar seu desrespeito às populações das zonas rurais do início do século XX.
- e) manifesta preconceito em relação à tia Policena ao transcrever a fala dela com os erros próprios da região.

**6. (Fatec)**

Quem primeiro me falou sobre as terras-raras acho que deve ter sido minha mãe, que era uma fumante inveterada e acendia um cigarro atrás do outro com um pequeno isqueiro Ransom. Certo dia, ela me mostrou a “pedra” do isqueiro, retirando-a do mecanismo, e explicou que não era realmente uma pedra, e sim um metal que produzia faíscas quando raspado. Esse “*misch metal*” consistindo sobretudo em cério, era uma mistura de meia dúzia de metais, todos eles muito semelhantes, e todos eles terras-raras. Esse nome curioso, terras-raras, tinha algo de mítico, de conto de fadas, e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas. Acreditava que eram também todas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.

(SACKS, Oliver. *Tio Tungstênio*. São Paulo:

Companhia das Letras, 2002, com adaptações.)

O texto apresentado é predominantemente:

- a) argumentativo, em que o autor expõe as investigações de sua mãe acerca da função de alguns elementos químicos.
- b) descritivo, em que o autor apresenta, em uma sequência cronológica, a composição de um elemento observado por ele de forma objetiva e imparcial.
- c) expositiva, que prioriza a apresentação do clímax de uma ação dinâmica iniciada no passado.
- d) narrativo, em que o sujeito relata uma sequência de eventos experienciados numa perspectiva subjetiva, pessoal.

- e) dissertativo, por meio do qual o autor explana sobre a vida de uma criança e os efeitos da aprendizagem.

**7. (Unifesp – adaptado)**

“E disse [Deus]: Certamente tornarei a ti por este tempo de vida, e eis que Sara, tua mulher, terá um filho. E Sara escutava à porta da tenda, que estava atrás dele.

E eram Abraão e Sara já velhos, e adiantados em idade; já Sara havia cessado o costume das mulheres.

Assim, pois, riu-se Sara consigo, dizendo: Terei ainda deleite depois de haver envelhecido, sendo também o meu senhor já velho? [...]

E concebeu Sara, e deu a Abraão um filho na sua velhice, ao tempo determinado, que Deus lhe tinha falado.”

(www.bibliaonline.com.br. Gn 18 – 10.12; 21.22)

No trecho afirma-se que Abraão e Sara já estavam “adiantados em idade” e que Sara já “havia cessado o costume das mulheres”. Essas expressões destacadas entre aspas são:

- a) sugestões que remetem, respectivamente, à velhice e ao ciclo menstrual.
- b) comparações implícitas, que remetem, respectivamente, à idade adulta e ao vigor sensual.
- c) exageros, que remetem, respectivamente, à velhice e à paixão feminina.
- d) sugestões, que remetem, respectivamente, à decrepitude e à sensualidade.
- e) símbolos, que remetem, respectivamente, à idade adulta e ao amor.

(Unifesp) As questões 8 a 10 baseiam-se no texto de Mário de Andrade:

“É por causa do meu engraxate que ando agora em plena desolação. Meu engraxate me deixou.

Passei duas vezes pela porta onde ele trabalhava e nada. Então me inquietei; não sei que doenças mortíferas, que mudança para outras portas se passaram em mim, resolvi perguntar ao menino que trabalhava na outra cadeira. O menino é um retalho de húngarês, cara de infeliz, não dá simpatia alguma. É tímido, o que torna instintivamente a gente muito combinado com o universo no propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença. ‘Está vendendo bilhete de loteria’, respondeu antipático, me deixando numa perplexidade penosíssima e pronto! Estava sem engraxate! Os olhos do menino chispavam ávidos, porque sou um dos que ficam fregueses e dão gorjeta. Levei seguramente um minuto para definir que tinha de continuar engraxando sapatos

toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom”.

(ANDRADE, Mário de. *Os filhos de Candinha*.)

**8. A desolação por que passa o narrador resulta:**

- a) da ausência do engraxate, por quem o narrador, ao valer-se dos serviços, criara certa afeição.
- b) do sumiço do engraxate, de cujos serviços, mesmo precários, ele se servia.
- c) da presença do menino húngarês, pouco aberto ao diálogo, em substituição obrigatória ao antigo engraxate.
- d) ao sumiço do engraxate, com quem ele evitava a todo custo criar laços afetivos.
- e) da necessidade dos serviços do tímido menino húngarês, que certamente não chegaria a ser um bom engraxate.

**9. A timidez do engraxate desperta no narrador um sentimento de:**

- a) pena dele e daqueles que, como ele, também viviam mal.
- b) repulsa por ele e pelos de sua condição mal-nascidos.
- c) enternecimento por ele e pelos mal-nascidos, por sua natural infelicidade.
- d) distanciamento dele e daqueles que o viam com interesse.
- e) indignação com ele e com aqueles que pouco faziam para progredir.

**10. É correto afirmar que:**

- a) o narrador ficou sem engraxate, mas queria encontrar o menino para agradecer pelos bons serviços prestados.
- b) o menino húngarês é antipático, pois se refere, com ironia ao outro que, um dia, já esteve trabalhando ao seu lado como engraxate, prestando serviços ao narrador.
- c) a possibilidade de ficar definitivamente sem o seu engraxate, que poderia lograr êxito no novo emprego, perturbava o narrador.
- d) o espírito generoso do narrador com o engraxate, ficando freguês e dando gorjeta não foi suficiente para ser maltratado pelo menino.
- e) a forma dissimulada como o menino húngarês trata o narrador naquele momento difícil mostra-o como se estivesse se divertindo com a situação.



## QUAL A EXPRESSÃO GRAMATICALMENTE CORRETA:

“O ENCONTRO DE” OU “DE ENCONTRO A”?

Ambas as expressões estão corretas e podem ser empregadas em uma redação, porém elas têm significados opostos. Observe as frases abaixo:

As suas ideias vêm **ao encontro das** minhas e isso me deixa feliz.

Nesse caso, a expressão em destaque significa concordância, afinidade de pensamentos.

Ela veio alegremente **ao encontro de** Maria, que acabava de chegar.

Aqui temos o sentido de “vir em direção a”.

Observe agora as próximas frases:

Suas ideias vêm **de encontro às** minhas e isso me deixa furiosa, indignada. Como você pode pensar dessa maneira?

O ônibus veio **de encontro ao** muro e atropelou alguns transeuntes.

Nos dois últimos períodos, a expressão em destaque significa chocar-se contra, estar em direção contrária a algo ou a alguém.

## Descomplicando a redação

### Proposta de atividade

#### PUC

O vestibular da PUC (Pontifícia Universidade Católica) apresenta duas propostas de redação a escolher: um texto dissertativo ou um texto narrativo. O seu desafio será produzir a proposta B, que é a elaboração de uma narração, gênero estudado neste capítulo. Leia a seguir:

#### Instrução:

Nesta proposta de redação você pode narrar uma história. O prazer de narrar, de se colocar no papel de um narrador, criar uma ou mais personagens e colocá-la(s) em ação é uma tarefa para os criadores.

Você aqui é o senhor do enredo. O tempo você escolhe, presente, passado ou futuro, desde que as ações aconteçam em **uma noite de apagão total**.

O espaço você constrói de acordo com o tempo escolhido.

Logo abaixo você encontra uma sugestão para iniciar seu texto. No final, dê um título à sua história:

*Naquela noite tudo se apagou; nenhuma luz, nenhum movimento, a única cara visível era o escuro. Ninguém sabia se havia uma vela disponível. E foi aí que o imprevisto aconteceu...*

**Atenção:** Não se esqueça de se colocar na condição de um vestibulando e não perca o senso crítico com relação ao contexto: uma situação de esgotamento das fontes energéticas, com possibilidade de enfrentar inúmeros apagões, caso não sejam buscadas fontes alternativas de energia. Além disso, lembre-se de que o bom texto narrativo tem como ingrediente principal a **criatividade**.

# 7

## Conto e Crônica

Há exames vestibulares e concursos públicos que apresentam como desafio a elaboração de um texto narrativo, gênero literário já visto nos Capítulos 2 e 6. Esse gênero tem subgêneros, tais como o romance, a novela, a fábula, o apólogo, o conto e a crônica. Nesse tipo de prova, as modalidades possíveis de escrita são os dois últimos, sobretudo por serem textos breves, que podem ser escritos no limite das trinta linhas propostas.

O vestibular ou o concurso público vão especificar “escreva um conto” ou “escreva uma crônica”. Sabendo diferenciá-los e conhecendo suas características específicas, poderá ser produzido um bom trabalho. É também comum encontrar questões dissertativas e testes sobre esses dois gêneros, por isso é importante estudar suas semelhanças e diferenças.

Para conhecer melhor as características que individualizam o conto e a crônica, será feito um estudo com base em textos de autores renomados da literatura brasileira.

### Crônica

#### Quem é

Assim que marcou a data do lançamento do livro, o autor começou a se preocupar. Não andava bem de memória havia algum tempo. Para datas, conservava a antiga precisão, mas, para caras e nomes, juntar os nomes às caras, ou estas àqueles, ou pessoas a fatos, a memória falhava.

Veze sem conta passara na rua pelo constrangimento de não se lembrar do nome de um ex-companheiro de trabalho, uma amiga, uma vizinha, um colega escritor. Tinha medo de cometer algum esquecimento imperdoável na noite de autógrafos. O pessoal da

livraria tomava o cuidado de inserir na página dos autógrafos uma tira de papel com o nome de cada pessoa, mas algumas delas, confiantes, diziam que não precisava, que eram muito amigas, e, justamente na hora delas, pá!, o lapso; e havia quem retirava maliciosamente a tira de papel só para testar o escritor amigo.

Pois bem, ele não gostava daquele papelzinho, achava constrangedor recorrer a ele na frente da pessoa, toda vez que embatucava diante de um nome. Além do mais, o papelzinho ineficiente não esclarecia nomes de esposa, marido, filha, essas coisas de que ele deveria se lembrar. Sabia como era aquilo, já estivera em dificuldades com os tais papeizinhos.

No último lançamento, havia pedido ajuda à mulher, dona de memória visual e factual extraordinária. Sabia não só os nomes das pessoas, mas também os dos filhos e netos. O resultado foi meio ridículo, ele acha, embora tenha sido sua a ideia. Ela ficou de pé ao seu lado na mesa e se antecipava no cumprimento de cada pessoa conhecida, em voz alta, e nisso passava quase um currículo:

— Olá, Fernando, filho da dona Quinha, neto da dona Cocota! Oi, Camila, como está sua lindíssima filha, Helena, e o seu charmoso marido, Fábio? Boa noite, João de Freitas, nosso vizinho da Rua Bartira. Oh, que linda você está, Mariana, e que linda gravata, Thiago, e estes filhos lindinhos, João Pedro e Isabela, como vão?

O autor não queria passar por uma dessas situações de novo. O filho, ligado em novidades eletrônicas, sugeriu um avanço tecnológico no desempenho da mãe. Argumentou:

— A ideia foi boa. O mal de vocês foi usar tecnologia antiga. Já imaginou um agente da CIA passando dicas para um companheiro com essa técnica de vocês? Tanto aparelhinho aí para incrementar isso!

O garoto comprou os aparelhinhos em loja de espionagem, testaram, treinaram, funcionou. Na noite do lançamento, lá estava o autor todo confiante sentado à mesa diante da fila, com um aparelhinho sem fio quase invisível enfiado no ouvido, microfone no botão

da camisa, e a mulher de memória incrível ficou meio encoberta na escada que levava ao mezanino, a alguns passos, com seu transmissor disfarçado no colar e fonezinho no ouvido, passando dicas.

— Salve, Mário! — ele cumprimentava, alegre. — Ótimo o seu ‘Pauliceia Di lacerada’, incorporando Mário de Andrade. Dois Mários pelo preço de um!

— Marçal, grande Marçal! — abria os braços. — Lorena vai bem? Acompanhei a ‘Força-Tarefa’ na televisão. Parabéns!

— Humberto Werneck e Paulinho! Caso raríssimo de transmissão de talento pelo DNA.

Se alguém contava um caso ali na beira da mesa, e na hora faltava a data ou havia alguma divergência em torno disso, ele, que nisso era bom, aparteava:

— 1957! Tenho certeza.

E assim foi. Não errava nomes, pessoas, obras, datas...

— Que memória! Ah, que inveja, meu amigo.

Ele, rubro de modéstia. Chegou uma peruca linda e o atacou de beijinhos e ‘oi, meu amor’, achando que ele estava sem a esposa.

— Quem é essa?! — ele ouviu rugir no fone do ouvido.

Foi rápido e discreto:

— Uai, querida, se você não sabe, eu que vou saber?

Ela acabou dando risada. Uma peruca a mais não ia estragar sua noite e seus dias.

(ÂNGELO, Ivan. Revista *Veja São Paulo*. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br>. Acesso em: out. de 2010)

## Características da crônica

A crônica é uma **história curta**, com número pequeno de personagens, que privilegia as ações; não há espaço para análise interior, pelo próprio tamanho reduzido. Como se pode perceber na crônica de Ivan Ângelo, os protagonistas são um escritor e sua



esposa; os demais são apenas figurantes. Por ser um texto curto e com poucas personagens, as pessoas a confundem com o conto, no entanto, existem aspectos que a singularizam.

A **crônica** está entre o estilo jornalístico e o literário. O cronista, assim como o jornalista, toma como referência os  **fatos do cotidiano**, mas seu objetivo não é escrever como uma reportagem de jornal, pois esta apresenta fatos que representam a ruptura do cotidiano: o acidente, o surpreendente e o inesperado, enquanto a crônica explora exatamente as ações ante um **fato qualquer do cotidiano**, colhido de fatos diários ou de noticiário de jornais, com o objetivo de despertar a atenção do leitor para aspectos que passam despercebidos, buscando emocioná-lo e **conduzi-lo à reflexão**.

O que torna esse tipo de texto muito interessante e atraente é que, na maioria dos casos, todos os elementos estruturais, tais como narrador, personagens, tempo e espaço, são apresentados com uma linguagem coloquial, muito próxima do leitor. Os arranjos de linguagem dão beleza ao texto; e sabe-se que se trata de uma história fictícia, um texto literário e não jornalístico.

De acordo com o crítico literário brasileiro Antonio Candido, a crônica, inicialmente, não era destinada à publicação em livros:

“Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha...”

(CANDIDO, Antonio, p.14-5.)

Existem ilustres cronistas no Brasil, cujos textos se tornaram clássicos e aparecem em antologias literárias, como Raquel de Queirós, Clarice Lispector, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Luís Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, Lourenço Diaféria, entre outros.

**Crônica** é um texto literário pertencente ao gênero narrativo, que gira em torno de um único eixo temático ou assunto; apresenta número reduzido de personagens, é breve e tem um **caráter reflexivo**. Sua característica fundamental é o fato de partir de **acontecimentos do cotidiano**. Costuma-se quase sempre explorar o humor.

## Conto

### Contrabandista

Batia nos noventa anos o corpo magro, mas sempre teso do Jango Jorge, um que foi capitão duma maloca de contrabandistas que fez cancha nos banhados do Ibirocaí.

Esse gaúcho desabotinado levou a existência inteira a cruzar os campos e fronteiras; à luz do sol, no desmaiado da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas... ainda que chovesse reiúnos acolherados ou que ventasse como por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada!...'

[...]

Foi sempre um gaúcho quebralhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas.

Se numa mesa de primeira ganhava uma ponchada de balastracas, reunia a gurizada da casa, fazia – pi! pi! pi! pi! – como pra galinhas e semeava as moedas, rindo-se do formigueiro que a miuçalha formava, catando as pratas do terreiro.

[...]

Aqui há poucos – coitado! – pousei no arranchamento dele. Casado ou doutro jeito, estava afamilhado. Não nos víamos desde muito tempo.

A dona da casa era uma mulher mocetona ainda, bem parecida e mui prazenteira; de filhos, uns três matalotes já emplumados e

uma mocinha – pro caso, uma moça – que era o santo-antoninho-onde-te-porei! – daquela gente toda.

E era mesmo uma formosura; e prendada, mui habilidosa; tinha andado na escola e sabia botar os vestidos esquisitos das cidadãs da vila

E noiva, casadeira, já era.

E deu o caso, que quando eu pousei, foi justo pelas vésperas do casamento; estavam esperando o noivo e o resto do enxoval dela.

O noivo chegou no outro dia; grande alegria; começaram os aprontamentos, e como me convidaram com gosto, fiquei pro festo.

O Jango Jorge saiu na madrugada seguinte, para ir buscar o tal enxoval da filha.

Aonde não sei; parecia-me que aquilo devia ser feito em casa, à moda antiga, mas, como cada um manda no que é seu...

Fiquei verdeando, à espera, e fui dando um auxílio na matança dos leitões e no tiramento dos assados com couro.

[...]

O Jango Jorge foi maioral nos estropícios do contrabando. Desde moço. Até a hora da morte. Eu vi.

Como disse, na madrugada vesp'ra do casamento o Jango Jorge saiu para ir buscar o enxoval da filha.

Passou o dia, passou a noite.

No outro dia, que era o do casamento, até tarde, nada.

Havia na casa uma gentama convidada; da vila, vizinhos, padrinhos, autoridades, moçada. Havia de se dançar três dias! ... Corria o amargo e copinhos de licor de butiá.

Roncavam cordeonas no fogão, violas na ramada, uma caixa de música na sala.

Quase ao entrar do sol, a mesa estava posta, vergando ao peso dos pratos enfeitados.

A dona da casa, por certo traquejada nessas bolandinas do marido, estava sossegada, ao menos ao parecer.

Às vezes mandava um dos filhos ver se o pai aparecia, na volta da estrada, encoberta por uma restinga fechada de arvoredos.

Surdiu dum quarto o noivo, todo no trinque, de colarinho duro e casaco de rabo. Houve caçadas, ditérios, elogios.

Só faltava a noiva; mas essa não podia aparecer, por falta do seu vestido branco, dos seus sapatos brancos, das suas flores de laranjeira, que o pai fora buscar e ainda não trouxera.

As moças riam-se; as senhoras velhas cochichavam.

Entardeceu.

Nisto correu que a noiva estava chorando: fizemos uma algazarra e ela – tão boazinha! – veio à porta do quarto, bem penteada, ainda num vestidinho de chita de andar em casa, e pôs-se a rir pra nós, pra mostrar que estava contente.

[...]

E rindo e chorando estava, sem saber por quê... sem saber por quê... rindo e chorando, quando alguém gritou do terreito:

– Aí vem Jango Jorge, com mais gente! ...

Foi um vozerio geral; a moça, porém, ficou, como estava, no quadro da porta, rindo e chorando, cada vez menos sem saber por quê... pois o pai estava chegando e o seu vestido branco, o seu véu, as flores de noiva...

Era já lusco-fusco. Pegaram a acender as luzes.

E nesse mesmo tempo parava no terreiro a comitiva; mas num silêncio tudo.

E o mesmo silêncio foi fechando todas as bocas e abrindo todos os olhos.

Então vimos os da comitiva descerem do cavalo o corpo entregue de um homem, ainda de pala enfiado...

Ninguém perguntou nada, ninguém informou de nada; todos entenderam tudo... que a festa estava acabada e a tristeza começada...

Levou-se o corpo pra sala da mesa, para o sofá enfeitado que ia ser o trono dos noivos. Então um dos chegados disse:

A guarda nos deu em cima... tomou os cargueiros... E mata o capitão, porque ele avançou sozinho pra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto... e ainda o amarrou ao corpo...Aí foi que o crivaram de balas... parado... Os ordinários! Tivemos que brigar para tomar o corpo!

A sai dona, mãe da noiva levantou o balandrau do Jango Jorge e desamarrou o embrulho e abriu-o.

Era o vestido branco da filha, os sapatos brancos, o véu branco, as flores de laranjeira...

Tudo numa plastada de sangue... tudo manchado de vermelho, toda a alvura daquelas coisas bonitas como que bordada de colorado, num padrão esquisito, de feitos estrambólicos... como flores de cardo solferim esmagadas a casco de bagual!...

Então rompeu o choro na casa toda.

(LOPES NETO, João Simões. *Antologia escolar de contos brasileiros*. Org. Herberto Sales. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984, p. 18-23.)

## Características do conto

Este gênero surgiu entre as camadas populares, como texto oral e não como narrativa para ser lida. Eram as histórias curiosas, instigantes, que passavam de geração a geração, por meio dos contadores que reuniam grupos no fim da tarde ou à noite, nas varandas dos casarões ou em volta de uma fogueira. Dessa tradição, surgiu um ditado popular: "Quem conta um conto, aumenta um ponto", pois existiam pessoas que se tornavam especialistas na arte de narrar.

Na literatura brasileira, existem personagens curiosas pelo seu jeito autêntico de contar, como a Tia Anastácia, do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, criando ambientes fantásticos para prender a atenção das crianças; e as *Histórias da velha Totonha*, de José Lins do Rego, a qual, com seus gestos e mímicas, narra histórias espetaculares, de castelos, reis e rainhas, mas no espaço físico nordestino.

O conto também é uma **história curta**, com número reduzido de personagens, e que privilegia os fatos e não a análise psicológica. É o desenrolar das ações que vai revelando o caráter, a personalidade dos envolvidos na trama. Há um importante teórico da literatura, o alemão Wolfgang Kaiser, que afirma ser o conto um texto “que pode ser lido ou ouvido numa sentada”, ou seja, mesmo que contenha algumas páginas, não é tamanho suficiente para fazer interrupções e retomar no dia seguinte.

Como fazer então para diferenciar o conto da crônica, se ambos são narrativas curtas, cujas ações ocorrem em um só espaço e onde há um só conflito? A **marca principal** do conto é o fato de flagrar um **episódio marcante**, significativo e inesquecível para as personagens, sobretudo na vida do protagonista. O texto que acabamos de ler é um conto, pois relata um momento marcante e inesquecível para a família do contrabandista Jango Jorge: sua última viagem, em que fora buscar o vestido de noiva da filha e morreu numa investida da polícia.

Enquanto texto literário, o conto também apresenta uma linguagem ornamental, que pode ter inversões sintáticas; comparações explícitas ou implícitas; adjetivos e locuções adjetivas. O acabamento poético da linguagem é o que confere beleza ao conto e à crônica.

Assim como a crônica, o conto também tem caráter reflexivo, no entanto, o alvo é diferente: aquela trabalha com assuntos corriqueiros, como uma ocorrência em uma padaria ou no trânsito, algo engraçado que aconteceu na academia de ginástica, uma

frase de para-choque de caminhão lida durante o dia, enfim, qualquer fato comum; o conto seleciona momentos que marcam a vida. Escreve-se um conto sobre o grande amor, a passagem de uma noite em um local assombrado, o desaparecimento do cãozinho de estimação, a morte de um filho, o dia dos preparativos de um casamento que não ocorreu, o momento de constatação do processo de envelhecimento por meio dos sinais do tempo no corpo físico. A vida humana se faz presente nessas duas formas de narrativa e por isso há o gosto do leitor por esses dois gêneros com enfoques diferenciados.

São grandes contistas brasileiros Machado de Assis, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, José J. Veiga, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Ricardo Ramos, Rubem Fonseca, Otto Lara Resende, Osman Lins e tantos outros. De acordo com o crítico literário brasileiro Alfredo Bosi, a arte de produzir e narrar contos é marcada por significações subjetivas.

Em face da história, rio sem fim que vai arrastando tudo e todos no seu curso, **o contista é um pescador de momentos singulares e cheios de significação**. Inventar, de novo: descobrir o que os outros homens não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força. Literariamente: **o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção**. Esta, acicatada pelo demônio da visão, não cessa de perscrutar situações narráveis na massa aparente amorfa do real. E, entre nós, o que tem achado?

(BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*.  
p. 9. Destaque nosso.)

## Diferenças entre conto e crônica

CRÔNICA	CONTO
<ul style="list-style-type: none"><li>– História breve</li><li>– Reduzido número de personagens</li><li>– Não é voltada à análise psicológica, mas sim à dinâmica das ações</li><li>– Linguagem ornamental, sentido conotativo das palavras — presença de figuras de linguagem</li><li>– Normalmente produzida sob encomenda, para publicação em jornal ou outros veículos de comunicação</li><li>– Apresenta assuntos cotidianos, com qualquer profundidade de abordagem, pode explorar assuntos considerados banais, desde que despertem reflexão momentânea</li><li>– Transforma simples situações em grandes reflexões sobre a vida humana</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>– História curta</li><li>– Reduzido número de personagens</li><li>– Voltada à dinâmica das ações e estas revelam o íntimo das personagens</li><li>– Do mesmo modo que a crônica, predomina a linguagem figurada</li><li>– Suas raízes são populares, contados oralmente, e transmitidos de geração em geração nos encontros familiares</li><li>– Também traz em si o caráter reflexivo, como na crônica, mas seu propósito principal é narrar um episódio significativo da vida do protagonista</li></ul>



### Questões dissertativas

1. Releia a crônica “Quem é”, de Ivan Ângelo, e identifique os seguintes elementos estruturais da narrativa: narrador, protagonista, antagonista, tempo e espaço.
2. Explique qual é a mensagem que Ivan Ângelo deixa com essa crônica. Em outras palavras, que tema é colocado em discussão?
3. No conto “Contrabandista”, o antagonista (ou vilão) é uma personagem? Comente.
4. Com os conhecimentos adquiridos neste capítulo, explique a marca principal que faz do texto “Quem é” uma crônica e de “Contrabandista” um conto.

(Unesp) As questões de número 5 e 6 tomam por base o trecho inicial de um conto do escritor brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922).

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel, pois assim era subscrita a correspondência que recebia. E era grande. Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

—Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia — um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílio de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

O alarme se fez na vila. Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes simples, um tipo que tinha parte com o tinhoso.

Chico da Tirana, o carreiro, quando passava em frente da casa do homem misterioso, ao lado do carro a chiar, e olhava a chaminé da sala de jantar a fumegar, não deixava de persignar-se e rezar um “credo” em voz baixa; e não fora a intervenção do farmacêutico, o subdelegado teria ido dar um cerco à casa daquele indivíduo suspeito, que inquietava a imaginação de toda uma população.

Tomando em consideração as informações de Fabrício, o boticário Bastos concluíra que o desconhecido devia ser um sábio, um grande químico, um refugiado ali para mais sossegadamente levar avante os seus trabalhos científicos.

Homem formado e respeitado na cidade, vereador, médico também, porque o doutor Jerônimo não gostava de receitar e se fizera sócio da farmácia para mais em paz viver, a opinião de Bastos levou a tranquilidade a todas as consciências e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração a pessoa do grande químico, que viera habitar a cidade.

De tarde, se o viam a passear pela margem do Tubiacanga, sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às “boas-noites” acrescentassem “doutor”. E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sofrer e morrer.

5. Na primeira parte do fragmento, Raimundo Flamel recebe qualificativos praticamente neutros (*desconhecido, novo habitante*) e, a partir de pormenores contados por Fabrício, sua descrição se reveste de certo caráter negativo (“o próprio diabo, um tipo que tinha parte com o tinhoso, homem misterioso, indivíduo suspeito”). Pela intervenção do boticário Bastos, porém, o conceito do homem passa a ser positivo. Extraia do texto dois exemplos que focalizem a admiração que a população de Tubiacanga vai desenvolver com respeito a Flamel.
6. Ainda que o enunciador do texto possa ser considerado discreto e convencional, há pelo menos uma passagem em que se dirige concretamente a eventuais leitores. Transcreva a palavra com que ele realiza essa ação,

identifique o modo verbal no qual ela se apresenta e comente o efeito de sentido que tal atitude do narrador provoca no texto.

7. Vá até um *site* de busca, digite o título do conto em questão — “A Nova Califórnia” — e, ao encontrá-lo na íntegra, faça a leitura. Depois, identifique e caracterize os elementos estruturais: narrador, protagonista, tempo e espaço. Por fim, comente a mensagem transmitida pelo autor.

## Questões-testes

1. (Enem)

A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada... que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens, sem nenhum dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras!

Havia sempre rei e rainha nos seus contos, e força e adivinhações. E muito da vida, com as suas maldades e as suas grandezas, a gente encontrava naqueles heróis e naqueles intrigantes, que eram sempre castigados com mortes horríveis! O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino, era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com a Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco.

(REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 49-51, com adaptações.)

Na construção da personagem “velha Totonha”, é possível identificar traços que revelam marcas do processo de colonização e de civilização do país. Considerando o texto acima, infere-se que a velha Totonha:

- a) tira o seu sustento da produção de literatura, apesar de suas condições de vida e de trabalho, que denotam que ela enfrenta situação econômica muito adversa.
- b) compõe, em suas histórias, narrativas épicas e realistas da história do país colonizado, livre da influência de temas e modelos não representativos da realidade nacional.

- c) retrata, na constituição do espaço dos contos, a civilização urbana europeia em concomitância com a representação literária de engenhos, rios e florestas do Brasil.
- d) aproxima-se, ao incluir elementos fabulosos nos contos, do próprio romancista, o qual pretende retratar a realidade brasileira de forma tão grandiosa quanto a europeia.
- e) imprime marcas da realidade local a suas narrativas, que têm como modelo e origem as fontes da literatura e da cultura europeia universalizada.

(Fuvest-SP) Texto para as questões 2 a 4.

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho, ela era toda pálida.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada e eu. Para que recensar a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança de cor. Sentia que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(BRAGA, Rubem, *A mulher que ia navegar*.)

**2.** O termo sublinhado no trecho: “Senti que ela fruía nisso um prazer silenciosos e longo”, refere-se, no texto:

- a) ao sorriso que ela dava, quando lhe dirigiam a palavra.
- b) ao prazer silencioso e longo que ela fruía ao sorrir.
- c) à percepção do efeito das luzes do anúncio em seu braço.
- d) à falta de atenção aos que se encontravam ali reunidos.
- e) à alegria da roda de amigos que falavam de política e pintura.

**3.** Entre os dois segmentos “nos intervalos desse banho vermelho” e “ela era toda pálida e suave”, expressa-se um contraste que também ocorre entre:

- a) “O anúncio luminoso de um edifício” e “banhos intermitentes de sangue”.
- b) “acendendo e apagando” e “banhos intermitentes de sangue”.
- c) “acendendo e apagando” e “um edifício em frente”.

- d) “Ela estava sentada junto à janela” e “havia luar”.
- e) “banhos intermitentes de sangue” e “havia luar”.

**4. (Adaptado)**

“Muito!”, disse quando alguém perguntou se gostara de um certo quadro.”

Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto (fala direta da personagem), a forma verbal correspondente a “gostara” seria:

- a) Gostasse.
- b) gostava.
- c) gostou.
- d) gostará.
- e) gostaria.

**5. (Enem)** Os textos a seguir foram extraídos de duas crônicas publicadas no ano em que a seleção brasileira conquistou o tricampeonato mundial de futebol.

O General Médici falou em consistência moral. Sem isso, talvez a vitória nos escapasse, pois a disciplina consciente, livremente aceita, é vital na preparação espartana para o rude teste do campeonato. Os brasileiros portaram-se não apenas como técnicos ou profissionais, mas como brasileiros, como cidadãos desse grande país, côncios de seu papel de representantes de seu povo. Foi a própria afirmação do valor do homem brasileiro, como salientou bem o presidente da república. Que o chefe do governo aproveite essa pausa, esse minuto de euforia e de efusão patriótica, para meditar sobre a situação do país. [...] A realidade do Brasil é a explosão patriótica do povo ante a vitória na Copa.

(JOBIM, Danton. *Última hora*. 23 ago. 1970, com adaptações.)

O que explodiu mesmo foi a alma, foi a paixão do povo, uma explosão incomparável de alegria, de entusiasmo, de orgulho. [...] Debruçado em minha varanda de Ipanema, [um velho amigo] perguntava: — Será que algum terrorista se aproveitou do delírio coletivo para adiantar um plano seu qualquer, agindo com frieza e precisão? Será que, de outro lado, algum carrasco policial teve ânimo para voltar a torturar sua vítima logo que o alemão apitou o fim do jogo?

(BRAGA, Rubem. *Última hora*, 26 jun. 1970, com adaptações.)

Avalie as seguintes afirmações a respeito dos dois textos e do período histórico em que foram escritos.

I. Para os dois autores, a conquista do tricampeonato mundial de futebol provocou explosão de alegria popular.

II. Os dois textos salientam o momento político que o país atravessava ao mesmo tempo que conquistava o tricampeonato.

III. À época da conquista do tricampeonato mundial de futebol, o Brasil vivia sob regime militar, que, embora politicamente autoritário, não chegou a fazer uso de métodos violentos contra seus opositores.

É correto o que se afirma em:

- a) I.  
b) II.  
c) III.

**6. (Enem)**

## O jivaro

Um Sr. Matter, que fez uma viagem de exploração à América do Sul, conta a um jornal sua conversa com um lindo jivaro, desses que sabem reduzir a cabeça de um morto até ela ficar bem pequenina. Queria assistir a uma dessas operações, e o índio lhe disse que exatamente ele tinha contas a acertar com um inimigo.

O Sr. Matter:

— Não, não! Um homem não. Faça isso com a cabeça de um macaco.

E o índio:

— Por que um macaco? Ele não me fez nenhum mal!

(BRAGA, Rubem)

O assunto de uma crônica pode ser uma experiência pessoal do cronista, uma informação obtida por ele ou um caso imaginário. O modo de apresentar o assunto também varia: pode ser uma descrição objetiva, uma exposição argumentativa ou uma narrativa sugestiva. Quanto à finalidade pretendida, pode-se promover uma reflexão, definir um sentimento ou tão somente provocar riso.

Na crônica “O Jivaro”, escrita a partir de uma reportagem de um jornal, Rubem Braga se vale dos seguintes elementos:

Assunto	Modo de apresentar	Finalidade
a) caso imaginário	descrição objetiva	provocar o riso
b) informação colhida	narrativa sugestiva	provocar reflexão
c) informação colhida	descrição objetiva	definir um sentimento
d) experiência pessoal	narrativa sugestiva	provocar o riso
e) experiência pessoal	exposição argumentativa	promover reflexão



## EMPREGO DOS PORQUÊS

Você sabe como empregar os porquês?

Há quatro maneiras de escrever esse termo: porque, porquê, por que e por quê.

Observe:

I – Não saia à noite sozinho, **porque** é perigoso.

Ela chorou muito, **porque** brigou com os pais.

Esses são os empregos mais comuns; nos dois casos, **porque** é conjunção (respectivamente explicativa e causal), liga orações e é comum aparecer **em respostas**.

II – Não sei **o porquê** de suas dúvidas.

Nesse caso, a palavra porquê tornou-se substantivo, pela anteposição do artigo “o”. **A forma mais comum de substantivar essa palavra é antepondo o artigo**, mas também pode-se combiná-la com pronome, adjetivo ou numeral, como nos exemplos a seguir.

Há **muitos** porquês que explicam minha atitude (pronome indefinido).

Ele apresentou um **interessante** porquê para justificar sua ausência (adjetivo).

Há **dois** porquês que justificam meu comportamento (numeral).

III – **Por que** você está triste?

O motivo **por que** estou triste é secreto.

Agora há a expressão que reúne a preposição “por” com o pronome relativo “que”. Para identificá-la, pode-se substituí-la por: “por qual razão”, “por causa de quê”, “por que motivo”, no primeiro caso. No segundo caso, basta substituir toda a expressão “O motivo por que” por “a razão pela qual”.

A situação mais comum é a primeira; **normalmente utilizada em perguntas e afirmações.**

IV – Você está triste **por quê?**

Por quê deve ser acentuado em final de frase ou quando o objetivo é enfatizar ainda mais uma pausa indicada por vírgula. Observe:

Maria não veio à aula **por quê?**

Não sei **por quê**, mas acredito que haja um bom motivo.

## Tipos de crônica

I – **Crônica esportiva:** sendo o Brasil conhecido como país do futebol, esse assunto comumente é tema para cronistas. São textos que propõem uma discussão sobre a cultura desse esporte apreciado por nós, brasileiros. Não são comuns crônicas sobre outros esportes.

### Aí, galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo “estereotipação”? E, no entanto, por que não?

— Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

— Minha saudação para os aficcionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso de seus lares.

— Como é?

— Aí, galera.

[...]

(VERÍSSIMO, Luís F. *Correio Brasiliense*, 13 de maio 1998.)

**Observação:** Você encontra esta crônica na íntegra no Capítulo 9.



**II – Crônica humorística:** é o tipo mais popular e preferido dos leitores. Tratar os erros de comportamento e de linguagem que são cometidos no cotidiano, quando popularmente é dito: “Dei um fora”. Assim, uma reflexão bem humorada das gafes, quase sempre difíceis de consertar, é proporcionada por esse tipo de crônica. O inesperado costuma ser a causa do humor.

### **Aquilo**

- De uns tempos pra cá, eu só penso naquilo.
  - Eu penso naquilo desde os meus, sei lá, onze anos...
  - Onze anos?
  - É, e o tempo todo.
  - Não. Eu, antigamente, pensava pouco naquilo. Era uma coisa com que eu não me preocupava. Claro que a gente convivia com aquilo desde cedo. Via acontecer à nossa volta, não podia ignorar. Mas não era assim, uma preocupação constante, como agora.
  - Para mim, sempre foi; aliás eu não penso em outra coisa.
- [...]

(VERÍSSIMO, Luís F. *20 histórias escolhidas*.  
São Paulo: Ágora, 1998. p. 71-3.)

**III – Crônica metalinguística:** é quando o texto coloca em discussão o processo de criação literária; o enunciador discorre sobre seus objetivos, fala dos resultados desejados, comenta as dificuldades de composição, expõe as características pessoais do modo de escrever, estabelecendo um diálogo crítico com o leitor.

### **Ao respeitável público**

Chegou meu dia. Todo cronista tem seu dia, em que, não tendo nada para escrever, fala da falta de assunto. Chegou meu dia, que bela tarde para não escrever!

[...]

Fiquem sabendo que hoje eu tinha assunto e recusei todos. Eu poderia, se quisesse, neste momento, escrever duzentas crônicas

engraçadinhas, ou tristes, boas, imbecis, úteis ou inúteis, interessantes ou cacetes. Assunto não falta, porque eu me acostumei a aproveitar qualquer assunto.

[...]

(BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*.  
4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.)

**IV – Crônica política:** é o tipo mais efêmero, já que um acontecimento político cotidiano é rapidamente esquecido, substituído por um novo fato que chame mais a atenção. A crônica política eterniza-se, caso ela comente um fato que, no ato de sua ocorrência, é visto como corriqueiro; mas, ao longo do tempo, pode marcar a história de um país.

#### Para o bem do Brasil

Foi no meio de uma conversa casual. Eles e outro casal da mesma idade, fim de noite. Assunto puxa assunto, e alguém lembrou a “revolução” de 64, fazendo as aspas com os dedos. Cecília então contou que seu pai tinha se empolgado com a — aspas — revolução. Tinha até dado ouro para o bem do Brasil.

— Lembra? Aquela coleta de ouro que fizeram logo depois? Acho que era para pagar a dívida. Sei lá. E meu pai deu um anel de ouro. Veja você. [...]

(VERÍSSIMO, Luís F. *Comédias da vida privada*.  
Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 255.)

**V – Crônica lírico-reflexiva:** aquela que apresenta temas que não perdem a atualidade. Pode tratar os conflitos existenciais, medos e paixões, por meio de reflexões proporcionadas por um fato qualquer, cotidiano, que nos leva a abstrações. Normalmente, há apenas o narrador-personagem com seus pensamentos. É a que tem algumas marcas da poesia, como metáforas, hipérboles, comparações, predominando o sentido figurado das palavras.

## A Aurora

A aurora chegou, vestida de cor de rosa. Passou pela vidraça, passou através de minhas pálpebras, acordou meus olhos. Mas não me acordou a alma, que ficou dorme-não-dorme, boba e semi-iluminada.

Depois ela, a aurora, foi esvoaçar sobre os telhados, e era como se aquilo estivesse acontecendo no passado. Meus olhos ficaram espiando aquela aurora doida que esvoaçava e se adelgaçava e deixava nascer de seu ventre os primeiros passarinhos matutinos.

[...]

(CAMPOS, Paulo Mendes. *O amor acaba: crônicas e líricas existenciais*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 15-6.)

**VI – Crônica narrativa:** depois da humorística, é o tipo de crônica mais comum. Parte de um fato, uma vivência do narrador-personagem ou um acontecimento observado, testemunhado por ele. A partir daí, surgem as reflexões que aquele fato ou vivência desperta.

## Tentação

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia, as pedras vibravam de calor — a cabeça da menina flamejava. Sentada, nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua; só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento [...].

Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento [...].

(LISPECTOR, Clarice. *Seleta: contos e crônicas*. 2. ed. Seleção de Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.)

## Tipos de conto

Os tipos aqui sugeridos obedecem à classificação de um importante teórico de literatura, Carl H. Grabo, e os conceitos têm como fonte de consulta a obra *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés.

**I – Conto de ação:** é o tipo mais comum, em que há predominância de aventuras; “remonta às *Mil e uma noites* e perpetua-se nas histórias policiais e de mistério hoje em voga”.

### O sorvete

Mas a própria aventura exige um roteiro, nós o sabíamos por intuição; e o nosso fora pacientemente concebido nas conversas de recreio e através de bilhetes silenciosos passados entre as carteiras, na sala de estudo. Em síntese, nosso domingo se comporia de: ida a pé para a cidade, a fim de acumular recursos e fazer um pouco de exercícios; passeio no parque com inspeção dos bichos ainda não conhecidos e exame mais minucioso de um gavião de penacho não suficientemente apreciado da primeira vez; almoço em casa de meu tio; jogos no quintal com os primos; matinê de cinema; gulodices compradas a um doceiro de rua e comidas num banco de jardim; passeio pela cidade, talvez uma excursão de bonde ao subúrbio; e volta.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. In: BARBIERI, Ivo; KAMPELL, Maria Mecler – Seleção de textos. *Antologia escolar de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985. p. 82.)

**II – Conto de personagem:** é o menos comum; dá mais importância à construção de personagens do que às ações. O retrato da personagem protagonista é o objeto principal, destacando-se a análise psicológica, que é uma das características dos romances.

### Noite de Almirante

Deolindo Venta-Grande (era uma alcinha de bordo) saiu do arsenal da Marinha e enfiou pela rua de Bragança. Batiam três

horas da tarde. Era a fina flor dos marujos e, de mais, levava um grande ar de felicidade nos olhos. A corveta dele voltou de uma longa viagem de instrução e Deolindo veio à terra tão depressa que alcançou licença. Os companheiros disseram-lhe, rindo:

— Ah! Venta-Grande! Que noite de almirante vai você passar! Ceia, viola e os braços de Genoveva. Colozinho de Genoveva...

Deolindo sorriu. Era assim mesmo, uma noite de almirante, como eles dizem, uma dessas grandes noites de almirante que o esperava em terra.

(ASSIS, Machado de. In: BARBIERI, Ivo; KAMPELL, Maria Mecler – Seleção de textos. *Antologia escolar de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985. p. 10.)

**III – Conto de cenário ou de atmosfera:** extensa narrativa em torno da descrição de cenas e pormenores que vão sendo desvendados à medida da evolução da narrativa. A atenção do narrador dirige-se para o ambiente, que quase se transforma no herói do conto.

### **Emboscada**

Os dois homens começaram a descer a encosta. [...]

Na semiobscuridade da madrugada, o vale esboçava amplos paredões hirtos, encaixotando funebremente o rio. Os dois homens saltavam de uma pedra para a outra, desciam pelos lajedões talhados quase a pique, subiam por íngremes atalhos, e logo reapareciam por trás de uma touça de malva ou de velame, com uma agilidade de cabritos monteses. Agora, porém, tinham conseguido alcançar um trecho melhor do caminho e andavam num passo regular, encolhidos nos capotes surrados.

O ar era frio e úmido.

(SALES, Herberto. In: BARBIERI, Ivo; KAMPELL, Maria Mecler – Seleção de textos. *Antologia escolar de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985. p. 134.)

**IV – Conto de ideia:** apresenta poucas personagens, um único conflito e o objetivo principal é torná-lo instrumento para defender uma teoria ou pensamento que se pretenda propagar.

### **O carregador caolho**

Nossos dois olhos não tornam nosso destino melhor; um deles serve-nos para ver os bens; o outro, os males da vida. Muitos têm o mau hábito de fechar o primeiro, mas poucos fecham o segundo; daí haver tanta gente que preferiria ser cega a ver tudo o que vê. Felizes os caolhos, privados apenas do olho ruim que estraga tudo o que vemos. Mesrour é um exemplo disso.

(Voltairein. In: PAES, José Paulo – Seleção de textos.  
*Para gostar de ler*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 51.)

**V – Conto de emoção:** neste tipo de conto, os elementos estruturais — personagem, ação, espaço e tempo — convergem-se em uma intenção principal, a de despertar a emoção de quem lê. O leitor, à medida que progride na leitura, vai sendo tomado por um sentimento misto de curiosidade e sofreguidão. Nesta categoria incluem-se os contos de fadas, também conhecidos como “Histórias de encantamento”.

### **O retrato oval**

O castelo que meu criado resolvera arrombar a fim de evitar que eu, gravemente ferido como estava, passasse a noite ao relento, era uma dessas construções portentosas, a um só tempo lúgubres e grandiosas, que há séculos assombram a paisagem dos Apeninos [...].

Vindos das inúmeras velas (havia muitas no candelabro), os raios de luz foram bater justamente num dos nichos do quarto que até o momento estivera totalmente envolto na sombra projetada por uma das colunas de minha cama. Só assim pude ver à plena luz um quadro que me passara despercebido até então.

(POE, Edgar Allan. In: PAES, José Paulo – Seleção de textos.  
*Para gostar de ler*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 38.)

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

#### **Unicamp**

Como este capítulo compreende dois subgêneros literários, serão apresentadas duas propostas de redação e você poderá escolher uma ou desenvolver ambas, verificando em qual delas encontrará maior facilidade. Costuma-se dizer que é mais fácil escrever um conto, porque pode-se aproveitar as próprias experiências transformando-as em ficção. Já a crônica exige maior elaboração, porque não basta escrever sobre um acontecimento cotidiano, é preciso não esquecer seu caráter reflexivo. E lembre-se de usar comparações, adjetivos, metáforas, ordem direta das frases, entre outras normas gramaticais que tornam a produção textual mais interessante.

#### **Proposta 1:**

Os trechos transcritos a seguir fazem referência a mortes ocorridas em circunstâncias misteriosas:

I – “Houve um inquérito [...] e o veredicto foi levantado pelo legista, que disse achar estranho um homem dar um tiro na cabeça exatamente no meio da testa. Mas essa tinha sido a única dúvida. A coisa toda era muito simples. A porta trancada por dentro, a chave no bolso do morto, as janelas bem fechadas, a pistola na mão”.

(Agatha Christie)

II – “Aparentemente Walker tinha se suicidado. Tomara uma dose excessiva de barbitúricos. E, no entanto, alguma coisa estava errada [...]. Talvez fosse a posição do corpo: dentro do televisor e olhando para fora. No chão havia um bilhete, dizendo: ‘Querida Edna. O terno de lâ me provoca coceira, portanto decidi dar cabo da vida [...]. Deixo-lhe toda a minha fortuna, com exceção do chapéu de feltro, que lego ao planetário. Não tenha pena de mim, pois estou me sentindo bem e prefiro a morte a pagar aluguel. Adeus. Assinado, Henry’”.

(Woody Allen)

Escolha um dos trechos e, com base nos elementos nele fornecidos, escreva uma narrativa em primeira pessoa em que o narrador seja o detetive encarregado de investigar o caso.

### Instruções complementares:

- Para elaborar a narrativa, você deverá supor que o caso faz parte de um livro em que o detetive registra os casos mais intrigantes de sua carreira policial.
- A narrativa deverá centrar-se nos motivos e circunstâncias que levaram à morte.
- Não se esqueça de indicar o trecho que você escolheu.

**Observação:** Este tema sugere a elaboração de um conto.

### Proposta 2:

A seguir, há um exemplo de crônica metalinguística (veja a explicação sobre esse tipo de crônica em “Saiba +”), escrita por Rubem Braga. Leia-a atentamente:

#### Meu ideal seria escrever...

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta, quando lesse minha história no jornal, risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse — “ai, meu Deus, que história mais engraçada”. E então contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria — “mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera, a minha história chegasse — e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão co-



lorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler a minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse — “por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!”. E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela, aos poucos, se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago — mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem; foi com certeza algum anjo tagarela que a tomou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina”.

E quando todos me perguntassem — “mas de onde é que você tirou essa história?” — eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”.

E eu esconderia completamente a minha humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

(Rubem Braga)

Agora produza uma crônica metalinguística. Inicie o texto conforme Rubem Braga: “Meu ideal seria escrever...”.

Dê continuidade, explicando como seria o texto ideal, que tipo de leitor espera que leia seu trabalho, como seria sua história, que alcance teria: uma cidade, um país, e que tipo de emoção gostaria de provocar.

# 8

## Tipos de Discurso

Ao construir um texto, o narrador pode utilizar três técnicas diferentes para reproduzir os pensamentos ou as falas das personagens, as quais chamamos de **discurso direto**, **discurso indireto** e **discurso indireto livre**.

O **discurso direto** se dá quando o narrador reproduz exatamente os diálogos das personagens, comumente introduzindo o início das falas com o sinal de travessão. Pode-se também isolar as falas com o uso das aspas para se fazer uma citação.

Se o narrador, por outro lado, usa seu próprio discurso para demonstrar a fala ou o pensamento da personagem, tem-se o **discurso indireto**. Assim, tanto o discurso direto quanto o indireto são reproduções do discurso das personagens. Já o **discurso indireto livre** ocorre quando uma reflexão ou pensamento podem ser atribuídos ao narrador ou à personagem e, por isso, também é chamado de **discurso misto**.

Estudaremos a seguir, separadamente, cada uma das possibilidades dos discursos com suas características peculiares.

### Discurso direto

Leia o fragmento a seguir, retirado do romance *Memórias de um sargento de milícias* (p. 33), de Manuel Antonio de Almeida:

Ao chegar à porta de casa, abriu-se o postigo de uma rótula contígua, e uma voz de mulher **perguntou**:

— Então, vizinho, nada?

— Nada, vizinha, **respondeu** o compadre com voz desanimada.

— Ora, quando eu lhe digo que aquela criança tem maus bofes...

— Vizinha, isto não são cousas que se digam...

— Digo-lhe e repito-lhe que tem maus bofes... Deus permita que não, mas aquilo não tem bom fim...

— Oh, senhora, **replicou** o compadre muito irritado, que tem a senhora com minha vida e mais das cousas que me pertencem? Meta-se consigo, cuide nos seus bilros e na sua renda, e deixe a vida alheia.

Nota-se que, após o narrador construir rapidamente a cena da chegada do vizinho a casa, reproduziu os diálogos com as palavras das personagens, marcando os turnos da conversa a cada início de linha por um travessão. Nesse trecho tem-se, então, a forma de expressão a que se chama **discurso direto**, em que as falas do personagem-narrador e de uma vizinha são reproduzidas integralmente.

## Características do discurso direto

I – No discurso direto, é comum introduzir as falas por verbos que expressam comentários, como o verbo *dizer* e sinônimos: *perguntar, responder, dizer, comentar, afirmar, explicar, ponderar, acrescentar* e equivalentes. Esses verbos são denominados “verbos *dicendi*” (declarativos) ou “verbos de elocução”.

Como você pode observar no fragmento apresentado, esses verbos, destacados em negrito, podem vir antes, no meio ou depois da fala da personagem ou mesmo estar subentendidos (ao utilizar um outro travessão, há a indicação de que outra personagem tomou a palavra). Assim, o narrador pode eliminar os verbos *dicendi*, já que as falas podem se esclarecer pelo próprio contexto. Observe no fragmento que entre o quarto e o sexto parágrafo não foi feito uso desses verbos, e a fala das personagens aparece separada da fala do narrador por meio de vírgulas.

II – Como recurso de expressão, o discurso direto permite acelerar a narrativa e possibilita ao leitor um contato mais direto com as personagens, favorecendo o realismo do texto. Essa é uma

técnica que permite ao autor revelar a camada social e o universo cultural das personagens, uma vez que a variante linguística utilizada complementa o perfil das figuras em construção. Observe o diálogo que acabamos de ler; ele nos revela personagens populares por meio de expressões como: “tem maus bofes”, “cuide nos seus bilros”, “meta-se consigo”.

Na *Gramática do português contemporâneo*, Celso Cunha afirma que “a força da narração em discurso direto provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação o personagem, tornando-o vivo para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas” (p. 450).

### Saiba



Os verbos *dicendi*, cuja função é indicar o interlocutor que está com a palavra, pertencem, *grosso modo*, a nove áreas semânticas, cada uma das quais inclui sentidos gerais e sentidos específicos de:

- a) dizer (afirmar, declarar);
- b) perguntar (indagar, interrogar);
- c) responder (retrucar, replicar);
- d) contestar (negar, objetar);
- e) concordar (assentir, anuir);
- f) pedir (solicitar, rogar);
- g) exortar (animar, aconselhar);
- h) ordenar (mandar, determinar).

(OTHON, M. Garcia. In: *Comunicação em prosa moderna*, 1983.)

## Discurso indireto

Observe a transposição de alguns discursos diretos em indiretos.

Discurso direto	Discurso indireto
<b>Enunciado em 1ª ou 2ª pessoa:</b> — Uma noiva <b>te espera?</b> (José de Alencar)	<b>Enunciado em 3ª pessoa:</b> Iracema <b>perguntou se</b> uma noiva <b>o esperava.</b>
<b>Verbo no presente do indicativo:</b> — <b>Gosto</b> de ver tais caridades com o que <b>é</b> dos outros! (Aluísio Azevedo)	<b>Verbo no pretérito imperfeito:</b> Disse que <b>gostava</b> de ver tais caridades com o que <b>era</b> dos outros.
<b>Verbo no pretérito perfeito:</b> — O doutor Vilaça <b>deu</b> um beijo em D. Eusébia! (Machado de Assis)	<b>Verbo no pretérito mais-que-perfeito:</b> O menino contou que o doutor Vilaça <b>dera</b> um beijo em D. Eusébia!
<b>Verbo no futuro do presente:</b> [...] <b>cumprirei</b> meu juramento, não casando nunca. (Machado de Assis)	<b>Verbo no futuro do pretérito:</b> Bentinho prometeu que <b>cumpria</b> seu juramento, não casando nunca.
<b>Verbo no imperativo:</b> — <b>Reze</b> por mim! (José de Alencar)	<b>Pretérito imperfeito do subjuntivo:</b> Aurélia pediu que <b>rezasse</b> por ela.
<b>Pergunta interrogativa direta:</b> — Olá! Estão apreciando a lua? (Machado de Assis)	<b>Pergunta interrogativa indireta:</b> O major Siqueira perguntou se estavam apreciando a lua.
<b>Pronomes demonstrativos de 1ª pessoa (este, esta, isto) ou de 2ª pessoa (esse, essa, isso) e pronomes possessivos (meu, teu, nosso, vosso):</b> — Eu tinha desejos de ver como era <b>isso</b> ; continuem... (M. Antonio de Almeida)	<b>Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele, aquela, aquilo) e possessivos (seu, sua, dele, dela):</b> O major Vidigal disse que tinha desejos de ver como era <b>aquilo</b> .
<b>Vocativo:</b> — <b>Senhor Major</b> , solte, solte, por quem é meu afilhado [...] (Manuel A. Almeida)	<b>Objeto indireto da oração principal:</b> O padrinho pediu <b>ao senhor Major</b> que soltasse seu afilhado.

Discurso direto	Discurso indireto
<b>Advérbios de lugar e tempo (aqui, daqui, agora, hoje, ontem, amanhã etc.):</b> [...] chegando <b>aqui</b> , verá tua seta, e obedecerá à tua vontade. (J. Alencar)	Advérbios de lugar e tempo (lá, dali, de lá, naquele momento, naquela ocasião, naquele dia, no dia anterior, no dia seguinte, na véspera etc.): Iracema disse que chegando <b>lá</b> , Martim veria sua seta, obedeceria à sua vontade.

Analisemos agora o fragmento abaixo, retirado do romance *Quincas Borba* (p. 46-7), de Machado de Assis:

— Mas podem ter dado pela nossa ausência...

Rubião estremeceu diante deste possessivo: *nossa ausência*. Achou-lhe um princípio de cumplicidade. **Concordou que** podiam dar pela *nossa ausência*. Tinha razão, deviam separar-se; só lhe **pedia** uma coisa, duas coisas; a primeira é **que** não esquecesse aqueles dez minutos sublimes; a segunda é **que**, todas as noites, às dez horas, fitasse o Cruzeiro, ele o fitaria também, e os pensamentos de ambos iriam achar-se ali juntos, íntimos, entre Deus e os homens.

[...]

Era Siqueira, o terrível major. Rubião não sabia que dissesse; Sofia, passados os primeiros instantes, readquiriu a posse de si mesma; e, a propósito disso, referira uma anedota de um padre Mendes...

Observe que, após um rápido diálogo, entra o narrador que se incumba de traduzir o restante da conversa. É como se o narrador fosse a testemunha presente no local da conversa e, após ouvir tudo, transmitisse ao leitor o que ouvira das personagens. É o que chamamos de **discurso indireto**.

## Características do discurso indireto

I – Nessa forma de construção, os verbos aparecem na terceira pessoa gramatical e os verbos *dicendi* são imprescindíveis, como os verbos destacados em negrito no trecho acima e a seguir: “con-

cordou", "pedia", "respondeu", "contou", "teimava em dizer" e são sempre seguidos da conjunção integrante **que** ou **se** para introduzir o discurso do narrador ao "traduzir" a fala das personagens, criando-se uma sequência de orações subordinadas substantivas: "**respondeu que**, em verdade, a noite era linda; depois **contou que** Rubião **teimava em dizer que** as noites do Rio não podiam comparar-se às de Barbacena [...]".

II – Para serem evitadas repetições, podem-se substituir as orações substantivas (fala da personagem), introduzidas pela conjunção **que**, por orações reduzidas, representadas por verbos em forma nominal e eliminando-se o conectivo, com alguns arranjos no período.

Veja como ficaria o trecho destacado anteriormente: "**respondeu ser**, em verdade, uma noite linda; depois **contou sobre** Rubião **teimar em dizer quanto** as noites do Rio não se poderem comparar às de Barbacena [...]".

III – Enquanto recurso de expressão, o discurso indireto tem caráter predominantemente informativo, sem atualizar a cena, como o faz o discurso direto. A fala da personagem é reproduzida literalmente, mas usando suas próprias palavras.

O narrador reserva para si certas falas que não necessitam de vivacidade ou expressividade. Essa técnica não costuma empobrecer a narrativa, como se pode imaginar; grandes autores costumam dosá-la com as outras formas de discurso, obtendo bons efeitos, uma vez que há partes da narrativa que exigem mais o estilo intelectivo, que cabe à voz do narrador, e outras que pedem maior espontaneidade ou vivacidade. Seria monótono um romance sem nenhum momento com discurso direto, assim como ficaria cansativo se não houvesse momentos de comentários e reflexões que cabem ao narrador.

O discurso indireto também é introduzido por verbos *dicendi*. Em geral, ele vem separado da fala do narrador por uma partícula introdutória, normalmente a conjunção "que" ou "se"; como

somente o narrado toma a palavra, apenas ele diz “eu”, a pessoa com quem se fala é “tu”, o lugar onde se está é o “aqui” (o tempo do agora). Veja um exemplo:

Valéria disse:

— Eu estarei aí amanhã.

### Saiba



José Saramago é um escritor português contemporâneo, que conquistou o prêmio Nobel de Literatura com um de seus romances. Sua forma de trabalhar com os discursos é singular, pois mescla os diferentes tipos de discurso sem utilizar sinais gráficos, como travessão, reticências, interrogação entre outros. E, muitas vezes, não há separação do texto em parágrafos em toda uma página. Estes, quando existem, são sempre longos. No entanto, isso não impossibilita o entendimento do texto; nós, leitores, acabamos por nos adaptar ao seu estilo; embora, no início da leitura, cause certo impacto. Mas atenção: nós, pobres mortais, vestibulandos, sobretudo, não podemos nos aventurar a imitar o estilo de conceituado autor.

Se aceitar uma sugestão de leitura, *Memorial do convento* é um romance histórico fenomenal desse brilhante autor. Você também pode preferir ler um dos mais recentes, filosóficos e também muito bom romance: *Ensaio sobre a cegueira*, tendo sido, inclusive, adaptado para o cinema.

## Discurso indireto livre

Analisemos agora o próximo fragmento, extraído da novela *O cortiço* (p. 140-1), de Aluísio Azevedo:

Ao mesmo tempo, João Romão, em chinelas e camisola, passava de um para o outro lado no seu quarto novo. [...]



Parecia muito preocupado; pensava em Bertoleza que, a essas horas, dormia lá embaixo num vão de escada, aos fundos do armazém, perto da comuna.

**Mas que diabo havia ele de fazer afinal daquela peste?**

E coçava a cabeça, impaciente por descobrir um meio de ver-se livre.

[...]

**Ora, que raio de dificuldade armara ele próprio para se coser! Como poderia agora mandá-la passear assim, de um momento para outro, se o demônio da crioula o acompanhava já havia tanto tempo e toda a gente na estalagem sabia disso?**

Observando atentamente as passagens destacadas em negrito, você notará que essas reflexões ou pensamentos tanto podem ser atribuídas ao narrador como à personagem João Romão, perdido em seus conflitos íntimos. Pode-se dizer que o discurso indireto livre é o resultado da mistura das duas vozes: a do narrador e a da personagem, em uma espécie de monólogo interior, mas expresso pelo narrador em terceira pessoa, que interrompe as ações da narrativa para inserir questionamentos ou pensamentos das personagens, os quais podem se confundir com as suas próprias reflexões. Ou seja, o autor mistura a fala do narrador e a da personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é da personagem.

Assim, no fragmento em questão, quem pode garantir que só João Romão julga Bertoleza “um traste”? E quem pode garantir que as reflexões finais de censura sobre descartá-la não são a opinião do narrador, julgando a atitude da personagem?

## **Características do discurso indireto livre**

I – Os períodos do discurso indireto livre são, normalmente, independentes dos verbos *dicendi* e sem os sinais de pontuação que separam a fala do narrador da fala das personagens, mas com o uso dos verbos no pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito,

além dos pronomes em terceira pessoa, que são marcas do discurso indireto. Observe: “Mas que diabo **havia ele** de fazer afinal **daquela** peste?”.

**II** – É comum as reflexões serem marcadas por sinais de entonação: interrogação e exclamação. Veja: “Mas que diabo havia ele de fazer afinal daquela peste?”, e também “Ora, que raio de dificuldade armara ele próprio para se coser!”.

**III** – Não há criação de orações subordinadas substantivas e, por isso, evita-se o acúmulo da conjunção **que**, e também não há os cortes que são comuns nos turnos dos diálogos em discurso direto, o que confere um estilo mais bem elaborado e, sobretudo, mais rico, à medida que sugere a fusão de dois discursos: o que a personagem pensa e o que o narrador pode pensar, enriquecendo o estilo.

Assim, note que o discurso indireto livre é um discurso que exclui os verbos *dicendi* e a partícula introdutória. Quanto à citação do discurso alheio, cada uma assume um papel diferente no interior do texto porque passa a ganhar um efeito de sentido de objetividade analítica, depreendendo da personagem apenas o que diz e não como diz. No discurso indireto, o “eu” passa para “ele” e, agora, a indicação é sobre quem o narrador diz alguma coisa.

A seguir há um quadro-síntese sobre os diferentes discursos de um texto.

**Discurso direto:** diálogo entre as personagens, cada fala assinalada por travessão ou destacada entre aspas.

**Discurso indireto:** o narrador reproduz as falas das personagens; conta o que a personagem falou.

**Discurso indireto livre:** os pensamentos e reflexões da personagem se fundem com os do narrador.

### Questões dissertativas

1. (FGV) Observe as normas de transposição do discurso direto para o indireto, quanto às modificações sintáticas, quanto ao emprego dos tempos verbais e passe para o discurso indireto as frases:
- a) O advogado afirmou: “Toda a burocracia que existe no Brasil para abrir uma empresa não vem impedindo a abertura de laranjas”.
  - b) O advogado afirmou: “A certeza da impunidade é o que faz com que os falsificadores atuem deliberadamente”.

2. (Fuvest)

Em janeiro de 1935, um grupo de turistas pernambucanos passeava de carro, quando deu de cara com Lampião e seu bando. Revirando a bagagem do grupo, um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem pertencia. Apavorado, um deles levantou o dedo. “Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço”, pondo-se a posar: o homem, esforçando-se, bateu uma chapa, mas avisou: “Capitão essa posição não está boa”. Dando um salto e caindo de pé, Lampião perguntou: “E esta? Está melhor?”. Outra foto foi feita. Quando libertava os turistas, após pilhá-los, o “fotógrafo” de ocasião indagou-lhe como podia enviar-lhe as imagens. “Não é preciso, mande publicar nos jornais”, disse o cangaceiro.

(Carlos Haag – Pesquisa Fapesp)

- a) No trecho, as aspas em “rei do cangaço” e “fotógrafo” foram empregadas pelo mesmo motivo? Justifique.
- b) Os trechos abaixo encontram-se em discurso indireto e discurso direto, respectivamente. Transforme em discurso direto o primeiro trecho e, em discurso indireto, o segundo.

I. “[...] um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia.”

II. “Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço” [...].

3. (Fuvest) Leia o trecho a seguir, extraído de um conto, e responda ao que se pede.

Eu estava ali deitado olhando através da vidraça as roseiras no jardim fustigadas pelo vento que zunia lá fora e nas venezianas de meu quarto

e de repente cessava e tudo ficava tão quieto tão triste e de repente recomeçava e as roseiras frágeis e assustadas irrompiam na vidraça e eu estava ali o tempo todo olhando estava em minha cama com minha blusa de lã as mãos enfiadas nos bolsos os braços colados ao corpo as pernas juntas estava de sapatos Mamãe não gostava que eu deitasse de sapatos deixe de preguiça, menino! mas dessa vez eu estava deitado de sapatos e ela viu e não falou nada ela sentou-se na beirada da cama e pousou a mão em meu joelho e falou você não quer mesmo almoçar?

- a) O texto procura representar um “fluxo de consciência”, ou seja, a livre associação de ideias do narrador-personagem. Aponte dois recursos expressivos presentes no texto, que foram empregados com essa finalidade.
- b) Cite, do texto, um exemplo de discurso direto.

## Questões-testes

(Unifesp) Leia a entrevista de Adélia Prado, em *O coração disparado*, para responder às questões de números 1 e 2.

Um homem do mundo me perguntou:

O que você pensa de sexo?

Uma das maravilhas da criação, respondi.

Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas

E esperava que eu dissesse maldição,

Só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade.

1. (Unifesp) O homem do mundo atrapalha-se porque:
  - a) entende que sexo, mesmo sendo uma das maravilhas da criação, é uma maldição.
  - b) sua concepção de santidade exclui o sexo, concebido em harmonia a ela, no ponto de vista do eu lírico.
  - c) prefere que todo homem siga o caminho da santidade, da mesma forma que o eu lírico.
  - d) exclui das suas práticas de vida o sexo, assim como propõe o eu lírico.
  - e) se delicia com as maravilhas da criação, o que evidentemente inclui o sexo.
2. (Unifesp) Em discurso indireto, os dois primeiros versos assumem a seguinte forma:
  - a) Um homem do mundo me perguntou o que eu pensaria de sexo.
  - b) Um homem do mundo me perguntou o que você pensava de sexo.

- c) Um homem do mundo me perguntou o que eu penso de sexo.
- d) Um homem do mundo me perguntou o que você pensa de sexo.
- e) Um homem do mundo me perguntou o que eu pensava de sexo.

### 3. (Enem)

Namorados

O rapaz chegou-se junto da moça e disse:

— Antônia, ainda não me acostumei com seu corpo, com sua cara,

A moça olhou de lado e esperou.

— Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listrada?

A moça se lembrava:

— A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

— Antônia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

(BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.)

No poema de Manuel Bandeira, importante poeta do modernismo, destaca-se como característica da escola literária dessa época:

- a) a reiteração de palavras como recurso de construção de rimas ricas.
- b) a utilização expressiva da linguagem falada em situações do cotidiano.
- c) a criativa simetria de versos para reproduzir o ritmo do tema abordado.
- d) a escolha do tema do amor romântico, caracterizador do estilo literário dessa época.
- e) o recurso do diálogo, gênero discursivo típico do realismo.

### 4. Leia o trecho a seguir:

“O rapaz prosseguiu com muita doçura:

— Antônia, você parece uma lagarta listrada”.

Passando-o todo para o discurso indireto, teremos:

- a) O rapaz prosseguiu com muita doçura dizendo que Antônia parece uma lagarta listrada.
- b) O rapaz prosseguiu com muita doçura ao dizer que Antônia pareceria com uma lagarta listrada.

- c) O rapaz prosseguiu com muita doçura que Antônia parecia uma lagarta listrada.
- d) O rapaz prosseguiu com muita doçura que Antônia parece uma lagarta listrada.
- e) O rapaz prosseguiu com muita doçura, explicando: você parece uma lagarta listrada.

**5. (Fatec)**

**“Ela insistiu: — Me dá esse papel aí.”**

**Na transposição da fala da personagem para o discurso indireto, a alternativa correta é:**

- a) Ela insistiu em que me desse aquele papel aí.
- b) Ela insistiu por que lhe desse este papel aí.
- c) Ela insistiu que desse aquele papel aí.
- d) Ela insistiu que me desse aquele papel ali.
- e) Ela insistiu que lhe desse aquele papel ali.

**(Fuvest) Texto para as questões 6 e 7:**

**História estranha**

Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade. Está com quarenta e poucos. De repente dá com ele mesmo chutando uma bola perto de um banco onde está sua babá fazendo tricô. Não tem a menor dúvida de que é ele mesmo. Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena. Um dia ele estava jogando bola no parque quando de repente aproximou-se um homem e... O homem aproxima-se dele mesmo. Ajoelha-se, põe as mãos nos seus ombros e olha nos seus olhos. Seus olhos se enchem de lágrimas. Sente uma coisa no peito. Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo. Como eu era inocente. Como os meus olhos eram limpos. O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente. Depois sai caminhando, chorando, sem olhar para trás.

O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta. Também se reconheceu. E fica pensando, aborrecido: quando eu tiver quarenta, quarenta e poucos anos, como eu vou ser sentimental!

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola.*)

**6. (Fuvest) A estranheza dessa história deve-se basicamente ao fato de que nela:**

- a) há superposição de espaços sem que haja superposição de tempos.

- b) a memória afetiva faz um quarentão se lembrar de uma cena de infância.
- c) a narrativa é conduzida por vários narradores.
- d) o tempo é apresentado como irreversível.
- e) tempos distintos convergem e tornam-se simultâneos.

**7. (Fuvest)** O discurso indireto livre é empregado na seguinte passagem:

- a) Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo.
- b) Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena.
- c) Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade.
- d) O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente.
- e) O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta.

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade** **PUC**

A proposta de redação sugere dois temas: produção de narração ou dissertação. Elabore uma **narração**, que é para treinar o assunto deste capítulo. Você tem duas opções para fazer sua redação. Escolha uma delas e siga as orientações para elaborar o seu texto.

### **Opção 1: Narração**

Imagine a seguinte situação: um dia alguém (personagem criado por você) tem a oportunidade de conversar longamente com um desses moradores que estão aqui representados e resolve escrever a história da vida dele, expondo os motivos que o levaram a se isolar de tudo e de todos para viver num canto de uma rua qualquer. Crie um texto narrativo e dê a ele um final surpreendente. Dê um título ao seu texto.



### Opção 2: Dissertação



A partir das informações disponibilizadas aqui, construa um texto dissertativo, procurando argumentos para tentar solucionar este problema social: o morador de rua. Algumas autoridades defendem a chamada “operação limpeza”; outras preferem ações voltadas à cidadania. Como você se posiciona? Crie um título adequado ao desenvolvimento que der ao tema.

Espalhados pelos canteiros da cidade, moradores de rua formam uma massa silenciosa e invisível — “um elemento da paisagem urbana do qual a sociedade se acostumou a desviar o olhar” (*Veja*, 30 nov. 2005).

Na invisibilidade que a grande maioria deles vive, alguns se destacam como personagens (escritores, detetive espacial, Lampião), criam um mundo paralelo, tornam-se visíveis e ocupam a mídia.

Segundo o censo do Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE-2003, é considerado morador de rua o segmento de baixíssima renda que, por contingência temporária ou forma permanente, pernoita nos logradouros da cidade.

A área urbana da cidade de São Paulo é de aproximadamente 1 500 km<sup>2</sup>. Abrigava em 2003 uma população de aproximadamente 10,7 milhões e, desses habitantes, 6 405 eram moradores de rua (2 834 viviam nas ruas e 3 571 pernoitavam em albergues). Ainda segundo a mesma pesquisa, predominam pessoas do sexo masculino (83,60%) em idade ativa (18 a 55 anos — 70,06%) e residem na rua há até um ano. Esses dados aumentaram em torno de 30% desde a última pesquisa feita em 2001, pelo mesmo instituto.

Muitos desses moradores de rua não possuem família e muitos consomem álcool e drogas. O mais interessante apontado pela pesquisa é que 20% desses moradores possuem nível superior.

(Censo 2003, FIPE)



No meio da (ilha) Avenida Pedrosos de Moraes, bairro nobre da cidade, mora Raimundo Arruda Sobrinho, 68 anos. Seu último jornal leu em junho de 1976, e ainda consegue se recordar dos donos do poder daquela época: os presidentes da França, dos Estados Unidos, do Brasil, o governador e o prefeito de São Paulo. Na cabeça, uma coroa de plástico — uma garrafa cortada ao meio com papelão e metais colados nela. O saco de lixo preto que atou com um nó no seu pescoço, ele usa como capa. Passa seus dias escrevendo. Curvado, ele se dedica aos seus diários, pilhas de folhas soltas guardadas num caderno de papelão. Ao lado, as notas dos anos passados, atadas por um cordão e embrulhadas em sacos plásticos transparentes. “O diário de uma mente escravizada”, ele as chama e então lê: “Dormi bem, acordei cedo, o tempo está bom, falei com gente na rua”.

(MILZ, Thomas. Disponível em: [www.caiman.de/Brasil/raimundopt.shtml](http://www.caiman.de/Brasil/raimundopt.shtml). Acesso em: 11 nov. 2009.)

Na radial leste, uma das maiores avenidas de São Paulo, podemos encontrar o Luciano: com uma fita na cabeça, segurando um osso na vertical de sua testa, o corpo revestido por saquinhos de plástico, remetendo quase que a uma espécie de traje espacial. Quando lhe perguntamos a respeito de seu estranho equipamento, ele diz que é feito para viajar: proteção antibombas, pois espera a nave que irá levá-lo para os Estados Unidos.

O traje de Luciano constitui uma espécie de aparelhagem corporal, como um equipamento de sobrevivência, num mundo onde as explosões ameaçam.

Os diversos pesos pendurados ao seu corpo dão a seus movimentos a lentidão dos gestos de um astronauta. Os saquinhos pendurados em seus braços e suas pernas estão recheados de cartelas da Mega Sena.

(Texto adaptado para fins de vestibular. Disponível em: [www.unicamp.br/unicamp/hoje/julho2006/ju330pag12.html](http://www.unicamp.br/unicamp/hoje/julho2006/ju330pag12.html))

O leitor já deve ter percebido que a língua portuguesa pode ser empregada de forma bastante variada da que é usada em seu cotidiano, como nas rodas de conversas com os amigos, nos telejornais e nos diferentes estados ou grupos sociais. Essas diferenças ou variantes linguísticas podem ser notadas no vocabulário, no sotaque e na pronúncia. Os cariocas, por exemplo, usam o termo “chapéu” para referir-se à “sombriinha”, mas em São Paulo se utiliza “guarda-chuva”.

Enquanto na capital fluminense se pronuncia o “s” chiante, na capital paulistana, emprega-se o “s” sibilante. Já o santista combina o pronome “tu” com verbos flexionados na terceira pessoa gramatical (“Tu viu aquilo?”, “Tu foi ao cinema?”). No sul do país, observa-se outra concordância gramatical adequando o pronome de segunda pessoa ao verbo em segunda pessoa (“Tu viste aquilo?”, “Tu foste ao cinema?”).

A variação linguística ocorre em todos os idiomas, tanto em países que possuem amplas áreas geográficas ou não, pois os seus falantes não utilizam a língua de modo uniforme ou uno. Há ainda outros fatores que determinam usos específicos, tais como a faixa etária dos falantes, o gênero, a camada social, o nível de escolaridade, as profissões, além das situações sociais que exigem maior ou menor grau de formalidade.

Assim, o emprego da língua é variado para as diferentes situações ou grupos, como o que você usa para conversar descontraidamente com um amigo não é o mesmo utilizado em uma entrevista de emprego ou para apresentar um trabalho escolar.

A expressão “variedade linguística” é relativamente nova nos estudos da linguagem humana e não há um conceito pronto, acaba-

do, consensual entre os especialistas. Mas podemos compreendê-la como um repertório linguístico próprio de determinado grupo social e/ou de certa área geográfica ou comum em certo momento histórico, dando identidade aos membros que utilizam formas variáveis do idioma.

Entre as variedades, a mais amplamente divulgada é a **variante culta ou padrão**:

Forma linguística que todo povo civilizado possui; é a que assegura a unidade da língua nacional. É justamente em nome dessa unidade, tão importante do ponto de vista político-cultural, que é ensinada nas escolas e difundida nas gramáticas.

(SACCONI, Luiz Antonio. p. 10.)

Por ser essa a língua ensinada na escola, com regras específicas para estabelecer um padrão de uso, e por ser empregada pelas pessoas de maior escolaridade, se tornou a variante de maior prestígio, considerada pela maior parte da sociedade como a “forma correta”. As pessoas que não dominam essa forma, expressando-se com um repertório “popular”, tornam-se, quase sempre, vítimas do que os linguistas denominam **preconceito linguístico**.

No entanto, em termos da ciência da linguagem, não se pode considerar erro ou acerto certas formas de expressão. Linguisticamente, se o indivíduo consegue se expressar e for compreendido, sua mensagem, mesmo que com desvios gramaticais, é considerada válida. Então, quando alguém nos pergunta se é certo dizer “meio-dia e meio”, ou se é correto utilizar a expressão “a nível de”, percebe-se que ele tem internalizado o conceito de que erro gramatical ou desvio da língua-padrão é erro de linguagem. Cabe a quem responde explicar que essas expressões são válidas na variante coloquial informal.

**Variante linguística** é o repertório linguístico próprio de determinado grupo social e/ou de certa área geográfica ou comum em certo momento histórico, dando identidade aos membros que utilizam formas variáveis do idioma.

## Variedade e preconceito linguístico

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no tocante à Língua Portuguesa, o professor deve capacitar o aluno a “ser um poliglota em sua própria língua”. O que isso significa? Que a escola pode habilitar a linguagem dos alunos para cada situação, de menor ou maior formalidade.

O grande problema é quando o indivíduo não sabe fazer o uso adequado, empregando, por exemplo, um vocabulário sofisticado em uma situação informal, descontraída, ou uma linguagem com muitos desvios gramaticais e gírias em uma ocasião de formalidade. Para ilustrarmos a situação, podemos citar uma personagem de programa humorístico da TV Globo, bastante popular, conhecida como “Lady Kate”, que se apresenta em eventos da alta sociedade com um desempenho linguístico considerado inadequado para o grupo social em que está inserida.

Quando se emprega a variante culta em uma situação social em que é comum a informalidade, pode-se causar espanto ao(s) interlocutor(es). Do mesmo modo, escrever uma carta ou e-mail para um amigo implica escolhas diferentes das de escrever uma carta a um congressista ou ao presidente de seu país.

**Preconceito linguístico** é o ato de menosprezar ou ridicularizar um falante em função da sua maneira de utilizar a linguagem, por causa de desvios em relação às regras da gramática normativa e, portanto, fugindo da variante de maior prestígio, que é a língua culta ou padrão.

# Variantes linguísticas comuns

## Variedade regional ou geográfica

Uma pessoa que mora em uma cidade do interior paulista e que viaja pela primeira vez para o interior de Minas Gerais, por exemplo, deve notar que há diferenças no vocabulário, no sotaque e nas formas de expressão utilizadas. Variedade regional é o repertório específico e comum aos falantes de certa área geográfica.

É por isso que, embora tenhamos a mesma língua no Brasil e em Portugal, não é tão simples fazer a leitura de um jornal português. Com a finalidade de diminuir essas diferenças, é que foi posta em prática uma nova Reforma Ortográfica no Brasil e em outros países falantes de língua portuguesa, a partir de janeiro de 2009, embora haja discussões sobre se ela conseguirá tal feito.

Certas frases são entendidas pelo contexto e a não compreensão de outras pode comprometer o texto como um todo. Uma brasileira que ouça uma portuguesa dizendo que precisa comprar umas “camisolas” para seu marido estranhará tal afirmação, no entanto o termo tem o correspondente “camisa” no português do Brasil.

Veja a seguir um trecho de uma obra literária do século XIX, período em que ocorreu o movimento literário Romantismo, no Brasil. Trata-se do romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, que retrata os costumes e a linguagem de uma região de confluência entre Minas Gerais e Mato Grosso.

### Texto 1

#### Inocência

— Ora, filhinha do meu coração, não se canhe<sup>1</sup>; é preciso... Amanhã há de você sentir-se boa; não é doutor?

— Com certeza, se tomar esta poção, assegurou Cirino.

— Depois, quando eu ir lá à vila, hei de trazer para você uma coisa bonita... uns lavrados<sup>2</sup>, ouviu?

<sup>1</sup> Acanhar-se, amofinar-se.

<sup>2</sup> Contas de ouro.

— Nhor sim.

— Ande Tico, acrescentou o mineiro, voltando-se para o anão, vai depressa buscar limão-doce; na cozinha há um meio cascado<sup>3</sup>.

— Tome, dona, implorou por seu turno Cirino, aproximando o pires na boca da formosa medicanda.

Levantou uns olhos súplices e, agarrando resolutamente o remédio, bebeu-o todo de um jato. Depois deu um suspiro de enjoo e ficou com os lábios entreabertos, à espera que o adocicado sumo do limão lhe tirasse o amargor do medicamento.

— Então, exclamou Pereira, era maior o medo que a coisa em si! Você tomou a dose numa relancina<sup>4</sup>.

## Variante histórica

A língua portuguesa que o escritor português José Saramago utiliza hoje não é a mesma de Gil Vicente, também português, que escreveu peças de teatro no século XVI. Toda língua é um sistema de comunicação em constante mudança, que precisa se atualizar com o passar do tempo e com o uso. Pode-se mudar a grafia das palavras, como o termo “pharmácia”, empregado até o início do século XX, que se tornou “farmácia”. E, muitas vezes, muda-se o significado da palavra, como o termo “alcoviteira”, que era a mulher intermediária das relações amorosas, no século XVI, mas que manteve seus outros significados, como “fofoqueira”. Há descobertas, criações e são necessários nomes para atualizar a língua. “Televisão”, “telefone” e “computador” são palavras relativamente novas.

As variantes históricas podem ser observadas em nossa própria família, quando se notam as formas de comunicação das gerações. Observe, por exemplo, que há palavras no vocabulário de seus avós que não pertencem ao seu repertório. Por exemplo, “cavalheiro”, o uso do possessivo “vosso” em expressões como “vosso pai” ou “vossa mãe”, a palavra “baile” ou “sarau”, a expressão “qual é sua

<sup>3</sup> Descascado.

<sup>4</sup> Num relance, rapidamente.

graça", que significa "qual é seu nome". Do mesmo modo, você emprega palavras que não fazem parte do vocabulário de seu avós, como "deletar", "internauta", "ficar", "formatar", entre outras.

As letras de música podem revelar claramente a **variante histórica**. Veja o trecho a seguir:

### Texto 2

#### Eu sonhei que tu estavas tão linda

Eu sonhei que tu estavas tão linda

Numa festa de raro esplendor

(...) (Lamartine Babo)

### Variantes socioculturais

Segundo o linguísta Sírío Possenti,

para quem pretende ter uma visão mais adequada do fenômeno da linguagem [...], dois fatos são importantes: a) todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma; b) a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de "status" ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua.

(POSENTI, Sírío, 2001. p. 34.)

Essas considerações nos levam à conclusão de que, sobretudo, o nível socioeconômico, idade, sexo e formação cultural de um indivíduo determinam diferenças no emprego da língua, que são denominadas **variantes socioculturais**, as quais podem incluir gírias típicas de um grupo, tornando seu repertório inacessível a outros, como a linguagem dos economistas, dos presidiários, dos *rappers*, dos surfistas, dos metalheiros, dos *skatistas*, dos adolescentes, entre outras.

Deve-se também levar em conta que a educação em casa ou na escola e os hábitos de leitura levam à posse de um repertório linguístico e um estilo próprio. No entanto, as variantes sociocultu-

rais mais comumente conhecidas são denominadas pelos linguistas **linguagem coloquial informal** (ou **vulgar**), **linguagem coloquial** e **linguagem formal** (**culta** ou **padrão**).

### **Linguagem vulgar (ou coloquial-informal)**

Considerada a forma de menor prestígio, é a linguagem popular, considerada econômica, pelos desvios de concordância e de regência, em relação à língua culta. Ela costuma apresentar diferenças significativas em termos fonológicos ("vamu" em lugar de "vamos"; "cê" em lugar de "você", entre outras) e morfossintáticos ("a gente vamou" em vez de "nós vamos", "dez real" em vez de "dez reais").

Vejamos agora uma passagem com a variante em questão:

#### **Texto 3**

##### **Samba do Arnesto**

O Arnesto nos convidô

Pra um samba ele mora no Brais

(Adoniran Barbosa)

### **Linguagem informal (ou linguagem coloquial)**

Também denominada linguagem familiar, é a que utilizamos nas situações informais, como em uma reunião íntima, em casa, na rua, em uma carta ou e-mail para amigos, na comunicação *on-line*. Vejamos agora um texto escrito por adolescente, com a inclusão das gírias típicas e alguns desvios gramaticais.

#### **Texto 4**

##### **A praia de frente pra casa da vó**

Eu queria surfar. Então vamos nessa; a praia ideal que eu idealizo no caso particularizado de minha pessoa, seria de frente pra casa da vó, com vista para meu quarto. Ia ter uma plantaçãozinha de coco e, ao invés de chão de areia, eu botava uns gramadão presidente. Assim eu, o Zé e os caras não ficávamos grudando quando na hora de dar uns rolês! Na praia dos meus sonhos, iam



rolar várias avós e uma pá de tia Anastácia fazendo uma merenda nervosa! Uns sorvetões sarados e umas vitaminas à vontade pros *brother* e pras nenecas! [...]

Inclusive eu queria surfar; mas, na praia ideal dos meus sonhos, eu, o Zeca e os caras íamos encarregar a colocação de placas com os dizeres: “Sai fora, tubarão! Cê num sabe quem cê é?”. E os bichos iam dar área rapidinho.

(Revista *República*, ano 1, n. 2.)

### **Linguagem formal (padrão ou culta)**

É a variante considerada “língua neutra”, pois estabelece um padrão a ser seguido para as situações formais de fala e de escrita. É a linguagem de maior prestígio social, e é usada pelo grupo social dominante e/ou em situações que exigem maior formalidade. Em razão disso, o brasileiro pode ler um grande jornal do Rio de Janeiro, se ele for um morador de São Paulo ou do Rio Grande do Sul, e entender a matéria lida, pois há respeito às regras gramaticais.

Por ser a língua de maior prestígio social, as pessoas que dominam esta variante costumam ser mais bem atendidas nos meios públicos e sua linguagem é vista como indício de cultura elevada. Vale destacar que o usuário dessa forma de linguagem não precisa exagerar na seleção de vocabulário sofisticado, para que seu discurso não se torne ininteligível em certos locais. Deve-se empregar essa modalidade com cuidado, para não se tornar arrogante.

Vejamos um trecho de um texto escrito na variante culta.

#### **Texto 5**

#### **Aluno pagará universidade com trabalho na rede pública**

O governo federal fechou um projeto para que estudantes de medicina e de cursos de formação de professores de educação básica possam pagar sua faculdade trabalhando na rede pública após conclusão do curso. Discutido por dois anos, a proposta

recebeu o aval do Ministério da Fazenda — último entrave da negociação da administração federal —, segundo a *Folha* apurou. Os ministérios da Educação e Saúde esperam enviar o projeto para o Congresso no mês que vem. O objetivo é reduzir o déficit de médicos e de professores na rede pública. Segundo o MEC, faltam hoje 246 mil professores e 300 mil lecionam em áreas para as quais não foram formados (pedagogos que dão aula de Matemática, por exemplo).

Já o Ministério da Saúde estima que cerca de 500 cidades — principalmente nas regiões Norte e Nordeste — não têm equipe médica adequada. O projeto é polêmico e divide a opinião de entidades e pesquisadores.

(*Folha de S.Paulo*, 6 mar. 2009. Cotidiano.)

### Quadro-síntese das variantes linguísticas

**I – Histórica:** repertório de linguagem comum em determinado contexto histórico.

Exemplo: Todos estão convidados para o **sarau** do próximo domingo, para o qual foi contratada a **orquestra** mais prestigiada da cidade.

**II – Geográfica:** repertório de linguagem de determinada área geográfica.

Exemplo: Vai ter um **churras** na casa do Mané.

**III – Sociocultural:** linguagem dos diferentes grupos sociais; divide-se em:

- **Linguagem Vulgar:** a de menor prestígio social, das pessoas não escolarizadas e com muitos desvios gramaticais.

Exemplo: A gente vamu no crube escutá umas música da hora.

- **Linguagem Informal:** linguagem mais descontraída, que utilizamos nas situações informais, como para conversar com os amigos.

Exemplo: A gente vai no clube curtir um som legal.

- **Linguagem formal (padrão ou culta):** linguagem que segue as regras da gramática normativa.

Exemplo: Nós vamos ao clube ouvir a maior banda da cidade.

### Questões dissertativas

1. O texto 1 relata duas situações relacionadas que fogem às expectativas do público. Quais são elas?
2. Ainda quanto ao texto 1, como podemos escrever a frase “Uma palavrinha pra galera” em linguagem formal ou padrão?
3. Do texto 2, selecione três construções regionais e dê seu equivalente na variante culta.
4. Do texto 3, selecione três palavras que estão “desatualizadas” e encontre para cada uma delas uma correspondente atual.
5. A letra do conhecido *Samba do Arnesto* (texto 4) faz uso de uma linguagem típica conhecida.
  - a) Qual é o falante dessa variante linguística?
  - b) Qual é a variedade linguística presente nesse texto? Transcreva três expressões ou palavras próprias dessa variante e comente suas marcas específicas.
  - c) Se esse texto fosse escrito na linguagem formal, teria o mesmo efeito de sentido? Comente.
6. Faça uma paráfrase do texto 5, utilizando a variante culta.

### Questões-testes

(Fuvest) Texto para as questões 1, 2 e 3.

Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último “Quarto de Badulaques”. Acontece que, acostumado a conversar com a gente de Minas Gerais, falei em “varreção” do verbo “varrer”. De fato, tratava-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário [...]. O certo é “varrição” e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim, porque nunca os vi

falar de “varrição”. E, se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário [...]. Porque, para eles, não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção”, quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

(ALVES, Rubem. <http://rubemalves.uol.com.br/quartodebadulaques>.)

1. Ao manifestar-se quanto ao que seja “correto” ou “incorreto” no uso da língua portuguesa, o autor revela sua preocupação em:
  - a) atender ao padrão culto, em “fi-lo”, e ao registro informal, em “varrição”.
  - b) corrigir formas condenáveis, como no caso de “barreção”, em vez de “varreção”.
  - c) valer-se o tempo todo de um registro informal, de que é exemplo a expressão “missivas eruditas”.
  - d) ponderar sobre a validade de diferentes usos da língua, em diferentes contextos.
  - e) negar que costume cometer deslizes quanto à grafia dos vocábulos.
2. O amigo é chamado de “paladino” da língua portuguesa porque:
  - a) costuma escrever cartas em que aponta as incorreções gramaticais do autor.
  - b) sofre com os constantes descuidos dos leitores de “Quarto de Badulaques”.
  - c) julga igualmente válidas todas as variedades da língua portuguesa.
  - d) comenta criteriosamente os conteúdos dos textos que o autor publica.
  - e) é tolerante com os equívocos que poderiam causar reprovação no vestibular.
3. “Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.”  
Considerada no contexto, essa frase indica, em sentido figurado, que, para o autor:
  - a) a forma e o conteúdo são indissociáveis em qualquer mensagem.
  - b) a forma é um acessório do conteúdo, que é o essencial.
  - c) o conteúdo prescinde de qualquer forma para se apresentar.
  - d) a forma perfeita é condição indispensável para o sentido exato do conteúdo.
  - e) o conteúdo é impreciso, se a forma apresenta alguma imperfeição.

(Fuvest) Texto para as questões 4 e 5.

O filme *Cazuza – O tempo não para* me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê. Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez o que vale mais, a preservação de nossas forças que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta “mais uma vez” porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. [...]

Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa ideia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que “o tempo não para”. É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia a disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

**4. A reação caracterizada como “uma espécie de felicidade pensativa” justifica-se, no texto, pelo fato de que o filme a que o autor assistiu:**

- convenceu-o de que a experiência das paixões mais radicais não é incomparável com os “progressos da prevenção”.
- convenceu-o de que arriscar a vida não vale a pena porque é prudente nos pouparmos para viver os “tempos suplementares”.
- proporcionou-lhe um exemplo de prazer vital e intenso, ao mesmo tempo que o fez refletir sobre o “risco de encurtar a vida”.
- proporcionou-lhe um prazer tão intenso que passou a defender a lucidez “de quem pode esquecer que o tempo não para”.
- proporcionou-lhe um estado de grande satisfação e o fez concluir que é indefensável a tese da “preservação” de nossas forças.

5. Embora predomine no texto a linguagem formal, é possível identificar nele marcas de coloquialidade, como as expressões assinaladas em:
- a) “mordeu a vida” e “moral prudente e um pouco avara”.
  - b) “sem se perguntar mais uma vez” e “não deveria haver prazeres”.
  - c) “parece lógico” e “que não sejam só a decisão”.
  - d) “e combinar, sei lá, nitratos” e “a gente se preocupa”.
  - e) “que valham um risco de vida” e “(e talvez sobretudo) um questionamento”.

(Enem) Textos para as questões 6 e 7.

### Texto I

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. [...] Tinha aqueles cambões pendurados no pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? SinháVitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

(RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969. p. 75.)

### Texto II

Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção. É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar *Vidas Secas*, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria, simples demais, incapaz de ter pensamentos demasiadamente complexos. O que *Vidas Secas* faz é, com pretensão não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

(BUENO, Luís. Guimarães, Clarice e antes.  
In: *Teresa*. n. 3. São Paulo: USP, 2001. p. 254.)

7. A partir dos trechos de *Vidas Secas* (texto I) e das informações do texto II, relativas às concepções artísticas do romance social de 1930, avalie as seguintes afirmativas:
- I. O pobre, antes tratado de forma exótica e folclórica pelo regionalismo pitoresco, transforma-se em protagonista privilegiado do romance de 30.

II. A incorporação do pobre e dos outros marginalizados indica a tendência da ficção brasileira da década de 30 de tentar superar a grande distância entre o intelectual e as camadas populares.

III. Graciliano Ramos e os demais autores da década de 30 conseguiram, com suas obras, modificar a posição social do sertanejo na realidade nacional.

É correto o que se afirma em:

- a) I
- b) II
- c) III
- d) I e II
- e) II e III

**7. No texto II, verifica-se que o autor utiliza:**

- a) linguagem predominantemente formal, para problematizar, na composição de *Vidas Secas*, a relação entre o escritor e a personagem popular.
- b) linguagem inovadora, visto que, sem abandonar a linguagem formal, dirige-se diretamente ao leitor.
- c) linguagem coloquial, para narrar coerentemente uma história que apresenta o roceiro pobre de forma pitoresca.
- d) linguagem formal com recursos retóricos próprios do texto literário em prosa, para analisar determinado momento da literatura brasileira.
- e) linguagem regionalista, para transmitir informações sobre literatura, valendo-se de coloquialismo, para facilitar o entendimento do texto.

(Enem) Leia o texto para responder às questões 9 e 10.

Aula de Português

A linguagem  
na ponta da língua  
tão fácil de falar  
e de entender.

A linguagem  
na superfície estrelada das letras  
sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância  
Figuras de gramática, esquipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.



Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a priminha.

O português são dois, o outro, mistério.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para lembrar*.  
Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.)

8. Explorando a função emotiva da linguagem, o poeta expressa o contraste entre marcas de variação e usos da linguagem em:
- situações formais e informais.
  - diferentes regiões do país.
  - escolas literárias e distintas.
  - textos técnicos e poéticos.
  - diferentes épocas.
9. No poema, a referência à variedade-padrão da língua está expressa no seguinte trecho:
- "A linguagem/na ponta da língua" (v. 1 e 2).
  - "A linguagem/na superfície estrelada das letras" (v. 5 e 6).
  - "(a língua) em que pedia pra ir lá fora" (v. 14).
  - "(a língua) em que levava e dava pontapé" (v. 15).
  - "(a língua) do namoro com a priminha" (v. 17).

## Dicas para escrever melhor

### Encontros vocálicos "ee", "oo"

Até o presidente Lula assinar decreto para que entrasse em vigor o Novo Acordo Ortográfico, era regra acentuar a primeira vogal desses encontros vocálicos nas palavras paroxítonas. A partir de janeiro de 2009, não devemos mais usar o acento nesses encontros. Veja como são escritas algumas palavras: enjoo, magoo, perdoo, veem, creem, leem, releem.

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

UEM – Prova de verão

### **Riqueza da língua**

*Jerônimo Teixeira*

Engavetado desde sua assinatura, em 1990, voltou a assombrar o acordo ortográfico que visa a unificar a escrita do português nos países que o adotam como língua oficial. [...] Essa discussão tem implicações profundas de ordem técnica e comercial, além de provocar ainda mais ansiedade nos milhões de brasileiros mergulhados em dúvidas no seu empenho diário para falar e escrever bem. Dominar a norma culta de um idioma é plataforma mínima de sucesso para profissionais de todas as áreas. Engenheiros, médicos, economistas, contabilistas e administradores que falam de acordo com o português culto e escrevem de acordo com o português-padrão têm mais chance de chegar ao topo do que profissionais tão qualificados quanto eles, mas sem o mesmo domínio da palavra.

Nas grandes corporações, os testes de admissão concedem à competência linguística dos candidatos, muitas vezes, o mesmo peso dado à aptidão para trabalhar em grupo ou ao conhecimento de Matemática. Diversas pesquisas estabelecem correlações entre tamanho do vocabulário e habilidade de comunicação, de um lado, e ascensão profissional e ganhos salariais, de outro.

Adaptação do texto da Revista *Veja*, 12 set. 2007. p. 88-96.

Escreva um texto DISSERTATIVO a respeito da importância do bom domínio da língua portuguesa em nossa sociedade. Você pode utilizar as informações do texto de apoio, mas não pode transcrevê-las literalmente.

### **Comentários sobre o tema proposto:**

O vestibular UEM apresenta duas propostas de redação para o candidato fazer sua escolha. O tema acima era o segundo do verão de 2007. O tema 1 está apresentado no Capítulo 3 desta obra, sobre coesão e coerência textual.

Para fazer um bom texto dissertativo, o vestibulando deveria destacar a variante culta da língua como a forma de maior prestígio social, considerando-a um dos elementos essenciais para a projeção profissional em determinadas carreiras. Seria a oportunidade para discorrer brevemente sobre as variantes linguísticas, argumentando sobre as escolhas das variantes adequadas para cada situação social, das informais às formais. Também seria interessante chamar a atenção para o preconceito linguístico de que muitos se tornam alvo, quando cometem desvios gramaticais em uma entrevista de emprego ou outra situação qualquer que exija o tratamento culto da língua. O aluno poderia argumentar sobre os caminhos que nos levam ao bom domínio da língua, tal como a necessidade do estudo contínuo. E acrescentar reflexões sobre a tarefa da escola, que tem a incumbência de fornecer os instrumentos para o domínio da língua culta e que tem deixado a desejar, sobretudo no âmbito da escola pública.

O aluno poderia, ainda, discorrer sobre a importância de sermos leitores habituais, o que nos leva ao bom domínio da língua e que, entre outras contribuições, aumenta o nosso repertório linguístico, ou seja, amplia nosso vocabulário, sendo um dos recursos fundamentais para a ascensão social do indivíduo.

# 10

## Descrição

A descrição é uma forma de produção textual que está presente em nosso cotidiano. Podemos descrever os trajes usados em um casamento para um amigo que não esteve presente na cerimônia, paisagens de países e cidades que visitamos, um quadro ou as características físicas ou psicológicas de uma pessoa ou personagem, o ambiente de trabalho ou nossa casa, entre outros exemplos. Embora faça parte do nosso dia a dia, quando perguntamos a um aluno: “O que é descrição?”, surge o impasse e ele começa a dar exemplos: “pode-se descrever uma pessoa, um objeto, uma cena”; enfim, ele sabe o que é, pois está acostumado a descrever, mas não sabe conceituar.

**Descrever é o ato de criar imagens com palavras**, de modo a proporcionar ao ouvinte ou ao leitor uma ideia exata ou aproximada do ser ou objeto descrito. Podemos comparar a descrição com uma **fotografia**, quando conseguimos maior aproximação do objeto real; ou ainda, compará-la a um **quadro de pintura**, quando, com nossas palavras, damos uma versão aproximada deste.

A grande dificuldade ante o desafio de elaborar uma descrição é que, ao fazer tal tarefa, pode-se acabar em uma narração. Assim, ao elaborar um texto descritivo, jamais se esqueça de que ele é comparado a uma fotografia ou pintura, ou seja, é marcado pela ausência de movimento, é um quadro fixo. Se houver alteração de cena ou progressão temporal, você está compondo uma narração.

Assim, ao elaborar um texto descritivo, podem-se tomar caminhos distintos: ou produz-se uma **descrição objetiva** ou uma **descrição subjetiva**. No primeiro caso, o enunciador deve-se ater aos traços físicos, exteriores e ao sentido da visão, seja para explicar o funcionamento de um objeto ou construir a figura de um ser

animado ou cenário, sem a preocupação de despertar sensações ou qualquer tipo de emoção. Veja o exemplo:

Leopoldina tinha então vinte e sete anos. Não era alta, mas passava por ser a mulher mais bem feita de Lisboa. Usava sempre os vestidos muito colados, com uma justeza que acusava, modelava o corpo como uma pelica, sem largueza de roda, apanhados atrás [...]. Tinha ombros de modelo, de uma redondeza descaída e cheia; sentia-se nos seus seios, mesmo através do corpete, o desenho rijo e harmonioso de duas belas metades de limão; a linha dos quadris rica e firme, certos quebrados vibrantes de cintura faziam voltar os olhares acesos dos homens. A cara era um pouco grosseira; as asas do nariz tinham uma dilatação carnuda; na pele, muito fina, de um trigueiro quente e corado, havia sinaizinhos desvanecidos de antigas bexigas. A sua beleza eram os olhos, de uma negrura intensa, afogados num fluido, muito quebrados, com grandes pestanas.

(QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. p. 14.)

No trecho anterior, temos uma descrição objetiva, o enunciador se atém às características físicas, exteriores da personagem Leopoldina.

Já na descrição subjetiva, devem-se combinar traços físicos e interiores. O enunciador projeta suas emoções ao traduzir uma imagem e costuma evocar sensações táteis, olfativas, visuais, auditivas e até gustativas, procurando causar emoções que aquela imagem possa gerar. A descrição literária normalmente toma este caminho, porque seu objetivo é tocar a sensibilidade do leitor, seja para proporcionar bem-estar ou incomodá-lo, despertando-lhe uma reação positiva ou negativa.

Ao descrever, o eu lírico projeta estados de espírito e provoca sensações no leitor, que podem ser de identificação, de solidariedade ou de compaixão.

Ao compor uma descrição, é preciso partir do princípio de que as palavras sugerem as imagens; elas nos dão ideias, mais ou

menos aproximadas, do ser real. O bom texto será aquele mais sugestivo e o mais completo possível. Por exemplo, se alguém lhe perguntar o que comeu no almoço, você pode dizer que foi um lanche de pão com carne e salada; mas se disser que comeu um delicioso sanduíche de pão fofinho, coberto com gergelim, recheado com um hambúrguer de carne suculenta, com uma fatia de queijo *cheddar* e folhas de alfaces tenras; então ele não só criará a imagem mental desse apetitoso lanche, como poderá sentir desejo de comê-lo. Você deve ter em mente que, para fazer uma boa descrição, vai depender da seleção de muitos adjetivos, como gelado, úmido, frio, agradável, tenebroso, aromático, perfumado, macio, suculento, airado, leve. Mas não são apenas os adjetivos que sugerem sensações diferentes. Por exemplo, “rir” é um verbo que implica uma ideia geral de achar graça de algo, “sorrir” sugere a ideia de ser simpático a algo ou a alguém e “gargalhar” é rir em alto e bom tom, escandalosamente. A seleção adequada de adjetivos, substantivos, verbos e advérbios pode dar mais qualidade a um texto descritivo.

Na **estrutura de um texto descritivo** não há progressão temporal ou mudança de cena. Para você checar se realmente escreveu uma descrição, leia os parágrafos em ordem aleatória. Se não houver comprometimento dos sentidos, você realmente fez descrição, mas se houver necessidade de dispor os parágrafos em determinada ordem, porque há evolução temporal e mudança de cena, então produziu uma narração.

Não é comum os vestibulares apresentarem como proposta de redação a elaboração de um texto descritivo, mas um parágrafo desse tipo de texto pode enriquecer uma dissertação ou narração. Sobre tudo a descrição de personagem, muito comum em uma narração. Porém, é preciso tomar cuidado para não se estender demais, por causa do número reduzido de linhas propostas em uma redação. Veja agora um quadro-síntese sobre o que foi exposto até aqui e, em seguida, apreciaremos um texto descritivo para melhor conhecer seus elementos estruturais.

**Descrição:** criação de imagens com palavras.

**Descrição objetiva:** traços exteriores, sentido da visão, não há projeção das emoções de um enunciador.

**Descrição subjetiva:** traços interiores e exteriores. Pode evocar todos os sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar; há projeção das emoções do enunciador. Duas pessoas podem descrever o mesmo ser de maneiras distintas.

**Estrutura da descrição:** parágrafos que podem ser lidos em ordem aleatória, sem comprometer as relações de sentido.

## Elementos estruturais do texto descritivo

Veja o trecho descritivo abaixo:

“Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem.

Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito em tinta encarnada e sem ortografia:

‘Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras.’

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia: tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo água, quinhentos réis, sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar.

[...]

E aquilo foi-se constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o reverbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.”

(AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Bom livro). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>)

Para compor um texto descritivo, é preciso observar a presença dos seguintes **elementos estruturais**:

I – Presença marcante de **adjetivos** e **locuções adjetivas**, já que o principal objetivo do texto descritivo é caracterizar a cena, objeto ou pessoa com os detalhes que o individualizam. Observe:

“Prontas, João Romão mandou levantar **na frente**, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um **grosso** muro de dez palmos de altura, coroadado **de cacos de vidro** e fundos **de garrafa**, e com um **grande** portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças **vermelhas**, por cima de uma tabuleta **amarela**, em que se lia o seguinte, escrito em tinta **encarnada** e **sem ortografia**:

“Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras.”

Observe que os adjetivos e as locuções adjetivas aqui destacadas contribuem muito para criar a atmosfera do cortiço, uma



construção que nasce de improviso, formando um cenário de aparência rudimentar.

II – Presença de **substantivos** para nomear seres ou traços da cena, personagem ou objeto descrito. Exemplo:

“E aquilo foi-se constituindo numa grande **lavanderia**, agitada e barulhenta, com as suas **cercas** de varas, as suas **hortaliças** verdejantes e os seus **jardinzinhos** de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas **tinas** transbordantes e o reverbero das claras **barracas** de algodão cru, armadas sobre os lustrosos **bancos de lavar**. E os gotejantes **jiraus**, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.”

Os substantivos aqui destacados em negrito são elementos importantes para compor o cenário.

III – Há **figuras de linguagem**, sobretudo **comparações** e **metáforas**. Ambas servem para estabelecer analogias. Pode-se afirmar que a metáfora é um tipo de comparação implícita, quando não aparece a conjunção comparativa; enquanto na comparação, a conjunção que estabelece a analogia vem explícita. Veja abaixo exemplos que ilustram essas figuras de linguagem.

**Comparação:** “geração, que parecia brotar espontânea (...) como larvas no esterco.”

**Metáfora:** “Muros **coroados** de cacos de vidro”

IV – Aparecem elementos sensoriais combinados, figura de linguagem que denominamos **sinestesia**. Exemplo:

[...] “grande lavanderia, **agitada e barulhenta**, com as suas **cercas de varas**, as suas **hortaliças verdejantes** e os seus **jardinzinhos de três e quatro palmos**, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas **tinas transbordantes** e

**o reverbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar.”**

No trecho destacado, encontram-se misturados elementos visuais e sonoros.

**V** – Preferem-se **verbos** que indicam **estado** (ser, estar, permanecer etc.) e **formas nominais (particípio, com valor adjetivo, infinitivo)**; esses elementos contribuem para dar ideia de algo estático. Exemplo:

“E naquela terra **encharcada e fumegante**, naquela umidade quente e lodosa, começou a **minhocar, a esfervilhar, a crescer**, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que **parecia brotar** espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e **multiplicar-se** como larvas no esterco.”

## **Tipos de descrição**

**Descrição de pessoa:** o objetivo é compor o perfil de uma personagem, que pode conter traços físicos ou psicológicos ou estas características combinadas. Veja o fragmento a seguir:

“Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

(...)

Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira seu fulgor?”

(ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Tecnoprint/Edições de Ouro, sem data. p. 23.)

**Descrição de cena:** pode recriar uma paisagem, uma sala, um palco de teatro para ambientar uma história. É possível ter um trecho descritivo dentro de uma narração, escrever um texto completo, para despertar sensações no leitor ou mesmo para despertar-lhe a memória de tempos antigos ou propiciar a imaginação de cenários distantes, fantásticos. Observe o trecho a seguir de um dos mais longos e belos poemas de Manuel Bandeira:

### **Evocação do Recife**

Recife

Não a Veneza americana

Não a Maurisstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos mascates

(...)

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

(...)

Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

(...)

(BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 15. ed.  
Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p. 104-107.)

**Descrição de objeto:** normalmente é uma descrição objetiva, para explicar o funcionamento de determinado utensílio, máquina ou produto, mas pode-se ter uma descrição subjetiva sobre um objeto de arte ou um objeto inventado.

### Vaso chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,  
Casualmente, uma vez, de um perfumado  
Contador sobre o mármore lúcido,  
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,  
Nele pusera o coração doentio  
Em rubras flores de um sutil lavrado,  
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,  
Quem o sabe?... de um velho mandarim  
Também lá estava a singular figura.  
Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,  
Sentia um não sei quê com aquele chim  
De olhos cortados à feição

(OLIVEIRA, Alberto de. *Poesia*. p. 24.)

**Questões dissertativas**

1. Leia o fragmento de *O cortiço*, e responda às questões.
  - a) Que tipo de descrição o autor escreveu: objetiva ou subjetiva? Justifique sua resposta e transcreva um trecho que a comprove.
  - b) Em sua opinião, quais são os elementos que contribuem para construir a imagem de um cortiço?
2. Elabore dois parágrafos descritivos sobre quaisquer temas, sendo o primeiro descrição objetiva e o segundo descrição subjetiva.

3. (Unicamp) Leia o poema descritivo para responder à questão.

Da minha aldeia vejo quanto da minha terra se pode ver  
no Universo...

Por isso a minha aldeia é tão grande como outra  
terra qualquer

Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena  
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
Na cidade, as grandes casas fecham a vista à chave,  
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar  
para longe de todo o céu,  
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os  
nossos olhos nos podem dar,  
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza  
é ver.

(CAEIRO, Alberto. *Obra poética*. Rio de Janeiro:  
Nova Aguilar, 1983. p. 142.)

- a) Explique a oposição estabelecida entre a aldeia e a cidade.
- b) De que maneira o uso do verso livre reforça essa oposição?

#### 4. (Fuvest)

Salão repleto de luzes, orquestra ao fundo, brilho de cristais por todo lado. O crupiê\* distribui fichas sobre o pano verde, cercado de mulheres em longos vestidos e homens de *black-tie*\*\* . A roleta em movimento paralisa o tempo, todos retêm a respiração. Em breve, estarão definidos a sorte de alguns e o azar de muitos. Foi mais ou menos assim, como um lance de roleta, que a era de ouro dos cassinos — maravilhosa para uns, totalmente reprovável para outros —, se encerrou no Brasil. Para surpresa da nação, logo depois de assumir o governo, em 1946, o presidente Eurico Gaspar Dutra pôs fim, com uma simples penada, a um dos negócios mais lucrativos da época: a exploração de jogos de azar, tornando-os proibidos em todo o país. [...]

(SANTUCCI, Jane. O dia em que as roletas pararam. *Nossa História*.)

- No texto acima, a autora utiliza vários recursos descritivos. Aponte um desses recursos. Justifique sua escolha.
- A que fato relatado no texto se aplica a comparação “como num lance de roleta”?

### Questões-testes

- (Enem) Cândido Portinari (1903-1962), em seu livro *Retalhos de minha vida de infância*, descreve os pés dos trabalhadores.

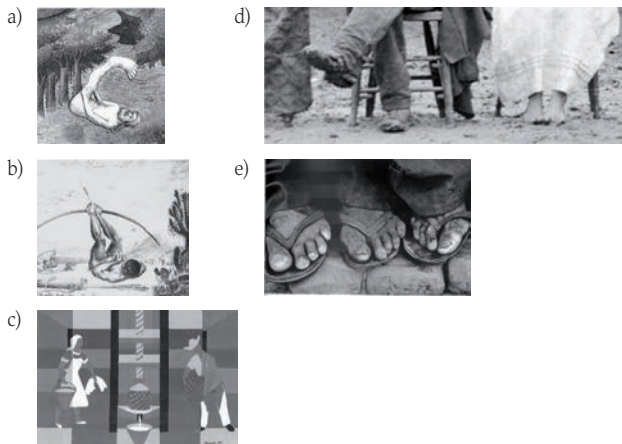
Pés disformes. Pés que podem contar uma história. Confundiam-se com as pedras e os espinhos. Pés semelhantes aos mapas: com montes e vales, vincos como rios [...]. Pés sofridos com muitos e muitos quilômetros de marcha. Pés que só os santos têm. Sobre a terra, difícil era distingui-los. Agarrados ao solo eram como alicerces, muitas vezes suportavam apenas um corpo franzino e doente.

(PORTINARI, Cândido. *Retrospectiva*. Catálogo MASP.)

As fantasias sobre o Novo Mundo, a diversidade da natureza e do homem americano e a crítica social foram temas que inspiraram muitos artistas ao longo de nossa história. Dentre essas imagens, a que melhor caracteriza a crítica social contida no texto de Portinari é:

\* *crupiê*: empregado de uma casa de jogos.

\*\* *black-tie*: *smoking*, traje de gala.



## 2. (Enem)

Pequenos tormentos da vida

De cada lado da sala de aula, pelas janelas altas, o azul convida os meninos,

as nuvens desenrolam-se, lentas como quem vai inventando preguiçosamente uma história sem fim...

Sem fim é a aula: e nada acontece, nada... Bocejos e moscas. Se ao menos, pensa

Margarida, se ao menos um avião entrasse por uma janela e saísse por outra!

(QUINTANA, Mário. *Poesias*.)

Na cena retratada no texto, o sentimento de tédio:

- provoca que os meninos fiquem contando histórias.
- leva os alunos a simularem bocejos, em protesto contra a monotonia da aula.
- acaba estimulando a fantasia, criando a expectativa de algum imprevisto mágico.
- prevalece de modo absoluto, impedindo até mesmo a distração ou o exercício do pensamento.
- decorre da morosidade da aula, em contraste com o movimento acelerado das nuvens e moscas.

### 3. (Enem)

Coleção do governo do estado de SP/  
Tarsila do Amaral Empreendimentos



(Tarsila do Amaral, *Operários*.)

Desiguais na fisionomia, na cor e na raça, o que lhes assegura identidade peculiar, são iguais enquanto frente de trabalho. Num dos cantos, as chaminés das indústrias se alçam verticalmente. No mais, em todo o quadro, rostos colados, um ao lado do outro, em pirâmide que tende a se prolongar infinitamente, como mercadoria que se acumula pelo quadro afora.

(Nádia Gotlib. *Tarsila do Amaral, a modernista*.)

O texto descritivo aponta no quadro de Tarsila do Amaral um tema que também se encontra nos versos transcritos em:

- a) “Pensem nas meninas

Cegas inexatas

Pensem nas mulheres

Rotas, alteradas.

(Vinicius de Moraes)

- b) “Somos muitos severinos

iguais em tudo e na sina

a de abrandar estas pedras

suando-se muito em cima”.

(João Cabral de Melo Neto)

- c) “O funcionário público

não cabe no poema

com seu salário de fome

sua vida fechada em arquivos”.

(Ferreira Gullar)



- d) “Não sou nada  
Nunca serei nada  
Não posso querer ser nada  
À parte disso, tenho em mim todos os  
sonhos do mundo”.  
(Fernando Pessoa)
- e) “Os inocentes do Leblon  
Não viram o navio entrar [...]  
Os inocentes, definitivamente inocentes tudo  
ignoravam,  
mas a areia é quente, e há um óleo suave  
que eles passam pelas costas, e aquecem”.  
(Carlos Drummond de Andrade)

#### 4. (Enem)

No início do século XIX, o naturalista alemão Carl Von Martius esteve no Brasil em missão científica para fazer observações sobre a flora e a fauna nativa e sobre a sociedade indígena. Referindo-se ao indígena, ele afirmou:

“Permanecendo em grau inferior da humanidade, moralmente, ainda na infância, a civilização não o altera, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo [...]. Esse estranho e inexplicável estado do indígena americano, até o presente, tem feito fracassarem todas as tentativas para conciliá-lo inteiramente com a Europa vencedora e torná-lo um cidadão satisfeito e feliz”.

(MARTIUS, Carl Von. *O estado do direito entre os autônomos do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982.)

Com base nessa descrição, conclui-se que o naturalista Von Martius:

- apoiava a Independência do Novo Mundo, acreditando que os índios, diferentemente do que fazia a missão europeia, respeitavam a flora e a fauna do país.
- discriminava preconceituosamente as populações originárias da América e advogava o extermínio dos índios.
- defendia uma posição progressista para o século XIX: a de tornar o indígena cidadão satisfeito e feliz.
- procurava impedir o processo de aculturação, ao descrever cientificamente a cultura das populações originárias da América.

- e) desvalorizava os patrimônios éticos e culturais das sociedades indígenas e reforçava a missão “civilizadora europeia”, típica do século XIX.

**5. (Enem)**

A montanha pulverizada  
Esta manhã acordo e  
não a encontro.  
Britada em bilhões de lascas  
deslizando em correia transportadora  
entupindo 150 vagões  
no trem-monstro de 5 locomotivas  
— trem maior do mundo, tomem nota —  
foge minha será, vai  
deixando no meu corpo a paisagem  
mísero pó de ferro, e este não passa.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*.

Rio de Janeiro: Record, 2000.)

A situação poeticamente descrita acima sinaliza, do ponto de vista ambiental, para a necessidade de:

I. manter-se rigoroso controle sobre os processos de instalação de novas mineradoras.

II. criarem-se estratégias para reduzir o impacto ambiental no ambiente degradado.

III. reaproveitarem-se materiais, reduzindo-se a necessidade de extração de minérios.

É correto o que se afirma:

- |                      |                        |
|----------------------|------------------------|
| a) apenas em I.      | d) apenas em II e III. |
| b) apenas em II.     | e) em I, II e III.     |
| c) apenas em I e II. |                        |

**6. (Enem)**

**O açúcar**

O branco açúcar que adoçará o meu café  
nesta manhã de Ipanema  
não foi produzido por mim  
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro  
e afável ao paladar

como o beijo de moça. Água  
na pele, flor  
que se dissolve na boca. Mas este açúcar  
não foi feito por mim.

Este açúcar veio  
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia  
Este açúcar veio  
de uma usina de açúcar de Pernambuco  
ou no estado do Rio  
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana  
e veio dos canaviais extensos  
que não nascem por acaso  
no regaço do vale.

[...]

Em usinas escuras,  
homens de vida amarga  
e dura

produziram esse açúcar  
Branco e puro

com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro:  
Civilização Brasileira, 1980. p. 227-8.)

A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e:

- a) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- b) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- c) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- d) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.
- e) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.



### DESCRIÇÃO

- Pode ser comparada à fotografia ou à pintura.
- Trata-se de um quadro estático: não há progressão temporal.
- Pode ser lida com ordem aleatória de parágrafos, sem comprometer as relações de sentido.
- Elementos estruturais fundamentais: substantivos, adjetivos e locuções adjetivas; verbos de estado, verbo em forma nominal (particípio), figuras de linguagem.
- Pode ser um texto ou um trecho dentro de uma narração ou dissertação.
- Caráter sensorial: evoca os sentidos humanos — visão, olfato, paladar, audição, tato —, provoca emoções.

### NARRAÇÃO

- Pode ser comparada ao cinema ou ao teatro.
- Estrutura: apresentação, complicação, clímax e desfecho.
- Há progressão temporal e mudanças de cena.
- A alteração da ordem de parágrafos influencia as relações de sentido e pode tornar o texto ininteligível.
- Elementos estruturais fundamentais: narrador, enredo, personagens, tempo, espaço.
- Trata-se de um texto acabado, com princípio, meio e fim.
- Caráter reflexivo: ao contar uma história, defende-se um ponto de vista, propõe comparações.

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

UFF – adaptado

A Revista de *O Globo* (23 de abril de 2006) publicou um depoimento de Chico Buarque de Holanda ao anunciar o lançamento de seu disco *Carioca*. Nesse disco, há uma canção intitulada “Subúrbio”.

Na entrevista, Chico Buarque chama a atenção para a importância de se olhar a cidade como um todo, para além da Zona Sul e das modernidades da Barra: “Outro dia fui comprar um mapa da cidade que muito turista compra: tinha o Centro, a Zona Sul e a Barra. Não havia subúrbio no mapa”.

A seguir, há transcrições de descrições de cariocas sobre o bairro de subúrbio do Rio de Janeiro, onde moram:

### **Fala, Maré**

Gosto de Maré, tem muitos lugares para ir, forró no sábado, feira na sexta. Não preciso ir para lugar mais nenhum, aqui tem tudo. Não mudaria para a Zona Sul, estou acostumada com lugares mais tranquilos. (M. S., 17 anos, estudante)

### **Fala, Penha**

Morar aqui é legal, o comércio é bom, mas quando chove, enche. Nosso bairro não é esquecido, só é lembrado por causa da violência, pelo que aconteceu com aquele jornalista. Somos lembrados por coisas ruins, parece que ninguém aqui presta. A maioria das pessoas é amiga. A gente é discriminado só de falar do bairro onde a gente mora. Com esse negócio de briga entre bandido e polícia, não temos sossego. Traria para a Penha as festas de rua que têm em outros bairros para ter algo para se divertir. (S. R. G. S., 19 anos, trabalha em uma barraca de salgados)

### Fala, Paciência

Nasci em Paciência. Aqui é legal que a gente pode andar a cavalo, jogar bola de gude, soltar pipa. Tenho muitos amigos e nos encontramos todos os dias. Não tem como colocar uma praia aqui, mas bem que podiam construir uma piscina. Se pudesse, morava na Ilha Grande. (A. G. M., 14 anos, estudante)

Redija um texto de caráter predominantemente descritivo, sobre o bairro (ou cidade) em que vive, ressaltando pontos positivos e negativos.



# 11

## Texto Poético

### O que é texto poético?

#### Autopsicografia

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente

E os que leem o que escreve  
Na dor lida sentem bem  
Não as duas que ele teve  
Mas só as que eles não têm

E assim nas calhas de roda gira a entreter a razão  
Este comboio de corda  
Que se chama o coração

(Fernando Pessoa)

Ao ler atentamente esse poema de Fernando Pessoa, podemos observar algumas características que nos permitem definir o que é texto poético. Em primeiro lugar, observamos a forma de construção literária: é o tipo de texto que se organiza em verso — frase literária que ocupa um espaço segmentado da folha de papel.

Com o primeiro verso deste poema, por meio da declaração “o poeta é um fingidor”, notamos o seu caráter fictício, literário, que parte da realidade, modificando-a e criando um mundo de



fantasias à medida que o poeta “chega a fingir que é dor/a dor que deveras sente”.

As duas últimas estrofes sugerem ainda que, ao ler o texto poético, não podemos confundir o autor com o eu lírico, a voz poética que conduz as ideias, demonstrando as próprias emoções ou as emoções alheias. Assim, só temos acesso ao mundo inventado e não ao mundo real: jamais vamos saber se o universo ficcional ali encontrado tem relação com as experiências de quem escreveu. Observe que a última estrofe confirma: lemos o poema para o entretenimento da razão, para satisfazer as nossas necessidades de sonhar, de sentir emoção.

Por ser um texto escrito para mexer com a sensibilidade, uma de suas grandes marcas é a linguagem em sentido figurado, conotativo, sobretudo com o uso da figura da metáfora. Por exemplo, afirmar que o coração é um “comboio de corda”, ou seja, um trem de brinquedo, é fazer uso da metáfora, figura simbólica que consiste em retirar uma palavra de seu sentido próprio e empregá-la com sentido figurado, fazendo uma relação de semelhança.

Há opiniões divergentes sobre o conceito de **poema** e **poesia** e, diante de tantas opiniões, ficamos com o conceito do poeta e crítico Ezra Pound, segundo o qual o poema é o produto acabado e a poesia consiste no processo de criação. Esse autor traz uma teoria interessante sobre a interpretação do texto poético: deve-se analisar a camada visual, a camada fônica e a camada semântica.

Ao observar a camada visual, verificando a forma em verso, sabe-se que o texto é desafio de interpretação que exige grande atenção, já que apresenta as palavras no sentido figurado e teremos de decifrar as mensagens implícitas. A camada fônica, com a musicalidade, a entonação e o som das palavras é aquela que permite despertar nossas emoções pela beleza do ritmo. A análise da camada semântica permite buscar as relações de sentido ali presentes, quando se acionam os nossos conhecimentos sobre

o autor, os estilos literários, e associamos as novas informações às experiências acumuladas e à visão de mundo que possuímos.

## **Tipos, gêneros e medidas no texto poético**

Quanto aos **tipos**, pode-se escrever um poema dissertativo, narrativo ou descritivo. Veja os fragmentos a seguir:

### **Texto 1**

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tornando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança;  
Do mal, ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem, se algum houve, as saudades

### **Texto 2**

Sete anos de pastor Jacó servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela,  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
Que a ela só por prêmio pretendia

Os dias na esperança de um só dia,  
Passava, contentando-se com vê-la  
Porém o pai, usando de cautela  
No lugar de Raquel lhe dava Lia.

### Texto 3

Vós, senhora, tudo tendes,  
Senão que tendes os olhos verdes

Dotou em vós Natureza  
O sumo da perfeição  
Que o que é em vós senão  
É em outras gentileza;  
O verde não se despreza,  
Que agora que vós o tendes,  
São belos os olhos verdes.

Nesses três fragmentos do poeta clássico português Luís de Camões, exemplificamos os diferentes tipos de composição que podem ser representados pelo poema. O primeiro texto é dissertativo, quando o eu lírico discorre sobre as mudanças da passagem do tempo em nossas vidas e como vai nos deixando suas marcas boas e ruins. O segundo fragmento é narrativo; inspirando-se no mito bíblico de Labão e Jacó, Camões reconta a história dos anos que Jacó passou trabalhando de graça para, um dia, ter o amor de Raquel. Já o terceiro fragmento descreve a beleza física de uma “senhora”, sobretudo destacando a beleza de seus olhos verdes.

Quanto aos **gêneros**, podem-se compor poesias no gênero **lírico**, como os fragmentos que acabamos de ler, que falam dos sentimentos pessoais e individuais do ser humano; poemas do gênero épico, narrando os feitos gloriosos de um povo, como *Os lusíadas*, de Luís de Camões, que retrata a viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1498, e conta passagens da história anterior de Portugal, com suas batalhas e conquistas. Poemas **dramáticos** são os produzidos para representação teatral. Como exemplo, podemos citar toda a criação literária de Gil Vicente, considerado

pai do teatro português e que escreveu todas as suas peças em versos. O gênero **satírico**, com textos de crítica pessoal ou social, também é representado por meio de poemas.

Com relação à **medida**, são denominados poemas clássicos os que seguem medida regular, com versos e estrofes isométricos (de mesmo tamanho) e apresentam rimas (igualdade sonora no final dos versos). E são denominados poemas não clássicos aqueles compostos com versos e estrofes livres (sem medida regular) e brancos (sem rimas).

A forma poemática fixa consagrada na literatura mundial é o soneto, poema composto de 14 versos, sendo dividido em dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofes de três versos), normalmente escritos em versos decassílabos (com dez sílabas poéticas). Veja um exemplo de soneto, de Luís de Camões, consagrado como o maior sonetista da língua portuguesa e um dos maiores escritores portugueses.

Amor é fogo que arde sem se ver;

É ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente;

É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;

É solitário andar por entre a gente;

É nunca contentar-se de contente;

É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence, o vencedor;

É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

(Luís de Camões)

No Brasil, há um movimento artístico que foi divisor de águas na produção literária poética, o Modernismo, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna, em 1922. A partir daquele momento, os poetas brasileiros começaram a valorizar a liberdade total de criação, predominando as composições com versos livres e brancos e, quase sempre, com linguagem coloquial.

### Questões dissertativas

(Unesp) As questões de números 1 a 3 baseiam-se num soneto de Cruz e Sousa (1861-1898) e num trecho de uma carta de Mário de Andrade (1893-1945) a Manuel Bandeira (1886-1968).

#### Alma fatigada

Nem dormir nem morrer na fria Eternidade!  
mas repousar um pouco e repousar um tanto,  
os olhos enxugar das convulsões do pranto,  
enxugar e sentir a ideal serenidade.

A graça do consolo e da tranquilidade  
de um céu de carinhoso e perfumado encanto,  
mas sem nenhum carnal e mórbido quebranto,  
sem o tédio senil da vã perpetuidade.

Um sonho lírial d'estrelas desoladas,  
onde as almas febris, exaustas, fatigadas  
possam se recordar e repousar tranquilas!

Um descanso de Amor, de celestes miragens,  
onde eu goze outra luz de místicas paisagens  
e nunca mais pressinta o remexer de argilas!

(CRUZ E SOUZA. *Obra completa*. Rio de Janeiro:  
José Aguilar, 1961. p. 191-2.)

#### Carta a Manuel Bandeira, S. Paulo, 28-III-31.

Manu,

Bom dia. Amanhã é domingo pé de cachimbo, e levarei sua carta (isto é, vou ainda relê-la pra ver si a posso levar tal como está, ou não podendo contarei) pra Alcântara com Lolita que também ficarão satisfeitos de saber que você já está mais fagueirinho e o acidente não terá consequência nenhuma. Esse caso de você ter medo duma possível doença comprida e chupando lentamente o que tem de perceptível na gente, pro lado lá da morte, é mesmo um caso sério. Deve ser danado a gente morrer com lentidão, mas em todo caso sempre me

parece inda, não mais danado, mas semvergonhamente pueril, a gente morrer de repente. Eu jamais me imagino na morte, creio que você sabe disso. Aboli a morte do mecanismo da minha vida e embora já esteja com meus trinteito anos, faço projetos pra daqui a dez anos, quinze, como si pra mim a morte não tivesse de “vim”... como todos pronunciam. A ideia da morte desfibra danadamente a atividade, dá longa vontade da gente deitar na cama e morrer, irrita. Aboli a noção de morte pra minha vida e tenho me dado bem regularmente com esse pragmatismo inocente. Mas, levado pela sua carta, não sei, acho que não me desagradava não me pôr em contacto com a morte, ver ela de perto, ter tempo pra botar os meus trabalhos do mundo em ordem que me satisfaça e diante da infalível vencedora regularizar pra com Deus o que em mim sobrar de inútil pro mundo.

(ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1956. p. 269-70.)

1. Os dois textos apresentados focalizam, sob pontos de vista distintos, a relação entre a vida e a morte ou entre a vida e a eternidade. Releia atentamente o soneto de Cruz e Sousa e, partindo do pressuposto de que o simbolismo brasileiro desenvolveu e ampliou algumas características do romantismo, identifique no desenvolvimento do conteúdo do soneto, sobretudo no desejo manifestado nos últimos três versos, uma característica típica do romantismo.
2. Embora procure manifestar para seu amigo Manu (Manuel Bandeira) uma visão prática e uma preocupação maior com a vida, Mário de Andrade deixa escapar certa preocupação com a vida após a morte. Releia a carta e, a seguir, explique em que passagem se pode verificar essa preocupação.
3. Tomando por base o soneto como um todo e considerando que Cruz e Sousa foi um poeta simbolista, aponte a relação de sentido que há entre os termos “carnal” (sétimo verso) e “argilas” (décimo verso).

(Unicamp) Os versos seguintes fazem parte do poema “Um chamado João”, de Carlos Drummond de Andrade, em homenagem póstuma a João Guimarães Rosa. Trabalhe as questões 4 e 5 a partir da leitura do poema.

## Um chamado João

João era fabulista?  
Fabuloso?  
Fábula?  
Sertão místico disparando  
No exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha  
A quinta face das coisas  
Inenarrável narrada?  
Um estranho chamado João  
Para disfarçar, para farçar  
O que não ousamos compreender?  
[...]

Mágico sem apetrechos,  
Civilmente mágico, apelador  
De precipites prodígios acudindo  
A chamado geral?  
[...]

Ficamos sem saber o que era João  
E se João existiu  
Deve pegar.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Correio da manhã*,  
22 nov. 1967. Publicado em ROSA, J. G. *Sagarana*.  
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.)

### 4. Responda:

- No título, “chamado” sintetiza dois sentidos com que a palavra aparece no poema. Explique esses dois sentidos, indicando como estão presentes nas passagens em que “chamado” se encontra.
- Na primeira estrofe do poema, “fábula” é derivada em “fabulista” e “fabuloso”. Mostre de que modo a formação morfológica e a função sintática das três palavras contribuem para a formação da imagem de Guimarães Rosa.

### 5. Na segunda estrofe, há dois processos muito interessantes de associação de palavras. Em “inenarrável/narrada” encontramos claramente



um processo de derivação; em “disfarçar/farçar”, temos a sugestão de um processo semelhante, embora “farçar” não conste dos dicionários modernos.

- a) Relacione o significado de “inenarrável” como processo de sua formação; e o de “farçar”, na relação sugerida no poema, com “disfarçar”.
- b) Explique como esses processos contribuem na construção de sentidos dessa estrofe.

## Questões-testes

1. (ITA) Leia o poema abaixo, “Na contramão”, de Chacal.

Ela ali tão sem  
eu aqui sem chão  
nós assim ninguém  
cada um na mão

Acerca desse poema, considere as seguintes afirmações:

- I. Ele possui uma das marcas mais típicas da poesia contemporânea, que é a brevidade.
- II. É notória a informalidade da linguagem, que afasta o poema da tradição culta e erudita.
- III. Há um sentimentalismo contemporâneo que filtra os excessos da expressão sentimental.
- IV. Existe a persistência do tema do desencontro amoroso (tradicional na literatura).

Está(ão) correta(s):

- a) apenas a I.
  - b) apenas I e II.
  - c) apenas I, II, III.
  - d) apenas III e IV.
  - e) todas.
2. (ITA) Leia o poema a seguir, “O anel de vidro”, de Manuel Bandeira.
- Aquele pequenino anel que tu me deste,  
Ai de mim — era de vidro e logo quebrou...  
Assim também o eterno amor que prometeste,  
Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que tiveste,  
Símbolo da afeição que o tempo aniquilou —

Aquele pequenino anel que tu me deste,  
Ai de mim — era de vidro e logo se quebrou...

Não me turbou, porém, o despeito que investe  
Gritando maldições contra aquilo que amou.  
De ti conservo na alma a saudade celeste...  
Como também guardei o pó que me ficou  
Daquele pequenino anel que tu me deste.

Nesse texto:

- a) percebemos uma ironia típica dos modernistas ao desqualificar o amor romântico.
- b) existe uma revisão crítica da poesia de temática amorosa vinda do romantismo.
- c) a temática amorosa (o fim do amor) é tratada com frieza e distanciamento.
- d) há lirismo sentimental, presente em boa medida pela retomada da quadrinha popular “O anel que tu me deste/era vidro e se quebrou [...]”.
- e) encontra-se um poema tipicamente romântico por retomar a conhecida quadrinha popular “O anel que tu me deste/era vidro e se quebrou [...]”.

(Mackenzie) Texto para as questões 3 a 5.

**Samba da caixa preta**  
(da série Poesia numa hora dessas?)

Nosso amor explodiu no ar  
e foi destroço pra tudo que é lado  
Recuperaram aquele colar  
e um bilhete chamuscado  
dizendo “não tente me achar”,  
entre nós está tudo acabado”.  
E dentro da caixa preta  
o meu coração a pulsar.  
Oi, a pulsar.

(Luís Fernando Veríssimo)

**3. O texto:**

- a) sugere que, mesmo após o término, tenham restado marcas de um relacionamento amoroso.

- b) expõe a contradição entre as fases de conflito (“Nosso amor explodiu no ar”) e aquelas de perfeita harmonia entre os amantes (“o meu coração a pulsar”).
- c) atribui às frequentes ações de terroristas a impossibilidade do amor nos dias atuais.
- d) refere-se, por meio do verbo “explodir”, ao momento em que um amor desabrochou e, em seguida, narra o seu desfecho trágico.
- e) denota o sarcasmo do “eu” em face da perda da mulher amada em um acidente aéreo.

**4. É correto afirmar que o “Samba da caixa preta”:**

- a) minimiza a intensidade da ruptura amorosa por meio da exploração de imagens que transmitem tranquilidade.
- b) se apropria de traços de letras de samba, principalmente pelo uso de “Oi”, expressão comum em performances musicais desse gênero.
- c) apresenta subtítulo que reflete a adequação do tipo de texto à situação em que foi produzido.
- d) comprova, por meio do trecho entre aspas, que o ser amado já havia tentado escapar do eu lírico muitas vezes.
- e) confere maior destaque às características das personagens e dos espaços do que às da situação em foco.

**5. Considere as seguintes afirmações acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.**

I. “Oi” (verso 9) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de “Olá”.

II. “destroço” (verso 2) é um termo que engloba “aquele colar, bilhete chamuscado e caixa preta”, itens que resistiram ao acidente.

III. “aquele colar” (verso 3) é expressão que indica o conhecimento prévio do objeto mencionado.

**Assinale:**

- a) se apenas I e II estiverem corretas.
- b) se apenas I e III estiverem corretas.
- c) se apenas II e III estiverem corretas.
- d) se todas estiverem corretas.
- e) se todas estiverem incorretas.

6. (Enem)



Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...  
 Por isso minha aldeia é grande como outra qualquer  
 Porque sou do tamanho do que vejo  
 E não do tamanho da minha altura...

(Alberto Caeiro)

A tira de “Hagar” e o poema de Alberto Caeiro (um dos heterônimos de Fernando Pessoa) expressam, com linguagens diferentes, uma mesma ideia: a de que a compreensão que temos do mundo é condicionada, essencialmente,

- pelo alcance de cada cultura.
- pela capacidade visual do observador.
- pelo senso de humor de cada um.
- pela idade do observador.
- pela altura do ponto de observação.

7. (Enem)

“Eu começaria dizendo que poesia é uma questão de linguagem. A importância do poeta é que ele torna mais viva a linguagem. Carlos Drummond de Andrade escreveu um dos mais belos versos da língua portuguesa com duas palavras comuns: *cão* e *cheirando*.”

Um cão cheirando o futuro.

(Entrevista com Mario Carvalho. *Folha de S.Paulo*,  
 24 maio 1988, com adaptações.)

O que deu ao verso de Drummond o caráter inovador da língua foi:

- o modo raro como foi tratado o “futuro”.
- a referência ao cão como “animal de estimação”.
- a flexão pouco comum do verbo “cheirar” (gerúndio).

- d) a aproximação não usual do agente citado à ação de “cheirar”.
- e) o emprego do artigo indefinido “um” e do artigo definido “o” na mesma frase.

(Enem) As questões de números 8 e 9 referem-se ao poema abaixo.

Epígrafe\*

Murmúrio de água na clepsidra\*\* gotejante,  
Lentas gotas de som no relógio da torre,  
Fio de areia na ampulheta vigilante,  
Leve sombra azulando a pedra do quadrante\*\*\*  
Assim se escoa a hora, assim se vive e morre...  
Homem, que fazes tu? Para que tanta lida,  
Tão doidas ambições, tanto ódio e tanta ameaça?  
Procuremos somente a Beleza, que a vida  
É um punhado infantil de areia ressequida,  
Um som de água ou de bronze e uma sombra que passa...  
(CASTRO, Eugênio de. *Antologia pessoal da poesia portuguesa*.)

8. A imagem contida em “lentas gotas sem som” (verso 2) é retomada na segunda estrofe por meio da expressão:
- a) tanta ameaça.
  - b) som de bronze.
  - c) punhado de areia.
  - d) sombra que passa.
  - e) somente a Beleza.
9. Neste poema, o que leva o poeta a questionar determinadas ações humanas (versos 6 e 7) é a:
- a) infantilidade do ser humano.
  - b) destruição da natureza.
  - c) exaltação da violência.
  - d) inutilidade do trabalho.
  - e) brevidade da vida.

(UEL) Leia o texto e responda às questões 10 e 11.

E vê do mundo todos os principais,  
Que nenhum mor bem público imagina;  
Vê neles que não têm amor a mais  
Que a si somente, e a quem Filáucia ensina

\* Epígrafe: inscrição colocada no ponto mais alto.

\*\* Clepsidra: relógio de água.

\*\*\*Pedra do quadrante: parte superior de um relógio de sol.

Vê que esses que frequentam os reais  
Paços, por verdadeira e sã doutrina  
Vendem adulação, que mal consente  
Mandar-se o novo trigo florescente.

Vê que aquelas que devem à pobreza  
Amor divino e ao povo caridade  
Amam somente mandos e riquezas,  
Simulando justiça e integridade.  
Da feia tirania e da aspereza  
Fazem direito, e vã severidade:  
Leis em favor do rei só se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.

(CAMÕES, L. de. *Os lusíadas*. Porto: Lello e Irmãos, 1970. p. 1344-5.)

- 10.** Uma das qualidades deste texto camoniano é dizer coisas que ultrapassam a sua temporalidade, ou seja, coisas que são universais ou pelo menos têm sentido além do tempo quando foram escritas. Nestes termos, estabelecendo um diálogo do texto com as práticas sociais atuais, é correto dizer:
- a) Para aprovar as leis de seus interesses, os governantes se valem dos interesses particulares dos legisladores.
  - b) A reforma agrária, no Brasil, deveu-se à intervenção dos senadores da República, enquanto representantes do MST.
  - c) A aprovação da CPMF no Congresso Nacional tem como objetivo a unificação do sistema de saúde no Brasil.
  - d) o objetivo da reforma tributária é reduzir a carga de impostos que aflige a população de baixa renda.
  - e) o novo sistema de previdência social acabou com as desigualdades nas aposentadorias brasileiras.
- 11.** O poema trata de uma circunstância fundamental para os povos de todos os momentos — a moralidade dos homens públicos. Assinale a alternativa que contempla as falhas morais consideradas pelo poeta.
- a) ganância, gula, devassidão.
  - b) desconsideração, injustiça, autopromoção.
  - c) orgulho, inveja, egoísmo.
  - d) injustiça, egoísmo, fraude.
  - e) cobiça, orgulho, preguiça.



### QUANDO EMPREGAR “ACERCA DE”, “HÁ CERCA DE” E “CERCA DE”?

A expressão verbal “há cerca de” indica ocorrência temporal aproximada.

Exemplo: **Há cerca de** dois anos, fiz aquele curso de Espanhol.

A expressão nominal “acerca de” significa **a respeito de** ou **sobre**.

Exemplo: Estávamos conversando **acerca da** epidemia de gripe Influenza A, para nos inteirarmos melhor do assunto.

Já a expressão de caráter nominal “cerca de” significa **aproximadamente** ou **perto de**.

Exemplo: Cerca de vinte mil pessoas compareceram ao espetáculo.

### Dicas para escrever melhor

Conheça, a seguir, algumas noções de versificação.

**Metrificação ou escansão:** é a divisão dos versos em sílabas poéticas. Segue-se a cadência sonora da leitura e não as regras gramaticais. Assim, juntam-se, na mesma sílaba, os dígrafos “rr” e “ss”, da mesma forma que se transformam hiatos em ditongos, às vezes se juntando vogais entre palavras, quando uma acaba em vogal e a seguinte inicia-se com vogal. A contagem das sílabas poéticas é até a última sílaba tônica do verso.

Exemplos: Che/ guei./ Che/ gas/ te./ vi/ nhas/ fa/ ti/ ga/ da

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

E/ tris/ te, e/ tris/ te e/ fa/ ti/ ga/ do eu/ vi/ nha

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

(Olavo Bilac)

Foi-/ se / gas/ tan/ do a es/ pe/ ran/ ça

1 2 3 4 5 6 7

Fui/ en/ ten/ den/ do os/ en/ ga/ nos

1 2 3 4 5 6

(Luís de Camões)

Nos dois primeiros versos, temos **decassílabos**, métrica que surgiu no classicismo, cujo apogeu foi o século XVI, e os outros dois são **redondilhos maiores** (versos de sete sílabas), que surgiram com o humanismo do século XVI. Quando os versos possuem cinco sílabas, são denominados **redondilhos menores**. Essa medida, com a chegada dos decassílabos, passou a ser denominada “medida velha”, e os decassílabos foram reconhecidos como “medida nova”. Os versos podem ter a partir de duas sílabas (dissílabo) até um número indefinido; normalmente não excedendo muito as dez sílabas clássicas.

### Tipos de rimas

**Rimas alternadas:** são as mais comuns. Há igualdade sonora entre os versos ímpares e entre os versos pares. As rimas são identificadas por letras iguais, registradas no final dos versos.

Cheguei, chegaste. Vinhas fatigada (a)

E triste e triste e fatigado eu vinha (b)

Tinhas a alma de sonhos povoada (a)

E a alma de sonhos povoada eu tinha (b)

(Olavo Bilac)

**Rimas emparelhadas:** há igualdade sonora entre um verso ímpar e um par e assim sucessivamente.

[...]

Esta vida escassa, (a)

Para todos passa, (a)



Só para mim não. (b)  
Os dias se vão (b)  
Sem ver este dia (c)  
Quando vos veria (c)

(Luis de Camões)

**Rimas opostas:** normalmente ocorrem nas quadras (estrofes de quatro versos) e combinam-se os versos da extremidade e do meio da estrofe.

De outras sei que se mostram menos frias, (a)  
Amando menos do que amar pareceis. (b)  
Usam todas de lágrimas e preces: (b)  
Tu de acerbos risadas e ironias. (a)

(Olavo Bilac)

A seguir estão organizadas as mais conhecidas figuras de linguagem que você poderá encontrar nos textos poéticos.

### Figuras de palavras

**Metáfora:** emprego de palavra fora de seu sentido próprio, por efeito de analogia. Pode-se defini-la também como comparação implícita.

Exemplo: Menina, você **é uma flor**.

**Metonímia:** substituição de um nome por outro em virtude de haver entre eles algum relacionamento (o autor pela obra, a parte pelo todo, o lugar pela coisa).

Exemplos: Ler **Jorge Amado**.

Possuir um **Chevrolet**.

**Catacrese:** é o emprego de um nome tomado por empréstimo para nomear um ser, por não haver ou por se desconhecer

um termo próprio para especificá-lo. Nomeia-se por relação de semelhança.

Exemplos: **Embarcamos no avião** às 16h.

Dói minha **batata da perna**.

**Antonomásia:** substituição de um nome por outro ou por uma expressão que facilmente o identifique.

Exemplos: O mestre = Jesus/A cidade-luz = Paris.

### Figuras de sintaxe

**Elipse:** é a omissão de uma palavra ou de uma expressão subentendida.

Exemplo: Alguns estudam, outros não.

**Pleonasmo:** redundância ou repetição de termos; disposição sequencial de palavras com mesmo radical e significação.

Exemplo: Ver com os próprios olhos.

**Anacoluto:** falta de nexos sintático entre o princípio da frase e o seu fim.

Exemplo: Quem ama o feio, **bonito lhe parece**.

**Silepse:** concordância com a ideia e não com a palavra escrita.

Exemplos: Os brasileiros **somos** otimistas.

São Paulo continua **poluída**. (= a cidade)

**Hipérbato:** é a alteração da ordem direta dos termos na oração, ou das orações no período.

Exemplo: Papagaio em casa, eu não quero mais.

### Figuras sonoras

**Aliteração:** repetição de consoantes iguais.

Exemplo: "Ó Formas **alvas**, brancas, Formas **claras**

De **luares**, de **neves**, de **neblinas**".

(LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Souza*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 69. Col. Encanto Radical.)

**Assonância:** repetição de vogais iguais.

Exemplo: "Grinaldas e véus brancos, véus de neve,  
Véus e grinaldas purificadores".

(Obra citada, p. 51.)

**Polissíndeto:** uso repetido de conjunção.

Exemplo: O menino resmunga e chora, e esperneia, e grita, e maltrata.

**Anáfora:** repetição de uma palavra ou expressão no início ou meio das frases.

Exemplo: "Tudo cura o tempo, tudo gasta, tudo..."

## Figuras de pensamento

**Hipérbole:** exagero na afirmação ou comparação exagerada.

Exemplo: Morrer de estudar para o vestibular.

**Eufemismo:** emprego de palavras agradáveis, em substituição às que têm sentido grosseiro, para suavizá-las.

Exemplo: faltar à verdade (por mentir)

**Prosopopeia:** atribuição de qualidades ou sentimentos de seres animados a seres irracionais ou inanimados.

Exemplo: A raposa **disse** algo que convenceu o corvo.

**Antítese:** emprego de ideias contrastantes.

Exemplo: "Não há descanso sem trabalho, riqueza sem miséria, concórdia sem dissensão".

A antítese levada a extremo (ou oposição, contraste relacionado ao mesmo elemento e não elementos distintos) recebe o nome de **paradoxo**. É também a oposição entre temas e figuras.

Exemplos: "Amor é ferida que dói e não se sente".

**Oxímoro ou paradoxo:** palavras de sentido contrário, dispostas lado a lado.

Exemplo: Voz do silêncio/inocente culpa.

**Apóstrofe:** interpelação violenta a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, reais ou fantásticas (uso do vocativo).

Exemplo: “**Mundo!** Que és tu para um coração sem amor?”.

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

O leitor não vai encontrar proposta de vestibular que peça a elaboração de texto poético, pela dificuldade de se avaliar um trabalho que possui um caráter mais artístico do que argumentativo. Mas é possível que a coletânea apresente texto(s) poético(s), como a proposta a seguir.

Mackenzie

Redija uma dissertação à tinta, desenvolvendo um tema comum aos textos a seguir.

### **Texto I**

Natural é ter um trabalho, um salário, um emprego

Nome confiável, respeitado na praça

Mas, afinal, o que é felicidade?

É sossego

Nesse mundo pequeno de tempo e espaço

(Nando Reis e Samuel Rosa)

### **Texto II**

Se a felicidade fosse convertida em projeto, ela seria igualmente convertida em insatisfação interminável: jamais estaremos onde queremos estar; jamais seremos o que queremos ser; jamais teremos o que queremos ter. A felicidade moderna converteu-se numa vigília permanente: a vigília de homens insatisfeitos: de homens esmagados pelos seus próprios ideais de felicidade e perfeição.

(Adaptado de João Pereira Coutinho)

### Texto III

Eu lamento te informar, mas este modelo de felicidade que lhe ensinaram desde criança e que costuma aparecer em filmes e novelas não existe. Mas é importante que você seja educado acreditando que este modelo é real e que vale a pena perseguir ele. Por isto este modelo de felicidade se faz tão presente nos comerciais da TV, como no cinema e nas novelas.

(www.rebelado.com)

### Texto IV

A felicidade não é apenas um conceito vago, mas algo tangível e resultante de atividade cerebral que pode ser vista, medida e até induzida, de acordo com neurologistas. Assim, é possível que pesquisadores possam, um dia, encontrar formas de ajudar a induzir o estado de felicidade, que deixará de ser uma busca filosófica, para se converter em uma busca farmacológica.

(Adaptado da BBC Brasil)

**Atenção, leitor:** a proposta não sugere uma abordagem universal ou atemporal sobre felicidade, mas um texto que argumente sobre a busca da felicidade na sociedade contemporânea. Esse é o tema comum dos textos apresentados.

## O que é intertextualidade?

Grandes escritores e pesquisadores dos estudos de linguagem afirmam que um texto não existe por si só. Ao escrever, dialoga-se com textos que já conhecemos e transportamos para o nosso trabalho o conhecimento adquirido com outros autores, utilizando marcas de determinados gêneros literários, aproveitando a estrutura de certo tipo de composição ou uma proposta temática que conhecemos por meio de uma matéria jornalística, ou ainda podemos nos inspirar no estilo de um autor de nossa preferência. Assim, deve-se entender que **intertextualidade** é o entrecruzamento de textos, seja para confirmar ou para refutar ideias que estão presentes na obra do outro, no conhecimento universal do ser humano e implícitas em nossa bagagem cultural.

Pode-se empregar **intertextualidade** na elaboração de um trabalho científico ou literário. Quando fazemos uma monografia, um artigo para publicação em revista especializada, uma dissertação de mestrado, o texto para um seminário, uma obra didática ou uma conferência para expor em um congresso, é comum nos apoiarmos em outros autores, normalmente especialistas, que já escreveram sobre o mesmo tema e, nesse caso, podem-se citar as ideias do outro, deixando claro de quem é aquela teoria ou pensamento. Se o texto de outro autor é transcrito em seu trabalho, deixa-se o fragmento entre aspas ou destacado e apresenta-se a referência bibliográfica, como você já deve ter notado em alguns trechos deste Manual. Mas atenção: é obrigatório informar que aquele trecho é uma citação. Além disso, devemos ter o cuidado de preservar o texto transcrito na íntegra, com a pontuação e seleção vocabular originais, como forma de demonstrar respeito e, principalmente, dar os devidos créditos ao(s) autor(es) citado(s).

Ao elaborar um texto literário, o autor pode fazer uso do que se determinou chamar “licença poética” e ele não precisa explicitar que está se fundamentando nas ideias de alguém, ou mesmo que está transcrevendo uma passagem de outro autor, seja para confirmá-lo ou criticá-lo. Assim, o diálogo com outros textos ocorre de forma velada, discreta, deixando que o leitor se incumba de identificar a presença de outro texto ou do estilo de um outro autor. Mas para que o leitor possa realizar o trabalho de identificação, isso dependerá de seu conhecimento de mundo, sobretudo das experiências de leitura que possui. Por exemplo, quando Machado de Assis escreveu o livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, inaugurando no Brasil o estilo literário denominado Realismo, foi considerado um escritor inovador quanto ao estilo de composição, uma vez que o narrador se declara “defunto autor” — alguém que, após a morte, aventura-se a escrever a própria história.

No entanto, com esse romance, Machado estava dialogando com outra obra escrita no século III, na Grécia, do autor Luciano de Samosata: *Diálogo dos mortos*, em que um filósofo, Menipo de Gadara, após a morte, escreve para zombar do mundo dos vivos. Hoje, os leitores são informados sobre o fato, por meio dos críticos de literatura, que inclusive apontam outras semelhanças entre o estilo de composição do autor brasileiro e o do escritor grego.

A **intertextualidade** pode ter os mais diferentes objetivos; estudaremos neste capítulo algumas de suas formas, que serão ilustradas com textos. Atualmente, é comum os vestibulares e o Enem apresentarem dois ou três textos (textos-estímulos) para então proporem questões de interpretação, em que o candidato deverá estabelecer relações entre eles, identificando semelhanças e diferenças. Ao longo desta obra, você já vivenciou a experiência de estabelecer relações intertextuais na maior parte dos capítulos, por ser uma situação que **comumente** vai enfrentar nos exames e concursos.

Os alunos tendem a reclamar quando encontram dois ou três textos para ler e resolver as questões apresentadas, pois isso

demanda tempo e muita atenção, mas há vestibulares que têm preferência por questões desse tipo, como é o caso da Unesp, no estado de São Paulo, e do Enem. Na prova, como um todo, o aluno é convidado a comparar gráficos, desenhos, quadros, textos de jornais diversos com temas em comum. A intertextualidade não está apenas nas questões de Língua Portuguesa, mas também em questões de outras disciplinas. Lembre-se também de que, nas propostas de redação, quase sempre se encontra uma coletânea de textos, que se confirmam, complementam-se ou se contrapõem. Sua tarefa, antes de escrever, é ser um bom intérprete.

## **Modalidades de intertextualidade**

### **Intertextualidade literal demarcada**

Em um trabalho científico ou de pesquisa, seja no Ensino Médio, curso de graduação ou de pós-graduação, podemos e até devemos buscar ideias de autores renomados na área pesquisada, para melhor fundamentar nossos argumentos. Quando se copia um texto sem citar, faz-se plágio e essa atitude é considerada crime pelas leis de direitos autorais. E quando se comentam apenas as ideias de um autor, sem transcrevê-las palavra por palavra, seja para elogiar ou para contrapor-se a ele, é preciso ter cuidado, pois podemos ser processados por calúnia ou difamação.

Observe, por exemplo, as frases e pequenos trechos que aparecem em uma coletânea de vestibular; todos possuem a fonte citada, pois isso facilita, inclusive, para quem se interessar e quiser fazer uma leitura mais cuidadosa do texto citado. Veja a sequência a seguir, extraída da proposta de redação da Fuvest, 2007, e que você já conhece, pois consta no Capítulo 2 deste Manual.

“Em primeiro lugar [...], pode-se realmente ‘viver a vida’ sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sen-



timentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda.

[...]

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável”.

(Cícero, *Da amizade*.)

“Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocaria por um reino: “Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo”. E estava certo ao dizer se, pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança”.

(Montaigne. *Da amizade*. Adaptado.)

## **Estilização**

A estilização é uma forma de intertextualidade demarcada, quando se toma um objeto de arte consagrado, conhecido num grupo social ou reconhecido pela cultura mundial, aplicando-se nele algumas alterações, sugerindo como aquele trabalho seria modificado, talvez pelo próprio criador, ao longo das transformações da humanidade, ou adaptando-o em outra área geográfica ou contexto social. Esse trabalho intertextual também pode apresentar uma interpretação com humor do objeto artístico tratado.

Veja as figuras abaixo, que são importantes textos com linguagem visual.



*Mona Lisa* (La Gioconda), aproximadamente 1503-5. Óleo sobre tela de Leonardo da Vinci.



*Mona Lisa* de Fernando Botero (1978) 211 x 195,5 cm. Óleo e têmpera sobre tela. Museu Botero, Bogotá

Na primeira imagem, temos uma réplica de *Mona Lisa*, de Leonardo Da Vinci. Na imagem seguinte, observa-se um exemplo de estilização, que consiste em fazer releituras do original, despertando diferentes interpretações.

## Intertextualidade literal não demarcada

Quando em um texto literário, de caráter fictício, o autor quer retomar um trecho de um poema, frase célebre de outro autor, o nome de uma personagem ou passagem de um conto ou romance, ele pode fazer isso sem precisar explicar ou destacar o trecho, como se fizesse parte de sua própria obra. Isso não é uma forma de plágio, mas sim uma evocação que um autor faz de outro, tomando-o fonte de inspiração, demonstrando concordância com suas ideias e, dessa forma, presta-lhe homenagem, estabelecendo um diálogo entre obras (intertextualidade).

Há um capítulo do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que tem o título “Uma ponta de lago”, em que aparece a personagem José Dias em visita a Bentinho no seminário, caluniando Capitu, dizendo que ela vive na janela à espera de ser conquistada por algum rapaz da vizinhança. O referido título é um jogo intertextual com a obra *Otelo*, de William Shakespeare. Nessa obra, lago é o tenente que difamou Desdêmona, a esposa do general Otelo. Então nos perguntamos: por que Machado de Assis colocou esse título no capítulo? Na intertextualidade não demarcada, temos um jogo de cumplicidade entre o autor e os seus leitores mais atentos e que têm um conhecimento de mundo mais amplo. Há inúmeros leitores que passam despercebidos por esse tipo de citação e não desfrutam de seus efeitos, como no exemplo, o autor nos convida a observar Bentinho como vítima de imagens que os outros constroem de Capitu, sugerindo, portanto, que o narrador-personagem pode estar equivocado ao incriminá-la adúltera.

Leia os textos a seguir, extraídos do vestibular da Unesp, 2001.

### Canção do Tamoio

I

Não chores meu filho;  
Não chores, que a vida  
É luta renhida:

Viver é lutar  
A vida é combate  
Que os fracos abate  
Que os fortes, os bravos  
Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!  
O homem que é forte  
Não teme da morte  
Só teme fugir;  
No arco que entesa  
Tem certa uma presa,  
Quer seja tapuia  
Condor ou tapir

III

O forte, o cobarde  
Seus feitos inveja  
De o ver na peleja  
Garboso e feroz;  
E os tímidos velhos  
Nos graves conselhos  
Curvadas as fronte,  
Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;  
Se morre, descansa

Dos seus na lembrança,  
Na voz do porvir.  
Não cures da vida!  
Sê bravo, se forte!  
Não fujas da morte,  
Que a morte há de vir!

(GONÇALVES DIAS, Antônio. *Obras poéticas*. Tomo II.  
São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1994. p. 42-3.)

### Hino do deputado

Chora, meu filho, chora,  
Ai, quem não chora, não mama,  
Quem não mama, fica fraco,  
Fica sem força pra vida,  
A vida é luta renhida,  
Não é sopa, é um buraco  
(...)

(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.177-8.)

Note-se a intenção de Murilo Mendes em fazer uma paródia com esse jogo intertextual literal não demarcado. O autor vai fundindo em seu texto o poema de Gonçalves Dias, chegando mesmo a transcrever versos, como “A vida é luta renhida” e alterando outros: “Chora, meu filho, chora”. O poeta modernista vai buscar inspiração no autor romântico e leva o leitor a refletir sobre os múltiplos significados do verbo chorar ao longo do tempo. Chorar, que na cultura indígena, retomada no romantismo, é indício de fraqueza, no contexto do modernismo, início do século XX, é indício de esperteza, de saber tirar vantagens pessoais ao ocupar um cargo político.

## Paródia

É o tipo de texto em que se retoma um outro, de conhecimento universal ou específico de uma cultura ou região, e o refaz, acrescentando-lhe um tom humorístico. Pode-se simplesmente torná-lo engraçado ou fazer uma crítica mais profunda, combatendo suas ideias ou propondo novas marcas culturais. Mas atenção: há pessoas que tomam a melodia de uma música e fazem uma letra totalmente diferente da original; não se pode dizer que seja uma paródia, mas um aproveitamento da melodia em nova composição.

“Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, é uma das obras mais parodiadas. Veja:

### Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá:

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá

Nosso céu tem mais estrelas

Nossas várzeas têm mais flores

Nossos bosques têm mais vida

Nossa vida mais amores

Em cismar sozinho à noite

Mais prazer encontro eu lá

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,

Que tais não encontro por cá;

Em cismar — sozinho à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Não permita deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o sabiá.  
Coimbra, julho de 1843.

(GONÇALVES DIAS, Antônio. *Poemas*. p.19.)

### **Canto de regresso à pátria**

Minha terra tem Palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá  
(...)

(ANDRADE, Oswald. *Obras completas*. p. 27.)

### **Canção do exílio**

Minha terra tem macieiras da Califórnia  
Onde cantam gaturamos<sup>1</sup> de Veneza  
Os poetas da minha terra

---

<sup>1</sup> Pássaros ornamentais.

São pretos que vivem em torres de ametista,  
(...)

(MENDES, Murilo. *Murilo Mendes: poesia*. p. 21.)

Observe que a “Canção do exílio”, no contexto da independência do Brasil e do surgimento do romantismo no país, traz uma mensagem que se restringe à valorização das belezas naturais brasileiras. Já as paródias dos poetas modernistas do início do século XX demonstram também um espírito nacionalista, porém um nacionalismo mais crítico, que propõe uma reflexão sobre questões sociais e econômicas.

### Paráfrase

É o texto que reproduz com novas palavras um texto original, seja para torná-lo mais simples, de mais fácil entendimento, ou para atualizar sua linguagem.

Veja os exemplos:

Texto I:

#### Hino Nacional Brasileiro

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heroico o brado retumbante  
E o sol da liberdade em raios fúlgidos  
Brilhou no céu da pátria nesse instante.  
(...)

(Osório Duque Estrada- Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino\\_Nacional\\_Brasileiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_Nacional_Brasileiro))

Texto II:

As margens calmas do rio Ipiranga  
Testemunharam o grandioso grito de um povo heroico



E o sol da liberdade iluminou o céu da pátria, naquele instante,  
Com seus raios extremamente brilhantes.

(da autora)

Observe que, no texto II, fiz uma alteração do fragmento inicial do Hino Nacional Brasileiro, colocando os termos das orações na ordem direta e trocando o vocabulário sofisticado por outro mais simples, ao alcance popular. A paráfrase em nada altera a essência do texto original, embora sua aparência possa ser alterada, como no caso, em que foi não se preservou o metro decassílabo e nem as rimas, deixando de haver o efeito sonoro, musical.

## **Intertextualidade não literal**

Chamamos de intertextualidade não literal quando ocorre a semelhança de ideias, pensamentos, tema ou estilo de composição entre textos, seja de um determinado contexto histórico ou de épocas diferentes, podendo haver tais semelhanças, inclusive em autores de países e continentes diferentes. Denomina-se intertextualidade não literal, pois não há cópia de palavra por palavra, mas apenas similaridades entre o texto que se escreve e aquele evocado.

## **Intertextualidade temática**

Um mesmo tema pode ser encontrado entre textos de correntes filosóficas, com abordagens similares ou diferentes, nos trabalhos científicos, em textos religiosos e em matérias jornalísticas, sobretudo quando há um novo acontecimento que abala a sociedade mundial. Lembremos quantas matérias surgiram, no início de 2009, sobre a crise financeira mundial e seus efeitos nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, assim como os artigos e reportagens com orientações sobre a epidemia de gripe causada pelo vírus H1N1.

A intertextualidade temática pode ocorrer também nos textos literários. Dentro de um movimento artístico, tornam-se comuns

textos sobre temas específicos, como os nacionalistas e exageradamente sentimentais, durante o romantismo. Podemos notar a identidade de temas até mesmo entre autores de momentos históricos diferentes. A título de exemplo, a peça de teatro *Auto da Compadecida*, do autor brasileiro contemporâneo Ariano Suassuna, explora o julgamento do homem após a morte, tomando por base um grupo de personagens nordestinos que acabam de morrer. O mesmo tema do julgamento após a morte está presente na peça *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, autor português do século XVI.

## Intertextualidade estilística

Essa forma ocorre quando um autor segue o estilo de composição de outro, quando emprega as características de determinado gênero de composição ou manifesta tendências de um estilo de época. Por exemplo, quando um autor contemporâneo escreve um romance com digressões (reflexões dispersas, interrompendo o enredo), apresenta ironias, sondagens psicológicas de personagens e deixa o final da obra em aberto, com diversas possibilidades de interpretação, diz-se que é um autor “machadiano”, ou seja, segue o estilo de Machado de Assis. Quando um escritor é exageradamente sentimental, sua obra é marcada pela tragédia amorosa, costuma-se afirmar que tem um estilo romântico.

Veja o seguinte texto:

### Oração dos programadores

Sistema Operacional que estais na memória,  
Compilado seja o vosso programa,  
Venha à tela os vossos comandos,  
Seja executada a nossa rotina,  
Assim na memória, como na impressora.  
Acerto nosso de cada dia, rodai hoje  
Informai os nossos erros,

Assim como nós informamos o que está corrigido,  
Não nos deixai entrar em *looping*,  
Mas livrai-nos do Dump,  
Amém.

(Domínio público. Disponível em:  
[www.novomilenio.inf.br/humor.htm](http://www.novomilenio.inf.br/humor.htm).)

O texto anterior tem o estilo de composição de uma prece, mas exemplifica uma forma de intertextualidade temática.

Veja o quadro-síntese apresentado a seguir para fixar ideias sobre intertextualidade.

**I – Intertextualidade:** entrecruzamento de textos, estabelecendo relação de identificação, semelhança ou de oposição.

**II – Intertextualidade literal demarcada:** quando, em um texto informativo, há citações, transcrição de um outro texto, destacando-se o trecho.

**Estilização:** pequenas alterações em um objeto de arte já consagrado.

**III – Intertextualidade literal não demarcada:** cópia ou adaptação de um trecho de texto literário, presença de uma personagem de outro autor, sem explicações e sem destaque.

**Paródia:** reprodução de um texto consagrado com acréscimo de humor.

**Paráfrase:** atualização ou simplificação de um texto, contando-o com novas palavras.

**IV – Intertextualidade não literal:** aproveitamento de temas, ideias ou estilo de composição, sem cópia ou citação.

## Dicas para escrever melhor

### Crase I

O que é crase?

Em sentido amplo, a crase é a fusão de dois sons iguais e, em sentido estrito, é o fenômeno de junção de preposição "a" com o artigo feminino "a".

**Regra geral:** Para verificar se você deve utilizar o acento grave, que indica a ocorrência de crase, observe se o termo antecedente pede preposição "a" e se o termo seguinte aceita o artigo feminino "a".

Exemplos: Sempre vou **à** escola **a** pé.

Todos devem ter amor **à** vida.

Note que nos dois empregos do acento indicativo da crase, cumpriu-se a regra geral. Já o "a" que acompanha a palavra "pé" é apenas a preposição que o verbo antecedente pedia, uma vez que pé é uma palavra masculina.

### Questões dissertativas

(Unesp) As questões de número 1 a 4 baseiam-se na fala de personagem de uma peça de Millôr Fernandes (1923-) e em um soneto de Antero de Quental (1842-1891).

Atriz (*Rindo forçosamente depois que os atores saem*): Tem gente que continua achando que a vida é uma piada. Ainda bem que tem gente que pensa que a vida é uma piada. Pior é a gente que pensa que o homem é o rei da criação. Rei da criação, eu, hein? Um assassino nato, usufruidor da miséria geral — se você come, alguém está deixando de comer, a comida não dá para todos, não — de que é que se ri? De que se ri a hiena? Se não for atropelado, ficará no desemprego, se não ficar desempregado, vai pegar um enfisema, será abandonado pela mulher que ama, hein? — arrebitado pelos filhos — pelos pais, se for filho — mordido de cobra ou ficará impotente. E se escapar de tudo, ficará velho, senil, babando num asilo. Piada, é? Pode ser que haja vida inteligente em outro planeta, neste, positivamente, não. O homem é o câncer da terra. Estou me repetindo? Pois é: corrompe a natureza, fura túneis, empesta o ar, emporcalha as águas, apodrece tudo onde pisa. Fique tranquilo, amigo: o desaparecimento do ser humano não fará a mínima diferença à economia do cosmos.

(FERNANDES, Millôr. *Computa, computador, computa*.  
3. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972. p. 85.)

### Solemnia Verba

Disse ao meu coração: Olha por quantos  
Caminhos vãos andamos! Considera  
Agora, desta altura fria e austera,  
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!  
E noite, onde foi luz de primavera!  
Olha a teus pés o mundo e desespera  
Semeador de sombras e quebrantos!

Porém o coração, feito valente  
Na escola da tortura perdida,  
E no uso do penar, tornado crente

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!  
Viver não foi em vão, se é isto a vida,  
Nem foi demais o desengano e a dor.

(QUENTAL, Antero de. *Sonetos completos de Antero de Quental*.

Porto: Livraria Portuense de Lopes, 1886. p. 119.)

1. Os dois textos apresentados se identificam por expressar, sob pontos de vista distintos, a decepção e o pessimismo do homem com relação à vida e ao mundo. Diferenciam-se, todavia, na atitude final que apresentam ante essa decepção. Releia-os, atentamente, e explique essa diferença de atitudes.
2. O soneto *Solemnia Verba* se desenvolve como um diálogo entre duas personagens: o eu poemático e seu “coração”. O que simboliza, no poema, a personagem “coração”?
3. Se um estudante emprega, em uma dissertação, o verbo “ter” no sentido de existir, numa frase “Tem muitos alunos na escola”, é penalizado na correção pelo professor, que recomenda, nesse caso, o emprego do verbo “haver”. O mesmo professor considerará perfeitamente normal que a personagem feminina da peça de Millôr Fernandes empregue, por duas vezes: “Tem gente”. Justifique por que essas atitudes do professor não são contraditórias.
4. Ao focalizar as ações dos homens na Terra, a personagem da peça de Millôr Fernandes conclui: “Pode ser que haja vida inteligente em outro planeta, neste, positivamente, não”. Explique o que quer dizer a personagem, com essa afirmação, sobre a natureza do ser humano.

(Unesp) Para responder às questões de número 5 a 10, releia as primeiras quatro estrofes da “Canção do Tamoio”, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), o “Hino do deputado”, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975) e leia o texto a seguir, um trecho da “Oração aos moços”, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923).

#### Oração aos moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.

Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai, reagi. E haveis de ser bem-sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, como o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie, [...].

Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.

(BARBOSA, Rui. *Oração aos moços* – Discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1920.  
Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956. p. 58-9.)

5. A palavra em estado de dicionário representa apenas um conjunto de possibilidades de significação, que se atualizam ou não conforme os contextos em que é empregada pelo falante ou pelo escritor. Ciente desse fato, explique a diferença de sentido que há entre o emprego do verbo *chorar* na “Canção do Tamoio” (versos 1 e 2) e no “Hino do deputado” (versos 1, 2, 20 e 29).
6. No verso “À prestação ou sem ela”, do “Hino do deputado”, o pronome pessoal do caso reto “ela” faz referência ao antecedente “prestação”. Fundamentado nessa informação e nesse exemplo, aponte o antecedente a que se refere o pronome “as” no seguinte período de “Oração aos moços”: “Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado”.
7. Releia os textos “Canção dos Tamoios” e “Oração aos moços” e, em seguida, cite as duas virtudes básicas do guerreiro enunciadas na “Canção do Tamoio”.
8. Aponte as três situações que Rui Barbosa apresenta como parâmetros para o bom desempenho profissional dos jovens formandos.

9. O “Hino do deputado” constitui uma paródia moderna da “Canção do Tamoio”, isto é, retoma a estrutura de tal texto, mas com transformações que revelam a intenção cômica, jocosa e crítica de Murilo Mendes. Com base nessa observação, mencione dois versos do “Hino do deputado” que deixam explícita a intertextualidade desse poema com a “Canção do Tamoio”.
10. Assumindo o ponto de vista dos princípios da moralidade vigente, faça um julgamento dos conselhos que o eu poemático dá ao filho no “Hino do deputado”.

### Questões-testes

(Cefet – junho) Leia os textos para responder às questões 1 e 2.

#### Texto I

“Mulher, irmã, escuta-me: não ames  
Quando a teus pés um homem terno e curvo  
Jurar amor, chorar pranto de sangue,  
Não creias, não, mulher: ele te engana!  
As lágrimas são gotas da mentira  
E o juramento manto da perfídia”.

(Joaquim M. Macedo)

#### Texto II

“Teresa, se algum sujeito bancar o sentimental em cima de você  
E te jurar uma paixão do tamanho de um bonde  
Se ele chorar  
Se ele ajoelhar  
Se ele se rasgar todo  
Não acredite não Teresa  
É lágrima de cinema  
É Mentira  
CAI FORA”.

(Manuel Bandeira)

1. Os autores, ao mencionarem as imagens da lágrima, sugerem que:
- a) a mulher é igual ao homem.
  - b) mulher é superior ao homem.



- c) a relação familiar é idealizada.  
d) há um tratamento realista da relação homem/mulher.  
e) há um tratamento idealizado da relação homem/mulher.
2. Nos versos a seguir, as expressões coloquiais destacadas podem ser substituídas por sinônimas.  
“[...] se algum sujeito **bancar o sentimental** em cima de você”  
“[...] uma paixão **do tamanho de um bonde**.”  
“É **lágrima de cinema**”  
Indique a opção que equivale, do ponto de vista do sentido, a essas expressões:  
a) romântico, grande, fingida.  
b) cuidadoso, pequeno, fingida.  
c) romântico, grande, bonita.  
d) romântico, maluca, real.  
e) interessado, grande, real.

(Enem) Leia os textos para as questões 3 e 4.

### O canto do guerreiro

Aqui na floresta  
Dos ventos batida,  
Façanhas de bravos  
Não geram escravos,  
Que estimem a vida  
Sem guerra e lidar.  
— Ouvi-me, Guerreiros.  
— Ouvi meu cantar.

Valente na guerra  
Quem há, como eu sou?  
Quem vibra o tacape  
Com mais valentia?  
Quem golpes daria  
Fatais, como eu dou?  
— Guerreiros, ouvi-me;  
— quem há, como eu sou?

(Gonçalves Dias)

## Macunaíma (Epílogo)

Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares, aqueles campos, furos puxadeuros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era solidão do deserto... Um silêncio imenso, dormia à beira do rio Uraricoera. Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribo sem contar aqueles casos tão pançudos. Quem podia saber do herói?

(Mário de Andrade)

### 3. A leitura comparativa dos dois textos anteriores indica que:

- a) ambos têm como tema a figura do indígena brasileiro apresentado de forma realista e heroica, como símbolo máximo do nacionalismo romântico.
- b) a abordagem da temática adotada no texto escrito em versos é discriminatória em relação aos povos indígenas do Brasil.
- c) as perguntas: “Quem há, como eu sou?” (1º texto) e “Quem podia saber do herói” (2º texto) expressam diferentes visões da realidade indígena brasileira.
- d) o texto romântico, assim como o modernista, aborda o extermínio dos povos indígenas como resultado do processo de colonização no Brasil.
- e) os versos em primeira pessoa revelam que os indígenas podiam expressar-se poeticamente, mas foram silenciados pela colonização, como demonstra a presença do narrador, no segundo texto.

### 4. Considerando-se a linguagem desses dois textos, verifica-se que:

- a) a função de linguagem conativa (apelativa) no receptor está ausente tanto no primeiro quanto no segundo texto.
- b) a linguagem utilizada no primeiro texto é coloquial, enquanto, no segundo, predomina a linguagem formal.
- c) há, em cada um dos textos, a utilização de pelo menos uma palavra de origem indígena.
- d) a função de linguagem, no primeiro texto, centra-se na forma de organização da linguagem e, no segundo, no relato de informações reais.
- e) a função da linguagem centrada na primeira pessoa, predominante no segundo texto, será ausente no primeiro.

(UFSCar) As questões de números 5 e 6 referem-se aos textos a seguir.

### Texto 1

#### Isto

Dizem que finjo ou minto  
Tudo o que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação  
Não uso o coração.

(Fernando Pessoa)

### Texto 1

E o trabalho, este nosso trabalho de escrever? Meu Deus, como às vezes chega a ser sórdido! Aquele rascar, aquela grosseria do texto primitivo, aquele tatear atrás da palavra desejada e, ainda pior, da combinação de palavras desejadas! A *gaucherie*<sup>2</sup> do que sai escrito — tanta beleza que a gente sonhou, depois de posta no papel como ficou inexpressiva, barata e normal! Já dizia tão bem o velho Bilac: “a palavra pesada abafa a ideia leve!” — e não é mesmo?

(Rachel de Queiroz)

#### 5. Os textos têm assunto comum, pois discutem:

- a) a importância da crítica literária e do leitor para que o escritor idealize e materialize seus textos, criando de forma produtiva e agradável.
- b) a questão da escrita literária como forma que depende única e exclusivamente da inspiração dos grandes escritores.
- c) a própria linguagem na questão da criação artística, da forma como o escritor idealiza e materializa seu texto.
- d) a questão da criação artística do escritor, que sofre muito com as imposições dos leitores a despeito de obras originais.
- e) a dificuldade de expressão escrita comum a todos os escritores, que têm de idealizar um texto sem saber de que forma ele será entendido.

#### 6. A leitura dos dois textos permite afirmar que:

- a) os autores mostram a necessidade de se exprimirem os sentimentos reais vividos e sentidos pelo escritor em seu coração.
- b) o poeta, para Fernando Pessoa, deve buscar o sentimento no coração e reproduzi-lo de forma mais intensa do que realmente ele é.

<sup>2</sup> *Gaucherie*: falta de jeito. Do francês, *gauche* — esquerdo, canhoto.

- c) há diferença notável entre a escrita idealizada e a realizada, na concepção de Rachel de Queiroz, pois sempre a idealizada sofre correções para que os sentimentos pareçam reais, o que a torna melhor.
- d) a sensação de desapontamento é comum, segundo Rachel de Queiroz, pois o texto produzido não corresponde ao esforço despendido em sua produção.
- e) o poeta, segundo Fernando Pessoa, deve exprimir os sentimentos como imaginários, embora sejam reais.

**7. (Enem) Os textos referem-se à integração do índio à chamada civilização brasileira.**

I – “Mais uma vez, nós, os povos indígenas, somos vítimas de um pensamento que separa e que tenta nos eliminar cultural, social e até fisicamente. A justificativa é a de que somos apenas 250 mil pessoas e o Brasil não pode suportar esse ônus. [...] é preciso congelar essas ideias colonizadoras, porque elas são irreais e hipócritas e também genocidas. [...] Nós, índios, queremos falar, ser escutados na nossa língua, nos nossos costumes.”

(Marcos Therena, presidente do comitê intertribal dos Direitos Indígenas na ONU e fundador das Nações Indígenas. *Folha de S.Paulo*, 31 ago. 1994.)

II – “O Brasil não terá índios no final do século XXI. [...] E por que isso? Pela razão muito simples que consiste no fato de o índio brasileiro não ser distinto das demais comunidades primitivas que existiram no mundo. A história não é outra coisa senão um processo civilizatório, que conduz o homem, por conta própria ou por difusão da cultura, a passar do paleolítico ao neolítico e do neolítico a um estágio civilizatório.”

(Hélio Jaguaribe, cientista prático, *Folha de S.Paulo*, 2 set. 1994.)

**Pode-se afirmar, segundo os textos, que:**

- a) tanto Therena quanto Jaguaribe propõem ideias inadequadas, pois o primeiro deseja a aculturação feita pela “civilização branca”, e o segundo, o confinamento das tribos.
- b) Therena quer transformar o Brasil numa terra só de índios, pois pretende mudar até mesmo a língua do país, enquanto a ideia de Jaguaribe é anti-constitucional, pois fere o direito à identidade cultural dos índios.
- c) Therena compreende que a melhor solução é que os brancos aprendam a língua tupi para entender melhor o que dizem os índios. Jaguaribe é de

opinião que, até o final do século XXI, seja feita uma limpeza étnica no Brasil.

- d) Therená defende que a sociedade brasileira deve respeitar a cultura dos índios e Jaguaribe acredita na inevitabilidade de aculturação dos índios e de sua incorporação à sociedade brasileira.
- e) Therená propõe que a integração indígena deve ser lenta, gradativa e progressiva, e Jaguaribe propõe que essa integração resulte de decisão autônoma das comunidades indígenas.

**8. (Enem)** Quem não passou pela experiência de estar lendo um texto e defrontar-se com passagens já lidas em outros? Os textos conversam entre si em um diálogo constante. Esse fenômeno tem uma denominação de intertextualidade. Leia os seguintes textos:

I – Quando nasci, um anjo torto  
Desses que vivem na sombra  
Disse: Vai, Carlos! Ser “gauche” na vida  
(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.)

II – Quando nasci veio um anjo safado  
O chato dum querubim  
E decretou que eu estava predestinado  
A ser errado assim  
Já de saída a minha estrada entortou  
Mas vou até o fim.  
(BUARQUE, Chico. *Letra e música*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.)

III – Quando nasci um anjo esbelto  
Desses que tocam trombeta, anunciou:  
Vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher  
Esta espécie ainda envergonhada.  
(PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.)

Adélia Prado e Chico Buarque estabelecem intertextualidade em relação a Carlos Drummond de Andrade, por:

- a) reiteração de imagens.
- b) oposição de ideias.
- c) falta de criatividade.
- d) negação de versos.
- e) ausência de recursos.

## *Descomplicando a redação*

Enem – Proposta de atividade

*Ninguém = Ninguém*

Engenheiros do Hawaii

Há tantos quadros na parede  
há tantas formas de se ver o mesmo quadro  
há tanta gente pelas ruas  
há tantas ruas e nenhuma é igual a outra  
(ninguém = ninguém)  
me espanta que tanta gente sinta  
(se é que sente) a mesma indiferença  
há tantos quadros na parede  
há tantas formas de se ver o mesmo quadro  
há palavras que nunca são ditas  
há muitas vozes repetindo a mesma frase  
(ninguém = ninguém)  
me espanta que tanta gente minta  
(descaradamente) a mesma mentira  
todos iguais, todos iguais  
mas uns mais iguais que os outros

*Uns Iguais aos Outros*

Titãs

Os homens são todos iguais  
[...]  
Brancos, pretos e orientais  
Todos são filhos de Deus  
[...]  
Kaiowas contra xavantes  
Árabes, turcos e iraquianos  
São iguais os seres humanos  
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros  
Americanos contra latinos  
Já nascem mortos os nordestinos

Os retirantes e os jagunços  
O sertão é do tamanho do mundo  
Dessa vida nada se leva  
Nesse mundo se ajoelha e se reza  
Não importa que língua se fala  
Aquilo que une é o que separa  
Não julgue pra não ser julgado  
[...]  
Tanto faz a cor que se herda  
[...]  
Todos os homens são iguais  
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

(UNESCO. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*.)

Todos reconhecem a riqueza da diversidade no planeta. Mil aromas, cores, sabores, texturas, sons encantam as pessoas no mundo todo; nem todas, entretanto, conseguem conviver com as diferenças individuais e culturais. Nesse sentido, ser diferente já não parece tão encantador. Considerando a figura e os textos anteriores como motivadores, redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do seguinte tema:

#### **O desafio de se conviver com a diferença**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

### Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade-padrão da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.
- A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita à tinta.

### Comentários sobre o tema proposto

A partir da frase temática: “O desafio de conviver com a diferença”, o Enem 2007 ofereceu ao estudante quatro textos de referência: uma figura apresentando pessoas de diferentes etnias, faixas etárias e sexo, três textos escritos: as letras das músicas “Ninguém = Ninguém”, dos Engenheiros do Hawaii, e “Uns Iguais aos Outros”, dos Titãs, além de um trecho da Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural. Proporcionou, assim, diversas informações para escrever com segurança sobre o tema.

De início, o aluno deveria confirmar a existência das diferenças no mundo: etnias, credos, culturas, entre outras; e então deveria argumentar sobre a necessidade de aprendermos a conviver em harmonia com tais diferenças, reconhecendo a “riqueza da diversidade no planeta”, embora tantos ainda resistam a uma convivência pacífica.

O vestibulando também deveria destacar que, infelizmente, a maioria dos conflitos existentes no planeta ocorre em função das diferenças que povos e castas entendem ser inconciliáveis e argumentar sobre as limitações do ser humano diante do que lhe é diferente, estranho, que o impede de agir com tolerância, respeito e fraternidade.

Observe que o Enem sempre espera uma postura humanitária na produção textual, ao propor soluções para uma situação-problema.





## O que são gêneros jornalísticos?

Ao abrir um jornal, podemos ficar perdidos em meio à grande quantidade de textos que lá está e, algumas vezes, encontramos duas ou três reportagens que complementam o mesmo assunto. Reconhecer as características dos gêneros jornalísticos pode ser um precioso auxílio para tirarmos melhor proveito desse veículo de comunicação.

Podem-se dividir esses gêneros em dois grandes grupos: os **gêneros jornalísticos argumentativos** e os **gêneros jornalísticos literários**. Os argumentativos são aqueles que informam o leitor sobre os mais diversos acontecimentos mundiais, como a ocorrência de eventos científicos ou artísticos, comemorações, eleições, descobertas, guerras, movimentos populares, acidentes, entre outros. São eles a **notícia**, a **reportagem**, o **artigo** (opinativo) e o **editorial**.

Os gêneros jornalísticos literários são os que partem da realidade e a transformam, projetando a sensibilidade do jornalista, acrescentando, às vezes, humor ou ironia e compondo-se, por vezes, da associação entre a linguagem escrita e a linguagem visual. As principais representantes do jornalismo literário são a **charge**, a **tira** e a **crônica**, as quais veremos detalhadamente mais adiante. A **propaganda** também se inclui no jornal, mas não é um gênero específico desse veículo de comunicação.

Todas essas modalidades estão presentes em provas de concursos públicos e questões de vestibular. Os gêneros jornalísticos têm dois objetivos em comum: informar e provocar reflexões. Os literários, ao mesmo tempo que informam, também promovem o entretenimento, oferecendo momentos de descontração, em linguagem literária. Não fossem os textos artísticos, aqueles que tocam a realidade apenas como fonte de inspiração, transformando-a

com criatividade, a leitura de um jornal poderia criar uma situação de tensão, sobretudo quando estamos em um cenário mundial de crises em diversos setores, guerras em várias partes do mundo e acidentes coletivos.

Apresentaremos agora fragmentos e textos dos diferentes gêneros e, em seguida, as características específicas desses registros.

## **1. Gêneros jornalísticos argumentativos**

### **1.a. Notícia**

#### **Tarifa 'quebrada' pode aumentar fila em pedágio.**

Os pedágios nas rodovias estaduais de São Paulo serão reajustados na próxima quinta feira, dia 1º de julho, e poderão ter tarifas “quebradas” em R\$0,05, sem os arredondamentos adotados até hoje para facilitar a entrega de trocos e evitar filas nas cabines.

[...]

O novo critério foi preparado pela equipe do secretário dos Transportes, Mauro Arce, e visto por uma parte das concessionárias de rodovias como desrespeito contratual.

*(Folha de S.Paulo – Cotidiano2, sábado,  
26 de junho de 2010.)*

#### **Características da notícia**

- é o texto marcado pela imparcialidade; não deve conter a opinião de quem escreve;
- sua missão é divulgar um acontecimento de interesse social, político ou econômico, sem fazer críticas ou buscar soluções para um possível problema apresentado;
- o texto é objetivo, com a principal finalidade de reproduzir um fato que acaba de ocorrer;
- é redigida em língua culta, predominando os tempos verbais pretérito perfeito e presente, ambos do modo indicativo; o texto é escrito em terceira pessoa gramatical.

## 1.b. Reportagem

### Não há motivo para tanto alarme

**A gripe suína preocupa milhões de brasileiros, mas ela mata muito menos que a gripe comum, e nada indica que o vírus transmissor ficará mais agressivo**



Uma onda de medo se espalhou entre os brasileiros nas últimas semanas, à medida que a gripe suína começou a fazer vítimas fatais no país. Até a sexta-feira passada, 33 mortes foram associadas à infecção pelo vírus H1N1, responsável pela transmissão dessa nova cepa gripal, em quatro estados — São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. Somadas à notícia de que, desde abril, a gripe suína já se espalhou por 160 países e matou 800 pessoas, tais mortes semearam um terreno fértil para

imaginar que sair às ruas ou permanecer com outras pessoas em locais fechados se tornou um perigo. Muitas escolas paulistas e fluminenses iniciaram as férias mais cedo. No Rio Grande do Sul, prefeituras suspenderam a realização de festas populares. (...) Hospitais montaram alas específicas para receber pacientes com suspeita de gripe suína. Até pela leitura dos jornais se tem a impressão de que o Brasil estaria à beira de uma epidemia de gripe suína capaz de ceifar milhares de vidas.

Há evidências, no entanto, de que não é preciso ficar alarmado com a doença, como se ela fosse uma peste da Idade Média. A gripe comum é bem mais letal do que ela. Para se ter uma ideia, no mesmo período de trinta dias, entre junho e julho, em que a gripe suína matou 33 pessoas no país, 4.500 pessoas morreram no ano passado em consequência da gripe sazonal. "A gripe suína tem se mostrado de baixa letalidade", diz o infectologista Mauro Salles,

do Hospital Alemão Oswaldo Cruz. Como a transmissão do H1N1 é mais fácil do que a do vírus da gripe comum, os especialistas acreditam ser provável que muitas pessoas que ficaram gripadas recentemente tenham contraído a cepa suína sem nem sequer se dar conta da contaminação. Recuperaram-se em casa, como fazem no caso de uma gripe comum.

(MAGALHÃES, Naiara; MORAES, Renata.  
Veja, n. 2.123, 29 jul. 2009. Adaptado.)

### **Características da reportagem**

- texto longo, em que são aprofundados os assuntos de interesse da sociedade, ocupando, por vezes, toda a página de um jornal. É o gênero mais presente nesse veículo de comunicação;
- normalmente o tema é atual, passível de gerar polêmicas e grande interesse do público;
- resultado de pesquisa cuidadosa, pode-se afirmar que é a ampliação da notícia; inclui trechos de entrevistas, costuma apresentar dados estatísticos e citações de autoridades no assunto ou de indivíduos envolvidos na matéria;
- também pode incluir quadros ilustrativos, gráficos e figuras;
- assim como a notícia, é marcado pela imparcialidade do autor, que não deve apresentar seu ponto de vista sobre o tema apresentado.

### **1.c. Artigo**

#### **Roubou fubá? Bem feito!**

Eis que, finalmente, começo a ter motivos para voltar a acreditar no Brasil, pátria amada, salve, salve. A prisão daquele menino nordestino, que teve a audácia de roubar dois saquinhos de fubá, me encheu a alma de júbilo e de esperanças. Enfim, começa a se fazer justiça neste país, pois, como se sabe, a Justiça tarda, mas não falha. [...] Comeu, não leu, pau comeu. E, afinal de contas, todos sabemos: o crime não compensa. Não é isso mesmo?

De minha parte, fiquei indignado quando vi aquela mãe nordestina com olhar patético, perdido no infinito, a dor no rosto, o desespero parecendo escapar-lhe da alma. Ora o que ela, mãe de bandidinho, de ladrãozinho de fubá, está querendo? O que estava pensando? Este é um país justo, de homens justos, um país decente. Roubou tem que ir pra cadeia. Qual é? Mãe de ladrãozinho vagabundo não tem que ficar chorando, não. [...] Mãe irresponsável: ter onze filhos, ser analfabeta, morar nos cafundós do Judas, viver vida miserável, não ter sequer o que dar de comer aos filhos. [...]

Portanto o Brasil tem jeito. Os ladrões começam a ir para a cadeia. Tudo está melhorando. Até recentemente, a polícia prendia e a justiça condenava os "ladrões de galinha". Agora já prende ladrões de fubá. *Deo gratias*. [...]

(NETO, Cecílio Elias. *Correio Popular*,  
8 maio 2001. Adaptado.)

### **Características do artigo**

- texto opinativo, ou seja, permite que o autor apresente seus pontos de vista sobre o acontecimento divulgado na matéria; o artigo é assinado pelo autor e, portanto, se um indivíduo (ou instituição) sentir-se lesado pelo teor crítico do texto, poderá mover ação legal contra o jornalista, ficando o jornal isento desse ato;
- apresenta fatos recentes e faz apreciação crítica;
- pode haver analogia com o passado e argumentos de autoridade (citações);
- pode ser informal e com alto grau de subjetividade, incluindo ironia e humor, como é o caso do fragmento de artigo que aqui reproduzimos;
- assemelha-se ao editorial, pelo caráter argumentativo e por apresentar o ponto de vista do autor;

- pode ser escrito em língua culta ou coloquial; neste segundo caso, o objetivo é conseguir maior aproximação do leitor, como que estabelecendo com este uma conversa informal (como é o caso da variante utilizada no texto reproduzido).

## **1.d Editorial**

### **A vez do Brasil**

Encerra-se a Copa do Mundo da África do Sul. Caberá o Brasil receber o torneio em 2014, 64 anos depois de tê-lo patrocinado pela primeira vez. [...]

Até o momento tem-se uma estimativa de gastos públicos federais, com vistas à Copa, da ordem de R\$22,3 bilhões, o equivalente a quase dois anos do Programa Bolsa-Família. O montante não inclui a construção e reforma de estádios, que, em sua maior parte, se fará com dinheiro de estados e municípios, além de recursos oferecidos a juros camaradas pelo BNDS.

Para aumentar as nossas preocupações de cidadãos, governo e Congresso tratam de criar medidas para facilitar o desembaraço das licitações e amenizar a fiscalização das obras. [...]

Ainda há tempo para a sociedade exercer pressões e impedir que essas grandes festas esportivas se vejam manchadas pela incúria e pela irresponsabilidade de políticos e aproveitadores.

(Fonte: *Folha de S.Paulo*, domingo,  
11 de julho de 2010, com adaptações.)

### **Características do editorial**

- texto sem assinatura feito por uma equipe de jornalistas que apresenta a posição do jornal a respeito de um assunto atual;
- tem caráter opinativo, isto é, há parcialidade da equipe de jornalistas, que se posiciona criticamente em relação à ação de um indivíduo ou grupo. Outros jornalistas, de outro veículo, podem avaliar o acontecimento de modo diferente ou similar;
- opinião explícita, de maneira clara, direta;
- caráter genérico: não há sinais de interlocução, ou seja, o texto não se dirige diretamente ao leitor, como ocorre em uma conversa;

- escrito em terceira pessoa gramatical;
- adota a variante culta da língua, ou seja, não há coloquialismos ou gírias.

## Saiba



**Notícia:** relato de um fato de importância coletiva.

**Reportagem:** extensão da notícia, incluindo gráficos, ilustrações, citações, trechos de entrevistas.

**Artigo:** apresentação de um fato de interesse público, incluindo opiniões do autor.

**Editorial:** análise de um acontecimento relevante, elaborada pela equipe de jornalistas.

## 2. Gêneros jornalísticos literários

### 2.a. Charge

#### Chapeuzinho futurista



#### Características da charge

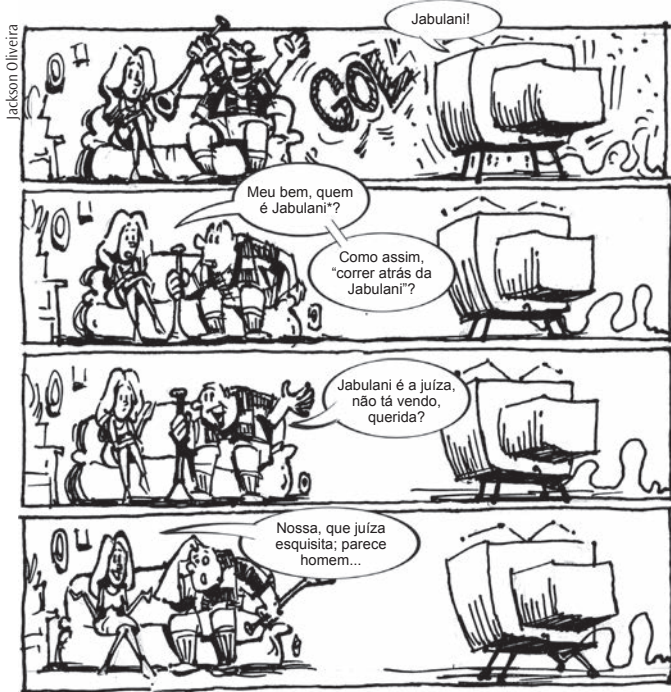
- é uma mensagem composta de um único quadro, com linguagens visual e escrita;



- predomina a imagem, combinada a um texto escrito curto, que pode ser uma legenda ou um diálogo com balões de histórias em quadrinhos;
- o texto, por vezes, traz uma crítica a um assunto da atualidade, com toque de humor;
- normalmente é escrita em linguagem coloquial, mas pode ser registrada em variante culta.

## 2.b. Tira

### Mulher na Copa do Mundo



\* Nome dado à bola oficial da Copa do Mundo de 2010.

## Características da tira

- série de quadrinhos sobre assuntos variados, normalmente de temas da atualidade, mas pode também abordar questões atemporais;
- tem o objetivo de entreter, descontrair o leitor, ao mesmo tempo que pretende levá-lo à reflexão;
- como há o diálogo de personagens, é comum apresentar linguagem coloquial, adaptada à situação de informalidade;
- apresenta falas curtas e verbos no presente do indicativo.

## 2.c. Crônica

### Urubudunga

(Benedito Madaleno Mendes)

Pois é: o Brasil perdeu da Holanda! Dunga, que parecia um urubu naquele casaco fantasmagórico, e seus pernas-de-pau voltam pra casa, de mala e cuia... Bem feito! Acabou a fuzarca!

Até o dia 2 de julho, com o apoio da mídia oficial, conseguiram fazer o país mal-assombrado pensar só neles! Bravos, lindos, fabulosos... Venceriam todos os outros países com os pés nas costas e trariam, outra vez, o caneco! "A nega é minha, ninguém tasca, eu vi primeiro"! Che, num deu nem pro cheiro!

O povaréu, de tão deslumbrado, esqueceu de tudo o mais... Ninguém estava nem aí para a briga de foice entre o Nhô Serra e a Dilma; as greves que pipocam no país; a lesma judicial paralisada em São Paulo; os naufragos do Nordeste... Todo mundo só pensava na gloriosa seleção e seu capitão-mor, o nhô Dunga!

[...]

(Fonte: *Correio de Itapetininga*,  
9 a 15 de julho de 2010.)

## Características da crônica

- parte de um fato real modificado pelas reflexões críticas e/ou irônicas do autor;

- apresenta qualquer tipo de tema relacionado ao cotidiano e pode ter profundidade de tratamento ou trazer uma abordagem superficial;
- como apresenta fatos do dia a dia, sua tendência é desatualizar-se rapidamente, sobretudo quando se trata de um fato político, um evento cultural ou um incidente ocorrido com uma pessoa famosa;
- se o tema tratado tiver conteúdo universal, como relacionamento entre homem e mulher, educação de filhos, morte, felicidade... a crônica não se desatualiza e pode ser inserida em antologias literárias (obras que fazem a seleção dos melhores textos de um determinado gênero);
- costuma partir de simples situações, mas pode conter profundas reflexões sobre a vida humana.

### Saiba



**Charge:** um só quadro — com ilustração e legenda ou balão de história em quadrinhos — sobre um acontecimento atual; tom de humor.

**Tira:** sequência de quadrinhos que trata de assunto atual ou de generalidades; pode ter humor ou não.

**Crônica:** texto literário (fictício) que parte de um acontecimento cotidiano, com propósito reflexivo. Também pode ter humor.

**Nota da autora:** Este capítulo não tem a pretensão de incluir todos os gêneros jornalísticos, mas busca apresentar os mais amplamente divulgados. Segundo a pesquisadora Lia Seixas, não há ainda um consenso que limita a produção jornalística a determinados gêneros, sobretudo pelos avanços tecnológicos que permitem a criação de novas tipologias textuais. No entanto, a pesquisadora apresenta a seguinte observação: “Em 1985, José Marques Rebelo fez um mapeamento dos estudos dos gêneros jornalísticos e sugeriu

uma classificação que veio a se tornar grande referência bibliográfica brasileira” (SEIXAS, 2009, p. 56). Em seguida, Lia apresenta o quadro de classificações do autor, que assim podemos resumir: a) gêneros de caráter informativo: notícia, reportagem, entrevista; b) gêneros de caráter opinativo: editorial, artigo, crônica, charge e caricatura; c) gênero de caráter interpretativo: reportagem de profundidade.

Notificamos ao leitor que outras modalidades podem ser encontradas nos jornais atuais, tais como carta do leitor, anúncio, propaganda, seções de serviço (classificados), necrologia, artigo histórico, entrevista, entre outros que não são objeto de estudo deste trabalho. Procuramos nos ater àqueles que estão presentes nas questões de vestibular.

## Dicas para escrever melhor

### Crase II

Crase nos pronomes “aquele” e “a qual”

Estas duas palavras, respectivamente o pronome demonstrativo e suas variáveis — aquela(s), aquele(s), aquilo — e o pronome relativo “a qual” e sua variável — as quais —, submetem-se à regra de crase por serem palavras que se iniciam com a letra “a”. Assim, se o termo antecedente ou regente pedir a preposição “a” e em seguida aparecer um desses pronomes, este será marcado com o acento grave. Veja os exemplos:

*Diga **àquele** garoto que se comporte agora.*

*A garota **à qual** me refiro é minha irmã.*

Note, no segundo exemplo, que quando em uma oração há pronome relativo, o termo regente vem posterior ao pronome. Aqui, quem pede o complemento com preposição é o verbo *referir-se* e o termo regido, ou seja, o pronome “a qual” (que inicia com a letra “a”), sofre o fenômeno da crase, havendo a fusão da preposição requerida pelo verbo com a letra “a”, que inicia o pronome.

## Questões dissertativas

### 1. (Unicamp) Veja o texto abaixo:

Hagar: Dik Browne



- O que produz a ironia nessa tira de Hagar?
- Como você interpreta a resposta de Hagar, no segundo quadrinho da tira?

(Unesp) As questões de números 2 a 4 tomam por base um fragmento da revista *Pesquisa Fapesp* e um trecho extraído do jornal *O Estado de S. Paulo*, publicados, respectivamente, em julho de 2005 e abril de 2006.

Sem fazer alarde, o Brasil está prestes a dar um grande passo para dominar de vez a tecnologia de fabricação de satélites artificiais. Pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), vinculado ao Ministério da Ciência e da Tecnologia, e da empresa Fibraforte Engenharia, de São José dos Campos, concluíram com sucesso uma sequência de testes para validação de um propulsor para satélites e de um catalisador, uma substância química que participa da queima do combustível. O fato é importante porque poucos países dominam a tecnologia de fabricação desses componentes. Os propulsores, também chamados de motores, são responsáveis por fazer o posicionamento e as correções de órbita durante a vida útil dos satélites, estimada em quatro anos. O equipamento projetado e construído pela Fibraforte é do tipo monopropelente, ou seja, funciona apenas com um combustível líquido, no caso, a hidrazina anidra,

e não precisa de um elemento oxidante para fazer a combustão. O catalisador nacional, essencial em satélites monopropelentes, foi desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório Associado de Combustão e Propulsão (LCP) do Inpe.

*Pesquisa Fapesp*

Na sexta-feira (7), a cirurgiã paraense Angelita Habr-Gama vai receber em Zurique o título de membro honorário da European Surgical Association (ESA) — Associação Europeia de Cirurgia — pela carreira médica. Desde que foi fundada, em 1993, a entidade só concedeu o prêmio a um time seletíssimo de 17 médicos. Entre eles, o papa em câncer de mama, o italiano Umberto Veronesi, do Instituto Europeo di Oncologia, em Milão, e o americano Thomas Starzl, da Universidade de Pittsburgh, o pioneiro mundial no transplante de fígado.

Angelita será a primeira latino-americana e a primeira mulher a receber tamanha homenagem. Não é a primeira vez que a cirurgiã, referência nacional em doenças do intestino, se vê numa situação fora do comum pelo fato de ser mulher — em circunstâncias menos glamourosas inclusive. No começo da residência em cirurgia, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), ela era obrigada a cortar a barra e as mangas dos aventais para trabalhar. “Eram feitos para homem”, lembra.

*O Estado de S. Paulo*

2. A partir do conteúdo do texto do jornal *O Estado de S. Paulo*, responda:
  - a) em que área a médica brasileira é especialista reconhecida nacionalmente?
  - b) por que o enunciador do texto afirma que não é a primeira vez que a médica passa por uma situação fora do comum?
3. De acordo com o texto da revista *Pesquisa Fapesp*, que ressalta o avanço do Brasil no domínio da tecnologia de fabricação de satélites artificiais,
  - a) explicita se essa tecnologia alterará a vida útil dos satélites artificiais;
  - b) aponte a diferença entre a função dos propulsores e do catalisador, mencionados no texto.
4. Textos costumam dialogar entre si de várias formas, seja pela abordagem do mesmo tema, seja por conter referências a elementos comuns. No caso dos dois trechos transcritos,
  - a) identifique um aspecto que os aproxima, comentando sua importância para o sentido global desses textos;
  - b) transcreva, do fragmento da revista *Pesquisa Fapesp*, uma frase que expresse exatamente esse aspecto destacado.

## Questões-testes

### 1. (PUC)



Segundo o dicionarista Antônio Houaiss, charge é desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, geralmente veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas. No caso da charge reproduzida, a crítica que ela comporta é dirigida:

- a) à formalidade da mensagem veiculada na televisão: “Este programa é inadequado para menores de 12 anos”.
- b) à rispidez do garoto, que não usa palavras polidas para pedir o desligamento da televisão: “Não ouviu? Desliga essa TV”.
- c) ao pouco domínio da norma padrão culta das crianças, pois o garoto usa “ouviu” (3ª pessoa do singular) ao lado de “Desliga” (2ª pessoa do singular).
- d) à exposição gratuita da marca do charuto e do que as crianças consomem, facilmente perceptível pelo desenho.
- e) à falha na educação das crianças que, longe daqueles que possam educá-las, precocemente jogam, bebem e fumam.

(UFSCar) Com base na charge a seguir, responda às questões 2 e 3.



2. As informações da charge, presentes nas falas de ambas as personagens, permitem afirmar que:
- o marido mora longe do trabalho.
  - os sapatos são muito caros.
  - o marido não sabe economizar sapato.
  - o preço do combustível está muito alto.
  - a família tem muita despesa com sapatos.
3. Na fala da mulher, substituindo *é mais barato* por *é preferível* e adequando a frase à norma culta, obtém-se:
- É preferível comprar sapato toda semana a abastecer o carro.
  - É preferível comprar sapato toda semana do que abastecer o carro.
  - É preferível comprar sapato toda semana que abastecer o carro.
  - É preferível comprar sapato toda semana de que abastecer o carro.
  - É preferível comprar sapato toda semana ante a abastecer o carro.

(Unifesp) Leia a tirinha abaixo para responder às questões 4, 5 e 6.



(O Estado de S. Paulo, 01.05.2003. Adaptado.)

4. O termo *hedonismo*, na fala do pai de Calvin, está relacionado:
- à sua busca por valores mais humanos.
  - ao seu novo ritmo de vida.
  - à sua busca por prazer pessoal e imediato.
  - à sua forma convencional de viver.
  - ao seu medo de enfrentar a realidade.



5. Assinale a alternativa correta, tendo como referência todas as falas do menino Calvin:

- a) O emprego de termos como *gente* e *tem* é inadequado, uma vez que estão carregados de marcas da linguagem coloquial desajustadas à situação de comunicação apresentadas.
- b) Calvin emprega o pronome *você* não necessariamente para marcar a interlocução; antes, trata-se de um recurso da linguagem coloquial utilizado como forma de expressar ideias genéricas.
- c) O emprego de termos de significação ampla — como *noção*, *tudo*, *normal* — prejudica a compreensão do texto, pois o leitor não consegue entender, com clareza, o que se pretende dizer.
- d) O pronome *eles* é empregado duas vezes, sendo impossível, no contexto, recuperar-lhe as referências.
- e) O termo *bem* é empregado com valor de confirmação das informações precedentes.

6. Em “E correr uns bons 20 km!” o termo *uns* assume o valor de:

- a) posse.
- b) exatidão.
- c) definição.
- d) especificação.
- e) aproximação.

7. (Enem)



**A conversa entre Mafalda e seus amigos:**

- a) revela a real dificuldade de entendimento entre posições que pareciam convergir.
- b) desvaloriza a diversidade social e cultural e a capacidade de entendimento e respeito entre as pessoas.
- c) expressa o predomínio de uma forma de pensar e a possibilidade de entendimento entre posições divergentes.
- d) ilustra a possibilidade de entendimento e de respeito entre as pessoas a partir do debate político de ideias.
- e) mostra a preponderância do ponto de vista masculino nas discussões políticas para superar divergências.

**8. (Enem)**

A propaganda pode ser definida como divulgação intencional e constante de mensagens destinadas a um determinado auditório, visando a criar uma imagem positiva ou negativa de determinados fenômenos. A propaganda está, muitas vezes, ligada à ideia de manipulação de grandes massas por parte de pequenos grupos. Alguns princípios da propaganda são: o princípio da simplificação, o da saturação, o da deformação e o da parcialidade.

(BOBBIO, Norberto (et al). *Dicionário de política*. Adaptado.)

Segundo o texto, muitas vezes, a propaganda:

- a) não permite que minorias imponham ideias para a maioria.
- b) depende diretamente da qualidade do produto que é vendido.
- c) favorece o controle das massas, difundindo as contradições do produto.
- d) está voltada especialmente para os interesses de quem vende o produto.
- e) convida o comprador à reflexão sobre a natureza do que se propõe vender.

(PUC, 2008) Texto para questões 9 a 12.

*Mona Lisa, de Da Vinci, sem motivos para sorrir*



Detalhe da obra *Mona Lisa* (La Gioconda), aproximadamente 1503-5. Óleo sobre tela de Leonardo da Vinci. Museu do Louvre, Paris, França

Obra-prima de Leonardo da Vinci e uma das mais admiradas telas jamais pintadas, devido, em parte, ao sorriso enigmático da moça retratada, a *Mona Lisa* está se deteriorando. O grito de alarme foi dado pelo Museu do Louvre, em Paris, que anunciou que o quadro passará por uma detalhada avaliação técnica com o objetivo de determinar o porquê do estrago.

O fino suporte de madeira sobre o qual o retrato foi pintado sofreu uma deformação desde que especialistas em conservação examinaram a pintura pela última vez, diz o Museu do Louvre numa declaração por escrito. O museu não diz quando essa última avaliação ocorreu.

O estudo será feito pelo Centro de Pesquisa e Restauração dos Museus da França e vai determinar os materiais usados na tela e avaliar a vulnerabilidade a mudanças climáticas.

O Museu do Louvre recebe cerca de seis milhões de visitantes por ano, e todos, praticamente, veem a *Mona Lisa*, uma tela de 77 centímetros de altura por 55 de largura e protegida por uma caixa de vidro, com temperatura controlada. A tela será mantida no mesmo local, exposta ao público, enquanto for realizado o estudo.

(Disponível em: <http://www.italiaoggi.com.br>.

Acesso em: 13 nov. 2007.)

9. A um conjunto de regularidades relativamente estáveis, no que diz respeito à função social, à produção, à circulação e ao consumo de um texto, bem como aos seus aspectos composicionais e linguísticos, dá-se o nome de gênero textual. É por razões assim que um leitor proficiente não confunde uma receita de bolo com uma carta, uma passagem de ônibus com uma nota fiscal, por exemplo. Considerando para o texto esses mesmos aspectos, é possível afirmar que ele pertence ao gênero:
- a) relatório.
  - b) editorial.
  - c) notícia.
  - d) resenha.
  - e) artigo.
10. Observe, no primeiro parágrafo, o uso da expressão *em parte*, cujo objetivo é evitar generalização ou uma precisão difícil de apontar. Dentre as alternativas a seguir, indique aquela que é utilizada com o mesmo objetivo:
- a) "... o quadro passará por uma detalhada avaliação técnica".
  - b) "O estudo [...] vai determinar os materiais usados na peça e sua vulnerabilidade...".

- c) "... e todos, praticamente, veem a *Mona Lisa*, uma tela de 77 centímetros...".
- d) "A tela será mantida no mesmo local, exposta ao público...".
- e) "... uma tela [...] protegida por uma caixa de vidro, com temperatura controlada".

**11.** Não é incomum, mesmo em textos predominantemente informativos, a presença de linguagem figurada. Certamente, esse recurso leva o leitor a produzir determinados sentidos que não se criariam simplesmente por meio do recurso à linguagem literal. No texto que você acabou de ler, há presença constante da figura de linguagem denominada personificação, por meio da qual características de seres animados são atribuídas a seres inanimados. Retirados do texto reproduzido, todos os trechos presentes nas alternativas seguintes têm personificação, exceto:

- a) *Mona Lisa*, de Da Vinci, sem motivo para sorrir.
- b) Especialistas em conservação examinaram a pintura pela última vez.
- c) Diz o Museu do Louvre numa declaração por escrito.
- d) O estudo será feito pelo Centro de Pesquisa e Recuperação de Museus da França.
- e) (O estudo) vai determinar os materiais usados na tela e avaliar sua vulnerabilidade...

**12.** Observe o trecho: "O fino suporte de madeira sobre o qual o retrato foi pintado sofreu uma deformação desde que especialistas em conservação examinaram a pintura pela última vez". Nele, o elemento coesivo "desde que", mais do que ligar duas orações, estabelece uma relação de sentido entre elas. Dentre as alternativas a seguir, assinale aquela que indica a relação de sentido estabelecida pelo "desde que" no referido trecho.

- a) Condição.
- b) Causa.
- c) Concessão.
- d) Proporção.
- e) Tempo.

## Descomplicando a redação

### Proposta de atividade

ITA

Considere a tira de Laerte, reproduzida a seguir. Identifique seu tema e, sobre ele, redija uma **dissertação** em prosa, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema. A redação deve ser feita com caneta azul ou preta.

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
- b) coesão e coerência do texto;
- c) domínio do português-padrão.

**Atenção:** A banca examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.




(Folha de S.Paulo, 18 ago. 2005.)

### Comentários sobre o tema proposto:

O vestibular ITA 2009 lançou um desafio ao candidato, que era compreender a mensagem implícita na tira; para, então, produzir o texto. O estudante deveria perceber a ironia sugerida pela associação entre blindagem, armas e qualidade de vida.

O tema da violência urbana nos dias atuais exigia do candidato reflexões sobre os abismos sociais e o desemprego que geram a violência social. Seria possível argumentar que, por haver falta de solução por parte dos governos — na forma de investimento em educação, trabalho e segurança — isso obriga os cidadãos a buscarem alternativas, como a blindagem, a aquisição de armas e a moradia em condomínios de alta segurança, o



que não é a solução ideal, mas apenas um mecanismo para tentarem se proteger, já que o poder público não garante a segurança.

O estudante também deveria explorar o fato de que esses privilégios (morar em condomínio, ter carro blindado...) são para a minoria, enquanto a maior parte da sociedade vive exposta aos perigos da violência social, de que são vítimas também os criminosos, pela falta de oportunidades, sobretudo emprego e educação que os qualifiquem.



## O que é carta argumentativa?

A **carta argumentativa** é um gênero que se assemelha ao texto dissertativo, pois nela encontramos um enunciador defendendo pontos de vista sobre um tema. No entanto, ela difere da dissertação ao ser motivada por uma declaração verbal, por uma atitude ou texto de um emissor que se torna, no gênero em questão, o interlocutor, a pessoa a quem o enunciador se dirige, em uma postura que pode ser de concordância; mas que, normalmente, é de discordância total ou parcial, com a pretensão de convencê-lo dos pontos de vista agora apresentados.

Enquanto, ao escrever uma dissertação, nos dirigimos a um leitor genérico, ao produzir a carta argumentativa, estamos dialogando com um leitor específico, que nos motivou a defender novos pontos de vista e que, comumente, é autoridade no assunto em discussão. Por isso, este gênero exige um embasamento maior do autor e um cuidado muito grande para não se dirigir com desrespeito ao interlocutor.

Para melhor compreender sua estrutura e características específicas, faremos um estudo a partir da carta a seguir.

São Paulo, 30 de agosto de 2009.

Excelentíssimo Senhor Martin Carnoy:

Sou professora na rede particular de ensino, no Brasil, há vinte anos, e venho manifestar minha postura de grande pesar ao ter-me deparado com sua entrevista intitulada "Professores brasileiros precisam aprender a ensinar", publicada no dia 10 de agosto deste ano, em jornal de grande circulação em meu Estado.



Devo, com todo respeito, esclarecer que admirei o seu currículo de ilustre pesquisador nas áreas de educação e economia e, por considerá-lo autoridade nessas áreas, é que me dirijo ao senhor como “excelentíssimo”. No entanto, sinto-me afetada com a frase que intitula a matéria jornalística e não posso deixar de manifestar minha atitude de indignação. Em defesa da postura sempre ética e de grande comprometimento no exercício de minha profissão, que abraço com o idealismo de quem acredita ser a educação o fator de grande transformação do homem, venho declarar que muitos, como eu, têm contribuído para a formação de grandes pesquisadores nas áreas de ciências exatas e humanas e, juntamente com meus colegas, tenho acompanhado o ingresso, nas melhores universidades deste país, de dezenas de meus alunos, a cada ano.

Concordo com o senhor, quando afirma que deveria haver uma avaliação mais cuidadosa do desempenho de professores na sala de aula, por coordenadores, direção da escola e supervisores de ensino, assim como concordo com sua opinião de que a mudança constante de escola, por professores e alunos, gera o descomprometimento do profissional; que, sem dúvida, afeta o sistema de ensino e aprendizagem. Mas daí a generalizar o quadro, afirmando que “professores brasileiros precisam aprender a ensinar”, é uma afirmativa que me toca profundamente e com a qual, em meu nome e de meus colegas, não posso concordar. Penso que a avaliação sobre educadores brasileiros, nesta entrevista, é apressada, por não levar em conta as mudanças por que passou a educação no país. A questão envolve a promoção automática no sistema público, assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases, cuja ideologia pode ser boa; mas, na prática, não capacitou o professor a promover a efetiva recuperação do aluno. Isso sim, somando-se aos baixos salários e à falta de fiscalização, além da pouca permanência do professor em uma escola, podemos considerar como fatores prejudiciais à educação. Aliás, é oportuno refletir sobre o porquê da impermanência de professores em dada instituição de ensino.

Caríssimo professor, educador como eu, precisamos, sim, de pesquisadores, como o senhor, para resolver graves problemas de educação no Brasil, mas não podemos aceitar a afirmativa que intitula sua entrevista e que coloco em questão, em nome de significativa parte de um grupo que tem dedicado a vida aos estudos e à prática de métodos que procurem facilitar e assegurar o conhecimento e a formação de milhares de jovens, dezenas dos quais temos perdido para outros países, que lhes oferecem condições mais vantajosas de trabalho.

Despeço-me, pedindo que entrelacemos nossas mãos e ideais em busca de soluções efetivas, para podermos assegurar a formação de pesquisadores, cientistas e novos educadores, que permaneçam no Brasil, favorecendo o nosso avanço, para nos tornarmos país de Primeiro Mundo.

Respeitosamente,

A. M. S.

## **Estrutura e características da carta argumentativa**

Como se pode observar, na carta argumentativa que você acabou de ler, a estrutura é similar à da dissertação, compondo-se de três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão, com algumas alterações no conteúdo de cada uma das partes. Já o corpo da carta tem estrutura semelhante à da maioria dos textos argumentativos, ou seja, há uma ideia principal que é desenvolvida por meio dos argumentos e de uma conclusão.

A carta é um texto sem título, substituído pelo **local** e pela **data** em que é escrita. Ainda há outras características formais semelhantes às das cartas pessoais, tais como: **corpo do texto** (assunto), **expressão cordial de despedida** e **assinatura**.

Há o intervalo de uma linha pautada, após o local e a data, e, no mesmo alinhamento dos parágrafos, coloca-se um **vocativo**,

que normalmente é uma expressão formal, devido à situação de formalidade que caracteriza o gênero.

Após o intervalo de mais uma linha pautada, apresenta-se a **introdução**, na qual deve ficar clara a apresentação do enunciador — quem é e a que veio — expondo seu ponto de vista principal. No texto em questão, trata-se de uma professora que vem manifestar parcial discordância de uma entrevista concedida por um economista e educador a um veículo de comunicação de massa.

O **desenvolvimento** estende-se por aproximadamente três parágrafos, sendo o momento da argumentação em si, quando o enunciador apresenta pontos de vista secundários, que sustentem sua tese. Nesse momento, ele deve colocar em discussão as ideias do interlocutor, tanto aquelas com as quais concorda como as de que discorda, justificando-se e tentando convencer o outro da coerência de seus argumentos, se não para mudar sua opinião, ao menos para despertar-lhe reflexões. Na carta que exemplifica o gênero, o enunciador não discorda totalmente dos pontos de vista de seu interlocutor, mas defende-se contra a afirmativa de que “professores brasileiros precisam aprender a ensinar”, fundamentando-se em sua própria experiência de trabalho e em uma avaliação das leis de educação no Brasil.

Sendo a carta um instrumento de comunicação que comenta fatos vivenciados no presente momento pelo interlocutor, ou que discute os pontos de vista deste sobre um assunto atual, deve-se empregar verbos no presente do indicativo e formas nominais, tais como o gerúndio e o infinitivo, utilizados para declarações e conceitos. Pelo seu caráter persuasivo (pretende convencer o outro a mudar de opinião), pode-se também empregar o imperativo (modo da ordem ou do apelo).

A **conclusão**, que é a terceira parte, é o momento da despedida, em que o autor deve fazer algumas sugestões de ação para o interlocutor, apresentando formas de solucionar o problema colocado em discussão. Nesse texto, o enunciador solicita um

trabalho conjunto, sugerindo que as pesquisas contribuam para dar orientações de como se alcançar um sistema de educação de primeiro mundo.

É importante lembrar que, enquanto na dissertação a preocupação é explanar genericamente um tema, a carta tem como objetivo principal persuadir o interlocutor, convencendo-o de que se tem razão, de que os argumentos apresentados são verdadeiros e coerentes, sem, contudo, apelar para ironias ou insultos, dirigindo-se de forma respeitosa ao interlocutor. É de grande importância para a elaboração da carta conhecer o **perfil do interlocutor**: quem é, o que pensa sobre o tema, quais são as ideias a serem rebatidas..., tudo isso para saber refutar possíveis argumentos.

Há alunos que iniciam bem a carta, obedecendo à estrutura de composição para, em seguida, escrever uma dissertação, expondo genericamente seus pontos de vista e esquecendo-se do diálogo que deve haver ao longo de todo o texto. Jamais se esqueça de dirigir-se ao tempo todo ao seu interlocutor, como se pode observar em todos os parágrafos do texto que acabamos de ler, em que há formas de tratamento como: “excelentíssimo senhor”, “ilustre pesquisador”, “concordo com o senhor”, “caríssimo professor”.

Os vestibulares recomendam o encerramento da carta argumentativa apenas com as iniciais do autor, como no texto apresentado, uma vez que o(a) estudante tem a permissão de criar um enunciador que lhe confira maior autoridade na questão colocada em discussão, deixando de lado sua identidade de estudante conluente de Ensino Médio. Para discorrer sobre preservação ambiental, por exemplo, ele pode valer-se da condição de biólogo, engenheiro florestal ou fiscal do meio ambiente. Deve-se encerrar a carta com um tratamento de cordialidade e respeito.

Quanto à **linguagem**, deve ser em uma variante compatível com o grau de relação entre emissor e receptor, sendo mais usual a modalidade culta, formal, clara e objetiva. Os vestibulares sugerem o uso da língua culta, pois não é comum solicitar elaboração

de cartas para amigos, mas para interlocutores especializados em determinadas áreas do conhecimento; portanto, trata-se de uma situação de formalidade.

## Estrutura formal típica da carta argumentativa

1. Local e data
2. Invocação ou vocativo
3. Corpo do texto
  - 3.1. **Introdução:** apresentação do enunciador e de seu ponto de vista principal.
  - 3.2. **Argumentação:** momento de justificar o argumento que sustenta a tese e de manifestar discordância do interlocutor ou concordância com ele. Persuasão e refutação.
4. **Conclusão:** confirmação do motivo da carta, sugestões de solução para uma problemática, despedida.

### Dicas para escrever melhor

#### Crase III

##### 3.1 – É obrigatório o emprego de crase:

a) mediante expressão "à moda": *Já experimentou arroz à grega?*

b) mediante número de horas: *Sairemos às 15h.*

c) mediante expressões femininas ligadas a verbo: *À medida que vendemos à vista o lucro é maior.*

##### 3.2 – É facultativo o emprego de crase:

a) mediante nomes próprios femininos: *Refiro-me à (a) Maria.*

b) mediante possessivos femininos: *Diga à(a) sua irmã que já cheguei.*

► Obs.: Em ambos os casos, é preciso que o termo antecedente requeira preposição.

### 3.3 – É proibido o emprego de crase:

a) mediante a palavra “casa” com sentido de lar: *Voltei a casa para pegar os documentos.*

b) mediante a palavra “terra” significando contrário de “bordo”: *Os marinheiros voltaram a terra.*

Obs.: Se um desses termos for acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva e o termo antecedente ao “a” requerer preposição, haverá crase.

Exemplos: *Voltei à casa **de Maria** para pegar os documentos.*

*Os marinheiros voltaram à terra **natal**.*

## Questões dissertativas

Para responder às questões, leia a carta argumentativa literária a seguir.

### Carta Pedido ao Presidente

(texto da autora)

São Paulo, 24 de julho de 2010.

Excelentíssimo Senhor Presidente, Luís Inácio Lula da Silva:

Sou seu xará, Luís da Silva, e peço desculpas por me dirigir à vossa excelência dessa maneira tão formal, embora saiba que a expressão “companheiro presidente” certamente lhe agradaria muito mais. No entanto, duas razões não me deixam à vontade para usar o tratamento íntimo: a primeira é o fato de eu estar desempregado e o senhor muito bem empregado, no cargo mais almejado de nosso país; e a segunda é que eu jamais poderei sequer sonhar ser seu companheiro quanto ao nível salarial. Reconheço que seu ordenado de um pouco mais de onze mil reais (com a possibilidade de reajuste em 80%) é justo para cargo de tamanha responsabilidade; mas ele cria entre nós o famoso abismo social.

O motivo desta carta é o pedido de cinco bocas famintas que tenho em minha casa e que tanto têm solicitado: “Pai, escreva pedindo ajuda ao presidente!”. E por isso eu, que me julgo um indivíduo fora das estatísticas (ouvi esta semana na “Hora do Brasil” que o desemprego diminuiu e a renda cresceu em junho), venho lhe perguntar: “Como posso voltar a ser operário?”. Preciso de volta o emprego que perdi com a crise de 2008, aquela “marolinha”, segundo seu comentário na época.

Como posso, senhor presidente, sobreviver com esposa e cinco filhos, vendendo materiais para reciclagem, se o quilo dos produtos diversos (plástico, papelão, jornal) não passa de dez centavos de real? O senhor pode argumentar: “E as latinhas de cerveja a dois reais o quilo?”. Realmente o alumínio vale mais, porém a concorrência é grande nos bares e padarias por onde passo e é difícil juntar as 70 latinhas que pesariam um quilo. Pelas ruas e bares, há centenas de homens e mulheres fora das estatísticas do emprego crescente; muitos que sobrevivem do lixo, como eu...

Como devo acreditar que a vida está melhor em meu país? Vejo nas manchetes dos jornais que o PIB aumentou, mas também leio que não há crescimento industrial. Diminuiu em 40% o desmatamento da Amazônia

em relação ao inverno do ano passado; mas ando por ruas e bairros onde há lixo por todo lado e vejo desastres ambientais causados pelas chuvas. Só ouço falar em queda nas vendas e aumento dos juros estipulados pelo Banco Central. E quanto à violência, que até tem matado criança na escola, vítima de bala perdida?

Não sou nenhum especialista em economia, senhor presidente, repito que sou um operário desempregado, mas sei que o aumento do PIB permite mais investimentos no país. Seria preciso investir muito mais em infraestrutura, saúde, habitação, educação e emprego, principalmente.

Já faz tempo que perdi o auxílio-desemprego e, como pai de família, o de que mais preciso é voltar a ter a dignidade do emprego, a carteira assinada. Com dinheiro suficiente no bolso, eu teria a honra de não precisar mais do Bolsa-Alimentação, do Bolsa-Escola, Auxílio Gás... Aliás, o senhor se recorda de sua primeira campanha para presidente, lá na época do Fernando Henrique, que lançou alguns programas assistenciais, quando o senhor chamava a tudo de “Bolsa-Esmola”? Eu concordo com aquela sua antiga posição; e por isso peço, com todo respeito de cidadão brasileiro, nesses meses que ainda lhe restam no poder, olhe um pouco mais aqui embaixo. Queremos emprego; ajude-nos, senhor presidente!

Com esperanças: L. S.

1. Explique de que autoridade se reveste o enunciador desta carta argumentativa; diga quem é o interlocutor e qual o motivo da carta.
2. De que argumento principal o autor da carta se utiliza para fazer seu pedido?
3. Considera-se “imagem” a representação que se faz do interlocutor escolhido, por meio de informações que se tenha sobre ele. Assim, na carta em questão, qual a imagem que o enunciador nos passa do interlocutor?
4. A ironia é uma figura de linguagem que consiste em fazer uma afirmativa com a intenção de dizer outra coisa. Copie um fragmento do texto em que há esse recurso e comente-o.
5. A carta é o texto marcado pela interlocução, como se fosse uma “conversa escrita”. Quais as marcas linguísticas que caracterizam a interlocução nesse texto?



6. O texto em questão tem a forma de uma carta argumentativa como pretexto para atingir outro objetivo. Explique qual é esse objetivo.

### Questões-testes

A carta argumentativa não é um gênero comumente utilizado para questões de interpretação de texto nos vestibulares nem no Enem. As questões que seguem têm como base um texto poético de caráter argumentativo.

(PUC-MG) Responda às questões de números 1 a 7 após a leitura do texto a seguir.

#### Bom conselho

Ouçã um bom conselho  
Que lhe dou de graça  
Inútil dormir que a dor não passa  
Espere sentado  
Ou você se cansa  
Está provado, quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo  
Deixe esse regaço  
Brinque com meu fogo  
Venha se queimar  
Faça como eu faço  
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo  
Vim não sei de onde  
Devagar é que não se vai ao longe  
Eu semeio o vento  
Na minha cidade  
Vou pra rua e bebo a tempestade

(Chico Buarque de Holanda)

1. Todas as considerações sobre o texto estão corretas, **exceto**:
- a) No texto, há um claro jogo de vozes produzido por dizeres que lembram (ou evocam) ditados populares, que, aliás, há um bom tempo, caíram em desuso.

- b) O texto sugere uma conversa entre dois sujeitos — um se apresenta como conselheiro; o outro, como aquele a quem se dirige o conselho.
- c) Considerando o ditado popular: “Se conselho fosse bom, não se dava, vendia-se”, reconhece-se, na abertura do poema, uma voz irônica, a do poeta, que rompe com uma crença ao propor ao interlocutor o seguinte: “Ouça um bom conselho que eu lhe dou de graça”.
- d) O poeta, em seu discurso, parece afastar-se da tradição popular, seja porque qualifica diferentemente o seu conselho, positivando-o, seja porque o oferece ao interlocutor, gratuitamente, sem intenção de conferir a ele um valor material.

**2. Tome em consideração as observações que seguem:**

I. A ideia presente em “É inútil dormir que a dor não passa” difere da que se apreende da crença alimentada pelo dito popular, segundo o qual a dor pode passar se dormimos (o sono é o remédio para muitos incômodos).

II. Em “Espere sentado ou você se cansa”, há um confronto direto com a crença segundo a qual “quem espera sempre alcança”, pois “quem corre cansa ou come cru”. Sob esse ponto de vista, a espera é uma virtude gerada pela tolerância, persistência e humildade.

III. Para a sabedoria popular, quem persistentemente mantém a esperança na realização do sonho, vê-lo-á concretizado. Na canção, essa orientação é rechaçada mais uma vez por meio do enunciado: “Está provado, quem espera nunca alcança”.

**Assinale a opção que se apresenta adequada.**

- a) Apenas I e II estão corretas.
- b) Apenas I e III estão corretas.
- c) Apenas II e III estão corretas.
- d) I, II e III estão corretas.

**3. Faça como eu digo/ Faça como eu faço/ Aja duas vezes antes de pensar. Sobre o trecho em destaque acima, tendo em vista o quadro discursivo que o envolve, é inadequado afirmar que:**

- a) o enunciado “Aja duas vezes antes de pensar” propicia as seguintes interpretações: pode-se agir antes de pensar, mas é igualmente correto presumir que se pode pensar antes de agir, agir e pensar não são duas faces de uma mesma moeda, portanto uma dispensa a outra.
- b) o enunciado em destaque e o que segue — “Venha, meu amigo/ Deixe esse regaço/Brinque com meu fogo/ Venha se queimar” — são coerentes entre

si, uma vez que ambos, por meio de um discurso irônico, problematizam um tipo de conduta humana defendida por provérbios como este: “Mais vale uma pássaro na mão do que dois voando”.

- c) o enunciado em destaque, em sua composição, traz o chamado argumento de autoridade, do qual emana um ensinamento, uma voz dotada de um saber indiscutível. Esse efeito também se reconhece em “Faça como eu digo, mas não faça o que eu faço; Manda quem pode, obedece quem tem juízo”.
- d) no enunciado em destaque, identificam-se, pelo menos, dois aconselhamentos que robustecem a linha argumentativa do poema, alimentada pela intenção de desconstruir o caráter doutrinário e pedagógico e a verdade absoluta inscritos em alguns provérbios.

**4. Eu semeio vento/Na minha cidade/ Vou pra rua e bebo a tempestade. Sobre o processo de construção dos versos em destaque, apresenta-se inadequada a alternativa que tece a seguinte afirmação:**

- a) o poeta, por apostar na originalidade, na criatividade, não aceita a reprodução de frases prontas e o discurso autoritário, daí altera as formas do dizer, recria-as.
- b) o poeta, no processo de (re)criação dos provérbios, subverte esse gênero discursivo, neutralizando assim a chamada voz da sabedoria popular; cria um novo modo de fazer poesia, um novo modo de dizer as crenças.
- c) os versos evocam um provérbio muito conhecido em nossa cultura: “Quem semeia vento, colhe tempestade”. No processo de criação, o efeito pretendido é o de não retomar o dito popular, mas sim subvertê-lo.
- d) a poesia é concebida pelo poeta como um instrumento que, metaforicamente, semeia vento, altera a serenidade, provoca tempestade; rompe, portanto, com a normalidade, instaura o diferente, funda novos saberes, opera novos sentidos.

**5. Todas as considerações sobre o texto são adequadas, exceto:**

- a) Os provérbios são formas discursivas, construídas por uma comunidade, por meio das quais se expressam as representações dos membros dessa comunidade, as quais vão sedimentando de geração em geração.
- b) Ditos populares, adágios, provérbios, máximas são vistos como portadores das vivências de uma ou mais gerações e funcionam com instrumentos de conduta aplicados no cotidiano. São uma das formas de conhecimento da história do pensamento social no correr dos séculos.

- c) Os provérbios, em uma sociedade complexa como a nossa, estão desaparecendo, não são mais difundidos, pois o mundo oral está em plena falência.
- d) Os provérbios constroem reflexão sobre temas comuns ao homem. Pretendem ensinar-lhe algo, criticar-lhe o comportamento; adverti-lo dos supostos perigos e armadilhas do mundo humano.

**6. O poeta, ao longo de sua fala, explicita traços que desenham a postura por ele assumida em relação ao mundo. Assinale a opção que não contempla adequadamente traços dessa postura:**

- a) afeito a enfrentamentos.
- b) não resignado diante das injunções sociais.
- c) muito cômico dos efeitos de suas ações no mundo.
- d) aberto a experimentar riscos.

**7. Ao longo de sua fala, o poeta instiga, de modo contundente, o seu interlocutor a reconstruir o olhar para as coisas do mundo, na tentativa de alterar-lhe a postura, aparentemente resignada. Sob essa orientação, avalie as observações que seguem:**

I. Na primeira estrofe, o poeta traz uma voz que deixa ressoar um saber que sugere ser resultante de experiências de uma cultura, e isso o legitima a dizer o que diz: “Está provado”...

II. Na segunda estrofe, o poeta traz a sua voz, revelada na natureza das ações que propõe partilhar com o outro. “Venha, deixe, brinque, faça, aja.”

III. Na terceira estrofe, pode-se recuperar o encontro de duas vozes: a do poeta — que registra uma história singular: “corro atrás do tempo, vim não sei de onde” —, a do povo — de uma sabedoria — que problematiza valores. “Devagar é que não se vai ao longe.”

**Assinale a opção que se apresenta adequada.**

- a) Apenas I e II estão corretas.
- b) Apenas I e III estão corretas.
- c) Apenas II e III estão corretas.
- d) I, II e III estão corretas.

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

Unicamp

O tema geral da prova da primeira fase é **O homem e os animais**. A redação propõe três recortes desse tema.

### **Propostas:**

Cada proposta apresenta um recorte temático a ser trabalhado de acordo com as instruções específicas. Escolha uma das três propostas para a redação (dissertação, narração ou carta) e assinale sua escolha no alto da página de resposta.

### **Coletânea:**

A coletânea é única e válida para as três propostas. Leia toda a coletânea e selecione o que julgar pertinente para a realização da proposta escolhida. Articule os elementos selecionados com sua experiência de leitura e reflexão. **O uso da coletânea é obrigatório.**

**ATENÇÃO:** sua redação será anulada se você desconsiderar a coletânea ou fugir ao recorte temático ou não atender ao tipo de texto da proposta escolhida.

### **APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA**

De acordo com a época e a cultura, o homem se relaciona de diferentes formas com os animais. Essa relação tem sido motivo de intenso debate, principalmente no que diz respeito à responsabilidade do homem sobre a vida e o bem-estar das demais espécies do planeta.

### **COLETÂNEA**

- 1) O fundamento jurídico para a proteção dos animais, no Brasil, está no artigo 225 da Constituição Federal, que incumbe o Poder Público de “proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção das espécies ou submetam os animais à crueldade”. Apoiada na Constituição, a Lei 9.605, de 1998, conhecida como Lei de Crimes Ambientais, criminaliza a conduta de quem “praticar ato de abuso,

maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”. Contudo, perguntas inevitáveis surgem: como o Brasil ainda compactua, em meio à vigência de leis ambientais avançadas, com tantas situações de crueldade com os animais, por vezes aceitas e legitimadas pelo próprio Estado? Rinhadas, farra do boi, carrocinha, rodeios, vaquejadas, circos, veículos de tração, gaiolas, vivisseção (operações feitas em animais vivos para fins de ensino e pesquisa), abate etc. — por que se mostra tão difícil coibir a ação de pessoas que agridem, exploram e matam os animais?

(Adaptado de Fernando Laerte Levai, Promotoria de Defesa do Animal. [www.sentiens.net](http://www.sentiens.net), 04/2008.)

- 2) A Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprovou, no início de 2008, uma lei que, se levada à prática, obstruiria uma parte significativa da pesquisa científica realizada na cidade por instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), as universidades federal e estadual do Rio de Janeiro e o Instituto Nacional do Câncer (Inca). De autoria do vereador e ator Cláudio Cavalcanti, um destacado militante na defesa dos direitos dos animais, a lei tornou ilegal o uso de animais em experiências científicas na cidade. A comunidade acadêmica reagiu e mobilizou a bancada de deputados federais do Estado para ajudar a aprovar o projeto de lei conhecido como Lei Arouca. A lei municipal perderia efeito se o projeto federal saísse do papel. Paralelamente, os pesquisadores também decidiram partir para a desobediência e ignorar a lei municipal. “Continuaremos trabalhando com animais em pesquisas cujos protocolos foram aprovados pelos comitês de ética”, diz Marcelo Morales, presidente da Sociedade Brasileira de Biofísica (SBBF) e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um dos líderes da reação dos cientistas. A interrupção do uso de animais geraria prejuízos imediatos com repercussão nacional, como a falta de vacinas (hepatite B, raiva, meningite, BCG e febre amarela) fabricadas, no Rio, pela Fiocruz, pois a inoculação em camundongos atesta a qualidade dos antígenos antes que eles sejam aplicados nas pessoas. “Também é fundamental esclarecer

à população que, se essas experiências forem proibidas, todos os nossos esforços recentes para descobrir vacinas contra dengue, AIDS, malária e leishmaniose seriam jogados literalmente no lixo”, diz Renato Cordeiro, pesquisador do Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica da Fiocruz. Marcelo Morales enumera outros prejuízos: “Pesquisas sobre células-tronco no campo de cardiologia, da neurologia e de moléstias pulmonares e renais, lideradas por pesquisadores da UFRJ, e de terapias contra o câncer, realizadas pelo Inca, teriam de ser interrompidas”.

(Adaptado de Fabrício Marques. Sem eles não há avanço.

*Revista Pesquisa FAPESP*, n. 144, 02/2008, p. 2-6.)

- 3) O Senado aprovou, em 9 de setembro de 2008, o projeto da Lei Arouca, que estabelece procedimentos para o uso científico de animais. A matéria vai agora à sanção presidencial. A lei cria o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), que será responsável por credenciar instituições para criação e utilização de animais destinados a fins científicos e estabelecer normas para o uso e cuidado dos animais. Além de credenciar as instituições, o Concea terá a atribuição de monitorar e avaliar a introdução de técnicas alternativas que substituam o uso de animais tanto no ensino quanto nas pesquisas científicas. O Concea será presidido pelo Ministro da Ciência e Tecnologia e terá representantes dos Ministérios da Educação, do Meio Ambiente, da Saúde e da Agricultura. Dentre outros membros, integram o Concea a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Academia Brasileira de Ciências, a Federação de Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE), a Federação Nacional da Indústria Farmacêutica e dois representantes de sociedades protetoras dos animais legalmente estabelecidas no país.

(Adaptado de Daniela Oliveria e Carla Ferrenshitz.

Após 13 anos de tramitação Lei Arouca é aprovada.

*Jornal da Ciência* (SBPC), [www.jornaldaciencia.org.br](http://www.jornaldaciencia.org.br), 09/2008.)

- 4) Grande parte de nossa sociedade acredita na necessidade incondicional das experiências com animais. Essa crença baseia-se em mitos, não em fatos, e esses mitos precisam ser divulgados a fim de

evitar a consolidação de um sistema pseudocientífico. As experiências com animais pertencem — assim como a tecnologia genética ou o uso da energia atômica — a um sistema de pesquisas e exploração que despreza a vida. Um desses mitos é o de que tais experiências possibilitaram o combate às doenças e assim permitiram aumentar a média de vida. Esse aumento, entretanto, deve-se, principalmente, ao declínio das doenças infecciosas e à consequente diminuição da mortalidade infantil, cujas causas foram as melhorias de condições de saneamento, a tomada de consciência em questões de higiene e uma alimentação mais saudável, e não a introdução constante de novos medicamentos e vacinas. Da mesma maneira, os elevados coeficientes de mortalidade infantil no Terceiro Mundo podem ser atribuídos aos problemas sociais, como a pobreza, a desnutrição, e não à falta de medicamentos ou vacinas. Outro mito é o de que as experiências com animais não prejudicam a humanidade. Na realidade, elas é que tornam as atuais doenças da civilização ainda mais estáveis. A esperança da descoberta de um medicamento por meio de pesquisas com animais destrói a motivação das pessoas para tomarem uma iniciativa própria e mudarem significativamente seu estilo de vida. Enquanto nos agarramos à esperança de um novo remédio contra o câncer ou contra as doenças cardiovasculares, nós mesmos — e todo o sistema de saúde — não estamos suficientemente motivados a abolir as causas dessas enfermidades, ou seja, o fumo, as bebidas alcoólicas, a alimentação inadequada, o *stress* etc. Um último mito a ser destacado é o de que leigos, por falta de conhecimento especializado, não podem opinar sobre experiências com animais. Esse mito proporcionou, durante dezenas de anos, um campo livre para os vivisseccionistas. Deixar que os próprios pesquisadores julguem a necessidade e a importância das experiências com animais é semelhante a deixar que uma associação de açougueiros emita parecer sobre alimentação vegetariana. Não serão justamente aqueles que estão engajados no sistema de experiências com animais que irão questionar a vivissecação!

(Adaptado de Bernhard Rambeck. Mito das experiências em animais. *União Internacional Protetora dos Animais*, [www.uuipa.com.br](http://www.uuipa.com.br), 04/ 2007.)



5) A violência exercida contra os animais suscita uma reprovação crescente por parte das opiniões públicas ocidentais, que, frequentemente, se torna ainda mais vivaz à medida que diminuir a familiaridade com as vítimas. Nascida da indignação com os maus-tratos infligidos aos animais domésticos de estimação, em uma época na qual burros e cavalos de fiacre faziam parte do ambiente cotidiano, atualmente a compaixão nutre-se da crueldade a que estariam expostos seres com os quais os amigos dos animais, urbanos em sua maioria, não têm nenhuma proximidade física: o gado de corte, pequenos e grandes, animais de caça, os touros das touradas, as cobaías de laboratórios, os animais fornecedores de pele, as baleias e as focas, as espécies selvagens ameaçadas pela caça predatória ou pela deterioração de seu *habitat* etc. As atitudes de simpatia para com os animais também variam, é claro, segundo as tradições culturais nacionais. Todavia, na prática, as manifestações de simpatia pelos animais são ordenadas em uma escala de valor cujo ápice é ocupado pelas espécies percebidas como as mais próximas do homem em função de seu comportamento, fisiologia, faculdades cognitivas, ou da capacidade que lhes é atribuída de sentir emoções, como os mamíferos. Ninguém, assim, parece se preocupar com a sorte dos arenques ou dos bacalhaus, mas os golfinhos, que com eles são por vezes arrastados pelas redes de pesca, são estritamente protegidos pelas convenções internacionais. Com relação às medusas ou às tênias, nem mesmo os membros mais militantes dos movimentos de liberação animal parecem conceder-lhes uma dignidade tão elevada quanto à outorgada aos mamíferos e aos pássaros. O antropocentrismo, ou seja, a capacidade de se identificar com não humanos em função de seu suposto grau de proximidade com a espécie humana, parece assim constituir a tendência espontânea das diversas sensibilidades ecológicas contemporâneas.

(Adaptado de Philippe Descola. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, vol. 4, n. 1, Rio de Janeiro, 04/1998.)

6)



Manifestação de militantes da ONG Vegan Staff na 60ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), [www.veganstaff.org](http://www.veganstaff.org), 07/2008.

### PROPOSTA A

Leia a coletânea e elabore sua dissertação a partir do seguinte recorte temático:

O uso de animais em experimentação científica tem sido muito debatido porque envolve reivindicações dos cientistas e dos movimentos em defesa dos animais, assim como mudanças na legislação vigente.

**Instruções:**

1. Discuta o uso de animais em experimentação científica.
2. Trabalhe seus argumentos no sentido de apontar as controvérsias a respeito desse uso.
3. Explore os argumentos de modo a justificar seu ponto de vista sobre essas controvérsias.

### PROPOSTA B

Leia a coletânea e elabore sua narrativa a partir do seguinte recorte temático:

Os movimentos organizados em defesa dos animais têm sensibilizado uma parcela da sociedade, que busca adotar novas condutas com princípios de responsabilidade em relação às diversas espécies.

### **Instruções:**

1. Imagine uma personagem que decide mudar de hábitos para ser coerente com sua militância em defesa dos animais.
2. Narre os conflitos gerados por essa decisão.
3. Sua história pode ser narrada em primeira ou terceira pessoa.

### **PROPOSTA C**

Leia a coletânea e elabore sua carta a partir do seguinte recorte temático:

As controvérsias sobre o uso de animais em experimentação científica não se encerram com a recente aprovação, pelo Senado, da Lei Arouca, que cria o Concea.

### **Instruções:**

1. Escolha um ponto de vista em relação ao uso de animais em experimentação científica.
2. Argumente no sentido de solicitar que seu ponto de vista prevaleça na atuação do Concea.
3. Dirija sua carta a um membro do Concea que possa apoiar sua solicitação.

### **Comentários sobre o tema proposto:**

#### **Proposta A**

Embora com o oferecimento de uma coletânea ampla, a proposta A fazia um recorte temático, restringindo-se ao uso de animais em experimentos científicos. O estudante deveria argumentar sobre as controvérsias em relação ao uso de animais em pesquisas para descobertas de vacinas ou outras terapias contra doenças. Caberia ao vestibulando assumir um posicionamento em relação à polêmica e, buscando solução humanitária para a questão, discorrer sobre a introdução de técnicas alternativas que evitassem os abusos contra animais nesses experimentos.

#### **Proposta B**

Com a proposta de elaboração de texto narrativo, havia outro recorte temático: a questão dos movimentos em defesa dos animais. O desafio era que a história (narrada em primeira ou terceira pessoa) apresentasse os conflitos decorrentes das mudanças de hábitos daqueles que lutam

pela proteção aos animais, levando também o leitor a refletir sobre a relevância da questão.

### **Proposta C**

Também com recorte temático, ao escolher a proposta C, o candidato deveria dirigir-se a um membro do CONCEA (Conselho Nacional de Controle e Experimentação Animal), com a finalidade de solicitar que seu ponto de vista (a favor ou contra o uso de animais em experiências científicas) prevalecesse na atuação desse órgão. A carta deveria apresentar argumentos convincentes e pautados não só na busca de desenvolvimento científico, mas também buscando o bem-estar dos seres vivos em geral.



## O que é resenha?

A resenha é o gênero textual que circula em revistas semanais, jornais e até mesmo na internet, por meio de blogs ou sites de grande alcance, com o objetivo de informar os leitores sobre objetos de cultura recentemente lançados, como filmes, livros, espetáculos teatrais, amostras de pintura, shows e CDs. Esse tipo de texto não só informa o leitor sobre o lançamento dos produtos de consumo cultural, mas também apresenta opiniões a respeito de seu conteúdo, fazendo uma avaliação de seus aspectos positivos e negativos; por isso, é, ao mesmo tempo, um gênero expositivo e argumentativo.

Por meio da leitura de uma resenha, pode-se escolher qual espetáculo ou filme veremos no final de semana e avaliar se compensa comprar aquele livro que está na lista dos mais vendidos. É por isso que resenhistas são pessoas muito respeitadas, mas também temidas, já que podem levar o leitor a não consumir certo produto cultural.

## Estrutura e características da resenha

Leia atentamente alguns trechos da resenha do filme *Ensaio sobre a cegueira*. Com base nela, faremos um estudo de suas características e estrutura de composição.

### Onde enxergar é o horror

Certo dia, de um instante para outro, um homem fica cego — não uma cegueira de treva, mas de uma brancura intensa. Alguém o ajuda a chegar em casa, a mulher o leva ao consultório do oftalmologista, ele passa à frente dos outros pacientes que estão na sala de espera. Logo, todas essas pessoas perderão a visão também, numa onda de contágio que se alastra rapidamente por

toda a cidade. Todas, menos uma: a mulher do oftalmologista, que misteriosamente preserva a visão. (...)

Uma excelente adaptação, diga-se, tanto no entendimento do texto quanto na sua transposição para a tela — a única de um livro de Saramago além de uma produção holandesa de *A jangada de pedra*, já que o autor resiste a ceder direitos sobre a sua obra. (...)

*Ensaio sobre a cegueira* pode não ser o filme caloroso que o público se acostumou a esperar de Meirelles. Mas não desfigura uma obra literária única, razão por que merece a gratidão do escritor — e de quem assista a ele.

(BOSCOV, Isabela. "Onde enxergar é o horror". Revista *Veja*, edição 2077, 10 de setembro de 2008. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/100908/p\\_150.shtml](http://veja.abril.com.br/100908/p_150.shtml).)

O propósito da resenha é transmitir informações sobre o objeto cultural em foco. Caso uma resenha se estenda por muitos parágrafos, pode trazer muitos detalhes sobre a obra, correndo o risco de o público perder o interesse por ela, pois não encontrará novidades ao ter contato direto com aquela produção cultural. O seu objetivo principal deve ser despertar a curiosidade do público. Apenas se a resenha for um trabalho acadêmico é que se alonga por algumas páginas, pois seu foco de análise é mais abrangente, tornando-se uma produção científica.

A resenha deve conter um título sugestivo, que chame a atenção para o seu conteúdo. Alguns autores costumam repetir o título da obra cultural, para ficar mais fácil seu reconhecimento. Não é o caso da resenha em questão.

O primeiro parágrafo traz informações básicas sobre a obra que será analisada, como o nome do autor, título da obra e gênero (filme). Se for um livro, por exemplo, pode haver ficha técnica destacada em um quadro à parte, com editora, número de páginas e preço. É nessa parte da resenha que se faz um breve resumo do conteúdo da obra. O autor pode já apresentar alguns de seus pontos de vista ou juízos de valor.

O segundo parágrafo deve ser uma expansão da análise, em que se comentam cenas, atuação de personagens; a obra pode ser comparada com as demais do mesmo produtor ou autor ou de outros, mas que apresentem conteúdo semelhante. Nesse caso, o filme é comparado com o romance de mesmo nome, do autor português José Saramago, em que se inspirou o diretor Fernando Meirelles. Prosseguem os juízos de valor. Nesse trabalho, a autora faz considerações apreciativas, que podemos confirmar no trecho: “Uma excelente adaptação”. No entanto, há resenhistas que apresentam considerações depreciativas e que podem levar o público a desistir de consumir o objeto de arte em questão.

O terceiro parágrafo, e última parte, concentra-se no tema e nos valores que o objeto cultural pode trazer; é quando se faz a recomendação para que o público assista à obra ou a leia. No caso de um filme, o texto pode fazer considerações sobre como a crítica o avaliou na pré-estreia. Quando se trata de uma adaptação de obra literária para o cinema, a aprovação do autor, depois de assistir ao filme, costuma despertar maior interesse do público

A linguagem utilizada na resenha deve estar adequada ao perfil do público leitor. Normalmente, emprega-se a variante culta ou padrão da língua. Dependendo do conteúdo da obra e faixa etária a que se destina, pode ter uma linguagem mais descontraída, acessível, com expressões coloquiais.

### **Como fazer uma resenha**

**Introdução:** título do objeto de cultura, nome do autor e um breve resumo.

**Desenvolvimento:** análise — comentários sobre atuação das personagens, cenas, comparação da obra com outras, qualidades e defeitos: apreciação crítica.

**Conclusão:** avaliação final, comentário se vale a pena ou não adquirir o objeto em questão ou assistir a ele, destacando tema e valores encontrados.



## Dicas para escrever melhor

### Regência verbal

**Cuidado com o emprego dos verbos agradecer, aspirar, assistir, atender, chegar e preferir.**

**Agradecer:** este verbo pede dois tipos de complementos; o que se agradece é o complemento sem preposição e a pessoa a quem se agradece é o complemento regido de preposição "a".

Veja: *Agradecemos a preferência aos clientes.*

Ou simplesmente: *Agradecemos a (sua) preferência.*

Ou ainda: *Agradecemos aos clientes.*

**Aspirar:** se este verbo significar **almejar, desejar**, ele pede complemento com preposição "a", mas se o seu significado for **sorver, cheirar**, o complemento não é preposicionado.

Note: *Aspiramos a dias melhores*

Ou: *Aspiramos o ar puro da montanha.*

**Assistir:** caso este verbo tenha o sentido de **ver, presenciar**, pede complemento com preposição "a"; já se o seu significado for **socorrer**, haverá um complemento não preposicionado. Com o significado de **residir**, pedirá complemento com preposição "em", e quando significa **cabere, competir**, pede complemento com preposição "em".

Observe: *Assistimos a um bom filme no final da semana.*

*O governo deve assistir as pessoas carentes.*

*João assiste em São Paulo há muito tempo.*

*Não assiste a mim o direito de julgá-lo.*

**Atender:** este verbo, quando relacionado a pessoas, pede complemento não preposicionado, e quando relacionado a coisas, pede complemento com preposição "a".

Atenção: *Atenda o João ao telefone.*

*Atenda à campanha.*

*Atenda o cliente.*

**Chegar:** não apenas o verbo chegar, mas os verbos que indicam movimento, como ir, vir, voltar e retornar, são intransitivos e pedem complemento acessório (adjunto adverbial de lugar) regido de preposição "a".

Exemplos: *Cheguei a São Paulo após o horário previsto.*

*Voltei ao clube para pegar o convite da festa.*

Observação: Na linguagem coloquial, as pessoas costumam empregar esses verbos regidos de preposição "em"; no entanto, na escrita, devemos seguir o que prescreve a Gramática Normativa.

**Preferir:** Trata-se de um verbo que pede dois complementos. Aquilo que se prefere deve ser o complemento direto, não regido de preposição, e aquilo que se despreza deve ser o complemento indireto, regido de preposição "a".

Exemplos: *Prefiro bolo de chocolate a torta de morango.*

*Prefiro aulas de Língua Portuguesa às aulas de Matemática.*

Observação: Na escrita, não se deve usar este verbo com partículas de intensidade e com a preposição "de", embora seja comum na linguagem coloquial: *Prefiro muito mais bolo de chocolate do que torta de morango.*



Você sabia que a resenha pode ser um texto encomendado? Existem resenhistas profissionais que são contratados por autores ou produtores artísticos para divulgarem seu trabalho. É claro que o profissional aceitará a proposta dentro de princípios éticos, uma vez que, ao divulgar de forma apreciativa um trabalho de má qualidade, ele poderá colocar em risco a própria imagem perante os meios de comunicação, tais como um jornal ou revista de grande circulação. Devemos destacar que a crítica sobre um objeto de arte é um instrumento importante de avaliação para nós, leitores e público de espetáculos de arte, por meio do qual poderemos evitar o aborrecimento de adquirirmos um produto indesejado.

---

## TESTE SEU SABER

---

### Questões dissertativas

Leia o texto e responda às questões.

#### A vida desde o fim

A obra impressiona mais pela beleza e astúcia de peças isoladas do que pelo efeito conjunto do quebra-cabeça que instiga a montar

Farsa e profundidade. *Leite derramado* é o relato em primeira pessoa de um duplo malogro: a decadência da família Assumpção, egressa do patronato político brasileiro, e o colapso de um casamento carioca, provocado pelo misterioso sumiço da jovem esposa do narrador.

Obra de alta carpintaria literária, o quarto romance de Chico Buarque impressiona mais pela beleza e astúcia de peças isoladas — soluções felizes de linguagem espalhadas como dádivas pelo texto — do que pelo efeito conjunto do quebra-cabeça que ele nos instiga a montar. A leitura encanta e arrebat, mas o todo é menor que a soma das partes. O romance se desmancha em sopro assim que termina.

Eulálio Montenegro d'Assumpção, o narrador, tem mais de cem anos, está à beira da morte e conta sua história, entremeada de delírios, incongruências e devaneios, em um leito de hospital. Ele é um elo — frágil ponto de inflexão — numa vasta linhagem de Eulálios que medrou no Brasil desde a vinda da corte portuguesa.

O seu bisavô paterno, feito barão por dom Pedro I, traficava escravos moçambicanos; o seu bisneto, nascido em hospital do Exército, onde os pais comunistas estavam presos pela ditadura, morre assassinado num motel; o derradeiro Eulálio, tataraneto do narrador, é traficante de drogas para a elite carioca. Do barão negroiro ao baronato do pó, o ciclo se fecha. É “o fim da linha dos Assumpção”.

Duas preocupações soberanas governam a autobiografia ficcional de Eulálio: o furor de se distinguir da ralé com que ele cada vez mais se confunde e o amor possessivo por Matilde, a jovem “escurinha”, filha adotiva de um ex-correligionário de seu pai senador, com quem se casa à revelia da mãe viúva. O valor supremo de Eulálio, um oportunista ingênuo cercado de aproveitadores espertos por todos os lados, é se dar bem a qualquer preço. Mas os resultados trucidam as intenções.

Paixões egoístas, deformações egocêntricas. A insegurança social, insuflada pelo declínio da família, leva o narrador a perder-se em delírios de grandeza: quanto mais infla o seu prestígio, mais ele murcha. O ciúme corrosivo da esposa desemboca no grande mistério da trama-mote de ótimos momentos de suspense — que é o sumiço de Matilde, sem bilhete e sem mala, ainda lactante, poucos meses depois do nascimento da primeira filha.

Qual o motivo da fuga? “Doença de pobre” (tuberculose) ou “doença da luxúria” (adultério)? As hipóteses proliferam como gatas de rua. Claramente, ela era mais mulher do que ele era homem. As pegadas de *Dom Casmurro* surgem a cada passo do livro; o parentesco Eulálio-Bentinho e Matilde-Capitu seguramente dará ensejo à rica produção acadêmica.

### Labirinto de espelhos

O que é real? Na construção da trama, Chico Buarque impele o leitor a um exercício finamente calculado de buscar pontos de apoio e informações confiáveis em meio ao labirinto de espelhos que são as memórias movediças do narrador. O toque de mestre está na arte sutil que faz do relato crepuscular de Eulálio uma confissão involuntária e poderosa o bastante para dar ao leitor a sensação de que sabe mais sobre o personagem e seu mundo que o próprio autor. Os achados estilísticos da obra são um banquete de mil talheres.

E, não obstante, algo se frustra. A primeira pessoa confessional é um gênero exigente. Os delírios da decrepitude de Eulálio são fiéis à vida, mas a situação narrativa do autor decrépito não convence. Não se sabe por que ele conta sua história e, menos ainda, como o relato se fixa e vira texto. Ora ele dita à enfermeira-taquígrafa, ora fala com o teto; ora sonha em voz alta, ora

conversa com mortos; ora dirige-se à filha, ora ao leitor. A trama do ato de contar é tecnicamente débil — não para em pé.

Simplismos esporádicos à parte, *Leite derramado* cutuca e devassa com olhar cortante as mazelas da vida brasileira: a desigualdade obscena; a promiscuidade público-privada; a subserviência colonizada; o preconceito velado pela cordialidade. O que falta, porém, é a construção de ao menos um personagem com o qual se possa ter um vínculo de empatia. Os Eulálios senhoriais são calhordas; os Balbinos da estirpe servil, quando aparecem em cena, mais parecem boçais, e Matilde não tem vida interior. A sociologia festeja, mas a filosofia rasteja.

Se o novo romance de Chico Buarque fosse uma partida de futebol, seria um daqueles jogos repletos de lances memoráveis, fintas deslumbrantes, toques de gênio, mas em que o conjunto do time e o desenrolar da peleja deixam a desejar. Falta armação de jogo. O autor de *Deus lhe pague* e *Futuros amantes* foi mais longe.

**Avaliação:** bom.

(Eduardo Gianetti, *Folha de S. Paulo*, 28 de março de 2009)

1. Qual o objeto cultural apresentado nessa resenha? Qual a finalidade do resenhista?
2. Não se coloca o título em um texto ao acaso; ele é a propaganda do texto e nos dá pistas sobre o seu conteúdo. Após a leitura atenta do texto, explique o título “A vida desde o fim” e o subtítulo “Labirinto de espelhos”.
3. Sabe-se que a resenha, ao fazer a avaliação de um produto cultural, pode apresentar suas características positivas e negativas. Comente duas características positivas que o autor aponta sobre o livro *Leite derramado* e ilustre sua resposta com trechos extraídos do texto.
4. Agora comente duas características negativas observadas na obra analisada e comprove sua resposta com fragmentos do texto.
5. Diga quem é o narrador de *Leite derramado* e comente como o resenhista avalia a construção do narrador do romance.
6. Por meio dessa resenha, o que sabemos sobre Matilde, a protagonista que faz par amoroso com o narrador-personagem? Em que ela se assemelha a Capitu, personagem da obra de Machado de Assis?

## Questões-testes

(Uerj – Adaptada) Com base no texto abaixo, responda às questões 1 e 2.

### O dia em que a Terra parou

O remake *O dia em que a Terra parou*, por Keanu Reeves e com um orçamento de US\$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica. O primeiro *O dia em que a Terra parou*, dirigido por Robert Wise, rodado em 1951, foi um apelo ao fim da Guerra Fria. O recente, dirigido por Scott Derriakson, um apelo contra o desmatamento, guerras insanas, violência etc. O que muitos não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell to the Master*, do escritor Harry Bates. Relevante no aspecto “conscientização”, mas infantil em outros. Os efeitos especiais são incríveis, e o gigante robô biológico Gort, que acompanha o alienígena Klaatu, mesmo sem pronunciar palavra e ficando estático quase o tempo todo, dá um show. O pequeno Jaden Smith fez boa interpretação e tenho certeza do promissor sucesso. Mas, como apaixonado por FC (ficção científica), sou suspeito para falar deste gênero. Confesso que, em longos momentos, o filme foi parado: sem ação alguma. Já no termo da lógica: se realmente existem alienígenas, será que se preocupariam com nosso planeta? Por quê? Acredito que não. O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e fisio-teórico Stephan Hawking. Por que se interessariam em salvar justamente o nosso?

No filme, o alienígena Klaatu, diferente do que parece, não tem boas intenções com os seres humanos. Sua única intenção é salvar o planeta de nós, que o estamos destruindo aos poucos, o que não deixa de ser verdade.

Interessante, com menos ação e violência que *Guerra dos Mundos*, mas igualmente impactante. Recomendando.

(Ademir Pascale. [www.cranik.com](http://www.cranik.com))

1. As formas interrogativas podem assumir diversas funções ou sentidos, dependendo do contexto. No texto, a frase “Por que se interessariam em salvar justamente o nosso?” traz implícito um sentido de:

- |               |                 |
|---------------|-----------------|
| a) negação.   | c) concessão.   |
| b) indecisão. | d) reafirmação. |

**2. O texto oferece ao leitor informações sobre o filme filtradas pelo autor e somadas às suas avaliações pessoais. Esse recurso linguístico, próprio das resenhas, está mais bem exemplificado em:**

- a) “O remake *O dia em que a Terra parou*, por Keanu Reeves e com um orçamento de US\$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica”.
- b) “O que muitos não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell do the Master*, do escritor Harry Bates”.
- c) “Mas, como apaixonado por FC (ficção científica), sou suspeito pra falar deste gênero”.
- d) “O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e fisioteórico Stephan Hawking”.

**3. Quanto à linguagem da resenha em questão, pode-se afirmar que:**

- a) apresenta a linguagem coloquial, inapropriada para o gênero.
- b) apresenta variante culta, mas com algumas expressões regionais, tais como “dá um show” e “sou suspeito pra falar desse gênero”.
- c) apresenta predominantemente a linguagem-padrão, mas inclui expressões coloquiais, como “sou suspeito pra falar desse gênero”.
- d) apresenta a linguagem coloquial, que é a ideal para esse tipo de texto.

(UFRN) O fragmento textual a seguir servirá de referência para as questões de números 4 a 9.

“As obras que a República manda editar para a propaganda de suas riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a mancheias<sup>1</sup> por quem as queira. Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os “sebos” as aceitem.

São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores. Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros<sup>2</sup>, nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem nas repartições

<sup>1</sup> Em abundância

<sup>2</sup> Donos de mercearia.

públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde, aos vendeiros e aos vendedores de couves.

Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e rico país da Bruzundanga.”

(LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC, 2005. p. 33.)

**4. As obras editadas pela República:**

- a) são portadoras de informações que, embora escandalosas, parecem honestas.
- b) divulgam propagandas encomendadas por comerciantes poderosos e ricos.
- c) servem de veículo a propagandas que atendem a interesses próprios.
- d) são comercializadas, nos sebos, mas sem dar lucro aos revendedores.

**5. Por meio das expressões “otimismo de encomenda” e “entusiasmo pago”, o narrador:**

- a) mostra-se incoerente, pois, ao mesmo tempo, critica e elogia as obras que a República manda editar.
- b) recomenda a leitura das obras que a República manda editar.
- c) revela-se satisfeito com as informações divulgadas pelas obras que a República manda editar.
- d) desqualifica as obras que a República manda editar.

**6. A conjunção *contudo* (linha 13) poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por:**

- a) desse modo.
- b) no entanto.
- c) além disso.
- d) assim sendo.

**7. O pronome *lhe* (linha 14) está relacionado:**

- a) à pessoa que escreveu para o narrador.
- b) a um funcionário público.
- c) à pessoa que chamou o narrador de desajuizado.
- d) a um revendedor de livros.

**8. Ocorre uma relação semântica de causa-consequência entre as orações que compõem o seguinte período:**

- a) “Não julgue o meu correspondente que os ‘sebos’ as aceitem”.
- b) “Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceiros”.



- c) “Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda”.
- d) “São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra”.

**9.** No trecho a seguir, as formas verbais em destaque estão no tempo presente.

“As obras que a República manda editar [...], logo que são impressas [...], distribuem-se [...] por quem as queira.”

Observando-se o registro culto da língua e a coerência temporal, a conversão desse presente em passado levaria as formas verbais, respectivamente, às seguintes flexões:

- a) tinha mando – eram imprimidas – distribuíram-se – queria.
- b) mandou – foram impressas – eram distribuídas – quis.
- c) mandava – eram impressas – distribuíam-se – quisesse.
- d) havia mandado – foram imprimidas – foram distribuídas – quisesse.

**10.** (Enem) Leia os textos a seguir para responder à questão.

**Texto I**

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. [...] Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinhá Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

(Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. 23. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1969. p. 75.)

**Texto II**

Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção. É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar *Vidas Secas*, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira, naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria, simples demais, incapaz de ter

pensamentos demasiadamente complexos. O que *Vidas Secas* faz é, com pretenso não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

(Luiz Bueno. “Guimarães, Clarice e antes”. In: *Teresa*, São Paulo, USP, n. 2, 2001, p. 254.)

A partir dos trechos de *Vidas Secas* (texto I) e das informações do texto II, relativas às concepções artísticas do romance social de 1930, avalie as seguintes afirmativas:

I. O pobre, antes tratado de forma exótica e folclórica pelo regionalismo pitoresco, transforma-se em protagonista privilegiado do romance social de 1930.

II. A incorporação do pobre e de outros marginalizados indica a tendência da ficção brasileira da década de 1930 de tentar superar a grande distância entre o intelectual e as camadas populares.

III. Graciliano Ramos e os demais autores da década de 1930 conseguiram, com suas obras, modificar a posição social do sertanejo na realidade nacional.

É correto apenas o que se afirma em:

- |         |              |
|---------|--------------|
| a) I.   | d) I e II.   |
| b) II.  | e) II e III. |
| c) III. |              |

## *Descomplicando a redação*

### **Proposta de atividade**

UFSC – Adaptada.

### **Proposta 1**

Considerando a lista das obras literárias indicadas para este vestibular, qual ou quais dos livros desta relação você indicaria para leitura e qual ou quais você não aconselharia? Por quê?

Escreva uma redação expondo argumentos que justifiquem sua escolha.

### **Observação:**

Veja a relação dos livros solicitados pelo vestibular da UFSC:

- *Novos poemas, poemas escolhidos, poemas negros* – Jorge de Lima.
- *Os sertões* – Euclides da Cunha.
- *Apenas um curumim* – Werner Zotz.
- *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* (v. 1) – Franklin Cascaes.
- *Amigo velho* – Guido Wilmar Sassi
- *200 crônicas escolhidas* – Rubem Braga
- *Brás, Bexiga e Barra Funda* – Antônio de Alcântara Machado
- *Resumo de Ana* – Modesto Carone
- *Império caboclo* – Donaldo Schüler
- *A rosa do povo* – Carlos Drummond de Andrade

### **Comentários sobre o tema proposto:**

Observe que essa proposta de vestibular pedia ao candidato para elaborar uma resenha, embora não mencionasse esse termo técnico.

Seu desafio é escolher um dos livros da lista e elaborar uma resenha, ou mesmo produzir uma resenha de um livro à sua escolha, treinando os conhecimentos adquiridos sobre sua estrutura e características específicas.

### **Sugestão:**

Vale a pena ler o livro *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, e depois comparar com a adaptação para o cinema.

Este capítulo não tem o mesmo formato dos capítulos anteriores da obra. Foi composto para oferecer ao leitor subsídios para a elaboração de redação técnica e deve ser consultado como um manual de orientações, sempre que houver necessidade de elaborar um dos tipos aqui apresentados. Todos os modelos foram criados pela autora, seguindo as características específicas de cada modalidade, segundo bibliografia citada no final do capítulo. As empresas e nomes citados são fictícios.

Lembre-se de que, ao compor uma redação técnica, deve-se respeitar a língua culta, cujas regras são estabelecidas pela Gramática Normativa; pois a situação de formalidade assim o exige, sendo um fator importante para dar credibilidade ao seu autor.

### **O que é redação técnica?**

Redação técnica é todo documento que segue princípios fixos, predeterminados de elaboração, tais como: forma de iniciar e encerrar; tipo de linguagem, que é normalmente a variante culta; alinhamento de parágrafos, espaçamento entre linhas e estrutura-padrão do texto.

Para escrever redação técnica, o autor deve buscar, acima de tudo, a concisão e a clareza ou objetividade. Devem-se evitar subjetividades, como opiniões pessoais, convicções filosóficas, crenças, buscando-se a exatidão da comunicação, para que o conteúdo seja inteiramente decodificado pelo leitor, sem deixar qualquer margem a dúvidas.

Há grande variedade de redações técnicas, das quais, muitas vezes, precisamos nos valer em nossas atividades sociais cotidianas, seja a correspondência comercial e bancária, a redação oficial e,

para quem exerce profissões relacionadas ao Direito, a redação forense.

O objetivo deste capítulo é fornecer ao leitor modelos de correspondências oficiais e comerciais para consulta e utilização em eventuais necessidades.

## **1. Modelos de carta comercial**

**Carta comercial** é todo instrumento de comunicação de que se utiliza o comércio e a indústria, com o objetivo de realizar transações entre as partes correspondentes, como, por exemplo, empresa/cliente ou colaborador/empresa. É comum o envio desse tipo de carta por meio do correio, mas também se pode contar com os instrumentos de comunicação eletrônicos, como o e-mail e o fax.

### **1.1 Carta de apresentação ou de pedido de emprego**

A carta de apresentação é enviada com o *curriculum vitae* do candidato. Seu objetivo é manifestar o interesse do autor em ocupar a vaga oferecida pela empresa, apresentando-se apto ao cargo. Deve ser breve, com um conteúdo simples. É fundamental ter o cuidado de encaminhar ao destinatário adequado e explicar o motivo por que se sente capaz de ocupar a função. Utilizar a coordenação sintática, ou seja, frases curtas e de sentido completo. Caso o candidato não possua um dos requisitos exigidos pela empresa, isso não deve ser mencionado na carta; a entrevista será o momento de expor a situação. Também não é a ocasião para se mencionar salário pretendido, a menos que a empresa solicite ao candidato apresentar pretensão salarial; caso contrário, pode-se criar uma impressão negativa.

#### **Modelo de carta de apresentação**

Maria da Conceição Costa  
Rua Machado de Assis, 231  
Fortaleza, CE

Tel.: (XX) xxxx xxxx

E-mail: macosta@xxxxxxx

Fortaleza, 18 de setembro de 2009.

Prezado Senhor:

João Lemos do Brasil

Diretor do Depto. de Recursos Humanos

Cosméticos Linda Mulher Cia. Ltda.

Na condição de concluinte do curso de Bacharelado em Farmácia, da Universidade Estadual do Ceará, venho candidatar-me à vaga de estagiária no setor de Farmacologia Estética desta conceituada empresa, oferecendo as competências adquiridas em minha formação acadêmica.

Coloco-me à sua disposição para, em entrevista pessoal, prestar informações mais detalhadas sobre minha qualificação e demais habilidades necessárias para o desempenho das funções deste cargo.

Aguardando sua resposta, subscrevo-me, respeitosamente:

Maria da Conceição Costa.

## **1.2. Curriculum vitae**

Essa expressão tem origem na língua latina e significa: “curso de vida”. Trata-se de um documento em que se deve expor um resumo das experiências profissionais, nível de instrução e informações pessoais. No currículo, dispensam-se dados como número de documentos, naturalidade e filiação, pois esse tipo de exigência se faz necessária apenas no momento do ingresso na empresa.

Quando se entrega um currículo pessoalmente, é preciso ter o cuidado com a apresentação; de preferência usando papel de boa qualidade para a impressão e acomodando-o em envelope adequado. Ficam proibidos os erros gramaticais e qualquer tipo de rasura, que causam péssima impressão. É muito comum encaminhá-lo pela internet. Deve haver clareza e objetividade e,

sobretudo, é preciso que todas as informações sejam verdadeiras e comprováveis com documentos.

## **Estrutura do *curriculum vitae***

### **I – Dados pessoais**

Esta parte é a apresentação do seu currículo, que você pode estruturar como se fosse um papel timbrado, colocando na parte superior, à esquerda, seu endereço, CEP, telefones e e-mail. Um pouco abaixo, centralizado na folha, disponha seu nome completo. Esses dados iniciais constituem a primeira página de seu documento, que deve ser escrito em fonte *Times New Roman* ou *Arial*, tamanho 12.

### **II – Experiência profissional**

Coloque as três últimas, na ordem da mais recente até a mais antiga, especificando o período de trabalho e as atribuições do cargo que ocupou.

### **III – Escolaridade**

Este é o espaço reservado para sua formação acadêmica, onde se coloca a última formação, da mais recente para a mais antiga (exemplo: superior completo em Administração de Empresas, nome da instituição, período do curso). Caso tenha pós-graduação, esta deve ser especificada, mas não dispensa a indicação da graduação, pois há empresas que atentam para a instituição em que o candidato se formou.

### **IV – Cursos de aperfeiçoamento**

Disponha apenas os dois mais recentes ou aqueles que têm relação com o cargo almejado.

### **V – Qualificações**

Faça um resumo de suas qualificações e habilidades profissionais, em terceira pessoa gramatical, com descrição, sem vangloriar-se. Exemplos: experiência em gestão de negócios, habilidade para desenvolver trabalho em equipe, boa comunicação verbal, fluência em língua inglesa, entre outros.

## **VI – Objetivos**

Especifique sua pretensão profissional. Exemplos: operador de telemarketing, recepcionista, auxiliar de departamento pessoal, mecânico de manutenção de máquinas, professor de Educação Física, balconista, gerente de recursos humanos.

## **VII — Outros conhecimentos**

Especificar os conhecimentos que julgar válidos para o exercício do cargo almejado, como seu nível de inglês e informática.

## **VIII – Referência profissional**

Este dado pode ser dispensável. Se quiser incluir, coloque duas pessoas que possam validar sua competência profissional, colocando o nome e endereço de contato de uma pessoa de seu último emprego, de preferência seu ex-chefe.

Observação: Não é de bom tom indicar pretensão salarial; deixe isso para a entrevista. Só a indique se a empresa solicitar. Seu currículo não pode exceder duas páginas digitadas. Jamais invente informações para impressionar, para não correr riscos de contradições ou qualquer situação vexatória. A ética profissional é um interessante adjetivo para ingressar em qualquer empresa.

### **Modelo de *curriculum vitae***

**Rua Jaime Paiva Oliver, 2.019**

**Cidade das Flores, Piauí**

**CEP: XXX XXX XXX**

**Telefone: xx xxxx xxxx**

**Correio eletrônico: mahpena@yahoo.com.br**

**Maria Pena Brás de Fonseca**

### **Formação:**

Superior: Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Piauí, em 2001.



Pós-Graduação: Logística Aplicada à Pequena e Média Empresa, pela Faculdade do Piauí, em 2003.

### **Experiência profissional:**

Madeira Norte, Comercial. Serviços prestados: junho de 1999 a dezembro de 2002.

Supervias Engenharia Ltda. Gerente de logística: junho de 2003 a fevereiro de 2010.

### **Resumo das qualificações:**

Experiência em contabilidade da média empresa, balanço financeiro, estratégias de logística avançada e sistemas de auditoria financeira.

### **Informações adicionais:**

Informática Avançada em ambiente Windows e Excel.

Inglês – Leitura, Tradução e Conversação.

### **Áreas de interesse:**

Logística

Setor Financeiro

Setor Administrativo

Piauí, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

## **1.3. Carta de pedido de demissão**

Trata-se de documento manuscrito ou impresso em que um funcionário formaliza ao seu superior o desligamento da empresa. Evite manifestações de descontentamento, preferindo alegar razões particulares e jamais utilize qualquer palavra agressiva, procurando manter a mesma ética com que desempenhou suas

funções. Lembre-se de que você poderá precisar de indicações para seu próximo emprego e que futuramente poderá receber uma proposta para reingressar na mesma empresa.

### **Modelo de carta de pedido de demissão**

Ao Senhor:

Felizberto de Altamires

Diretor-Presidente

Companhia Aérea Voe Bem

Referente: Pedido de Demissão

Eu, Fulano de Tal, funcionário desta conceituada Companhia Aérea, venho respeitosamente solicitar a Vossa Senhoria minha demissão do quadro de funcionários, por motivos particulares, autorizando a empresa a descontar aviso prévio de minhas verbas rescisórias (**ou trocar por: propondo-me a cumprir aviso prévio a partir desta data**). Comunico que minha decisão tem caráter irrevogável.

Respeitosamente,

---

Fulano de Tal

### **1.4. Carta de constituição ou de aquisição de empresa**

Trata-se de um comunicado da nova empresa ou de uma empresa ampliada pela aquisição de outra, endereçado a clientes, fornecedores e prestadores de serviço. Este tipo de carta dispensa, em seu conteúdo, o nome do destinatário, que deverá constar no envelope a ser enviado pelo correio. Os

dizeres da carta são os mais impessoais e genéricos possíveis, devido ao seu alcance diversificado, sendo impresso em razoável quantidade de cópias.

### **Modelo de carta de aquisição de empresa**

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2009.

Prezados Senhores:

É com grande satisfação que comunicamos a aquisição da empresa de moda praia Viva Verão, que virá somar à nossa empresa de vestuário feminino Bela Femina, com a ampliação de nossa sede na Rua das Flores, nº 210, bairro Ipanema.

Em breve, enviaremos à sua loja um de nossos representantes comerciais com mostruário de nossa coleção de verão, para que possam verificar a beleza, modernidade e qualidade de nossos produtos, com informações sobre nossas vantagens comerciais.

Atenciosamente,

---

Maximiniano Mendes

Diretor Comercial

Observação: Você poderá alterar os dados para Carta de Constituição ou Abertura de Empresa.

### **1.5. Carta convite**

Também impressa e de caráter genérico, podendo ser dirigida a diferentes destinatários, como fornecedores, parceiros, clientes e empresas afins. Remetida por meio do correio convencional ou de correio eletrônico, solicitando telefonema para confirmação de presença, para que haja previsão do número

de convidados presentes. Escrita em língua culta e em clima de cordialidade.

### **Modelo de carta convite**

Ouro Preto, 25 de setembro de 2009.

Prezados associados:

Convidamos Vossa Senhoria e Excelentíssima família para o coquetel de reinauguração da nossa Casa de Cultura dos Inconfidentes, situada na Rua da Mineração, sem número. O evento será no dia 19 de outubro próximo, às 19 horas.

Sua presença será, para nós, motivo de grande alegria.

Cordialmente,

---

Diego Tavares de Lima Neto  
Diretor-presidente

### **1.6. Carta de mudança de endereço**

Trata-se de breve comunicado de caráter informativo.

### **Modelo de carta de mudança de endereço**

Itaoca, 25 de março de 2009.

De: Infoline Informática

Para: Multipartes Componentes Eletrônicos

Aos cuidados de: Senhor Astragildo Parmênides, Depto. de Vendas.

Referente a: MUDANÇA DE ENDEREÇO

Prezado Senhor:

Temos a satisfação de informar-lhe que, a partir do dia 10 de abril próximo, estaremos atendendo em novo endereço, na Rua Vergílio de Moraes Peres, nº 119-A, Centro, Itaoca. Comunicamos que atenderemos pelo mesmo número de telefone/fax: (XX) xxxx xxxx e endereço eletrônico: [www.infoline.com.br](http://www.infoline.com.br).

Com novas instalações, em sua próxima visita, teremos o prazer em recebê-lo com mais conforto e melhor padrão de atendimento.

Enquanto o aguardamos, enviamos cordiais saudações.

---

Augusto Sanches de Almeida

Diretor-geral

Observação: Você poderá mudar os termos dessa carta para mudança de telefone, de razão social etc.

### **1.7. Carta de solicitação de pagamento**

É comum, no comércio e na indústria, o atraso de pagamento por parte de clientes, situação essa que pode ser comunicada não só por meio de cobrança pessoal ou telefônica, mas mediante documento escrito enviado pelo correio. Essa correspondência deve ser feita, de preferência, com papel timbrado da empresa cobradora ou com seus dados comerciais digitados na parte superior da folha impressa.

#### **Modelo de carta de solicitação de pagamento ou de cobrança**

Zoraida Cosméticos S.A.

CNPJ xx.xxx.xxx/000x-xx

Avenida dos Inválidos, 396

São Paulo, SP – CEP xx xxx.xxx

A empresa Zoraida Cosméticos S.A., por meio de seu responsável infra-assinado, vem por meio desta notificar a empresa Yamura Perfumaria e Cosméticos Ltda. sobre a falta de recebimento do pagamento referente à venda representada pela Nota Fiscal nº xxx/2009, com débito no valor de R\$ xx.xxx,xx. e que deveria ser paga no dia 20 de março de 2009; portanto, com trinta dias de atraso.

Solicitamos que entrem em contato no período de até 48 horas para regularizar a situação, sob pena de medidas judiciais cabíveis. Se no ato do recebimento desta notificação a empresa já houver quitado o débito pendente, pedimos o favor de desconsiderar esta carta.

São Paulo, 20 de abril de 2009.

---

Ataulfo Bonavita  
Gerente Administrativo  
Zoraida Cosméticos S.A.

## 2. Modelos de carta oficial

A **carta oficial** é qualquer documento padronizado pelo poder público, para circular informações e exigir documentos nos meios públicos ou privados. Toda carta oficial segue um padrão de composição predeterminado, não permitindo expressões subjetivas, palavras figuradas ou criatividade. Trata-se de documento sucinto, claro, escrito em variante culta da língua.

### 2.1. Circular

Circular é uma correspondência interna que se destina a transmitir um aviso aos funcionários de um setor. Normalmente é de autoria do chefe daquele departamento, transmitindo ordens, pedidos,

normas ou mudanças, com vistas a estabelecer comportamentos e condutas comuns àquele grupo.

Sua estrutura deve constar de: papel timbrado ou nome da empresa e departamento na parte superior da folha, número do documento, data (sem o nome da localidade), determinação do assunto (destacado), vocativo, texto (com clareza e objetividade), despedida, assinatura.

### **Modelo de circular**

Recicle e Use Cooperativa de Reciclagem

CNPJ: XX.XXX.XXX/XXXX-XX

Rua dos Igarapés, 97

Porto Alegre, RS

Circular nº 05.2009

Assunto: Feriado de Páscoa

Senhores funcionários:

Comunicamos que na próxima sexta-feira, dia 13 de abril, feriado religioso de Páscoa, não teremos expediente de coleta pública. No sábado, dia 14, haverá expediente normal, seguindo escala de final de semana. Desejo bom descanso a todos.

Atenciosamente,

---

José Alves Mendonça

7 de abril de 2009.

## 2.2. Memorando

Este documento se assemelha à circular por ser um aviso de caráter interno e administrativo, porém estabelece a comunicação entre departamentos, unidades ou setores de uma empresa ou instituição.

Quanto à estrutura, deve ter: número, local e data, assunto, vocativo, texto sintético e claro, despedida e destinatário com seu respectivo cargo. Linguagem culta ou padrão.

### Exemplo de memorando

Memorando 002/2009

São Luís, 25 de janeiro de 2009.

Ao Senhor Chefe do Departamento de Transportes

Assunto: **Desligamento de funcionário**

Com base em pedido de demissão do próprio funcionário Raimundo Alves da Silva, comunicamos que ele foi desligado deste setor, sendo, a partir de amanhã, substituído temporariamente pelo funcionário Benedito de Souza, da fábrica 3, até que contratemos um novo motorista.

Atenciosamente,

---

Diretor de Recursos Humanos

## 2.3. Ofício

Similar ao memorando ou à circular, em sua estrutura de composição, é uma carta entre autoridades de repartições públicas, que ocupam o mesmo cargo, ou de inferiores a superiores de uma hierarquia. Escrita em língua formal; endereçado de uma repartição



a outra ou a particulares. Na empresa privada só é redigido quando se dirige ao serviço público, por exemplo, um ofício de uma escola particular à prefeitura local.

O termo “ofício” deve-se ao papel-padrão ou ofício em que é escrito e tem a seguinte fórmula: papel timbrado ou nome da instituição em destaque na parte superior da folha, local e data, número do documento, vocativo (com a forma de tratamento adequada ao destinatário) e texto sucinto seguido de despedida e assinatura.

### **Modelo de ofício**

Instituto Santa Marcolina

Nova Petrópolis, 16 de setembro de 2009.

Of. Nº 16/2009

Excelentíssimo Senhor Prefeito:

Após passarmos pela reestruturação das nossas instalações, com vistas a melhor acolher nossos educandos, temos a honra de convidá-lo para a cerimônia de inauguração de nosso centro de esportes, no próximo dia 10 de novembro, ocasião em que comemoramos 85 anos da fundação de nossa escola.

Gostaríamos de contar com sua presença para descerrar a placa com o nome de nosso centro esportivo: “Centro Esportivo Bento Gonçalves Diógenes”, nomeado em homenagem ao também ilustre prefeito de nossa cidade, na década de 1940, e colaborador benemérito de nossa instituição.

Atenciosamente,

---

Irmã Natalícia de Assumpção  
Diretora

## 2.4. Requerimento

É uma carta de pedido dirigida a uma pessoa de competência para dar resposta à solicitação, como o chefe de departamento de uma empresa, ou a uma autoridade pública.

Em sua estrutura apresenta: destinatário e indicação do cargo e corpo do texto, com dados do requerente, pedido e sua correspondente justificativa, escrito em terceira pessoa; fechamento, local e data.

### Modelo de requerimento

Ao Ilmo. Sr.

José Mendes Gonçalves

Diretor do IES Belas Artes de Ourinhos

#### REQUERIMENTO

Marcelo Mendonça Paiva, brasileiro, solteiro, portador do documento de identidade número xx.xxx.xxx e do CPF xxx.xxx.xxx-xx, residente e domiciliado na Rua das Árvores, nº 1.119, neste município, aluno regularmente matriculado nesta instituição de ensino superior, RA nº 005.1234, vem respeitosamente requerer a V.Sa. que lhe seja concedida transferência de turno do curso de Artes Plásticas, sexto semestre, turno manhã, para o turno da noite, devido ao convite para estagiar no Museu de Artes de nossa cidade no horário de 8h às 14h, o que impede a frequência acadêmica no período matutino.

Nestes termos, pede deferimento.

---

Marcelo Mendonça Paiva

Ourinhos, 29 de agosto de 2009.

## 2.5. Ata

É o texto que registra os fatos ocorridos em uma reunião, de forma resumida e eficiente, deixando claras as sugestões, resoluções e demais ocorrências. Após assinada por todos os participantes da reunião, a ata é uma prova dos acontecimentos e das decisões tomadas pelo grupo. Não pode haver qualquer modificação posterior e, por esse motivo, não pode haver quebra das linhas pautadas, qualquer forma de espaçamento vertical ou horizontal, nem mesmo marcas de paragrafação, ocupando todo o espaço do papel, de margem a margem. Como é de praxe que seja manuscrita, e por não poder haver rasura, qualquer correção deve ser feita por expressões retificadoras, tais como: “digo”, “ou melhor”, “retifico”, “leia-se”.

Quanto às características estruturais de uma ata, deve-se tomar os seguintes cuidados:

- o texto deve ser escrito de modo contínuo, como um único e longo parágrafo;
- os verbos devem se apresentar no pretérito perfeito do indicativo (*explicou, comentou, advertiu*);
- não pode haver siglas ou abreviaturas;
- o texto deve ser apresentado sem emendas, rasuras ou qualquer tipo de corretivo;
- todos os números (valores, datas e expressões numéricas) devem ser registrados por extenso.

### Modelo de ata

Ata de reunião de professores de Ensinos Fundamental e Médio do Instituto das Irmãs Beneditinas de Itajubá, para decisão sobre o adiamento do período de retorno escolar após férias escolares de julho, do ano de 2009, devido à epidemia de gripe *Influenza A*. Essa reunião foi presidida pela coordenadora pedagógica da escola, senhora Sueli Benevides Machado, e contou com a presença da maior parte da equipe pedagógica do colégio, com exceção do professor

Alfredo José Maia, de Química, e do professor Eliel Machado Pires, de Biologia, que estavam fora da cidade, por motivo de viagem, os quais justificaram a ausência por meio de e-mail endereçado à coordenação pedagógica. Diante da exposição da coordenadora, de que a Vigilância Sanitária aconselhava o adiamento do início das aulas para a segunda quinzena de agosto, a partir da segunda-feira, dia 17, quando já tivesse passado o ápice da epidemia, o grupo entendeu que o melhor a fazer era adotar a medida preventiva, para evitar-se qualquer caso que pudesse comprometer a imagem da escola perante pais, alunos e sociedade; evitando-se que os grupos docente e discente corressem maiores riscos de contaminação. Também ficou decidido na reunião que a volta às aulas seria acompanhada de medidas preventivas, como galões de água e copos descartáveis em substituição dos bebedouros, suporte com álcool gel na entrada de todas as salas de aula, carteiras enfileiradas e com o mapa de salas de aula, determinando local fixo para cada aluno sentar-se, além de palestra elucidativa do professor de Biologia, explicando fatores de contaminação, formas de prevenção e de tratamento. Decidiu-se também a extensão do período de aulas até o dia 22 de dezembro, incluindo provas de recuperação e exame, quando a data inicial planejada seria o dia 7 de dezembro. Não havendo mais nada a tratar, foi lavrada por mim, professora Lúcia Mara de Almeida, assinada por todos os presentes.

(assinatura de todos)

## **2.6. Procuração**

A procuração é o documento que confere a uma pessoa poderes de realizar negócios em nome de outra. Não se deve conferir amplos poderes de decisão a quem quer que seja, mas deve ser especificado no documento quais os poderes que são concedidos a outrem. O texto deve ser redigido em primeira pessoa gramatical, com língua-padrão e os verbos no presente do indicativo, estando o poder da ação objetivamente especificado. Local, data e assinatura do autor da procuração após o encerramento do texto.

## Modelo de procuração

Por este instrumento de procuração, eu, **FULANA DE TAL**, brasileira, solteira, portadora do documento de identidade nº xx.xxx.xxx e do CPF nº xxx.xxx.xxx-xx, residente na avenida Marechal Floriano Peixoto, nº-345, centro, São Caetano do Norte, nomeio e constituo o meu bastante procurador, senhor Beltrano de Tal, brasileiro, casado, advogado, portador do documento de identidade nº-xx.xxx.xxx e do CPF nº-xxx.xxx.xxx-xx, residente e domiciliado na avenida Marechal Floriano Peixoto, 345, a quem confiro todos os poderes para efetivar a minha matrícula na faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, situada na Cidade Universitária, na cidade de São Paulo, podendo assinar todos os documentos necessários, decidir quanto ao turno do curso, bem como providenciar tudo o que for necessário para o cumprimento dessa ação.

Para maior clareza e todos os fins de direito, firmo a presente.

---

FULANA DE TAL

## 2.7. Abaixo-assinado

Este é um documento de iniciativa particular, que manifesta o desejo e o pedido de um grupo, podendo conter reivindicação, ação de solidariedade ou de protesto. Deve apresentar destinatário com sua função, texto contendo o pedido, em terceira pessoa gramatical, local e data e as assinaturas colhidas em folha anexa.

## Modelo de abaixo-assinado

Ilmo. Sr. Diretor do Departamento de Recursos Humanos  
Multiplacas Eletrônicas Asterix Ltda.

Os abaixo-assinados, funcionários dos departamentos de Produção, Vendas, Promoções e *Marketing* e corpo administrativo, vêm solicitar a regularização da entrega de cestas básicas desde

o mês de março de 2009 ao mês corrente, estipulando-se um acordo de entrega de duas por mês para cada funcionário, até que seja quitado o débito da empresa. Solicitamos que a entrega não exceda o quinto dia útil do mês, data do recebimento de salário mensal. Comunica-se que o não atendimento desta reivindicação nos permitirá adoção de medidas legais cabíveis contra a empresa.

São Paulo, 28 de outubro de 2009.

(assinaturas em folhas anexas)



## Quais os critérios de correção de redação no Ensino Médio?

A maneira mais simples de corrigir redação na escola é aquela em que o(a) professor(a) aponta erros de gramática e indica a reescrita de palavras, ou expressões, segundo a norma culta. Após a leitura, ele(a), subjetivamente, estabelece a nota. Entre dez e nove, considera-se o texto excelente; em torno de sete ou oito, uma boa redação, e abaixo de seis, considera-se um texto ruim. Ao receber o texto avaliado, o aluno procura entender em que pontos errou ou acertou e onde pode melhorar.

Respeitando-se os diversos critérios de correção, estabelecemos aqui o modelo que consideramos o ideal ou o mais exato possível e em que os vestibulares modernos se fundamentam. Assim, devem-se considerar cinco critérios, a saber: **tema, gênero (ou tipo de composição), nível de linguagem, coesão e coerência textual**. Cada um desses quesitos deve receber nota em uma escala de zero a dois pontos e assim a nota final seria dez. De preferência, ao final de uma ficha de redação, onde o aluno escreve seu texto, deve haver uma breve planilha com os itens que podem ser considerados em cada quesito e o professor deve assinalar com um "x" aqueles em que foram observadas incorreções ou qualidades. Você encontrará, nas próximas páginas, um modelo de ficha de correção, que pode ser adaptado para suas atividades de produção textual. Para atividades em sala de aula ou com um corretor particular, o ideal é que o avaliador, ao ler um texto, indique os erros, sublinhando-os ou marcando-os com símbolos previamente estabelecidos nas margens da folha, para que o autor (aluno) faça as correções de seus erros. É importantíssimo que o corretor es-



creva um pequeno bilhete com os principais comentários. A esse tipo de correção chama-se *correção textual-interativa*. As redações com notas muito baixas devem ser passadas a limpo, sobretudo com alterações do aluno no plano das ideias, e, então, o corretor fará a segunda avaliação.

## **Dos critérios de avaliação**

Quanto ao **tema**, hoje é comum a proposta de redação oferecer uma coletânea de textos ou textos-estímulo, solicitando que o(a) aluno(a) ou candidato(a) leia e abstraia o assunto específico a ser tratado, para, então, escrever o texto. Algumas instituições, em seguida à coletânea, escrevem a frase temática, o que facilita o trabalho do aluno. Supondo-se que o tema seja “violência urbana” e o aluno escreva sobre violência familiar, tecendo comentários sobre a omissão ou autoritarismo dos pais contra filhos, nota-se que esse aluno não entendeu o tema proposto. Ele deveria escrever sobre as desigualdades sociais, que geram revolta, manifestada por meio de roubos, assaltos, sequestros. Poderia também discorrer sobre violência no trânsito, ineficiência do sistema de segurança e tentativas de soluções a curto e médio prazos. No vestibular, as redações que fogem do tema proposto são eliminadas. Há alunos que abordam parcial ou superficialmente o tema, cometendo alguns desvios que não chegam a comprometer totalmente seu texto, porém a nota final será baixa.

O **gênero** ou **tipo de composição** é a modalidade de texto em que se deve escrever. Normalmente, os vestibulares pedem a dissertação, mas podem propor outras modalidades, como a narração, a carta argumentativa, a crônica, entre outros. Podem até mesmo solicitar uma resenha, como já pudemos constatar nos capítulos desta obra. Se o vestibular estabelece na proposta que se deve escrever dissertação e o candidato produz uma narração; ou se a proposta é carta e o aluno escreve dissertação, sua redação é eliminada.

O tópico **linguagem** avalia o domínio gramatical do texto, observando o respeito à norma culta. Injusta seria a nota em que o corretor descontasse meio ponto para cada erro ortográfico; pois cinco erros já implicariam dois pontos e meio a menos na nota final, extrapolando o conceito dois que deveria ter a soma desse quesito. Avaliam-se não apenas os erros de sintaxe e ortografia, mas também a adequação vocabular, o emprego de tempos e modos verbais e o exagero na coordenação ou subordinação.

A **coesão textual** e a **coerência textual** foram tratadas no **capítulo 3** desta obra. Sucintamente, poderíamos dizer que a primeira trata da combinação sintática das palavras em um texto e a segunda observa a parte semântica, os significados que expressões e períodos ganham dentro daquela produção textual. Quanto à **coesão**, avaliam-se paragrafação, imprecisão sequencial, emprego de preposições, pronomes e conjunções (que são as palavras relacionais), uso de termos sinônimos ou elipse de termos, para evitar repetições, e a forma de transição entre as ideias dos parágrafos. Já no quesito **coerência**, observam-se a adequação dos argumentos à realidade, a progressão lógica de pensamentos, a profundidade ou superficialidade dos pontos de vista, o uso devido de recursos argumentativos (vide **capítulo 4**) e o uso produtivo da intertextualidade (**capítulo 12**).

### **Exemplo de correção de redação**

A seguir, você verá uma proposta de redação seguida da elaboração pelo aluno e a correção pelo professor.

### **Proposta de redação**

Leia o seguinte fragmento:

Mouse ao alto!

**Larápios da internet invadem contas bancárias, vendem produtos que não existem e fazem do Brasil o quarto país do mundo mais contaminado por programas que furtam senhas**

Mensagens irresistíveis, imagens sedutoras e ofertas de produtos arrastam para águas perigosas quem navega na internet e colocam os computadores brasileiros entre os mais infectados do mundo por programas que roubam senhas e vírus que destroem arquivos.

Larápios da internet invadem contas bancárias, vendem produtos que não existem e fazem do Brasil o quarto país do mundo mais contaminado por programas que furtam senhas. Segundo o delegado Carlos Eduardo Sobral, chefe da Unidade de Repressão de Crimes Cibernéticos da Polícia Federal, nas últimas operações da PF de combate a fraudes bancárias e eletrônicas, cerca de 35% dos presos tinham antecedentes por furto e roubo. Ou seja, os ladrões do mundo real estão migrando alegremente para o mundo virtual.

Para o professor Douglas Salane, diretor do Centro de Estudos de Crimes Cibernéticos da Faculdade John Jay de Justiça Criminal, de Nova York, ao mesmo tempo que deve aumentar o número de criminosos e larápios à solta na internet, é igualmente natural que se intensifiquem os cuidados contra as arapucas eletrônicas, e segundo ele, quanto mais as pessoas aprendem a usar a rede, mais difícil fica enganá-las.

(DINIZ, Laura. Revista *Veja*,  
20 de maio de 2009 – Adaptado.)

Faça uma dissertação sobre o tema que se depreende da leitura do texto.

### **Observações:**

- Seu texto deve ser escrito em língua-padrão ou culta.
- Não deve ser escrito em forma de poema (versos).
- Se fizer narração, seu texto não será avaliado.
- A redação deve ter no mínimo 15 e no máximo 30 linhas escritas.
- Não deixe de dar título à sua redação.

## Produção textual de aluno

Disciplina: Redação

Turma: Primeiro Ano do Ensino Médio

Tema: O uso da internet e seus desafios

Aluna: Ana Beatriz

Colégio: I.I.C.- Itapetininga – SP

NOTA: 8,0

### Título: Os perigos da internet

Hoje, como a internet está mais evoluída e muitas pessoas **tem(= têm)** acesso a elas(= ela), fica muito mais fácil os larápios de internet agirem e enganarem as pessoas.

Quando entramos **em(= no)** MSN ou (= em) sites para ver nossos e-mails e até mesmo em sites de jogos, existem propagandas em toda parte do site e muitas pessoas **tem(= têm)** curiosidade e clicam para ver o que tem ali. Mas sempre há vírus que, aos poucos, podem danificar todo nosso computador.

Existem também sites clandestinos de vendas e muitos pensam que **é (= são)** de confiança e já vão comprando milhões de coisas, até passam o site para todos que **conhece (= conhecem)**, mas sempre se **dá (= dão)** mal no final, pois esses criadores de sites, para realizar a compra, é preciso do número do cartão do banco e com isso podem conseguir roubar senhas e sacar todo dinheiro do seu banco.

Os internautas correm muitos outros perigos, além de infectarem seus computadores com vírus ou caírem em armadilhas de bancos e compras fantasmas, como iniciar um namoro com alguém que não existe, mas se trata de alguém que inventou uma personalidade. Ou crianças podem ser vítimas de pedofilia e famosos podem ter sua vida íntima exposta, até com montagens de fotos comprometedoras.

Nós deveríamos ficar mais atentos em relação à internet, pois não sabemos quem está por trás de tudo, sempre devemos ver se as coisas (?) em que **mechemos (= mexemos)** são de confiança e se **é recomendado (são recomendadas)** por outras pessoas.

### **Comentários do corretor:**

Ana Beatriz,

Você fez um bom texto, considerando o desenvolvimento, mas poderia aprofundar seus argumentos na introdução, que é a tese, onde você deve expor seu ponto de vista principal; e essa parte ficou incompleta. Já que é fácil ser enganado pela internet, isso implica que cuidados do usuário?

Atente para a correção dos erros gramaticais, sobretudo de concordância, e evite repetições, que deixam trechos monótonos, cansativos. As palavras repetidas estão sublinhadas.

Releia o trecho sublinhado no terceiro parágrafo, com imprecisão na sequência de ideias. Mude a ordem dos argumentos.

Evite a palavra “coisas”, que tem significação ampla. Escolha um termo mais preciso: sites, meios eletrônicos.

### **Ficha de correção:**

#### **CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO**

##### **Quanto ao tema: 2,0**

- ( ) fuga do tema
- ( ) transcrição ou paráfrase da coletânea
- ( ) abordagem parcial do tema
- ( ) desprezo da coletânea
- ( x ) abordagem adequada do tema
- ( x ) utilização adequada da coletânea

( x ) contribuição pessoal

**Quanto ao gênero ou composição: 1,5**

( ) fuga total à tipologia proposta

( ) fuga parcial à tipologia proposta

( ) incomunicabilidade

( x ) atendimento ao gênero, mas com falhas de estrutura

( ) estilo pobre

( ) atendimento ao gênero, sem utilização total de seus recursos

( ) atendimento adequado à solicitação

( x ) boa comunicabilidade

**Quanto à linguagem: 1,5**

( x ) inadequação vocabular

( ) insuficiência vocabular

( ) registro linguístico não apropriado

( x ) concordância

( ) regência/crase

( ) tempos e modos verbais

( ) exagero na subordinação

( x ) ortografia

( x ) pontuação

( ) acentuação

( ) adequação vocabular e gramatical

**Quanto à coesão: 1,5**

( ) paragrafação inadequada

( ) períodos longos

( ) trechos fragmentados

( ) inadequação no emprego de preposições e conjunções

- ( x ) imprecisão sequencial
- ( ) generalizações
- ( x ) repetições
- ( ) mau emprego de pronomes
- ( ) problemas de estética
- ( ) ausência de título
- ( x ) uso adequado dos elementos de coesão
- ( ) transcrição correta entre ideias de períodos e parágrafos

**Quanto à coerência: 1,5**

- ( ) falta de adequação à realidade
- ( ) falta de coerência entre as ideias
- ( ) ambiguidade
- ( ) falta de profundidade : ( x ) argumentativa ( ) expositiva
- ( ) prolixidade
- ( ) profundidade argumentativa ( ) profundidade expositiva
- ( x ) seleção adequada de argumentos
- ( x ) ordenação e progressão de ideias
- ( ) uso do recurso da intertextualidade

**TEMA 1 – (UFSCar-SP)**

Tales Ebner/Creative Commons



Torcida Gaviões da Fiel, do Corinthians. Partida do Campeonato Paulista de 2008 entre São Paulo e Corinthians no estádio Cícero Pompeu de Toledo, conhecido como Morumbi. Um dos mais importantes clássicos brasileiros. Placar final de 0 a 0. Visão da torcida corintiana.

**Texto I**

O estudante Antonio dos Santos Veiga, o Tuca, de 20 anos, não sabe explicar como os versos lhe vieram à cabeça. Mas a música, composta em menos de cinco minutos, durante uma caminhada pelas ruas da Vila Madalena, em São Paulo, virou hino informal de uma das maiores torcidas do Brasil. O grito: “Aqui tem um bando de louco, louco por ti Corinthians” marcou o apoio dos torcedores ao time em um momento difícil — o rebaixamento para a segunda divisão no Campeonato Brasileiro de 2007.

Tuca contou com a ajuda de um colega para divulgar o hino. Cantavam no ônibus, na volta dos jogos, ou na fila para comprar ingresso para as partidas. Até que conseguiram con-

venecer a torcida organizada a puxar o grito. A primeira vez foi em março de 2007, no estádio do Pacaembu, durante o intervalo de Corinthians e Pirambu, clube sergipano. “No começo, éramos eu e meu amigo gritando. Quando o time voltou do intervalo, o estádio inteiro estava cantando”, afirma o estudante. [...]

O neurocientista americano Daniel Levitin, que trabalhou para grandes estrelas da música pop, lança uma teoria polêmica em seu livro mais recente, *The World in Six Songs* (O Mundo em Seis Canções), publicado em agosto nos Estados Unidos e ainda sem edição brasileira. Ele afirma que seis tipos de música influenciaram a evolução humana: de amizade, de alegria, de confortos, religiosa, de amor e de conhecimento. “O poder da música foi capaz de mudar culturas”, disse a *Época*. Canções como as de conforto, que dão apoio em momentos difíceis, e de alegria, que ajudam a motivar, são duas das categorias. “Foram as seis maneiras que



nostros ancestrais usaram para se comunicar que moldaram a natureza humana”, diz. [...]

Levitin sustenta que todas as canções, não importa em que categoria se encaixem, ajudaram o cérebro a exercitar habilidades imprescindíveis à sobrevivência de nossos antepassados. Ao transformar um sentimento ou informação em música, entra em ação a capacidade de abstração e de imaginação. E a melodia entretém o cérebro em um jogo de adivinhação (algo como “que nota vem depois desta?”). Quando acertamos, nos sentimos recompensados. Por isso, ouvir música é tão bom. Essa brincadeira de adivinhação teria ajudado a desenvolver a capacidade de antever cenários e conferido uma vantagem evolutiva aos humanos com tal aptidão. “Nós não gostamos de música porque ela é bonita”, escreve Levitin. “Nós a achamos bonita porque os primeiros humanos que fizeram bom uso dela foram os mais bem-sucedidos em sobrevivência e reprodução.”

(*Época*, 05.08.2008)



Lang Lang

## Texto II

O pianista Lang Lang, de 26 anos, foi um dos grandes vencedores da Olimpíada de Pequim. Lang, claro, não participou das competições, mas firmou-se no papel de ícone da nova China. Na cerimônia de abertura, tocou num horrendo piano branco (sugestão do cineasta e diretor do espetáculo, Zhang Yimou, para quem a cor branca simbolizaria o futuro do país). Durante a festa de encerramento, atuou como comentarista em várias emissoras de TV do exterior. Lang destacou-se em meio a 1,3 bilhão de chineses, tocando música erudita, um gênero que nos tempos de Mao Tse-Tung era tido como “decadente”. Faz cerca de 120 concertos por ano a um cachê médio de 50.000 dólares (quantia que pode aumentar até cinco vezes, dependendo de quem o contrata). Mora em Nova York, tem uma coleção de carros de luxo e atua como garoto-propaganda de celulares, canetas e carros esporte. Ainda assim, é um orgulho da China comunista. “Estamos em meio a outra revolução cultural, mas uma revolução cultural do bem”, diz o pianista, em entrevista exclusiva a *Veja*.

(*Veja*, 10.08.2008)



Machado de Assis

### Texto III

Aos cinco e seis anos, Ezequiel não parecia desmentir os meus sonhos da praia da Glória; ao contrário, adivinhavam-se nele todas as vocações possíveis, desde vadio até apóstolo. [...]

Gostava de música, não menos que de doce, e eu disse a Capitu que lhe tirasse ao piano o pregão do preto das cocadas de Matacavalos...

— Não me lembra.

— Não diga isso; você não se lembra daquele preto que vendia doces às tardes...

— Lembra-me de um preto que vendia doce, mas não sei mais a toada.

— Nem das palavras?

— Nem das palavras.

A leitora, que ainda se lembrará das palavras, dado que me tenha lido com atenção, ficará espantada de tamanho esquecimento, tanto mais que lhe lembrarão ainda as vozes da sua infância e adolescência; haverá olvidado algumas, mas nem tudo fica na cabeça. Assim me replicou Capitu, e não achei tréplica. Fiz, porém, o que ela não esperava; corri aos meus papéis velhos. Em São Paulo, quando estudante, pedi a um professor de música que me transcrevesse a toada do pregão; ele o fez com prazer (bastou-me repetir-lho de memória), e eu guardei o papelinho; fui procurá-lo. Daí a pouco interrompi um romance que ela tocava, com o pedacinho de papel na mão. Expliquei-lhe; ela teclou as dezesseis notas.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*)

**TAREFA:** Escreva um texto dissertativo que tenha como título: A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA VIDA DAS PESSOAS.

**TEMA 2 – Unesp-SP**

**INSTRUÇÃO:** Leia atentamente os textos seguintes.

### Depois daquele beijo

Fábio Cordeiro, 27 anos, seis de profissão, é um *paparazzo* que pelo menos três vezes por semana frequenta a praia do Leblon em busca de celebridades

para fotografar. O Rio de Janeiro é uma espécie de *Hollywood* brasileira, em parte por abrigar os artistas da Rede Globo, só que com belas praias, o que deixa as pessoas naturalmente mais expostas. Naquela sexta-feira, 25 de fevereiro, Cordeiro não precisou esperar muito — às vezes faz plantão de até oito horas. Uma babá deu a dica. Chico (Buarque de Hollanda) estava na área e ela também queria fotografá-lo. Ele ficou observando o cantor tirar o tênis, cumprimentar uma moça e ir para o mar. Logo em seguida, a moça mergulhou, eles conversaram, se abraçaram, se beijaram e saíram da água de mãos dadas. E o fotógrafo registrou tudo. “Invasão de privacidade é quando você tem que vencer um obstáculo ou entrar em propriedade privada.”

Ao lado de Cordeiro há opiniões de peso. Edson Vidigal, presidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ), diz que, realmente, o fato de uma pessoa pública ser fotografada em local público não caracteriza invasão de privacidade. Ele cita o Carnaval de 1994, em que a modelo Lilian Ramos foi fotografada sem calcinha ao lado do presidente Itamar Franco. Vidigal adverte que fotos tiradas por cima de muros, com teleobjetivas, estas sim, são claras violações de privacidade. Antônio Carlos de Almeida Castro, um dos mais conhecidos advogados de Brasília, lembra que não há diferenças entre pessoas famosas e desconhecidas em lugares públicos. “Se um casal é flagrado junto num jogo de futebol, e outros não poderiam saber, trata-se de uma infelicidade, e não de violação de privacidade.”

(Isto É, 16.03.2005)

### Sob o olhar do Twitter

Um serviço de mensagens rápidas desafia hábitos de comunicação e reinventa o conceito de privacidade

(Ivan Martins e Renata Leal)

Vivemos a era da exposição e do compartilhamento. Público e privado começam a se confundir. A ideia de privacidade vai mudar ou desaparecer.

O trecho acima tem 140 caracteres exatos. É uma mensagem curta que tenta encapsular uma ideia complexa. Não é fácil esse tipo de síntese, mas dezenas de milhões de pessoas o praticam diariamente. No mundo todo são disparados 2,4 trilhões de SMS por mês, e neles cabem 140 toques ou pouco mais. Também é comum enviar e-mails, deixar recados no Orkut, falar com as pessoas pelo MSN, tagarelar no celular, receber chamados em qualquer parte, a qualquer hora. Estamos conectados. Superconectados, na verdade,

de várias formas. Há 1,57 bilhão de pessoas que usam a internet e 3,3 bilhões com celulares — e as duas redes estão se fundindo. Há uma nova sintaxe em construção, a das mensagens. Práticas da internet migraram para o mundo do celular e coisas do mundo do celular invadiram a rede de computadores. A difusão de informação digital iniciada pela *web* em 1995 está se aprofundando e traz com ela mudanças radicais e de costumes. As pessoas não param de falar e não querem parar de receber. Elas querem se exibir e querem ver. Tudo.

O mais recente exemplo da demanda total de conexão e de uma nova sintaxe social é o Twitter, o novo serviço de troca de mensagens pela internet. Criado em 2006, decolou no ano passado e já tem 6 milhões de usuários no mundo. O Twitter pode ser entendido como uma mistura de blog e celular. As mensagens são de 140 toques, como os torpedos dos celulares, mas circulam pela internet como os textos de blogs. Em vez de seguir para apenas uma pessoa, como no celular ou no MSN, a mensagem do Twitter vai para todos os “seguidores” — gente que acompanha o emissor. [...]

Outro aspecto do Twitter que provoca controvérsia é a invasão da privacidade. As conversas que se travam no serviço são publicadas. Basta registrar como seguidor de alguém (não é preciso autorização) para acompanhar as conversas. Mas qualquer pessoa pode ler a página de alguém no Twitter sem ter uma conta. Coisas pessoais acabam tornadas públicas, de maneira talvez ingênua. “Aqueles que não entendem suas vidas públicas *on-line* estarão um dia à mercê daqueles que entendem e sabem como cavar aquelas maravilhosas histórias que as pessoas estão deixando na internet”, diz (John) Grohol (psicólogo americano). Essa é uma questão que não tem o mesmo valor para diferentes gerações. É possível que os adolescentes e jovens de hoje se arrependam de seus perfis abertos no Twitter e no Orkut. Mas é possível, também, que eles construam uma nova relação com suas *personas* digitais, uma relação muito mais aberta e permissiva do que a geração anterior seria capaz de admitir. A nova ideia de privacidade em construção convive com o exibicionismo e o voyeurismo da rede.

(*Época*, 16.03.2009)

### Proposta de redação:

Nos textos da Prova de Língua Portuguesa, focaliza-se, de maneira direta, o interesse pela vida alheia. De modo semelhante, nos dois textos de apoio, transcritos nesta parte, o conteúdo aponta para o gosto de invadir a privacidade.

Levando em consideração as ideias expressas nesses textos e sua própria experiência, escreva uma redação, no gênero dissertativo, sobre o seguinte tema: A TECNOLOGIA E A INVASÃO DE PRIVACIDADE

### TEMA 3 – FGV-SP

#### Instruções:

A banca aceitará qualquer posicionamento ideológico.

Para avaliar a redação, serão considerados, principalmente:

- o conhecimento de fatos necessários ao desenvolvimento do texto; por exemplo, de História, de Geografia e da realidade atual;
- a correta expressão em língua portuguesa;
- a clareza, a concisão, a coesão e a coerência;
- a capacidade de argumentar.

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgados em setembro de 2008 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que a taxa de fecundidade do país apresenta uma forte tendência de queda na história recente. Em 1960, essa taxa era de 6,3 filhos por mulher e, em 2006, chegou a 1,8 filho por mulher, fato que era esperado apenas para alguns anos mais tarde.

Como reflexo dessa queda, ocorreram algumas alterações na pirâmide etária brasileira: entre 1992 e 2007, as faixas etárias de 0 a 9 e de 10 a 17 anos reduziram-se, respectivamente, 6,2 e 3,3%. Por outro lado, as faixas etárias entre 40 e 60 anos e acima de 60 anos aumentaram, respectivamente, 6,1 e 2,7%.

Elabore uma redação reflexiva, considerando os fatores sociais, econômicos e culturais que podem ajudar a explicar esse fenômeno demográfico. Ao final, reflita sobre possíveis consequências, supondo que persista a tendência de queda no índice de fertilidade.

### TEMA 4 – PUC-SP

#### Uma outra face da extinção

A morte dos corais, causada pela poluição, ameaça 2 milhões de espécies nos oceanos

Você já ouviu falar de efeito estufa, aquecimento global, comprometimento da biodiversidade, mas você já pensou de que forma tudo isso está interferindo também no fundo do mar? Leia atentamente os trechos a seguir e construa um texto dissertativo-argumentativo que apresente ao leitor iniciativas para minimizar a ação lesiva do homem sobre o meio ambiente e a quem ou o que poderá/poderão viabilizar essas saídas.

Os recifes de corais, apreciados por sua beleza e profusão de cores, têm um papel fundamental para os oceanos. Estima-se que sirvam de abrigo para 2 milhões de espécies de peixes, moluscos, algas e crustáceos — um quarto de toda a vida marinha. Tamanha biodiversidade só encontra paralelo nas florestas tropicais.

Há tempos os cientistas observam com apreensão a degradação e a morte dos corais em diversas regiões do planeta, como o Caribe e a Indonésia. A saúde dos mares depende dos corais.

Como se não bastassem os males do efeito estufa, a ação direta do homem também tem consequências nefastas para os corais. Os resíduos provenientes do esgoto e do lixo das cidades litorâneas ou de fertilizantes utilizados na agricultura provocam proliferação de vários tipos de alga que competem com os corais e os asfixiam. A pesca predatória — sobretudo com o uso de dinamite, como ocorre na Ásia, ou com redes pesadas — reduz grandes áreas dos recifes a ruínas. A construção de *resorts* em zonas litorâneas também coloca os corais em risco. “O surgimento dessas zonas hoteleiras acaba incentivando a depredação dos recifes para a comercialização de pedaços de corais usados com souvenir e peça ornamental”, diz o oceanógrafo David Zee, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, especialista em ecossistemas urbano-costeiros.

*(Lenta agonia sob as águas*

Disponível em <http://www.submundodive.com.br/mergulho/noticias-200>. Acesso em: 2 jun 2009.)

### **Importante para a proposta:**

Passe a limpo, à tinta, sua redação, no espaço a ela destinado. O rascunho não será considerado. Seu trabalho será avaliado de acordo com os seguintes critérios: espírito crítico, adequação do texto ao desenvolvimento do tema, estrutura textual compatível com o texto dissertativo-argumentativo e emprego da norma culta. A redação terá nota zero caso haja fuga total ao tema e será desclassificado o candidato que zerar na redação.

### **TEMA 5 – Fatec-SP**

Leia os textos que seguem. Eles permitem reflexões iniciais sobre o tema proposto para a redação.

### **Lei Seca pune motorista até no Second Life**

A lei que proíbe motoristas de dirigir após beber qualquer quantidade de álcool ganhou versão no mundo 3D.

Trata-se de um aplicativo desenvolvido pela fundação Mapfre, que, entre outros negócios, explora seguros para carros, e criou um simulador no Second Life para comparar os efeitos de dirigir sóbrio ou sob o efeito de álcool.

Segundo os criadores do sistema, a pista de testes registra uma média diária de 6,2 mil visitantes e já recebeu meio milhão de avatares desde sua estreia. Na pista, localizada na ilha Brasil Corporativo, os avatares podem dirigir carros ou bicicletas selecionando a opção sóbria ou sob efeito de álcool.

A Mapfre explica que a intenção do serviço é educar os motoristas. Ao cometer infrações por estar bêbado no Second Life, o avatar é informado das punições a que ele estaria sujeito fora do mundo virtual.

(ZMOGINSKI, Felipe. *Plantão Info*. In: <http://info.abril.com.br/aberto/infonews>. 16/07/2008. Adaptado.)

### **Lei proíbe fumar charuto em restaurantes**

Fumar charutos, cigarrilhas e cachimbos em bares ou restaurantes da cidade de São Paulo está proibido desde ontem, exceto nos estabelecimentos que tiverem uma área exclusivamente destinada para a finalidade e com sistema de contenção da fumaça no ambiente. A restrição vale inclusive nos atuais espaços para fumantes, que, segundo essa lei, devem ser destinados apenas a quem fuma cigarros comuns.

O descumprimento da lei prevê uma multa de dez UFM (Unidade Fiscal do Município), equivalente hoje a R\$ 872,00, ao estabelecimento e ao cliente. A responsabilidade pela fiscalização será das subprefeituras.

(IZIDORO, Alencar; BALAZINA, Afra. *Folha de S. Paulo*.)

### **São Paulo já tem lei do silêncio mais rigorosa**

A prefeitura de São Paulo vai tornar mais rigoroso o Psiu (Programa de Silêncio Urbano), que, a partir de agora, vai fiscalizar o ruído vindo da construção civil. A nova lei de zoneamento da capital, que entrou em vigor no último dia 3, estabelece que o programa também deve medir os decibéis liberados por obras. Além disso, o Psiu passa a fiscalizar casas onde haja qualquer tipo de atividade profissional. Mas os critérios que nortearão a vistoria ainda não foram definidos.

(LAGE, Amarilis. *Folha de S. Paulo*.)

### **Proposta:**

Redija um texto dissertativo em que se discuta a proibição como forma de se organizar uma comunidade e os efeitos disso na vida dos cidadãos.

### **Instruções:**

- 1.** Dê um título à sua redação.
- 2.** Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para sustentar suas ideias e ponto de vista.
- 3.** Empregue em seu texto apenas a variedade culta da Língua Portuguesa.
- 4.** Não copie nem parafraseie os textos dados.
- 5.** O texto não deve ser escrito em forma de poema ou versos.
- 6.** Redação em folha própria e à tinta.





## O que é o Enem?

Ao longo desta obra, entre os testes de interpretação de texto, o leitor se deparou com questões do Enem, que significa Exame Nacional do Ensino Médio, uma proposta criada pelo Ministério da Educação e Cultura, na década de 1990, com a finalidade de fazer uma avaliação global quanto ao desempenho dos estudantes ao final dos 11 anos que constituem a formação básica.

Nos últimos anos, o Enem tem sido utilizado como critério de seleção para estudantes que pretendem conseguir bolsa no Programa do Governo, denominado "Programa Universidade para Todos" (ProUni). Além disso, centenas de universidades no país, entre públicas e particulares, consideram o resultado desse exame um dos critérios de seleção para o Ensino Superior.

A novidade, a partir de 2009, é que o Enem passou a ser adotado como única forma de seleção para algumas universidades públicas federais e isso fez o exame passar por uma reestruturação. Atualmente, o exame é composto de 180 questões objetivas (testes), aplicadas em dois dias consecutivos, sendo 45 questões de cada uma das **quatro grandes áreas** do conhecimento: **ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e suas tecnologias, linguagens, códigos e suas tecnologias e matemática e suas tecnologias**. Há também uma proposta de redação, que consiste na elaboração de um texto dissertativo.

A proposta principal é elaborar uma avaliação voltada à solução de problemas e, em médio prazo, centralizar os exames seletivos, como forma de democratizar o acesso a todas as universidades. O novo Enem mantém a característica de ser uma prova voluntária. Podem fazer os alunos concluintes de Ensino Médio e pessoas

que terminaram esse nível de ensino nos anos anteriores. A prova também passou a ter validade para a certificação de conclusão do Ensino Médio, desde que o estudante comprove ter 18 anos, no mínimo, na data em que faz a prova.

É também de 2009 a alteração dos valores das notas na prova, que será por meio da Metodologia da Teoria da Resposta ao Item (TRI), considerando o grau de dificuldade das questões, ou seja, as questões mais difíceis valem mais do que as menos complexas.

A prova, como um todo, continua dando prioridade à capacidade de interpretação de texto dos alunos, sendo estruturada para a avaliação de habilidades, que incentiva a produção de raciocínios e traz questões que medem o conhecimento dos alunos por meio do enfoque interdisciplinar.

São avaliadas **cinco competências: domínio de linguagem, compreensão de fenômenos, enfrentamento de situações-problema, construção de argumentos e elaboração de propostas**. Dentro das referidas competências, são inferidas as correspondentes habilidades. A seguir, faremos um breve estudo daquelas que são específicas da **área de linguagens, códigos e suas tecnologias**.

Veja a seguir os critérios adotados pelo Enem, estabelecidos pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) — órgão do MEC (Ministério da Educação e da Cultura) responsável pelo exame, aos quais o leitor deve ficar atento para resolver as questões de **linguagens, códigos e suas tecnologias**.

## **Como o Enem avalia a área de linguagens, códigos e suas tecnologias**

Nesta área do conhecimento, o aluno deverá ser capaz de:

**I – “Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida”.**

Cumpra ao(à) estudante entender que os sistemas de comunicação fazem uso de diferentes linguagens para cumprir determinadas funções sociais, como informar, esclarecer e até mesmo persuadir, sendo dever do cidadão ter posição crítica sobre as informações veiculadas por tais sistemas, além de reconhecer sua importância.

### **Exemplo 1 – Questão Enem 2009 (prova teste)**

Cada um dos três séculos anteriores foi dominado por uma única tecnologia. O século XVIII foi a época dos grandes sistemas mecânicos que acompanharam a Revolução Industrial. O século XIX foi a era das máquinas a vapor. As principais conquistas do século XX se deram no campo da aquisição, do processamento e da distribuição de informações. Entre outros desenvolvimentos, vimos a instalação de redes de telefonia em escala mundial, a invenção do rádio e da televisão, o nascimento e crescimento sem precedentes da indústria de informática e o lançamento de satélites de comunicação.

(TANEBAUM, Andrew S. *Redes de computadores*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.)

A fusão dos computadores e das comunicações teve profunda influência na organização da sociedade, conforme se verifica pela afirmação:

- a) a abrangência da internet não impactou a sociedade como a revolução industrial.
- b) o telefone celular mudou o comportamento social, mas não impactou na disponibilidade de informações.
- c) A invenção do rádio foi possível com o lançamento de satélites que proporcionam a transposição de fronteiras.
- d) A televisão não atingiu toda a sociedade devido ao alto custo de implantação e disseminação.

- e) As redes de computadores, nos quais os trabalhos são realizados por grande número de computadores separados, mas interconectados, promoveram a aproximação de pessoas.

**Resposta:** E

**Comentário:** A afirmativa do enunciado assegura que houve **profunda influência** dos computadores e sistemas de comunicação na sociedade. Logo, eliminam-se as alternativas *a*, *b* e *d*. Sabendo-se que a invenção do rádio não foi concomitante com o lançamento de satélites, o candidato, com toda certeza, deveria optar pela letra *e*, que valoriza as redes de computadores como meio de aproximação das pessoas.

### **Exemplo 2 – Questão Enem 2009 (prova oficial)**

A partir da metade do século XX, ocorreu um conjunto de transformações econômicas e sociais cuja dimensão é difícil de ser mensurada: a chamada explosão da informação. Embora essa expressão tenha surgido no contexto da informação científica e tecnológica, seu significado, hoje, em um contexto mais geral, atinge proporções gigantescas.

Por estabelecerem novas formas de pensamento e mesmo de lógica, a informática e a internet vêm gerando impactos sociais e culturais importantes. A disseminação do microcomputador e expansão da internet vêm acelerando o processo de globalização tanto no sentido do mercado quanto no sentido das trocas simbólicas possíveis entre sociedades e culturas diferentes, o que tem provocado e acelerado o fenômeno de hibridização amplamente caracterizado como próprio da pós-modernidade.

(FERNANDES, M. F.; PARÁ, T. A contribuição de novas tecnologias da informação na geração de conhecimento.

Disponível em: <http://www.coep.ufrj.br>.

Acesso em: 11 ago. 2009 – Adaptado.)

Considerando o novo contexto social e econômico aludido no texto apresentado, as novas tecnologias de informação e comunicação:

- a) desempenham importante papel, porque sem elas não seria possível registrar acontecimentos históricos.
- b) facilitam os processos educacionais para ensino de tecnologia, mas não exercem influência nas ciências humanas.
- c) limitam-se a dar suporte aos meios de comunicação, facilitando sobretudo os trabalhos jornalísticos.
- d) contribuem para o desenvolvimento social, pois permitem o registro e a disseminação do conhecimento de forma democrática e interativa.
- e) estão em estágio experimental, particularmente na educação, área em que ainda não demonstram potencial produtivo.

**Resposta:** D

**Comentário:** O estudante atento eliminaria a letra a logo de início, pois é impertinente afirmar que não há registros históricos antes da tecnologia da informação. Outra afirmativa absurda é a letra e, pois uma tecnologia que surgiu na segunda metade do século XX não pode ser ainda experimental em pleno século XXI. As afirmativas b e c sugerem que as tecnologias limitam-se a certas áreas e o texto afirma: "A disseminação do microcomputador e expansão da internet vêm acelerando o processo de globalização tanto no sentido do mercado quanto no sentido das trocas simbólicas possíveis entre sociedades e culturas diferentes". Logo a afirmativa correta é, sem dúvida, a letra d, pelo seu caráter mais abrangente.

**II – "Compreender e usar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora social e formadora da identidade".**

A linguagem corporal deve ser reconhecida como elemento integrante da vida cotidiana de um grupo social, elemento esse

sujeito a mudanças, de acordo com as necessidades momentâneas de cada faixa etária ou classe social. Deve-se também reconhecer que se trata de um meio de interação social.

### **Exemplo 3 – Questão Enem 2009 (prova teste)**

O convívio com outras pessoas e os padrões sociais estabelecidos moldam a imagem corporal na mente das pessoas. A imagem corporal idealizada pelos pais, pela mídia, pelos grupos sociais e pelas próprias pessoas desencadeia comportamentos estereotipados que podem comprometer a vida. A busca pela imagem corporal perfeita tem levado muitas pessoas a procurar alternativas ilegais e até mesmo nocivas à saúde.

(*Revista Corpociência*. Fefisa, v. 10, n. 2, Santo André, jul/dez 2006 – Adaptado.)

A imagem corporal tem recebido grande destaque e valorização na sociedade atual. Como consequência:

- a) a ênfase na magreza tem levado muitas mulheres a depreciar sua autoimagem, apresentando insatisfação crescente com o corpo.
- b) as pessoas adquirem a liberdade para desenvolver seus corpos de acordo com critérios que elas mesmas criam e recebem pouca influência do meio em que vivem.
- c) a modelagem corporal é um processo em que o indivíduo observa o comportamento de outro, sem, contudo, imitá-lo.
- d) o culto ao corpo produz uma busca incansável, trilhada por meio de árdua rotina de exercícios, com pouco interesse no aperfeiçoamento estético.
- e) o corpo tornou-se um objeto de consumo importante para as pessoas criarem padrões de beleza que valorizam a raça a qual pertencem.

**Resposta:** A

**Comentário:** O texto base para o desenvolvimento da questão aborda as pressões da sociedade para que o indivíduo busque a perfeição estética e assim muitos são levados a práticas que chegam a ser nocivas à saúde. Logo, a alternativa que melhor cabe para complementar o raciocínio apresentado é a de letra a. As demais alternativas não comentam os excessos que se praticam em nome da beleza.

### **III – “Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade”.**

O(a) candidato(a) deve reconhecer a importância do artista e valorizar a arte como forma de expressar os padrões culturais de um período de tempo, capaz de nos proporcionar, por meio da sensibilidade, o conhecimento de uma época anterior ou do próprio momento em que vive, levando-os a refletir sobre padrões de beleza, valores sociais e morais.

De sua formação mediana, o Enem espera que o(a) estudante saiba reconhecer estilos artísticos de diferentes períodos da história da humanidade, tais como Renascimento, Barroco entre tantos outros; mas, sobretudo, as artes populares e as artes das vanguardas (a partir das primeiras décadas do século XX), que melhor refletem os padrões do mundo contemporâneo.

#### **Exemplo 4 – Questão Enem 2009 (prova teste)**

Folclore designa o conjunto de costumes, lendas, provérbios, festas tradicionais/populares, manifestações artísticas, em geral, preservado por meio da tradição oral, por um povo ou grupo populacional. Para exemplificar, cita-se o frevo, um ritmo de origem pernambucana surgido no início do século XIX. Ele é caracterizado pelo andamento acelerado e pela dança peculiar, feita de malabarismos, rodopios e passos curtos, além do uso, como parte da indumentária, de uma sombrinha colorida, que permanece aberta durante a coreografia.



As manifestações culturais citadas a seguir que integram a mesma categoria folclórica descrita no texto são:

- a) bumba meu boi e festa junina.
- b) cantiga de roda e parlenda.
- c) saci-pererê e boitatá.
- d) maracatu e cordel.
- e) catira e samba.

**Resposta:** E

**Comentário:** Nesta questão, o aluno deveria reconhecer todas as manifestações culturais descritas nas alternativas e, então, concluir que a única alternativa que apresenta duas manifestações artísticas que envolvem dança, música e coreografia é a letra e, samba e catira.

#### **Exemplo 4 – Questão Enem 2009 (prova oficial)**

##### **Cuitelinho**

Cheguei na bera do porto  
Onde a onda se espaia  
As garça dá meia volta,  
Senta na bera da praia.  
E o cuitelinho não gosta  
Que o botão da rosa caia.

Quando eu vim da minha terra,  
Despedi da parentaia.  
Eu entrei em Mato Grosso,  
Dei em terras paraguaia.  
Lá tinha revolução,  
Enfrentei fortes bataia.

A tua saudade corta  
Como o aço de navaia.  
O coração fica aflito,  
Bate uma a outra faia.  
E os oio se enche d'água  
Que até a vista atrapaia.

(Folclore recolhido por Paulo Vanzolini e Antonio Xandó. BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*. São Paulo: Parábola, 2004.)

Transmitida por gerações, a canção *Cuitelinho* manifesta aspectos culturais de um povo, nos quais se inclui sua forma de falar, além de registrar um momento histórico. Depreende-se disso que a importância em preservar a produção cultural de uma nação consiste no fato de que produções como a canção *Cuitelinho* evidenciam a:

- a) recriação da realidade brasileira de forma ficcional.
- b) criação neológica na língua portuguesa.
- c) formação da identidade nacional por meio da tradição oral.
- d) incorreção da língua portuguesa que é falada por pessoas do interior do Brasil.
- e) padronização de palavras que variam regionalmente, mas possuem o mesmo significado.

**Resposta:** C

**Comentário:** Como sempre, o Enem valoriza a cultura popular e regional, neste caso por meio de uma canção popular com a típica linguagem coloquial, aqui destacada como elemento caracterizador dessa cultura. Sem dúvida, o gabarito é a letra c.

**IV – “Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção”.**

É de grande importância que o leitor faça uma revisão dos capítulos iniciais desta obra: “Texto, Unidade de Sentido” (capítulo 1) e “Texto Literário e Não Literário” (capítulo 2), para rever estratégias de interpretação e observar as diferenças entre o texto literário e o de caráter informativo; pois o primeiro exige maior atenção pela sua linguagem figurada. É preciso ater-se às considerações feitas no capítulo inicial sobre “Texto e Contexto”, pois o(a) autor(a) manifesta na obra a sua forma de ver o contexto do momento em que o escreve ou de outro momento histórico que coloca em discussão na narrativa.

### **Exemplo 5 – Questão Enem 2009 (prova teste)**

Ó meio-dia confuso,  
ó vinte e um de abril sinistro,  
que intrigas de ouro e de sonho  
houve em tua formação?  
Quem ordena, julga e pune?  
Quem é culpado e inocente?  
Na mesma cova do tempo  
cai o castigo e o perdão.  
Morre a tinta das sentenças  
e o sangue dos enforcados...  
— liras, espadas e cruzes  
pura cinza agora são.  
Na mesma cova, as palavras,  
o secreto pensamento,  
as coroas e os machados,  
mentira e verdade estão.

MEIRELES, C. *Romanceiro da Inconfidência*.  
Rio de Janeiro: Aguilar, 1972 (fragmento).

O poema de Cecília Meireles tem como ponto de partida um fato da história nacional, a Inconfidência Mineira. Nesse poema, a relação entre texto literário e contexto histórico indica que a produção literária é sempre uma recriação da realidade, mesmo quando faz referência a um fato histórico determinado. No poema, a recriação se concretiza por meio:

- a) do questionamento da concorrência do próprio fato, que, recriado, passa a existir como forma poética desassociada da história nacional.
- b) da descrição idealizada e fantasiosa do fato histórico, transformado em batalha épica que exalta a força dos ideais dos inconfidentes.
- c) da recusa da autora em inserir nos versos o desfecho histórico do movimento da Inconfidência: a derrota, a prisão e a morte dos inconfidentes.
- d) do distanciamento entre o tempo da escrita e o da Inconfidência, que, questionada poeticamente, alcança sua dimensão histórica mais profunda.
- e) do caráter trágico, que, mesmo sem corresponder à realidade, foi atribuído ao fato histórico pela autora, a fim de exaltar o heroísmo dos inconfidentes.

**Resposta:** D

**Comentário:** As alternativas a, b e e devem ser excluídas, pois afirmam que os fatos relatados são fantasiosos. A alternativa c também deve ser eliminada, uma vez que recriar não consiste em negar. Logo, a afirmativa correta é a letra d, que exprime adequadamente a intenção do eu lírico do poema: questionar poeticamente as verdades que ficaram caladas no processo histórico da Inconfidência.

**V – “Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação”.**

O leitor deve ter competência para diferenciar a linguagem com sentido denotativo (próprio), presente nos textos de caráter informativo, e com sentido conotativo (figurado), presente nos textos literários. Neste caso, é importante reler o quadro de figuras de linguagem que está em “Texto Poético” (capítulo 11), já que não só no texto literário, mas também em situações sociais, é possível se deparar com pessoas fazendo uso da linguagem figurada.

A língua também deve ser reconhecida pelo(a) estudante como um dos instrumentos para preservar e revelar a identidade de um povo, de uma etnia. O Enem coloca em discussão os limites aceitáveis para incorporação de estrangeirismos na língua.

É valioso o(a) candidato(a) saber reconhecer em um texto a função de linguagem, em outras palavras, as intenções de comunicação, que são: **função emotiva** (centrada no eu, na subjetividade), **apelativa** (voltada para o interlocutor: *tu* ou *você*, muito comum na linguagem de propaganda), **referencial** (reprodução exata da verdade, presente nos textos informativos), **metalinguística** (a linguagem colocando em discussão a própria linguagem), **fática** (que busca testar o canal da comunicação) e **poética** (a mais criativa, preocupada com a forma do texto, a sonoridade, a linguagem figurada).

### Exemplo 6 – Questão Enem 2009 (prova teste)

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

(TREVISAN, D. Uma vela para Dario. In: *Cemitério de elefantes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984 – Adaptado.)

No texto, um acontecimento é narrado em linguagem literária. Esse mesmo fato, se relatado em versão jornalística, com características de notícia, seria identificado em:

- a) Aí, amigo, fui diminuindo o passo e tentei me apoiar no guarda-chuva... mas não deu. Encostei na parede e fui escorregando. Foi mal, cara! Perdi os sentidos ali mesmo. Um povo que passava tentou falar comigo e tentou me socorrer. E eu ali, estatelado, sem conseguir falar nada! Cruzes! Que mal!
- b) O representante comercial Dario ferreira, 43 anos, não resistiu e caiu na calçada da Rua da Abolição, quase esquina com a Padre Vieira, no centro da cidade, ontem, por volta do meio-dia. O homem ainda tentou apoiar-se no guarda-chuva que trazia, mas não conseguiu. Aos populares que tentaram socorrê-lo não conseguiu dar qualquer informação.
- c) Eu logo vi que podia se tratar de um ataque. Eu vinha logo atrás. O homem, todo apumado, de guarda-chuva no braço e cachimbo na boca, dobrou a esquina e foi diminuindo o passo até se sentar no chão da calçada. Algumas pessoas que passavam pararam para ajudar, mas ele nem conseguia falar.
- d) Vítima  
Idade: entre 40 e 50 anos  
Sexo: masculino  
Cor: branca  
Ocorrência: encontrado desacordado na Rua da Abolição, quase esquina com Padre Vieira. Ambulância chamada às 12h34min por homem desconhecido. A caminho.
- e) Pronto-socorro? Por favor, tem um homem caído na calçada da Rua da Abolição, quase esquina com a Padre Vieira. Ele parece desmaiado. Tem um grupo de pessoas em volta dele. Mas parece que ninguém aqui pode ajudar. Ele precisa de uma ambulância rápido. Por favor, venham logo!

**Resposta:** B

**Comentário:** O texto jornalístico, especificamente a notícia, tem o caráter informativo, procurando descrever com o máximo de realismo possível os acontecimentos. Deve ser composto em língua culta e em terceira pessoa gramatical. A letra *a* reproduz uma conversa informal, a letra *c* é a fala de uma testemunha dos fatos, a letra *d* é um boletim de ocorrência e a letra *e* descreve uma pessoa fazendo uma ligação telefônica ao pronto-socorro, informando uma situação de emergência.

### **Exemplo 7 – Questão Enem 2009 (prova oficial)**

#### **Canção do vento e da minha vida**

O vento varria as folhas,

O vento varria os frutos,

O vento varria as flores...

E a minha vida ficava

Cada vez mais cheia

De frutos, de flores, de folhas.

[...]

O vento varria os sonhos

E varria as amizades...

O vento varria as mulheres...

E a minha vida ficava

Cada vez mais cheia

De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses

E varria os teus sorrisos...

O vento varria tudo!

E a minha vida ficava

Cada vez mais cheia  
De tudo.

(BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*.  
Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.)

Predomina no texto a função de linguagem:

- a) fática, porque o autor procura testar o canal de comunicação.
- b) metalinguística, porque há explicação do significado das expressões.
- c) conativa, uma vez que o leitor é provocado a participar de uma ação.
- d) referencial, já que são apresentadas informações sobre acontecimentos e fatos reais.
- e) poética, pois chama-se a atenção para a elaboração especial e artística da estrutura do texto.

**Resposta:** E

**Comentário:** Para resolver essa questão, o estudante deve dominar os conceitos de funções de linguagem. Esse poema apresenta duas dentre as seis existentes. Há a função emotiva, pois o texto trata de emoções subjetivas e está todo centrado na vivência íntima do eu lírico, e há também a função poética, que é própria da literatura em verso, preocupada com os arranjos sonoros, tais como a repetição de palavras e versos, a medida regular e as rimas, usando-se sentido figurado. Logo, a resposta correta é letra e.

## **VI – “Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas”.**

O Enem apresenta questões em que o(a) estudante deverá saber estabelecer relações intertextuais, às vezes entre o texto com linguagem visual e o texto com linguagem escrita. O(a) candidato(a) também deve estar habilitado(a) a identificar os diferentes gêneros literários, que apresentamos com detalhes nesta obra. Vale rever “Gêneros Jornalísticos” (capítulo 13), “Conto e Crônica” (capítu-



lo 7) e o quadro “Gêneros Literários”, que está no capítulo “Texto Literário e Não Literário” (capítulo 2).

Deve-se saber identificar tema, ponto de vista principal e pontos de vista secundários, semelhanças e diferenças entre os textos apresentados, identificar marcas do estilo de um autor e reconhecer as estratégias empregadas para convencer o leitor.

### **Exemplo 8 – Enem 2009 (prova teste)**

#### **Texto I**

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra

(ANDRADE, C. D. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971 [fragmento].)

#### **Texto II**

As lavadeiras de Mossoró, cada uma tem sua pedra no rio: cada pedra é herança de família, passando de mãe para filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo [...]. A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se reúne ao sabor do trabalho. Se a mulher entoia uma canção, percebe-se que nova pedra a acompanha em surdina [...]

(ANDRADE, C. D. Contos sem propósito. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, Caderno B, 17.07.1979 [fragmento].)

Com base na leitura dos textos, é possível estabelecer uma relação entre forma e conteúdo da palavra *pedra* por meio da qual se observa:

- a) o emprego, em ambos os textos, do sentido conotativo da palavra *pedra*.

- b) identidade de significação, já que nos dois textos significa *obstáculo*.
- c) personificação de *pedra*, que, em ambos os textos, adquire características animadas.
- d) predomínio, no primeiro texto, do sentido denotativo de *pedra*, como mineral material sólido e duro.
- e) utilização, no segundo texto, do significado de *pedra* como dificuldade materializada por um objeto.

**Resposta:** A

**Comentário:** *Pedra*, em ambos os textos, tem sentido figurado, ou conotativo. No primeiro, tem o sentido de obstáculo e, no segundo, local fixo para trabalhar lavando roupa, sinônimo de dificuldade materializada pelo objeto.

## **VII – “Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade”.**

É de grande valia a releitura de “Variantes Linguísticas” (capítulo 9), observando que, para cada situação social, a língua nos oferece possibilidades diferentes. Podemos nos comunicar de modo coloquial ou formal, de acordo com a situação em que vivemos. A língua também oferece diferenças regionais e sofre alterações ao longo da história de um povo, atualizando-se. As variantes são também expressões da cultura das classes sociais e, infelizmente, o não domínio da variante culta pode levar o indivíduo a ser vítima de preconceito linguístico.

O(a) estudante deverá reconhecer a importância da língua culta ou padrão nas situações de formalidade, sobretudo na escrita, e deve saber utilizar as regras da Gramática Normativa, que prescreve a língua culta ou padrão, assim como deve ser hábil para reconhecer os desvios que se apresentam em um texto escrito.

### Exemplo 8 – Questão Enem 2009 (prova teste)

Quer evitar pesadelos? Então não durma de barriga para cima. Este é o conselho de quem garante ter sido atacado pela Pisadeira. A meliante costuma agir em São Paulo e Minas Gerais. Suas vítimas preferidas são aquelas que comeram demais antes de dormir. Desce do telhado — seu esconderijo usual — e pisa com muita força no peito e na barriga do incauto adormecido, provocando os pesadelos. Há controvérsias sobre sua aparência. De acordo com alguns, é uma mulher bem gorda. Já o escritor Cornélio Pires forneceu a seguinte descrição da malfeitora: “Essa é uma muié muito magra, que tem os dedos cumprido e seco cum cada unhão! Tem as perna curta, cabelo desgadeiado, queixo revirado pra riba e nari magro munto arcado: sobrançela cerrado e zoio aceso...”.

Pelo sim, pelo não, caro amigo... barriga para baixo e bons sonhos.

(*Almanaque de cultura popular*, ano 10, out. 2008, n. 114 [Adaptado].)

Considerando que as variedades linguísticas existentes no Brasil constituem patrimônio cultural, a descrição da personagem lendária, Pisadeira, nas palavras de Cornélio Pires:

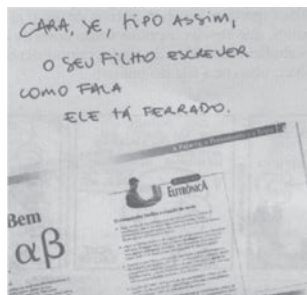
- a) mostra hábitos linguísticos atribuídos à personagem lendária.
- b) ironiza vocabulário usado no registro escrito de descrição de personagens.
- c) associa a aparência desagradável da personagem ao desprestígio da cultura brasileira.
- d) sugere crítica ao tema da superstição como integrante da cultura de comunidades interioranas.
- e) valoriza a memória e as identidades nacionais pelo registro escrito de variedades linguísticas pouco prestigiadas.

**Resposta:** E

**Comentário:** O texto não tem intenção crítica e tampouco reproduz a variante linguística da personagem lendária, mas faz a

descrição da Pisadeira como um autêntico caipira faria, mostrando a variante regional, que é pouco valorizada, mas representa a cultura nacional.

### Exemplo 9 – Questão Enem 2009 (prova oficial)



Na parte superior do anúncio, há um comentário escrito à mão que aborda a questão das atividades linguísticas e sua relação com as modalidades oral e escrita da língua. Esse comentário deixa evidente uma posição crítica quanto a usos que se fazem da linguagem, enfatizando ser necessário:

- a) implementar a fala, tendo em vista maior desenvoltura, naturalidade e segurança no uso da língua.
- b) conhecer gêneros mais formais da modalidade oral para a obtenção de clareza na comunicação oral e escrita.
- c) dominar as diferentes variedades do registro oral da língua portuguesa para escrever com adequação, eficiência e correção.
- d) empregar vocabulário adequado e usar regras da norma-padrão da língua em se tratando da modalidade escrita.
- e) utilizar recursos mais expressivos e menos desgastados da variedade-padrão da língua para se expressar com alguma segurança e sucesso.

**Resposta:** D

**Comentário:** A parte superior do anúncio chama atenção para o fato de não ser aconselhável escrever do mesmo modo como se fala, ou seja, a questão se atém à modalidade escrita da língua. Sendo assim, o único gabarito possível é a letra *d*, uma vez que as demais alternativas colocam em questão a língua na sua expressão oral (falada) ou a modalidade oral combinada à escrita.

### **VIII – “Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informação e a outras culturas e grupos sociais”.**

Responder às questões de domínio de vocabulário e de interpretação de texto em língua estrangeira, reconhecendo a importância da diversidade cultural e linguística, é uma competência que será exigida no Enem a partir de 2010.

## **A redação no Enem**

Em alguns capítulos desta obra, o leitor teve a oportunidade de desenvolver temas de redação extraídos do Enem. Como pudemos verificar, elas sempre trazem uma breve coletânea de textos sobre um tema de atualidades, seja de natureza social, cultural ou científica, e o desafio proposto ao aluno é apresentar uma solução para determinada situação-problema.

### **Competências e critérios para a análise da redação do Enem**

Os critérios de avaliação para as redações do Enem são similares aos dos grandes vestibulares. No entanto, este exame une dois critérios que os vestibulares analisam separadamente: adequação ao tema proposto e adequação ao tipo de composição — a dissertação argumentativa. Assim, passa a vigorar um novo quesito de avaliação, que é a resolução de uma situação-problema. Observemos as competências avaliadas:

IV	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.	Não articula as partes do texto. Articula precariamente as partes do texto devido a problemas frequentes na utilização dos recursos coesivos. Articula razoavelmente as partes do texto, mas apresenta problemas na utilização dos recursos coesivos.
Competência	Na situação de produção de texto	Níveis
V	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos.	Elabora proposta tangencial ao tema em questão (respeitando os direitos humanos). Elabora proposta relacionada ao tema em questão, mas não articulada com a discussão.

Fonte: Inep. Disponível em: [http://www.inep.gov.br/download/institucional/licitacoes/2009/concorrenci\\_a\\_n04-2009-DAEB-INEP-ENEM2009.pdf](http://www.inep.gov.br/download/institucional/licitacoes/2009/concorrenci_a_n04-2009-DAEB-INEP-ENEM2009.pdf).

### **Conheça agora a Proposta de Redação do Enem 2009 (prova oficial):**

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema *O indivíduo frente à ética nacional*, apresentando proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione coerentemente argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Millôr Fernandes

Disponível em <http://www2.uol.com.br/millor>. Acesso em 14 jul. 2009.

Andamos demais acomodados, todo mundo reclamando em voz baixa como se fosse errado indignar-se. Sem ufanismo, porque dele estou cansada, sem dizer que este é um país rico, de gente boa e cordata, com natureza (a que sobrou) belíssima e generosa, sem fantasiar nem botar óculos cor de rosa, que o momento não permite, eu me pergunto o que anda acontecendo com a gente.

Tenho medo disso que nos tornamos ou em que estamos nos transformando, achando bonita a ignorância eloquente, engraçado cinismo bem-vestido, interessante o banditismo arrojado, normal o abismo em cuja beira nos equilibramos — não malabaristas, mas palhaços.

(LUFT, L. Ponto de vista. *Veja*. Ed. 1988, 27 dez. 2006 [Adaptado].)

### **Qual é o efeito em nós do “eles são todos corruptos”?**

As denúncias que assolam nosso cotidiano podem dar lugar a uma vontade de transformar o mundo só se nossa indignação não afetar o mundo inteiro. “Eles são TODOS corruptos” é um pensamento que serve apenas para “confirmar” a “integridade” de quem se indigna.

O lugar-comum sobre corrupção generalizada não é uma armadilha para os corruptos: eles continuam iguais e livres, enquanto, fechados em casa, festejamos nossa esplendorosa retidão.

O dito lugar-comum é uma armadilha que amarra e imobiliza os mesmos que denunciam a imperfeição do mundo inteiro.

(CALLIGARIS. C. *A armadilha da corrupção*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br>. [Adaptado].)

### **Comentário:**

Tema inesperado e desafiador o deste exame, colocando em discussão a corrupção nos meios públicos. Sendo um texto argumentativo, o aluno poderia escolher dois caminhos possíveis: concordar com a tese de que nos falta autoridade moral para de-

nunciar a “imperfeição do mundo inteiro”. Seria possível, então, justificar seu argumento ilustrando-o com pequenos deslizes que vemos ocorrer no dia a dia, como sonegação de imposto de renda ou suborno oferecido a um guarda ou garçom, em lugar público. Outra postura seria defender os direitos do cidadão, argumentando sobre o dever dos órgãos públicos de fiscalizar e punir os corruptos. O estudante não poderia se esquecer de propor ao menos uma solução cidadã para a questão. Seria interessante apresentar reflexões sobre a importância das eleições como momento sério de sabermos avaliar para escolher melhor os nossos representantes e saber reivindicar as promessas feitas em campanha, por meio de ações sociais, como abaixo-assinados e até mesmo plebiscitos.





# RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

## Capítulo 1

### Questões dissertativas

1. a) O tema do conto é a tentativa de reconciliação entre casais. O narrador é em primeira pessoa, o homem que se ressentia da partida da mulher. O espaço é o ambiente em que eles moravam juntos: a casa, abandonada pela esposa.  
b) Há relações diretas entre tema, espaço e narrador. Sendo o tema da reconciliação, é bastante adequado o marido estar em sua casa, sentindo-se sozinho, após a partida da esposa, observando ao seu redor os sinais de sua ausência e, por isso, faz o "apelo" para que ela volte.
2. A princípio, ele se sente muito bem, aliviado ao notar que não havia mais nenhum tipo de cobrança, como o horário de chegar à casa, como prova o fragmento "[...] bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina".
3. O narrador começou a sentir falta da "Senhora", quando notou a desordem da casa — ninguém fazia as tarefas que ela costumava fazer. Isso pode ser comprovado com o seguinte fragmento: "A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada".
4. A "Senhora" é sua esposa, porque era a pessoa que o esperava no fim de noite, como podemos notar na passagem: "Uma hora da noite, eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia". Ora, alguém que figura como "a última luz" ou consolação no fim do dia de trabalho, só pode ser a esposa. Vale lembrar que, em tempos antigos, os homens tratavam suas esposas como "senhora" e as pessoas mais idosas, quando iam apresentar a esposa, diziam: "Esta é minha senhora". Ou seja, ela é a senhora absoluta de sua casa, a dona de tudo e de todos no lar.
5. Os componentes de machismo estão em tratar a mulher como aquela responsável pelas tarefas domésticas e pela organização da casa, havendo sutis referências à falta que faz no campo dos sentimentos.
6. O narrador deixa transparecer que a "Senhora" faz falta no campo das emoções quando se refere à espera acordada altas horas da noite e quando diz que ela era a responsável pelo relacionamento amigável, harmônico da família. São, respectivamente, as seguintes passagens: "Uma hora da noite, eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia" e "Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando".
7. Esta resposta é pessoal.

### Questões-testes

- |      |      |      |       |       |       |
|------|------|------|-------|-------|-------|
| 1. a | 2. d | 3. c | 4. b  | 5. b  | 6. a  |
| 7. c | 8. c | 9. d | 10. b | 11. d | 12. b |

## Capítulo 2

### Questões dissertativas

1. O tema é a fome e a tese é a afirmação de que os índices da fome, no mundo, são alarmantes: mais de um bilhão de pessoas (um sexto da população mundial) sofre com a subnutrição.
2. O objetivo do texto 1 é informar: traz dados estatísticos colhidos em um relatório elaborado pela FAO, agência da ONU para alimentação e agricultura, e comenta

que, hoje, mais pessoas passam fome do que em qualquer outro período, desde a década de 1970.

3. Palavras com sentido próprio ou denotativo: **Fome**, que foi termo empregado com o significado de privacidade de alimentação, e **desnutrição**, que significa estado daquele que não adquire, por meio da alimentação, a quantidade de nutrientes necessária para assegurar o estado normal de nutrição ou a qualidade de alimentação.
4. Um aspecto do texto 1 que comprova não serem fatos inventados é a citação de órgãos mundiais com o resultado de pesquisas feitas por ele.
5. É o tema da fome no sentido conotativo, ou seja, desejo, ansiedade, carência não só de alimentos, mas que sejam asseguradas também as “saciedades” culturais.
6. Procura provocar a emoção do leitor e levá-lo a reflexões sobre outras carências existentes, além da saciedade alimentar.
7. A palavra “fome” significa desejos, anseios, expectativas, sonhos, e a palavra “pasto” significa algo corriqueiro em relação à alimentação, elementar.
8. A musicalidade está na figura da anáfora, que é a repetição intencional de palavras iguais no início de um período, frase ou verso, como o substantivo “gente” e o pronome “você”; está na assonância da vogal “e”, que se repete no texto, também no refrão (repetição de versos iguais) e nas rimas alternadas.
9. Os autores se referem a sede e fome de cultura, sugerindo o fato da não conformação com o alimento básico, mas da necessidade de o indivíduo lutar para que lhe sejam assegurados outros direitos, como direito ao lazer, à arte e até o de desfrutar alguns “privilégios”. Uma passagem que comprova a resposta é: “A gente quer bebida, diversão e arte”.
10. Função de linguagem poética, projeção das emoções de quem fala (eu lírico) e desperta a emoção de quem lê; tem caráter reflexivo, transforma o mundo real em ficção.
11. Trata-se do contexto da Segunda Guerra Mundial e provavelmente o eu lírico se encontra em **uma missão de guerra; ele é um “homem-bomba”**, com a tarefa de promover a explosão de um local.
12. O eu lírico se vê como um homem comum, não está acima das condições humanas, enquanto a sociedade o verá como um herói de guerra, pelo sacrifício da própria vida pela pátria.
13. Presença de **termos técnicos**, palavras com sentido denotativo; reproduz a verdade com a intenção de informar, esclarecer sobre um fato: o acidente com o voo 447, da Air France, ocorrido em junho de 2009.
14. Tema: o exame dos corpos de vítimas fornece informações sobre as circunstâncias de um acidente aéreo. Tese: os acidentes aéreos se transformam em lições para que se construam aviões mais seguros.
15. Não há sinal de parcialidade. Não há julgamento do fato, não há críticas ou elogios, mas a divulgação de informações precisas e esclarecimentos. Pode-se comprovar a função de esclarecer na seguinte passagem: “No momento da queda, todos os ocupantes do Air Bus já estariam mortos por asfixia, causada pela rápida depressurização da cabine momentos antes da queda”.
16. Elementos em comum: morte no avião, vítimas fatais. Diferenças: no texto 3, a vítima se manifesta, expõe suas emoções ao deparar-se com o dia da morte e, no texto 4, as vítimas já estão mortas, não se manifestam; caráter informativo no texto 4 e caráter reflexivo no 3.

### Questões-testes

1. c      2. c      3. d      4. e      5. b      6. c  
7. b      8. c      9. c      10. e      11. a

### Capítulo 3

#### Questões dissertativas

- a) No texto de Fernando Pessoa, significa que, na vida, aventurar-se é necessário, inevitável, embora a própria vida não o seja, ou melhor, pode-se viver ou não; mas, desde que se viva, a aventura é fundamental. Já no texto de Rubem Alves, ao afirmar “navegar é preciso”, ele toma o adjetivo “preciso” como sinônimo de exato, que exige “conhecimento rigoroso”, enquanto o viver é impreciso, inexacto, “nunca se sabe ao certo” o que vai acontecer.  
b) Guimarães Rosa emprega o termo “precisão” como sinônimo de “necessidade”.
- a) A frase de Rubem Alves que se pode associar ao aforismo de Saint-Exupéry é: “A arte de viver não se faz com a inteligência instrumental. Ela se faz com a inteligência amorosa”. Elas têm em comum a ideia de que a sabedoria é um grau mais elevado de conhecimento, pois é ela quem dá sentido à vida e, inclusive, a outras formas de conhecimento, como o científico e o técnico.  
b) “Ciência” é o conhecimento objetivo, preciso e impessoal e “sapiência” é a sabedoria adquirida no acúmulo das experiências subjetivas da vida; a sabedoria é imprecisa e pessoal.
- a) O livro *Mensagem*, que se inclui no volume *Obra poética*, de Fernando Pessoa, trata o tema das grandes navegações marítimas desenvolvidas por Portugal a partir do final do século XIV e que levaram o país ao seu apogeu econômico, no início do século XVI.  
b) “Pequena”, no texto, na expressão “alma pequena”, sugere uma alma que não é capaz de se aventurar para superar limites, uma alma acomodada.
- a) Embora os jornalistas não devessem fazer previsões, fazem-nas o tempo todo.  
b) Refere-se à ideia de “prestar contas quando erram”. O pronome demonstrativo “o” é um elemento coesivo: pronome anafórico que resgata uma frase anterior.
- a) A obesidade não foge à regra, uma vez que sua culpa é atribuída aos gordos e não a disfunções endócrinas e hormonais.  
b) Tanto faz para os vírus da Aids se o organismo que ofereceu a eles condições de sobrevivência pertence à vestal ou ao pecador contumaz.

### Questões-testes

1. a      2. c      3. b      4. d      5. e      6. a      7. c  
8. b      9. b      10. a      11. b      12. c      13. a

### Capítulo 4

#### Questões dissertativas

1. Pesquisas recentes mostram que o ciclo hidrológico da Floresta Amazônica não é essencial somente à floresta, mas sim a diversas regiões do país e de outros países e, com o desmatamento, consequentemente o prejuízo afeta todos. Mas o que pode ser feito para isso não acontecer?  
Aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promovem desmatamentos não autorizados é uma saída; no entanto ter uma solução é uma coisa, colocá-la em prática é outra. Para o governo conseguir esse feito, seria necessária a colaboração da população, denunciando os lugares onde o desmatamento não autorizado estivesse ocorrendo. Além disso, os fiscais deveriam ser éticos, não aceitando subornos.

Porém, existem limitações que devem ser levadas em conta. Por exemplo, o que fazer com as famílias que vivem na área ilegalmente por mais de 50 anos? Seria justo expulsá-las, se elas só possuem aquilo? Nesse caso, seria bom o governo transferir essas famílias para outras áreas do país. Outra limitação seria a extensão das áreas a serem fiscalizadas, sendo locais de difícil acesso, exigindo que o governo invista mais em concursos públicos para conseguir fiscais capacitados e com salários condizentes para que não se submetam ao suborno de fazendeiros e madeireiras.

As pessoas do mundo precisam criar consciência de que não podem desmatar florestas; neste caso, a Amazônica especificamente, pois todos dependemos dela para uma vida melhor. Ainda que a Amazônia não seja o pulmão do mundo, ela continua sendo essencial para o planeta Terra.

Com a organização adequada de parágrafos, podemos facilmente identificar o primeiro como introdução, o segundo e o terceiro como desenvolvimento e o quarto como conclusão.

2. Na **introdução**, o enunciador expõe sua tese de que o desmatamento afeta não só a região amazônica, mas outras regiões e lança um questionamento sobre o que deve ser feito para conter a ação devastadora. No **desenvolvimento**, explica qual a medida mais eficaz para preservar a região e discorre sobre as limitações da medida escolhida. E na **conclusão** faz um apelo para que a humanidade aja com a consciência de que a Amazônia é vital para todos.
3. a) Não, pois solidão e comunicação correspondem a desejos diferentes do ser humano: a solidão supre a necessidade de isolamento, enquanto a comunicação satisfaz o desejo de nos relacionarmos socialmente.  
b) Nossa aversão à multidão será curada pela solidão; o tédio à solidão será curado pela multidão.
4. a) A diferença essencial entre “percepção do contrário” e “sentimento do contrário” é que a primeira expressão sugere a ideia de afastamento e superioridade do observador da cena cômica, e a segunda remete à identificação e à compaixão do enunciador, o que gera humor e não propriamente comichão.  
b) Ao percebermos que aquela senhora velha não corresponde ao que uma respeitável senhora deveria ser, produzimos o riso.
5. a) As duas possibilidades de paráfrase são: “Não existe nenhuma medida que o governo possa tomar” ou “Não existe somente uma medida que o governo possa tomar, ou seja, existem várias”.  
b) Em “Não há uma só medida que o governo possa tomar”, a palavra “só” tanto pode significar “única” – adjetivo, como pode valer como advérbio, com sentido de “apenas”. Quanto à frase “Não há uma medida que só o governo possa tomar”, nela o termo “só” significa “somente” – advérbio; ou “sozinho” – adjetivo, referindo-se a “governo”, e o sentido é que a medida não depende apenas do governo, mas do povo também ou de outras instituições.

#### Questões-testes

- |      |      |      |      |
|------|------|------|------|
| 1. c | 2. a | 3. e | 4. e |
| 5. b | 6. d | 7. d | 8. c |

#### Capítulo 5

##### Questões dissertativas

1. Na tese, o aluno defende o argumento de que a beleza física sempre teve importância; no entanto, hoje, o culto da beleza está ultrapassando os limites do bom senso. Na

conclusão, criticou aqueles que supervalorizam a beleza física em detrimento à beleza interior, dos gestos e das atitudes belas.

2. O aluno comparou o animal, que é dotado de beleza pela natureza, para facilitar a multiplicação das espécies, com o culto exagerado da beleza física pelo ser humano que, embora racional, age sem pensar nas consequências, nisso se igualando ao animal, deixando de lado os valores morais que o individualizam como espécie mais evoluída e, portanto, mais responsável perante a existência.
3. No quinto parágrafo, há muitas repetições da palavra “que”, deixando o trecho redundante. Poderia ser alterado do seguinte modo: “Já, observando-se a atitude animalesca do homem, quando procura a perfeição corpórea e se esquece dos fatores intrínsecos, que são as virtudes, conclui-se: o homem está tão preocupado em mostrar suas qualidades extrínsecas, superficiais, que se esqueceu de seus valores morais, seu jeito sensual; submetendo-se a crises emocionais, tornando-se vítima de si mesmo”.
4. Para melhor organizar o desenvolvimento da dissertação, deveriam ser reunidos os parágrafos 2 e 3, cujas ideias estão diretamente relacionadas.
5. O autor cumpriu a proposta temática, com uma redação expositiva, concordante com a coletânea e emitiu argumentos bem fundamentados. Apoiou-se na comparação e defendeu a tese de que a beleza interior deve estar acima da exterior.
6. Na introdução, a autora valorizou o desenvolvimento tecnológico e afirmou que este trouxe consequências positivas e negativas para o ser humano. No desenvolvimento, discorreu sobre os aspectos positivos e negativos da tecnologia e, na conclusão, fez um alerta para que as pessoas tomem cuidado ou serão vítimas de sua própria criação.
7. Sim, pois a autora analisou o desenvolvimento tecnológico sob diferentes perspectivas, considerando seus benefícios e malefícios e, embora defenda a tese da grande importância desses avanços, deixou um alerta para que as pessoas tenham cautela.
8. Seria uma dissertação expositiva em que o enunciador teria de discorrer apenas sobre os benefícios e malefícios da tecnologia para a vida humana.

#### Questões-testes

- |      |      |      |      |       |
|------|------|------|------|-------|
| 1. a | 2. e | 3. d | 4. c | 5. e  |
| 6. a | 7. c | 8. a | 9. c | 10. b |

#### Capítulo 6

##### Questões dissertativas

1. Quanto aos aspectos sociais, nota-se que a narrativa se desenvolve num local distante do mundo civilizado, onde as referências sociais se restringem ao domínio familiar e ao trato com a terra, a mata.  
E quanto ao conteúdo psicológico, percebemos que a narrativa vai se desenvolvendo a partir do universo de pensamentos e de vivência de uma criança, como se o narrador passasse a olhar o mundo pelos olhos de Miguilim, o protagonista, e sua forma de se relacionar com o ambiente onde vive.
2. O título *Miguilim*, como ficou conhecida essa novela, deve-se ao fato de a história ter como protagonista a personagem em questão, sugerindo que a narrativa vai se desenvolver em torno de sua vida. E *Campo Geral*, por se tratar de uma história que se passa no campo, distante da civilização, no interior de Minas Gerais.
3. a) Os holandeses são vistos como um povo herético, anticristão, capazes de destruir o maior símbolo do cristianismo — a cruz.  
b) Trata-se de uma visão teocêntrica de mundo, segundo a qual Deus tudo vê, tudo sabe, favorece os cristãos e os protege contra os povos invasores, como se pode

comprovar no trecho final: “até que os braços se puseram de norte a sul, para os que pelejavam”.

4. Os textos têm em comum o tema: ambos trazem reflexões sobre o sadismo, o prazer que alguns obtêm com o sofrimento alheio. No primeiro texto, os passantes se detêm para observar a agonia de um cão morrendo envenenado e, no segundo, as pessoas veem a cena da menina levando uma surra como se fora um espetáculo agradável.
5. Entre as expressões que revelam a linguagem oral do português, pode-se destacar: *ome, ocê, pra, fruita*, que têm correspondentes na forma culta em: homem, você, para, fruta.
6. A autora sugere que o eu lírico transferiu o seu trauma da surra para a fruta. Ao ver o abacate, relacionava-o ao triste acontecimento e sentia repugnância por ele.
7. “Durante muitos anos **permaneceu/conservou-se** minha repugnância por esta fruta.”
8. Um dos sentimentos associados ao ciúme é a vergonha de ter sido abandonado: “Me fazer passar tanta vergonha”; e o outro é o sentimento de vingança, ao ter notícias do sofrimento e do arrependimento da mulher que o abandonara: “Vingança clamar”.
9. A mulher expressa seu sentimento de vingança de modo mais sutil, em “Olhos nos olhos”, pois trata o homem que a abandonou como “meu bem” e o convida para procurá-la, quando precisar; mas ao mesmo tempo revela que foi mais e melhor amada por outros homens, sugerindo a inferioridade do ex-amante.
10. Na letra de Chico Buarque, a mulher utiliza o pronome de tratamento “você”, para dirigir-se ao homem, e estabelece a concordância gramatical com os verbos em terceira pessoa: “Você sabe que a casa é sempre sua, venha sim”.
11. A razão da troca do pronome “ela” por “você” deve-se ao fato de este pronome de tratamento poder ser utilizado tanto para o sexo feminino como para o masculino. Assim, o eu lírico pode ser uma mulher dirigindo-se a um homem, ou o contrário, como na letra original.

#### Questões-testes

- |      |      |      |      |       |
|------|------|------|------|-------|
| 1. a | 2. d | 3. c | 4. c | 5. a  |
| 6. d | 7. a | 8. a | 9. b | 10. c |

### Capítulo 7

#### Questões dissertativas

1. O *narrador* é em terceira pessoa e onisciente, conhece até a comunicação secreta entre os protagonistas; as *personagens* principais são o escritor e sua esposa; o *antagonista* é a incapacidade de o escritor memorizar os nomes das pessoas. O *tempo* é o dia de um lançamento de mais um livro e o *espaço* é um local público onde se possa lançar um livro, como uma livraria ou um espaço qualquer em um “shopping”.
2. A mensagem da crônica é a sua reflexão sobre o fato de, às vezes, passarmos contrangimentos, quando nos esquecemos dos nomes das pessoas, o que é uma situação social muito comum e em que precisamos ter uma certa esperteza para nos sairmos bem.
3. Em “Contrabandista”, o agente antagonico é a própria ação do protagonista de comprar o vestido de noiva da filha no contrabando. Não fora esse ato, nada de mal lhe teria acontecido.
4. O texto “Quem é” é uma crônica por tratar de um fato corriqueiro na vida de um autor e, por extensão, em nossa vida social. Já o texto “Contrabandista” tem como aspecto característico principal o fato de relatar um acontecimento marcante e inesquecível.

Ambos trazem uma moral, um ponto de vista implícito do autor, propondo reflexões ao leitor.

5. Exemplos que podem ilustrar a admiração que a população de Tubiacanga desenvolve em relação a Flamel são: "Não era raro que às 'boas noites' acrescentassem 'doutor' e 'tocava' o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças".
6. A palavra é "imaginem", que se encontra no modo verbal imperativo afirmativo, fazendo um apelo aos leitores para que visualizem a cena. O efeito de sentido é convocar o leitor para se envolver com a cena, com a história, procurando estabelecer uma relação amigável.
7. No conto "Nova Califórnia", há um narrador em terceira pessoa, onisciente; o protagonista é o forasteiro Raimundo Flamel, que fez uma demonstração a três "ilustres" moradores da cidade sobre como transformar ossos humanos em ouro. O tempo é o momento em que o forasteiro se instala na cidade e passa a despertar polêmicas sobre quem é, de onde vem e o que faz. A mensagem transmitida é que, embora todos criticassem o propósito do químico, deu-se início a uma onda de saques no cemitério local, provando que o desejo de enriquecer está acima de qualquer escrúpulo.

#### Questões-testes

1. e      2. c      3. e      4. c      5. d      6. b

### Capítulo 8

#### Questões dissertativas

1. a) O advogado afirmou que toda a burocracia que existia no Brasil para abrir uma empresa não vinha impedindo a abertura de laranjas.  
b) O advogado afirmou que a certeza da impunidade era o que fazia com que os falsificadores atuassem deliberadamente.
2. a) O uso de aspas não ocorreu pelo mesmo motivo. Em "rei do cangaço" destacou-se o epíteto ou apelido como era conhecido o cangaceiro Virgulino Ferreira, também conhecido como "Lampião". Já em "fotógrafo", isolou-se o termo por ironia, para sugerir que, no momento, o turista teve que passar por fotógrafo.  
b) I. Um cangaceiro encontrou uma Kodac e entregou ao chefe que perguntou: "A quem ela pertence?".  
II. O "rei do cangaço" disparou que queria que o homem tirasse o seu retrato.
3. a) Entre os elementos empregados para simular o fluxo de consciência podem-se apontar a repetição da conjunção "e", ausência de pontuação, substituída por um espaço maior entre as palavras, sugerindo longa pausa entre um pensamento e outro e a repetição vocabular.  
b) Há apenas dois fragmentos em discurso direto: "Deixe de preguiça, menino!" ou: "Você não quer mesmo almoçar?"

#### Questões-testes

1. b      2. e      3. b      4. c      5. e      6. e      7. a

### Capítulo 9

#### Questões dissertativas

1. As situações são: de um jogador que utiliza a língua culta em uma entrevista informal, após uma partida de futebol, e a de um jogador que foge à estereotipação, que é a imagem construída de que jogadores de futebol só dominam a linguagem coloquial.



2. A mesma frase, em linguagem coloquial, ficaria: “Você pode dizer algumas palavras para a torcida?”
3. Podemos destacar as expressões: “Nhor sim”, que equivale a “Sim, senhor”; “não se canhe”, equivalente a “não se acanhe” e “numa relancina”, que equivale a “num relance”.
4. Algumas palavras desatualizadas são: esplendor, baile, dolente, silentes. E seu correspondente é, respectivamente: grande beleza ou sofisticação, balada, dolorida ou triste, silenciosos.
5. a) Trata-se do indivíduo que não domina a linguagem culta ensinada nas escolas.  
b) A variante coloquial ou informal. Podemos notar a retirada da desinência “s”, que é a marca de plural na língua portuguesa, bem como a troca da vogal temática de verbos de primeira conjugação (de “a” para “e”): encontremo, aceitemo. Nota-se também o acréscimo da vogal “i” em palavras que terminam com vogal “s”: nós, veis.  
c) Se a letra alterasse a variante linguística para a linguagem culta, afetaria uma das intenções de sentido do texto, que é justamente reproduzir a linguagem de personagens populares.
6. Uma das expressões típicas do falante popular é “pra um samba”: é comum trocar-se a preposição “para” por sua forma reduzida: pra; outra expressão é “nóis fumu” – também é comum modificar-se o final de palavras com acréscimos de vogais e eliminação de consoantes, sobretudo o “s” ou “r” final dos verbos; e, por fim, podemos destacar a expressão “baita de uma reiva”, quando notamos a troca da vogal “a” por “e”, na palavra “raiva” que não é um vocábulo comum para esse tipo de falante.

#### Questões-testes

- |      |      |      |      |      |
|------|------|------|------|------|
| 1. d | 2. a | 3. b | 4. c | 5. d |
| 6. d | 7. a | 8. a | 9. b |      |

### Capítulo 10

#### Questões dissertativas

1. a) Trata-se de uma descrição objetiva, pois aparecem os traços exteriores e não há projeção das emoções de quem descreve, procurando compor com detalhes um cenário, como se pode notar no trecho: “grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmas.”  
b) O elemento que melhor contribui para criar a imagem do cortiço é a enumeração detalhada de substantivos, sempre acompanhados de adjetivos e locuções adjetivas, proporcionando ao leitor a visualização do local e a imaginação até mesmo dos sons emitidos, como se nota no fragmento citado na resposta acima.
2. O poema de Adélia nega o fragmento de Drummond, questionando a predeterminação ao sofrimento. Quem anuncia o destino do eu lírico feminino não é um “anjo torto”, mas “um anjo esbelto” e, apesar dos obstáculos da vida, que ela encara como desafios comuns a todos nós, o texto sugere a “possível felicidade”: “Não sou feia que não possa casar/acho o Rio de Janeiro uma beleza e, ora sim, ora não, creio em parto sem dor”. Já o eu lírico do poema de Drummond é um homem sério, tem poucos amigos, vive fechado “atrás dos óculos e do bigode” e sente-se abandonado por Deus nas tormentas da vida.
3. Esta resposta é pessoal. Na descrição objetiva, devem aparecer apenas os traços físicos de uma sala de aula, por exemplo, a disposição de portas, janelas, carteiras, quadro de giz e mesa do professor. Já na descrição subjetiva, além dos elementos

físicos, devem aparecer os aspectos subjetivos: sala de aula e espaço da aquisição de conhecimento, troca de experiências e feliz convivência com os amigos.

4. a) A aldeia representa o espaço da liberdade visual, pode-se avistar um horizonte amplo, sem os limites dos prédios que, na cidade, “fecham a vista à chave”. O olhar limitado pelas barreiras das construções, deixa o eu lírico sentir-se menor na cidade, enquanto a ausência de barreiras visuais o deixam sentir-se imenso, pleno na aldeia: “eu sou do tamanho do que vejo”.
- b) Versos livres são aqueles sem medida regular e eles reforçam a oposição cidade versus aldeia, sugerindo, na forma de verso escolhida, a sensação de liberdade de quem vive na aldeia ou no campo.
5. a) Um dos recursos descritivos do texto é a presença marcante de adjetivos e locuções adjetivas, que contribuem para construir os detalhes do ambiente: “salão repleto de luzes”, “brilho de cristais”, “pano verde”, mulheres de longos vestidos”, “sorte de alguns”, “lance de roleta”.
- b) A comparação remete ao encerramento da era de ouro dos cassinos no Brasil, por meio da proibição dos jogos de azar em todo o país, pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, em 1946.

#### Questões-testes

1. e      2. c      3. b      4. e      5. e      6. d

#### Capítulo 11

##### Questões dissertativas

1. O soneto de Cruz e Sousa apresenta uma visão idealizada da morte, como descanso, serenidade e forma de superação do sofrimento da existência física, assim como os românticos concebiam a morte: escapismo contra as dificuldades da existência e forma de acabar com o sofrimento.
2. A preocupação com a vida após a morte se manifesta no final da carta, quando Mário de Andrade demonstra a preocupação de “regularizar” com Deus tudo o que tiver feito de “inútil” no mundo, ou seja, considera que deve prestar contas com Deus quanto às falhas cometidas, desejando ter tempo de “botar os trabalhos do mundo em ordem”, deixando escrita uma obra que seja útil aos homens.
3. “Carnal” e “argilas” remetem ao mundo material, oposto à morte, que consistiria na passagem a um plano imaterial e de superação das dores da existência, fuga dos “quebrantos” da vida.
4. a) No título, “chamado” tanto pode significar “denominado” como “aclamado” ou “conclamado”. O primeiro sentido está na segunda estrofe, com valor adjetivo. O segundo está na terceira estrofe, com valor substantivo, significando o ato de conclamar.
- b) As três palavras têm função sintática de predicativo do sujeito, portanto servem para caracterizar o sujeito “João”. E quanto à formação, o termo primitivo “fábula” origina por sufixação fabuloso e fabulista, que são sufixos formadores de adjetivos, que significam, respectivamente, “cheio de” e “aquele que é capaz de” contar fábulas, sugerindo que o autor incorporava sua ficção, confundia-se com ela. Os termos são apreciativos.
5. a) Drummond utiliza, no poema-homenagem, uma característica primordial da obra do homenageado, que era o trabalho em torno da construção de palavras. “Inenarrável” significa aquilo que não pode ser narrado, adjetivo formado por prefixação e que existe nos dicionários. Já “farçar” é um neologismo, uma invenção de Drummond, eliminando o prefixo “dis” do verbo disfarçar.

- b) Os processos de formação utilizados contribuem para fazer o leitor evocar a lembrança dos processos de construção de linguagem utilizados pelo homenageado, promovendo, ao mesmo tempo, um labirinto de palavras que requer a atenção maior do leitor, técnica que era própria de João Guimarães Rosa.

#### Questões-testes

- |      |      |      |       |       |      |
|------|------|------|-------|-------|------|
| 1. e | 2. d | 3. a | 4. b  | 5. c  | 6. b |
| 7. a | 8. b | 9. c | 10. a | 11. d |      |

#### Capítulo 12

#### Questões dissertativas

1. No primeiro texto, o autor apresenta uma atitude pessimista, concluindo que o homem é agressivo e miserável e, por isso, “não fará a mínima diferença à economia do cosmos”, quando desaparecer. Já Antero de Quental conclui o poema com uma postura otimista; pois mesmo considerando as dores da vida e a devastação gerada pela ação humana, tudo é compensado pelo objetivo maior da existência, que tem como ideal o Amor.
2. Em “*Solemnia Verba*”, o coração serve como contraponto à desilusão do eu poético. Ele é símbolo da convicção no Amor, que é destacado com letra maiúscula pela sua importância como sentimento nobre e universal, que consegue sobreviver às maiores dores.
3. As atitudes do professor não são contraditórias, pois referem-se a situações linguísticas diferentes. Em uma dissertação escolar, o aluno está em uma situação formal de escrita, portanto deve dar preferência ao verbo haver; que, na frase em questão, ficaria no singular por ser impessoal. Quanto ao emprego do verbo ter, além de ser apropriado para situações de escrita ou fala informais, há erro de concordância: o verbo deveria estar acentuado: “têm” para concordar com o sujeito “alunos”. Já a fala da atriz, empregando o verbo “ter” acompanhado do sujeito “gente” é perfeitamente aceitável para a situação informal, de alguém que está desabafando, como se estivesse conversando com um amigo, e, portanto, empregando a variante informal da língua.
4. Ao afirmar que não há vida inteligente no planeta, a personagem nos leva a inferir que o ser humano, na Terra, não age com inteligência. E para isso ela se fundamenta nas ações do ser humano: “corrompe a natureza, empesta o ar, emporcalha águas, apodrece tudo onde pisa”.
5. Na “Canção do Tamoio”, *chorar* significa atitude de covardia, de fraqueza, diante da vida. Chorar, aqui, tem o sentido literal: verter lágrimas. Já no “Hino do deputado”, o sentido de *chorar* é figurado, sugere reclamar, queixar-se para obter favores, vantagens pessoais.
6. O pronome “as” tem como antecedente a expressão “certas situações”.
7. As duas virtudes básicas do guerreiro, na “Canção do Tamoio”, estão sugeridas no verso: “Sê bravo, sê forte”, termos similares, que podem ser resumidos nas virtudes da coragem, seja utilizando a força física ou moral.
8. As três instituições apresentadas por Rui Barbosa são “Deus, pátria e trabalho”.
9. Dois versos que deixam explícita a intertextualidade são: “A vida é luta renhida”, que é transcrição literal, e “Chora, meu filho, chora”, que faz paródia ao verso “Não chores, meu filho”, da Canção do Tamoio.
10. Os conselhos que o eu lírico dá ao filho em “Hino do deputado” demonstram total falta de ética na ação política, uma vez que ele sugere ao filho para agir defendendo interesses pessoais no exercício da vida pública. Ele enaltece o enriquecimento ilícito,

por intermédio de barganhas, conchavos, demonstrando ao filho que é um político corrupto, sendo um péssimo exemplo.

### Questões-testes

- |      |      |      |      |
|------|------|------|------|
| 1. d | 2. a | 3. c | 4. c |
| 5. c | 6. d | 7. d | 8. a |

## Capítulo 13

### Questões dissertativas

- a) A ironia está no fato de Hagar, um homem rude, afirmar que é importante ter boas maneiras porque pode ser convidado para jantar com o rei da Inglaterra, fato impossível para um homem do povo. Sugere-se, assim, que ter boas maneiras não serve para nada.  
b) A resposta de Hagar admite que o filho esteja certo na conclusão a que chegou, de que boas maneiras à mesa não são importantes; no entanto ele não admite isso ao filho claramente, pois usa o advérbio “talvez” para comentar a conclusão do filho e ainda o adverte para que não diga nada à mãe, sugerindo que tem medo da reação da esposa.
- a) A médica é especialista em doenças do intestino, em outras palavras: gastroenterologia (o termo técnico não é necessário).  
b) A outra situação fora do comum foi ter de encurtar os aventais de trabalho, que normalmente são feitos para homens. Isso sugere que não se espera que mulheres atuem nessa área de pesquisa.
- a) Não há nada no texto que comprove que a vida útil dos satélites esteja relacionada à tecnologia utilizada na fabricação de propulsores e catalisadores.  
b) Os propulsores são os agentes responsáveis pelos movimentos dos satélites, controlando sua órbita. Os catalisadores são substâncias químicas que participam da queima de combustíveis.
- a) Em ambos os textos, divulgam-se informações sobre os avanços da tecnologia no Brasil. O texto da *Pesquisa Fapesp* trata do avanço de tecnologia para produção de satélites artificiais. Já a notícia do jornal *O Estado de S. Paulo* divulga a conquista de um título pela cirurgiã Angelita Habr-Gama, pesquisadora na área de doenças do intestino.  
b) “O fato é importante”.

### Questões-testes

- |      |      |      |       |       |       |
|------|------|------|-------|-------|-------|
| 1. e | 2. d | 3. a | 4. c  | 5. b  | 6. e  |
| 7. a | 8. d | 9. c | 10. c | 11. b | 12. e |

## Capítulo 14

### Questões dissertativas

- O enunciador é um desempregado que se vê próximo do interlocutor, por ter o mesmo nome e por ter uma profissão idêntica à profissão do passado de seu interlocutor: ele é um operário. Dirige-se ao presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva.
- O argumento principal utilizado pelo enunciador são as bocas famintas dos filhos, que lhe sugerem pedir um auxílio ao presidente: um novo emprego.
- O enunciador nos passa a imagem de um presidente da república que é um homem simples, do povo, que faz questão de tratar todos como “companheiros” e gosta de ser tratado da mesma forma. Um homem que teve um passado de operário e que,

em campanhas políticas, defendia a necessidade da criação de frentes de trabalho e criticava o assistencialismo social.

4. Há ironia na introdução, quando o operário se sente constrangido em chamar o presidente “companheiro”. Na verdade, a carta como um todo demonstra o descaso do presidente com a população miserável. Há ironia no suposto argumento do presidente: “E as latinhas de cerveja a dois reais o quilo”, como se fosse muito a quantia arrecadada. É também ironia afirmar que realmente alumínio vale mais para, em seguida, afirmar que são necessárias 70 latas para se conseguir o valor insignificante de R\$2,00.
5. As marcas de interlocução são as perguntas dirigidas ao presidente ao longo de toda a carta e o vocativo: “senhor presidente”, que aparece em todo o texto.
6. O objetivo desta carta é chamar a atenção do leitor para alguns fatos atuais, como pessoas que vivem do subemprego, a questão da reciclagem de que o país tanto se orgulha em ser um dos países que se tem destacado na produção de reciclados; no entanto à custa de um trabalho de escravidão daqueles que não veem outra saída que não o subemprego. Além de propor alguns outros questionamentos, como a contradição entre aumento do PIB e estagnação da indústria, queda no consumo e altas taxas de juros.

#### Questões-testes

1. a      2. d      3. a      4. b      5. c      6. c      7. d

### Capítulo 15

#### Questões dissertativas

1. O objeto cultural em questão é o romance *Leite Derramado*, do escritor e compositor Chico Buarque de Holanda. A finalidade do resenhista é fazer uma crítica da obra, comentando seus aspectos positivos e negativos, para informar o leitor e este, a partir da resenha, poderá optar ou não pela leitura do livro.
2. O título “A Vida desde o Fim” é dado porque a história é contada por Eulálio, com mais de cem anos, que, no final da vida, faz uma retrospectiva de sua linhagem, que também chega ao fim, com o tataraneto traficante. Já “Labirinto de Espelhos” são as memórias moveidias do narrador que, decrépito, não nos permite saber por que conta a história e como esta vira texto, se “ora fala com o teto, ora sonha em voz alta, ora conversa com os mortos; ora dirige-se à filha, ora ao leitor”.
3. Duas características positivas são:
  - a) os arranjos perfeitos de linguagem, como se comprova no fragmento: “soluções felizes de linguagem espalhadas como dádivas pelo texto”;
  - b) o relacionamento de Eulálio e Matilde, que lembra o estilo de Machado de Assis em *Dom Casmurro*, comprovando-se no fragmento: “o parentesco Eulálio-Bentinho e Matilde-Capitu seguramente dará ensejo a rica produção acadêmica”.
4. Duas características negativas são o fato de o romance como um todo deixar a desejar, como se comprova com o comentário: “mas o todo é menor do que a soma das partes”; e a presença de um narrador decrépito, como se comprova no fragmento: “Os delírios da decrepitude de Eulálio são fiéis à vida, mas a situação narrativa do autor decrépito não convence”.
5. O narrador é em primeira pessoa, Eulálio Montenegro de Assumpção, um ancião de mais de cem anos, que conta a saga de sua família e sua autobiografia, destacando a história do abandono da esposa Matilde. Segundo o autor da resenha, esse narrador gera um labirinto de espelhos que deixam perguntas sem respostas, sendo um aspecto negativo do romance.

6. Matilde é a esposa de Eulálio, que o abandona quando ainda estava amamentando a primeira filha do casal e aproxima-se de Capitu não só por ser alvo do ciúme obsessivo do marido, mas porque ela "era mais mulher do que ele era homem". O resenhista vai ainda mais adiante: "As pegadas de *Dom Casmurro* surgem a cada passo do livro; o parentesco Eulálio-Bentinho e Matilde-Capitu seguramente dará ensejo à rica produção acadêmica".

**Questões-testes**

- |      |      |      |      |       |
|------|------|------|------|-------|
| 1. b | 2. a | 3. c | 4. c | 5. d  |
| 6. b | 7. a | 8. d | 9. c | 10. d |



## BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. *Senhora*. Rio de Janeiro: Publifolha, 1997.
- ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Publifolha, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ANDRADE, Oswald de. *Obras completas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Poesias reunidas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Quincas Borba*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1969.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Bom livro). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BARBIERI, Ivo; KAMPELL, Maria Mecler (Seleção de textos). *Antologia escolar de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.
- BARBOSA, Severino Antonio M.; AMARAL, Emília. *Redação: escrever é desvendar o mundo*. 9. ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- BILAC, Olavo. *Poesia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980.
- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- BRASIL. *Enem – Exame Nacional do Ensino Médio: textos teóricos e metodológicos*, 2009. Brasília (DF), 2009.
- CAMÕES, Luís de. *Lírica, redondilhas e sonetos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.].
- CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio et alli. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.
- CASTRO, Ruy. *Folha de S. Paulo*. Opinião, 14 mar. 2009.
- CHIAPPINI, Lúcia et alli. *Gêneros do discurso na escola*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- COLASANTI, Marina. *Um espinho de marfim*. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 88-9.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária, uma introdução*. Tradução Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S. A., 1975.
- ENEM. Disponível em: <[www.enem.inep.gov.br/enem2009\\_matriz.pdf](http://www.enem.inep.gov.br/enem2009_matriz.pdf)> Acesso em: 3 out. 2010.



- FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. *Para gostar de escrever*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GARCÍA LORCA, Federico. *Prosa viva*. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1975.
- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1983.
- GOMES, Patrícia. *Folha de S. Paulo*. Cotidiano, 21 ago. 2009.
- GONÇALVES DIAS, Antônio. *Poemas*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.].
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto*. São Paulo: Scipione, 1991.
- KLEIMAN, Ângela; MORAES, Silvia. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos das escolas*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- KOCH, Ingedore G. Villaça et alli. *Intertextualidade, diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A coesão textual*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Texto e coerência*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *Seleta: contos e crônicas*. 2. ed. (Seleção Renato Cordeiro Gomes) Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- MAGALHÃES, Naiara; MORAES, Renata. *Veja*, Edição 2.123, 29 jul. 2009.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MANDRYK, David; FARACO, C. Alberto. *Língua portuguesa: prática de redação para estudantes universitários*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo. O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 2001.
- MARTINS, Eduardo. (Org.). *Manual de redação e estilo. O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 1990.
- MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Leitura, produção de textos e a escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- MENDES, Murilo. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1983.
- MESERANI, Samir Curi. *Redação escolar: criatividade*. São Paulo: Atual, 1989.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- NETO, Cecílio Elias. *Correio Popular*, 8 maio 2001.
- NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1988.
- OLIVEIRA, Alberto de. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1927.
- OLIVEIRA LIMA, A. *Manual de redação oficial: teoria, modelos, exercícios*. Rio de Janeiro: Livraria Ímpetus, 2003.
- PAES, José Paulo (seleção de textos). *Para gostar de ler*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- PINTO DE OLIVEIRA, Ana Tereza. *Minimanual compacto de redação e interpretação de texto*. São Paulo: Rideel, [s.d.].
- PIRES, Orlando. *Manual de teoria e técnica literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1985.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.].
- RUIZ, Eliana. *Como se corrige redação na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática*. 9. ed. São Paulo: Atual, 1989.
- SEIXAS, Lia. *Redefinindo os gêneros jornalísticos*. Propostas de novos critérios de classificação. Coleção Estudos em Comunicação, 2009. Disponível em: <http://livroslab.ubi.pt/sinopse/seixas-classificacao-2009.html>.
- STAIGUER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. (Tradução Celeste Aída Galeão). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- THEREZO, Graciema P. *Como corrigir redação*. 3. ed. Campinas: Alínea, 1999.
- TUFANO, Douglas. *Estudos de redação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- VERISSIMO, Luís Fernando. *Comédias da vida privada: 123 crônicas escolhidas*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.

